

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**Um estudo psicanalítico acerca do vínculo fraterno
sob a perspectiva geracional**

PESQUISADORA: ALYNE MUNIZ SILVA MELO

SÃO PAULO

2024

**Um estudo psicanalítico acerca do vínculo fraterno
sob a perspectiva geracional
Versão corrigida**

PESQUISADORA: ALYNE MUNIZ SILVA MELO

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre no programa de Pós-graduação Stricto Sensu do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), para a área de Psicologia Clínica na linha de pesquisa de psicanálise, intersubjetividade e configurações vinculares

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Gomes

SÃO PAULO

2024

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Melo, Alyne Muniz Silva

Um estudo psicanalítico acerca do vínculo fraterno sob a perspectiva geracional /
Alyne Muniz Silva Melo; orientadora Isabel Cristina Gomes. -- São Paulo, 2024.
196 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) --
Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2024.

1. Irmãos. 2. Relações familiares. 3. Psicanálise. I. Gomes, Isabel Cristina,
orient. II. Título.

Aos meus queridos pais Jesus e Diva,

Que me deram espaço para traçar meu próprio caminho,

que sempre me incentivaram a conhecer o novo, a cultura, o mundo

e que me permitiram retornar e recomeçar quantas vezes fosse necessário.

A presença e o amor de vocês é o maior tesouro que carrego comigo.

À minha querida amiga Denise (in memoriam),

pela amizade incondicional, pela cumplicidade,

sempre nas minhas lembranças, sempre presente na minha jornada.

El amor no se declama sino que se lo conoce por sus efectos.

No hace falta decir nos queremos sino que se ve...

Janine Puget (2014)

O amor não é recitado, mas conhecido pelos seus efeitos.

Não é necessário dizer que nos amamos, mas que se veja...

(tradução nossa)

AGRADECIMENTOS

À professora Isabel Cristina Gomes, minha orientadora, pela oportunidade de aprender, refletir, buscar e por ter confiado no meu projeto de pesquisa. Muito grata pelo acolhimento durante todos esses anos, desde quando comecei a participar do Laboratório de Casal e Família em 2008.

A Maria Cecilia de Vilhena Moraes Silva, minha professora na PUC-SP e depois supervisora clínica, pela afetividade, apoio extraordinário na retomada ao mundo psi e disponibilidade em ajudar. A sua contribuição foi essencial para a chegada até aqui e a realização dessa pesquisa.

A Miriam Debieux por ser uma referência tão importante em Psicologia, desde a minha graduação na PUC-SP e por sempre me acolher nos momentos de incertezas e apuros.

Às professoras da banca examinadora Andrea Seixas Magalhães e Maria Inês Assumpção Fernandes pela disponibilidade, atenção, contribuições e análise do meu trabalho.

Às minhas queridas irmãs Alessandra e Luciana, pela convivência desde as brincadeiras de infância até os momentos compartilhados de hoje, e que me inspiraram a realizar esse trabalho, por serem tão distintas e me estimularem a buscar respostas, a trabalhar constantemente e fornecer sentido para essa relação tão especial e fundamental.

A Luciana Melo Gonçalves, minha irmã caçula, pela cumplicidade, apoio logístico, atenção. O que posso falar? Eu não conseguiria ter chegado até aqui sem o seu apoio, sem suas comidinhas, sem a sua companhia!

A Daniela Melo Cortese Charlds, minha querida prima e irmã pela proximidade de sempre, bondade, cuidado e generosidade genuína. Por ser a minha consultora de assuntos gerais, por sempre me escutar e me deixar mais tranquila depois de um dia complicado. A sua presença me acalma.

Aos meus queridos padrinhos Cidinha e Gilberto, não existem palavras para agradecer a

importância de tê-los ao meu lado. Vocês significam amor, esperança, segurança, meus queridos e segundos pais.

Aos meus queridos sobrinhos José Augusto, Maria Fernanda, Felipe e Helena pela alegria e prazer que me proporcionam de estarmos juntos, por serem tão especiais, por deixarem a minha vida com mais sabor e emoção.

Aos meus queridos primos Alexandre e Juliana por serem tão generosos e companheiros durante todos esses anos.

A Ana Paula Biselli pela amizade verdadeira e despreziosa, pela escuta, pela companhia em vários momentos de inquietação, pelo apoio incondicional, pela parceria e ajuda logística nessa dissertação, desde a correção ortográfica até a tradução para o inglês.

A Juliana Beatriz Ferreira de Souza pela escuta e auxílio fundamental desde o projeto, por estar sempre lá, por ter me socorrido inúmeras vezes com mensagens de solidariedade.

A Ângela May pelo incentivo a começar esse trabalho, amizade e prontidão em ajudar.

Ao Gabriel Binkowski pela correção atenciosa inicial do projeto, abertura e motivação.

A Maria Antonieta Pezo del Pino, pela amizade desde que nos encontramos por acaso antes de um encontro na USP, por me encorajar a iniciar a escrita desse trabalho, pelo apoio em vários momentos e com a tradução para o espanhol.

Ao Mário Augusto Tombolato pela valiosa contribuição para o estreitamento dos objetivos e auxílio em outras ocasiões.

A Michelle Joanny Zompero Santos pela ajuda final no artigo.

A Rita de Cassia Boni Zanollo por ter me conduzido e acolhido na elaboração final dos slides e muito mais... O que dizer de você SOS Rita? Simplesmente sensacional!!

A Tina Chaim, por simplesmente estar ao meu lado em um momento tão crucial e marcante da minha jornada. Sem palavras para agradecer! Tinha que ser você Tina!

Aos colegas do grupo de orientação – Mário, Simone (que já concluíram), Aline, Bruno, João, Kelma, Michelle – e do Laboratório de casal e família, clínica e estudos psicossociais, pela parceria e companheirismo.

Aos queridos amigos Ana Paula, Helena, Renata, Rita e Tina, que diante do inesperado das nossas vidas, estiveram sempre disponíveis para os encontros, encontro de amigos...

Ao professor Pablo Godoy de Carvalho Castanho pela oportunidade de compreensão do conceito de intersubjetividade proporcionada pela experiência única do sonhar grupal.

À professora Marina Ribeiro pelas aulas animadas e humor surpreendente.

A Marina Bonafé Sei pelo carinho e indicações de leitura sobre metodologia.

A Simone Kelly Niklis Guidugli pela disponibilidade, escuta e esclarecimentos.

A Lucila Borges Assis, bibliotecária responsável pelo Instituto de Psicologia, pela impecável orientação quanto à base de dados para a pesquisa, especificações das referências e instruções gerais. A todos os funcionários da biblioteca Dante Moreira leite pela excelência no serviço prestado e acolhimento e especificamente ao Renato dos Passos, pelo imenso auxílio na busca de livros e atendimento excepcional. Vocês são maravilhosos! Muto grata!

Ao Gustavo Carneiro da Silva, do serviço da pós-graduação, pela prontidão em ajudar, esclarecer e orientar.

A todos os professores e funcionários do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo pela oportunidade de convivência e enorme aprendizado.

A Cleusa pela grande ajuda logística e organização em geral.

RESUMO

O que se transmite no atual estado das famílias, considerando-se o processo de transmissão psíquica do vínculo fraterno, dentro do panorama social e político atual? Enfatizamos que o mesmo exerce um papel relevante para a construção de um pertencimento familiar, social e cultural. A presente pesquisa tem como objetivo analisar as características do vínculo fraterno sob a perspectiva geracional em face da perda de um dos genitores por COVID-19. Dentro desse contexto, e sendo a pesquisa de caráter qualitativo, procuraremos compreender a contribuição do mecanismo de transmissão psíquica intergeracional na constituição desse vínculo e analisar o processo de resignificação do vínculo fraterno após a perda de um dos genitores por COVID-19. Sendo um estudo clínico-qualitativo, foram realizadas quatro entrevistas semidirigidas com jovens entre 18 e 25 anos de idade, que ocupavam diferentes posições na fratria, escolhidos ao acaso, pertencentes a gerações anteriores também com irmãos e que tivessem sofrido a perda um dos genitores por COVID-19. Dessa forma, buscamos compreender as vivências e experiências dos participantes em relação ao grupo de irmãos e a comunicação inconsciente dos relatos, utilizando como referenciais teóricos a psicanálise clássica (a regulação pelo inconsciente) e vincular (a precedência do outro, o sujeito também inserido no espaço da intersubjetividade). Concluímos, nesse contexto, que o processo de transmissão psíquica do vínculo fraterno ocupa um papel relevante para a construção de um pertencimento e para a resignificação do vínculo após a perda de um dos genitores por COVID-19.

Palavras-chave: vínculo fraterno, transmissão psíquica, psicanálise vincular.

ABSTRACT

What is transmitted in the current state of families, considering the process of psychic transmission of the fraternal bond, within the current social and political panorama? We emphasize that it plays a relevant role in the construction of a family, social and cultural belonging.

The current research aims to analyze the characteristics of the fraternal bond from a generational perspective regarding the loss of one of the parents due to COVID-19. Within these circumstances, and because the research is qualitative in nature, we will seek to understand the contribution of intergenerational transmission in the nature of this bond and analyze the process of resignification of the fraternal bond after the loss of one of the parents due to COVID-19. For this analysis, a clinical-qualitative study was carried out and four semi-structured interviews were conducted with young people between 18 and 25 years of age, who have occupied different positions in the phratry, who have been chosen at random, who have also other generations in the family and, that each generation had siblings and who have suffered the loss of one of their parents by COVID-19. Thus, we will pursue to understand the experiences of the participants regarding the group of brothers and the unconscious communication of the reports, using, as theoretical references, classical psychoanalysis (regulation by the unconscious) and linking (the precedence of the other, the subject also inserted in the space of intersubjectivity). We understand, in due course, that the process of psychic transmission of the fraternal bond plays a relevant role in the construction of belonging and the redefinition of the bond after the loss of one of the parents due to COVID-19.

Keywords: fraternal bond, psychic transmission, link psychoanalysis.

RESUMEN

¿Qué se transmite en el estado actual de las familias, considerando el proceso de transmisión psíquica del vínculo fraterno, dentro del panorama social y político actual? Enfatizamos que desempeña un papel importante en la construcción de la pertenencia familiar, social y cultural. Esta investigación pretende analizar las características del vínculo fraterno desde una perspectiva generacional ante la pérdida de uno de los progenitores por COVID-19. Como estudio clínico-cualitativo, se realizaron cuatro entrevistas semidirigidas a jóvenes de entre 18 y 25 años, que ocupaban diferentes lugares en la fratria, elegidos al azar, pertenecientes a generaciones anteriores también con hermanos y que habían sufrido la pérdida de uno de sus progenitores por COVID-19. De esta forma, buscamos comprender las vivencias y experiencias de los participantes en relación al grupo de hermanos y la comunicación inconsciente de los relatos, utilizando como referencias teóricas el psicoanálisis clásico (la regulación por el inconsciente) y el vincular (la precedencia del otro, el sujeto también inserto en el espacio de la intersubjetividad). En este contexto, concluimos que el proceso de transmisión psíquica del vínculo fraterno desempeña un papel importante en la construcción de la pertenencia y la resignificación del vínculo tras la pérdida de uno de los progenitores debido al COVID-19.

Palabras clave: vínculo fraterno, transmisión psíquica, psicoanálisis vincular.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO AO TEMA E JUSTIFICATIVA.....	13
1.1. Por que psicanálise? Dos fundamentos de Freud à psicanálise pincular.....	13
1.2. A ideia de grupo e o conceito de vínculo	17
1.3. A noção de acontecimento e o contexto sociocultural e político	20
1.4. As contribuições de Kaës e a ampliação do espaço intrapsíquico.....	26
2. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A TRANSMISSÃO PSÍQUICA E O PAPEL DA FAMÍLIA NESSE PROCESSO.....	29
2.1. Algumas formulações de Freud sobre a transmissão psíquica e a abertura para o diálogo com os psicanalistas vinculares	29
2.2. O conceito de alianças inconscientes, os espaços psíquicos, o contrato narcísista: os pressupostos acerca do vincular	32
2.3. As contribuições de Benghozi e Kancyper e o papel da família	35
3. TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL E A TRANSMISSÃO TRANSGERACIONAL	42
4. VÍNCULO FRATERNAL: HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO	49
4.1. Levantamento histórico e caracterização da família ao longo do tempo.....	49
4.2. Particularidades acerca do termo vínculo fraterno e sua evolução histórica.....	55
4.3. Alguns aspectos sobre o nascimento de um irmão: conceituação.....	64
5. ATUALIZAÇÃO TEÓRICA.....	74
6. PANDEMIA DE COVID-19	81
7. OBJETIVOS E METODOLOGIA.....	93
7.1. Objetivo geral	93
7.1.1. Objetivos específicos.....	93
7.2. Metodologia.....	93

7.2.1. Análise dos dados	95
7.2.2. Aspectos éticos	97
8. RESULTADOS E ANÁLISE	98
8.1. Tabela (dados sociodemográficos)	99
8.2. Genograma.....	101
8.3. Categorias interpretativas, eixos temáticos e análise.....	118
8.3.1. A fratria e a dinâmica familiar	119
8.3.2. A resignificação da relação fraterna e dos vínculos familiares após o falecimento de um dos genitores ou mais membros da família	136
8.3.3. A especificidade da perda por Covid-19 e as circunstâncias da morte.....	146
8.3.4. Narrativas relacionadas à intergeracionalidade dos vínculos fraternos, dos pais e avós...	156
9. DISCUSSÃO E COMENTÁRIOS	170
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
11. REFERÊNCIAS	183
12. ANEXOS	193

1. INTRODUÇÃO AO TEMA E JUSTIFICATIVA

1.1. Por que psicanálise? Dos fundamentos de Freud à psicanálise vincular

Quando iniciamos a escrita, deparamo-nos com uma extraordinária oportunidade, a de integrar vivências bastante peculiares, de memórias antigas e recentes com o conhecimento formal e acadêmico, impostos para atingir os requisitos de uma pesquisa científica, tarefa árdua e prazerosa a ser aqui apresentada. Ao mesmo tempo que nos defrontamos com uma missão complexa a ser concluída, a possibilidade de vislumbrar um novo horizonte se impõe imediatamente e nos estimula a cada palavra pensada: o processo não termina. Cada frase escrita, uma emoção despertada, uma ideia associada; poderíamos chamar de associação livre? Termo utilizado por Freud para descrever a regra fundamental do método psicanalítico. Já estamos falando de psicanálise? Com certeza. A necessidade de elaborar manifesta-se continuamente nas nossas mentes e nos remete à ideia de Moretto (2019, p.124): “a Universidade é o lugar onde a pesquisa psicanalítica se desenvolve, talvez como uma oportunidade de elaboração (como pode ser que seja todo trabalho em psicanálise) de uma experiência singular por meio da escrita e da transmissão, mas que resulta sempre na produção de novos saberes e na ampliação do escopo teórico-clínico no qual se insere”. Mas o que quer dizer elaborar? O dicionário Aurelio (1995) traz como sinônimos “organizar”, “por ordem”, “ordenar” (p.236). Vale como explicação que o termo elaboração, de acordo com a teoria psicanalítica, significa poder estabelecer conexões associativas frente às excitações provenientes do psiquismo. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1986). Parece fazer sentido - ligar partes, colocar em ordem, agora em uma ordem psíquica. Desse modo, não seria a escrita uma forma de resgatar, visitar lugares onde já estivemos e que talvez não tenhamos podido explorar e compreender no momento da visita? Um processo de reflexão, de retorno, de recolhimento do que ficou para trás, do que não foi dito, do que não foi vivido e que nos chama para trazer à tona, para recontar a história. Essa também não seria uma das funções do tratamento psicanalítico?

Uma vez tendo a psicanálise como referencial teórico, já prontamente nos deparamos com um terreno investigativo de conceitos, ideias, situações e experiências, que nos fazem mergulhar em um emaranhado de questões sempre a serem ressignificadas, reveladas, reinventadas, ou curiosamente e surpreendentemente compreendidas. Aprendemos desde o nosso primeiro contato

com a teoria psicanalítica, ser a psicanálise um processo essencialmente investigativo. Safra (2001, p.174) nos coloca sabiamente sobre a importância de se tornar um investigador, de pesquisar para “além do conhecido” e de vencer as barreiras transferenciais da instituição que se formou. É relevante, dentro dessa perspectiva, levar em consideração, que a psicanálise pode ser disposta em três dimensões: a de pesquisa, pois é um método de investigação da mente humana e seu funcionamento; a teórica, já que é um sistema teórico; a clínica, visto que é um método de tratamento psicoterapêutico.

Partimos também da concepção de que não estamos sozinhos neste processo de ampliação de conhecimento, vinculado ao aparato teórico-clínico e que, inevitavelmente, somos sustentados pelo acolhimento e afetividade dos nossos relacionamentos. Citamos Winnicott (1975 e 1999) e sua proposta de estudo do desenvolvimento humano focado no extenso trabalho clínico com crianças e bebês: a ideia de dependermos da função de sustentação do cuidado materno, (*a mãe suficientemente boa*). Inúmeras foram as mãos que aqui gentilmente e generosamente foram colocadas e que propiciaram o desenrolar e evolução dessa dissertação. Ao propor estudar as características do vínculo fraterno e compreender a contribuição da transmissão psíquica intergeracional na constituição desse vínculo (como ela se apresenta e é processada), assim como o processo de resignificação da fratria frente à perda de um dos genitores por COVID-19, deparamo-nos com uma rede de indagações bastante ampla, complexa e desafiadora. Esse tema nos remete a questões pessoais e familiares - a possibilidade de nomear e reconhecer nossa própria experiência familiar, o relacionamento com os nossos irmãos, os enigmas da nossa origem, questões do nosso percurso profissional e aspectos teóricos a serem revisitados e apreendidos.

A história do desenvolvimento e envolvimento afetivo da nossa origem, surge inevitavelmente. Como parte relevante desse aspecto, gostaria de trazer o convívio e a proximidade com meu pai, que, tendo escolhido como profissão a engenharia civil, trouxe a palavra construir desde cedo para as nossas vidas. Sempre trabalhou com o planejamento de fundações e o estudo de solos, e fomos aprendendo, desde pequenos, a acompanhar e admirar a construção de casas, prédios, pontes e a reter na memória, a importância da existência de um terreno sólido a ser projetado, para que essas edificações fossem mantidas de uma forma segura e duradoura. Já nos

ensinava, que as melhores coisas da vida levam anos para se erguerem e evoluírem.

A nossa convivência intensa tanto com o lado materno, quanto com o lado paterno (uma família pequena), proporcionou reuniões familiares muito frequentes, afetuosas e bastante íntimas. Essas reuniões marcaram e estabeleceram, no meu psiquismo, uma forma particular e espontânea de observar, sentir e acreditar nas famílias; no significado de estar junto, na importância da presença de cada membro, na preparação das datas comemorativas, no cuidado carinhoso dos nossos pais, no papel fundamental que nossos avós exerceram na transmissão desse cuidado, na preparação caprichosa de cada refeição em família, no relacionamento prazeroso com as famílias vizinhas da casa dos nossos genitores e avós. Enfim, reforçaram a possibilidade de desfrutar a alegria e a potência dos encontros, e o caráter transformador das relações, algo que faz parte dessa história e da herança psíquica adquirida. Kopittke, Pereira e Mello (2013, p.29) citam a contribuição de Aulagnier (1979) e condensam uma das ideias da autora “viver é estar em situação de encontro”. Ela debruça-se sobre o estudo dos primeiros encontros entre o corpo do bebê e a relação estabelecida com a mãe, ainda de uma forma indiferenciada e precária, mas que já sofre a interferência do fator social, da cultura - a mãe como porta-voz do bebê na articulação do espaço individual e do social. Retomaremos a compreensão do psiquismo pela autora mais tarde, que é apontada como uma contemporânea das obras de Freud e estudiosa da psicanálise vincular.

Como integrante de um grupo de irmãs, uma mais velha e uma mais nova, foi possível perceber, desde a nossa infância, e levando em consideração a sensibilidade e a capacidade de observação acima assumidas, situações de conflito e ciúmes. Em contrapartida, o desejo de participar, de inventar brincadeiras, de comunicar-se, de conhecer, de fazer amigos mostravam-se sempre mais forte, mesmo nos casos de tensão, gerados no espaço da própria fratria e na relação do nosso grupo com outros que conosco conviviam.

Mas o que gera o conflito, a tensão? Estamos partindo da ideia de Freud, que inaugura a teoria da psicanálise, na busca da compreensão do sofrimento humano, e postula que o indivíduo é regulado por um determinismo psíquico inconsciente, pela existência do inconsciente, que governa o nosso psiquismo. A divisão da vida psíquica entre consciente e inconsciente provoca o conflito, que seria a manifestação dessas duas forças contrárias. A partir daí, o audacioso autor, começa a

construir a teoria psicanalítica do funcionamento psíquico, que irá contribuir para o modo de pensar esse trabalho de pesquisa. Portanto, a curiosidade, o interesse pelas pessoas e a forma como elas se ligavam às outras eram características que já me inquietavam bastante. Façamos referência novamente à Freud e seu escrito brilhante *Para além do princípio de prazer* (texto original de 1920), no qual nos descreve, com mais detalhes, os dois tipos de pulsão, a saber, a pulsão de vida e, agora, extensamente explorada, a pulsão de morte, que teria um outro princípio, diferente do princípio de prazer, anteriormente postulado. Freud discorre sobre quatro fatores: a pressão envolvida (quantidade e força de cada pulsão), a finalidade das pulsões (elas têm um objetivo, a satisfação). a fonte (é um estímulo interno, a fonte das pulsões é o próprio corpo) e a existência de um objeto (o alvo a ser atingido). Podemos, dessa forma, definir a pulsão como uma força, que percorre vários caminhos, sempre na direção do objeto. A pulsão é o representante psíquico dos estímulos originados dentro do organismo. Já se fazia presente aqui um desejo inconsciente de tentar entender o que não estava sendo dito, o que era deixado de lado, às vezes escondido; aquilo que não era compreendido no seio familiar, que aparecia como algo sombrio no grupo de irmãos ou o que não era aceito no contexto sociocultural em que estávamos inseridos. A luta entre a pulsão de vida e a pulsão de morte rondava e pressionava nosso modo de pensar. A curiosidade de se aproximar, compreender e nomear os aspectos destrutivos e a insistência em preservar a construção de vida, já se destacavam: esse não seria o papel do psicanalista?

Além disso, é importante enfatizar as questões profissionais que mobilizaram o tema dessa pesquisa e a escolha da teoria das Configurações Vinculares. Entre elas estão - o conhecimento da realidade dura e de miséria de comunidades carentes, o trabalho com crianças e adolescentes na área socioeducacional, a atuação na área de saúde pública, a possibilidade de coordenar grupos de orientação a pais, a experiência como psicóloga escolar e a demanda atual imposta para inclusão de crianças e adolescentes em toda a sua diversidade, a grande quantidade de queixas relacionadas às dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos alunos, o entrecruzamento com os grupos a que pertenciam a população atendida, tanto no ambiente familiar, privado, como nos espaços coletivos (comunidades, escolas, instituições). Todas essas questões nos levavam a buscar a compreensão do significado da família, que parecia interferir na origem dos problemas, no desenvolvimento dos

sintomas, na relevância do reconhecimento do ambiente em que estava inserida. Os entraves demonstravam a forma dinâmica e dialética do se relacionar entre os membros familiares.

Na tentativa de encontrar respostas, a apresentação ao livro de Gomes (2011) que anuncia no título a formulação da teoria proposta “*O sintoma da criança e a dinâmica do casal*”, foi gentilmente sugerido por uma professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), instituição da minha graduação, e teve um papel fundamental na construção de hipóteses e novas formas de pensar o sofrimento humano. É importante acrescentar finalmente a significativa experiência clínica (institucional e privada) que nos levaram a refletir sobre a problemática do vínculo fraterno nas famílias atuais e na sua relação com as gerações envolvidas no processo, as que antecederam o sujeito como seus pais e avós. O tema do relacionamento conflituoso entre os irmãos revelou-se recorrente nas famílias atendidas e apresentou-se como um foco significativo do conflito inconsciente. Dessa forma, utilizaremos como referenciais teóricos a psicanálise clássica (a regulação pelo inconsciente) e vincular (a precedência do outro, o sujeito também inserido no espaço da intersubjetividade).

1.2. A ideia de grupo e o conceito de vínculo

Tendo como base a experiência anteriormente citada acerca do vínculo fraterno, acreditamos tratar-se de um tema bastante atual e que implica também levar em consideração as articulações entre cultura e produção de subjetividade. Partimos também da ideia de Freud, apresentada em *Totem e Tabu* (texto original de 1913), segundo a qual o ser humano só pode ser concebido como tal, se inserido em uma cultura (crenças e valores) em um determinado contexto sócio-histórico e político, que também é foco de uma organização e construção de leis e normas, e onde vai se delineando o campo social, os grupos a que pertencemos. Segundo o autor, há uma passagem da horda primitiva (a satisfação pulsional) para a civilizada (a questão da renúncia aos impulsos, e a organização social).

Entendemos, portanto, que estamos inseridos em determinados agrupamentos e não apenas constituídos pelo intrapsíquico, aquilo que se apresenta como individual. O desejo do ser humano em agrupar-se parece remeter à uma época muito antiga e não nos cabe aqui examinar detalhes desse fenômeno, mas lembrar de algumas contribuições tão importantes que a psicanálise nos

ofereceu. Freud (1921) nos ensina, no seu artigo *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*, essa questão intrínseca ao nosso psiquismo: a perspectiva da presença do outro, e por essa razão, teoriza que a Psicologia Individual está entrelaçada à Psicologia Social.

Fernandes (2021)¹ nos alerta sobre poder compreender o sujeito como sujeito do vínculo, na sua dimensão de exterioridade e em relação contínua com a interioridade (a dialética do fora e do dentro), poder analisar o lugar social ocupado, como o sujeito ocupa esse lugar, a importância da inserção em um espaço social, a relação desse espaço com o sujeito e de como esse fator o afeta. Ela acrescenta a importância de entender que estamos inscritos em uma grupalidade, e não somente em uma individualidade, e, que esse fenômeno está presente na constituição da subjetividade de cada um, ideia já apresentada por Freud em *Introdução ao Narcisismo* (texto original de 1914).

Ao propor estudarmos a psicanálise também pela lente de uma concepção vincular, estamos diante de uma perspectiva de *ampliação* do campo estudado e não de exclusão dos aspectos singulares de desenvolvimento da personalidade. Esses aspectos se apoiam na produção singular do processo identificatório na constituição do sujeito (discutido por todos os estudiosos da psicanálise que aqui iremos mencionar), no caminho pulsional proposto por Freud com a teorização da pulsão de morte (1920) e no embate narcísico (1914), que certamente desempenharão papel fundamental na compreensão do processo de transmissão psíquica aqui analisado. Essa teoria, agora chamada de vincular, foi inicialmente proposta pelos Dr. Isidoro Berenstein e Dra. Janine Puget nos anos 60 em Buenos Aires para tentar analisar esse novo paciente, agora inserido em uma rede de relações muito mais complexa (casal, família, grupos), segundo Weissmann (2011, s, p.):

¹ Comentário da professora Maria Inês Assumpção Fernandes no dia 02 de setembro de 2021 na aula introdutória da disciplina “A questão dos grupos” que é regularmente oferecida na Pós- Graduação na área de Psicologia Social e por ela ministrada.

“A teoria das Configurações Vinculares pode ser entendida como um estudo psicanalítico dos vínculos a partir da psicanálise tradicional freudiana. A psicanálise tradicional coloca o olhar no indivíduo focalizando-o a partir de seu mundo intrapsíquico. A psicanálise das Configurações Vinculares parte de uma clínica do conjunto, que se desenha um inconsciente vincular. Este, à maneira de uma estrutura ou de uma rede, estaria subjacente aos vínculos - no casal, na família, nos grupos e nas instituições.”

Mas o que definimos como vínculo? Segundo Puget (2000), autora do capítulo intitulado *Disso não se fala, transmissão e memória*:

“O que define um vínculo são por um lado, os componentes inassimiláveis ao próprio eu, agregando-se os irrepresentáveis do outro aos quais chamo *estranheza* (ajenidad) e alteridade: esses são os que sustentam a distância necessária para que haja vincularidade. Desse modo o define o irrepresentável e o inassimilável referido aos valores que apontam a se ocupar em um conjunto. Tais valores sempre são permutáveis e seu componente qualitativo fazem-nos inacessíveis. Os valores sofrem uma desvalorização/revalorização permanente em virtude das trocas contextuais que vão se produzindo e que certamente não dependem do sujeito, mas de um conjunto cujos limites não têm contornos precisos”. (PUGET, 2000. págs. 73 e 74).

Nesse sentido, a psicanalista analisa que a vincularidade alcança seu solo fértil nas diferenças, na novidade de cada encontro entre dois ou mais sujeitos. Enfatiza que não é simplesmente a presença do outro que qualifica um vínculo com *potência vinculante*: deve haver um trabalho psíquico, uma construção psíquica a partir das diferenças para que ocorra novos sentidos e transformações. Comenta em relação a sua experiência clínica no atendimento a casais, a queixa recorrente dos pacientes de considerarem a monotonia da vida a dois, onde a mesmice é muito presente. Diferentemente de outras teorias até então estudadas sobre casais e famílias, que defendiam a complementaridade como fator relevante na identificação conjugal, a heterogeneidade ocupa papel fundamental no trabalho vincular e estaria relacionada à uma quebra de valores, ao que não se repete, caminhando na direção contrária da formação de sintomas. Podemos citar nesse contexto, o texto clássico de Freud *Recordar, repetir e elaborar* (texto original de 1914). A repetição estaria na linha da produção da neurose, da loucura, associada a algo que não pode ser recordado ou lembrado (nos casos mais graves) e se manifesta pela formação de sintomas. Podemos

citar os rituais presentes na neurose obsessiva. Dessa forma, os conteúdos traumáticos que não podem ser elaborados, retornam ao psiquismo e reaparecem por repetições de pensamentos, ideias, representações.

Dentro desse raciocínio, Kaës teoriza (2011), ao falar da constituição psíquica do sujeito individual, que a característica que nos torna singular é exatamente a que é construída de fato nos vínculos e nas alianças nas quais nos formamos como sujeito, nos conjuntos de que somos parte constituída e parte constituinte - o sujeito do vínculo é um sujeito *singular plural*. Acrescenta o autor, nesse sentido, que esse indivíduo é sujeito do inconsciente. Kaës chama de vínculo a realidade psíquica construída pelo *encontro* de dois ou mais sujeitos (coloca ênfase nos aspectos inconscientes- objeto específico da psicanálise). A lógica do vínculo é a das implicações recíprocas, das inclusões e exclusões mútuas, da convivência com o desconhecido. Compreendemos que nesse encontro estão presentes os fenômenos da transferência e contratransferência.

Acreditamos que não há sofrimento psíquico sem atravessamento da influência sociocultural. É possível perceber um movimento de ligação e desligamento entre o que está fora do sujeito (ir ao mundo) e o universo dentro (voltar para si). Uma movimentação contínua da matéria psíquica de se ligar e se desligar, de se aproximar e se distanciar, de dar e receber, enfim de se vincular.

1.3. A noção de acontecimento e o contexto sociocultural e político

É importante ressaltar que dentro dessa perspectiva de compreensão da teoria das Configurações Vinculares, uma contribuição importante e que vai influenciar essa concepção é a noção de *acontecimento* que deriva do pensamento de filósofos como Martin Heidegger (1889-1926) e posteriormente Gilles Deleuze (1925-1995). Gostaria de compartilhar algumas reflexões que me acompanharam antes de conhecer a associação desse termo à psicanálise vincular. Em um primeiro momento, compreendemos como uma atualização² e que, portanto, está relacionado ao

² As ideias aqui apresentadas fazem parte de algumas aulas da disciplina **Vetores da Cultura e Políticas de Subjetivação** que assisti como ouvinte na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) no Núcleo de Estudos de Subjetividade ministradas pelo professor e filósofo Peter Pál Pelbart, em junho de 2008.

tempo presente, podendo ser entendido como um elemento novo que se coloca em cena. Pode ser algo que escapa, algo de extraordinário, uma emoção, um meio de expressão que nos atravessa sem pedir licença. Essa corrente filosófica defende não mais analisar as questões existenciais relacionadas a uma mesma estrutura geral, uma causa, uma repetição do passado (como propôs os estruturalistas). Nessa nova proposta, deveríamos levar em consideração a complexidade do mundo contemporâneo, que exige um outro pensar: alguns fenômenos simplesmente *acontecem*, fogem do nosso controle, impõem-se ao nosso presente, nos atravessam.

Poderíamos fazer um paralelo com a discussão que propõe Puget (2009) sobre as *interferências*, observadas também no cotidiano da época atual, como por exemplo o comportamento violento nas grandes cidades. Segundo a autora, as *interferências* são efeitos causados pela presença real do outro. O que isso significa? Que também temos que lidar com algo da ordem do imprevisível, que seria um elemento de alteridade que se impõe e pode fazer surgir outras dimensões de existência, um movimento de confronto com outra realidade, com a diferença. Quando iniciei a preparação para o processo de mestrado e a apresentação desse projeto desconhecia o que iria acontecer e, nas primeiras reformulações dessa dissertação, não sabíamos a dimensão que tomaria a pandemia de COVID 19. Penso que se configura no exemplo perfeito do que estamos tentando discutir aqui. Falaremos, em um capítulo mais adiante, sobre esse período tão conturbado. De qualquer forma, entendemos que a caracterização do cenário incerto e movimentado da atualidade, já vinha sendo objeto de estudo de vários filósofos e psicanalistas. Podemos imaginar, por conseguinte, um trabalho muito maior do psiquismo diante de tantas movimentações da exterioridade, a exigência do trabalho vincular.

Onde será que se iniciou essa perda de controle? Será que não estamos nos distanciando da possibilidade de elaborarmos nossas angústias e conseqüentemente da nossa história verdadeira, dos nossos valores paradoxais, dos nossos ancestrais? Qual a herança para as futuras gerações?

Compreendemos, dessa forma, que o *acontecimento* modifica o vínculo e é modificado por ele, em uma relação dialética, podendo ou não ser assimilado à estrutura psíquica (BERNARD, 2001); o autor chama a atenção para a relação entre aparato e o caráter inesperado do acontecimento: “o traumático se produz quando um estímulo que ingressa supera a capacidade de

assimilação da estrutura que o recebe, mas que mesmo assim deve processá-lo” (s.p.). No processo de assimilação, há uma ligação entre os espaços intrapsíquico e intersubjetivo e um “respeito” (aspas nossa) pelas bordas que contornam esses espaços; podemos mencionar aqui as etapas de mudanças no desenvolvimento do ciclo vital como nascimento, adolescência, divórcio, menopausa. Todavia, entendemos que pode ocorrer uma afetação de uma maneira violenta, uma inundação ao psiquismo, que é super estimulado (a compreensão do trauma para FREUD, 1926)³, que seria da ordem do transpsíquico, como as perdas sofridas incluindo as mortes, diferentes formas de violência, acidentes ocasionados por desastres da natureza e outros. Nesse panorama, acreditamos que todo acontecimento que traz algo de estranho ao psiquismo, e, dessa forma o afeta e o desorganiza, carrega um potencial traumático. Dependendo da intensidade ocorre a possibilidade de ruptura dos vínculos existentes (BENGHOZI, 2010). Nesse caso, o psiquismo se desorganiza e necessita ser recuperado para possibilitar a reorganização, a reconstrução.

Em um artigo mais recente, Benhaim (2022), apresenta a questão de como pensar a história em psicanálise e então propõe a discussão da importância da noção de historização para Piera Aulagnier (psiquiatra e psicanalista francesa)⁴, constituindo-se na opinião do estudioso, um dos pilares da reflexão psicanalítica original da autora. Essa formulação estaria associada às concepções de memória e temporalidade, que remeteriam à constituição do eu e sua função de historiador. Acreditamos que o pensamento de Piera Aulagnier não poderia ser mais atual: a ideia do *contrato narcísico* (um dos conceitos que iremos explorar nessa pesquisa) que, segundo Benhaim, (2022) envolveria a noção implícita de auto-historização da constituição do psiquismo. Articularia a ideia de que o Eu seria habitado por outras instâncias e outros modos de representação; o que demandaria um trabalho de construção e reconstrução do passado, permitiria dar sentido ao presente e portaria elementos para traçar um plano futuro, o que a teórica chama de projeto

³ A definição de trauma nesse momento da obra de Freud está relacionada ao conceito de desamparo (**Inibições, Sintomas e Angústia**, texto original de 1926), que se caracteriza por um estado de completa dependência do outro, de escassez de recursos e de uma impotência diante de uma ação adequada para solucionar a tensão interna.

⁴ Piera Aulagnier nasceu em Milão na Itália em 19 de novembro de 1923 e foi para Paris (nos anos 50) onde realizou sua formação na Sociedade Francesa de psicanálise. Foi analisada por Lacan e depois ajudou a fundar a Escola Freudiana de Paris. Viveu em Paris, Egito e Roma e faleceu em 31 de março de 1990. Teve uma contribuição muito importante nos estudos da função do Eu e patologias derivadas de conflitos identificatórios específicos. Trouxe uma renovação à teoria psicanalítica na compreensão da relação mãe-bebê e o resgate da relevância da função paterna.

identificatório.

“Por esse termo designamos os enunciados sucessivos pelos quais o sujeito define (para si e para os outros), seu anseio identificatório, ou seja, seu ideal. O projeto é aquilo que, na cena do consciente, se manifesta como efeito de mecanismos inconscientes próprios da identificação - representa a cada etapa o compromisso em ato”. (AULAGNIER, 1975, p.215)

Continuando, o autor ressalta que Piera Aulagnier demonstra sua hipótese sobre essa função particular do Eu, e que seriam essas relações de troca do mundo exterior com o mundo psíquico que estariam operando na constituição do Eu. Reflete que, apesar das mudanças constantes e dos desvios do desejo que vão se delineando nesse processo, o Eu necessitaria de pontos estáveis de fixação, que poderiam ser chamados de “capital de memória” (s.p. BENHAIM, 2022), que se constituiria na infância, e que forneceria ao sujeito a sensação de continuidade. Todavia, abrir-se-ia uma outra questão - a da temporalidade e com ela o desdobramento do tempo futuro naquilo que ela denomina de projeto identificatório, o qual acabamos de mencionar, que estaria relacionado a ideia de uma antecipação do futuro. Benhaim (2022) analisa que o Eu, nesse projeto, poderia estar condenado a conhecer e pensar em uma rota perigosa, que poderia conduzir a uma ameaça de precariedade, imprevisibilidade, de algo que não pode ser vivido, à possibilidade de faltar.

Partindo desses pontos, Benhaim (2022) também discute a questão do *acontecimento* em psicanálise e que tal conceito se apresenta como matéria prima da constituição do Eu, material do qual é construído e apropriado à sua história. Ou seja, é na relação com o outro que o Eu constrói sua própria história. Mas ele adverte que não se trata de qualquer acontecimento, e sim daquele que incide sobre o psiquismo, que impõe seus efeitos e usa a expressão francesa *après-coup* (itálico do autor) para explicar algo que faz sentido posteriormente. Essa expressão também foi utilizada por Freud em diferentes momentos de sua obra, como *Projeto de uma Psicologia* (texto original de 1895) e *Homem dos lobos* (texto original de 1917) e, traduzida no Dicionário de Psicanálise (LAPLANCHE e PONTALIS, 1986) como posterioridade, posterior, posteriormente. Esses termos foram relacionados à sua concepção de temporalidade e causalidade psíquicas - “há experiências, impressões, traços mnésicos, que são ulteriormente remodelados em função de experiências novas,

do acesso a outro grau de desenvolvimento. Pode então ser-lhes conferida, além de um novo sentido, uma eficácia psíquica” (p.441). Benghozi (2010) também usou esse vocábulo ao discorrer sobre o conceito de *temporalidades plurais*, no capítulo que trataremos da transmissão psíquica. Concluindo, o *acontecimento* para a psicanálise só faria sentido se ecoasse dentro do psiquismo, produzindo efeitos.

Finalmente, podemos citar a definição de *acontecimento*, recentemente inserida no Dicionário de Psicanálise de Casal e Família por Weissmann (2021), que se caracteriza pelo aspecto da novidade, de algo inexistente previamente, inesperado, que não foi pensado ou vivido e que incita o aparecimento de mudanças nos vínculos:

“modificação de marcas vinculares, só reconhecidas psiquicamente depois do fato de ter acontecido, um efeito *après-coup* (itálico da autora). As representações vinculares se modificam depois de situações vividas, que cobram sentido intra e intersubjetivamente em um momento posterior (...) é parte de uma cena compartilhada com outros e oferece a possibilidade de se constituir no encontro do vivido entre dois ou mais sujeitos, no cruzamento do eu e do outro, em um acontecer conjunto que cobra a significação somente depois do vivido...” (p.35).

Continua a autora: (...) para que essa transformação se efetue, a estrutura tem que tolerar certo grau de *incerteza* (itálico da autora) e certo vazio que habilite o surgimento de algo novo, como novidade radical, ali onde não se conhecia”. (p.36).

Puget (2015) nos faz pensar sobre a importância da contextualização do mundo atual, nas estratégias políticas, nas mudanças econômicas significativas de vários países, nos modelos culturais em mutação, nas diferentes manifestações da violência e crescente divulgação e na busca de regras sociais (pertencimento). Segundo a autora, esse clima de incerteza e rupturas interfere profundamente na dinâmica psíquica e na "previsibilidade do imprevisível" (PUGET, 2015). Observa a autora que "A incerteza se conecta com a percepção da fragilidade dos pertencimentos, dos vínculos, das certezas e do efêmero de alguns valores sobre os quais fundamos seguranças ilusórias" (PUGET, 2015, p.65, tradução nossa). A autora ainda ressalta que o incerto pode se manifestar através da desesperança, inquietude, indiferença, apatia e extremo individualismo,

diferenciando um espaço que provém do contexto familiar e outro do coletivo. A estudiosa nos esclarece sobre a necessidade de pertencimento e que pertencer a grupos, seria uma maneira de trazer a previsibilidade a uma conjuntura de imprevisibilidade.

Em um outro momento, Puget (2014), ao se referir ao mundo contemporâneo e seus enigmas, propõe três categorias para descrever e conceitualizar o novo: “a clássica que seria a transformação lenta de uma repetição, outra que seria a que melhor define a atividade vincular (no encontro entre dois sujeitos forma-se algo novo) e outra que é da ordem do *acontecimento*”. O novo, nesse contexto para se integrar à realidade psíquica, deve se conectar à um espaço de trocas, de convivência. Para Puget (2009) é necessário conviver e aceitar o que se desconhece para poder administrar as dificuldades que irão emergir.

Gomes (2011) e Figueiredo (2012) também nos alertam para esse novo cenário sociocultural da vida contemporânea e da preocupação atual com a velocidade nas relações sociais. Gomes (2011, p.134) comenta sobre a “liquidez e rapidez avassaladora”, características provavelmente oriundas do modelo tecnológico, e que passam a refletir na permanência das relações amorosas. Figueiredo (2012, p.19) teoriza sobre a existência de um “... regime administrativo da vida... a eficiência, o cálculo, a cosmética...” e que essas novas demandas trazem a necessidade de criarmos formas diferentes de teorizar e praticar a psicanálise.

Ao longo do aprendizado das teorias psicanalíticas, vamos nos dando conta que a família nos situa em um pertencimento essencial, um entorno, um território, e, que também abrange, um emaranhado de acontecimentos, marcas, memórias cuidadosamente escondidas, segredos, discontinuidades. Ramos (1999) já nos alertava acerca de uma necessidade de retirarmos a família do lugar idealizado a que estamos acostumados para podermos, como analistas, ter acesso ao novo e desconhecido que nos apresenta. A família como um espaço que é também gerador de tensão e conflito.

As transformações políticas e sociais ocorridas na Europa no final do século XIX e todo o século XX, e a eclosão da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) causaram um grande impacto no cotidiano das pessoas, e o surgimento significativo, por exemplo, de transtornos psicóticos, os

quais, apontavam, para outras maneiras de olhar o sofrimento humano. Esse panorama também provocou inúmeras discussões sobre novas formas de intervenção em psicanálise, a importância de escutar a família e a abordagem da terapia em grupo, que começava a surgir. O crescente número de estudos relacionados à adoção, às famílias monoparentais e reconstituídas realizados principalmente no final dos anos 1960, e a transição do modelo patriarcal para as famílias chamadas igualitárias (a perda da hierarquia e a igualdade de gêneros) culminaram com mudanças estruturais significativas no papel da mulher, na compreensão da dinâmica familiar e nas novas configurações do casal, da família e da fratria (grupo de irmãos), segundo Kaës (2011).

Essas transformações culturais, e sobretudo econômicas, impulsionaram uma nova realidade: o declínio do poder do pai e da função paterna, que pode ser compreendida como um enfraquecimento do patriarcado. Ressaltamos que essa formulação se constitui em uma hipótese de base da psicanálise, que vem sendo anunciada desde os tempos de seu fundador, e que foi discutida por vários autores e largamente analisada por Kaës (2011). Dessa forma, consideramos que a discussão das funções materna e paterna ao longo dos anos, sofreu e sofre modificações de acordo com o contexto sociocultural vigente e, embora, estejamos em um momento de transição de valores, as duas funções estarão sempre operando com maior ou menor intensidade, predominando em uma determinada teoria em detrimento da outra e nos convidando a pensar novos pressupostos conceituais. No estudo das novas configurações vinculares e da fratria, iremos nos deparar com a importância de uma outra função - a fraterna.

1.4. As contribuições de Kaës e a ampliação do espaço intrapsíquico

Assim como descrevemos as contribuições iniciais acerca da teoria das Configurações Vinculares de Berenstein (1932-2011) e de Janine Puget (1926 – 2020) nos anos 60 e 70 em Buenos Aires, outros nomes da psicanálise vincular foram se destacando e enriquecendo a discussão dessa concepção na França.

No final dos anos 60, René Kaës se ocupou de estudar processos psicológicos grupais e dar continuidade à psicanálise de grupo, liderado por Didier Anzieu na Universidade Paris X-Nanterre no início dos anos 70. Anzier (2006), nos seus estudos sobre grupos, parte da concepção que há

uma coexcitação excessiva quando seres humanos são reunidos em um mesmo espaço e há um risco de explosão, um perigo eminente que se refere à pulsão.⁵ Kaës, a partir de suas orientações, irá trazer inúmeras formulações originais (como pactos, alianças inconscientes, espaços compartilhados) e será herdeiro dessa ampliação teórica e nos convidará a pensar o inconsciente como um espaço politópico (KAËS, 2014), e não somente como individual. Incita-nos também, a refletir sobre a produção do inconsciente que se opera no vínculo. Para o autor, é necessário um campo intersubjetivo (1993), um campo de encontro, de encontro de alteridades, que só se manifesta quando o sujeito está em relação. O sujeito do inconsciente, para o teórico, é o sujeito do vínculo, que está no sujeito e fora do sujeito, na família, nos espaços comuns que partilhamos com outros. Essa nova proposta requer demandas específicas e impõe ao psiquismo diferentes formas de funcionamento e, conseqüentemente, ao inconsciente (KAËS, 1993).

Ressaltamos as possíveis articulações entre teoria e prática que vão surgindo ao longo do tempo e entre saberes diferentes como a psicanálise e a psicologia social e, o papel da interdisciplinaridade (Fernandes, 2021)⁶, como fundamental na realização do diálogo entre possíveis discrepâncias suscitadas. É importante lembrarmos, de acordo com a autora, algumas particularidades, e, citarmos que a proposta de René Kaës, possui a herança da psicossociologia de Kurt Lewin (1890-1947) e que sofre também uma interferência piagetiana, foi aluno de Piaget (1896-1980), que constrói a teoria do desenvolvimento cognitivo na interface com a Biologia. Isso posto, pensamos que toda construção teórica está relacionada a um determinado momento histórico, social, cultural e político e suas influências.

Fernandes (2003) compreende que Kaës, contribui para uma extensão da psicanálise, abrindo um diálogo constante com os textos de Freud. Freud inaugura e anuncia a questão das formações psíquicas intermediárias (descrita na elaboração onírica e presente no trabalho sobre *A Interpretação dos Sonhos* (FREUD, texto original de 1900 vols. IV e V) e Kaës (2014)

⁵ Aprendemos, que o controle das nossas pulsões, ao longo de todos esses anos de vida da psicanálise, não deve ser somente operado pelo mundo psíquico interno, mas também por outros espaços para evitar excessos e transbordamentos.

⁶ Comentário da professora Maria Inês Assumpção Fernandes durante a aula do dia 11 de novembro de 2021 na disciplina “A questão dos grupos” regularmente oferecida na Pós- Graduação na área de Psicologia Social e por ela ministrada.

desenvolverá essa ideia e dirá que a realidade psíquica é formada pelas alianças inconscientes e que o vínculo só se constitui com o pacto, de selar uma aliança: as alianças estão na base da constituição do vínculo, as alianças inconscientes são o fundamento do vínculo (FERNANDES, 2005)⁷. Falaremos mais tarde sobre o conceito de alianças inconscientes.

A referida autora também nos alerta sobre a importância de realizar uma distinção entre grupo social e a dimensão intersubjetiva. Ressalta a concepção kaesiana de pensar o grupo como um lugar de investimento psíquico e reforça que Kaës (1993, 2001, 2011, 2014) traz a herança de revisitar a psicanálise, e retomar a trajetória do pensamento psicanalítico quando fala das alianças inconscientes como realidade psíquica. Qual é o pacto que está constituído entre os irmãos, por exemplo. O que se passa entre eles? Poder conhecer a relação entre, a centralidade da questão da intersubjetividade, o confronto com o outro, e mais “especificamente do espaço e do tempo geracional” (Magalhães e Féres- Carneiro, 2004, p. 244). Abordaremos essa questão posteriormente e a proposta de Kaës da existência de três espaços psíquicos, o intra, o inter e o transpsíquico.

Consideramos, uma preocupação contínua da presente dissertação, compreender o espaço *entre*, o vínculo formado, o encontro, ir além do intrassubjetivo e contemplando o intersubjetivo e o transubjetivo, um caminho árduo e extenso, porém fascinante. Podemos pensar que dentro dessa vertente nos deparamos com um psiquismo dinâmico e em permanente intercâmbio e não mais estático, em espaços separados; um psiquismo que se abre também para o acaso, o imprevisível e o *acontecimento*, devido aos seus inúmeros entrecruzamentos e interferências mútuas, em um contexto que não é delimitado.

Algumas vezes delineando e outras sendo delineado por nós, o processo de transmissão psíquica dentro desse contexto é inevitável. A instabilidade como característica predominante se apresenta e nos atravessa, e partimos da ideia de a família ocupar um lugar de destaque como intermediária no processo de transmissão, como nos aponta Magalhães e Féres- Carneiro (2004, p.243): “A família é considerada matriz intersubjetiva e meio de transmissão da vida psíquica entre

⁷ Fernandes, M. I. A. **Negatividade e vínculo: a mestiçagem como ideologia** – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

gerações”. O paradigma da complexidade atual contemporânea nos convida a pensar formas de suportar essa complexidade, essa desordem, essa incerteza. A família como um espaço originário da intersubjetividade, constituindo-se como um invólucro, uma cobertura, uma proteção que conduz e introduz o sujeito em uma rede de relações, que ligam os indivíduos entre si. Se a matriz é a família, as transformações que vêm se sucedendo, irão afetar os vínculos familiares, que também vão se modificando. O que se transmite no atual estado das famílias e em relação à constituição do vínculo fraterno sob a perspectiva geracional? Buscamos compreender, dessa forma, que o processo de transmissão psíquica do vínculo fraterno ocupa um papel relevante para a construção de um pertencimento, e para a ressignificação do vínculo após a perda de um dos genitores por COVID-19. Assim, entendemos a importância de nos debruçarmos sobre esse tema visando contribuir para as discussões acerca do assunto no contexto atual.

2. UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A TRANSMISSÃO PSÍQUICA E O PAPEL DA FAMÍLIA NESSE PROCESSO

2.1. Algumas formulações de Freud sobre a transmissão psíquica e a abertura para o diálogo com os psicanalistas vinculares

O conceito de transmissão psíquica é um conceito antigo, que nos remete a pensar nos nossos ancestrais. Nessa dissertação, porém, iremos examinar as contribuições no campo psicanalítico. Nesse sentido, toda transmissão irá mobilizar aspectos conscientes e inconscientes e cada sujeito será depositário desses conteúdos. Toda herança abarca juntamente com a questão psíquica, fatores sociais, culturais, históricos, econômicos e políticos.

Freud (1913, 1914, 1923), estuda o tema da transmissão psíquica em diferentes momentos da sua obra. Para os leitores experientes de Freud e para os que estão iniciando a leitura do autor, vale lembrar, do ponto de vista teórico, a distinção de dois importantes momentos da sua obra: a formulação inicial do aparelho psíquico, conhecida como primeira tópica (modelo topográfico, de 1900 a 1915) que fornece os esboços da compreensão dos três sistemas - inconsciente, pré-

consciente e consciente; e, a segunda tópica (modelo estrutural), a partir de 1920 com o texto *O ego e o Id* (1923) e a concepção das três instâncias psíquicas, o ego, o id e o superego.

Segundo vários psicanalistas, principalmente aqueles que trabalham com famílias, como Eiguer (1998), Ruiz Correa (2000), Benghozi e Féres-Carneiro (2001), Kaës (2001), Gomes (2009), os estudos sobre esse assunto nos convidam a visitar Freud em seus primeiros escritos sobre a neurose: *A hereditariedade e a etiologia da neurose* (texto original de 1896). Freud questiona a ideia da hereditariedade genética e enfatiza que há outros aspectos presentes no adoecimento psíquico (neuroses), como a compreensão da história pessoal de cada sujeito em sofrimento neurótico, inaugurando a discussão sobre a transmissão psíquica. Os autores nos chamam a atenção sobre as constatações de Freud em relação à importância das relações transferenciais e do intercâmbio necessário que o grupo familiar propicia, como nos lembra Magalhães e Féres-Carneiro (2004, p. 245) - " São as modalidades transferenciais que favorecem a repetição e a revelação do lugar que o sujeito ocupa na transmissão (...), é a relação transferencial que representa oportunidade de resgatar e transformar esse legado(...)". Desde Freud, temos uma discussão acerca da ideia de transmissão indo além da questão do sujeito como multiplicador da herança genética; a saber, a relevância e implicação da relação transferencial com o outro na compreensão da transmissão psíquica.

Se considerarmos o termo transferência desde os primórdios da psicanálise, como nos ensinou Freud, ele é primeiramente observado como resistência, e, mais tarde, esse termo vai se alavancar à uma necessidade de nomear uma experiência com o inconsciente que vai se configurar na condição primordial de análise segundo o autor e com a função de recordar, repetir, elaborar. Três termos muito importantes que iremos abordar mais tarde quando explanaremos sobre os dois tipos de transmissão psíquica. Debieux (2018) nos convida a refletir sobre essa questão tão particular: (...) o manejo da transferência não é qualquer amor, qualquer relação, mas aquilo que foi marcado no psiquismo da criança, a transferência como memória, memória que não se tem,

daquilo que ficou guardado (...).⁸

Freud, em *Totem e Tabu* (texto original 1913), pontua a ideia da transmissão da vida psíquica por identificação aos modelos parentais e que, o filho é fruto de uma cadeia geracional (herdeiro de seus pais) nesse espaço de constantes trocas com o outro. Dessa forma, o mito freudiano narra a origem dos laços sociais ou fraternos que são decorrentes da renúncia pulsional e da instauração da lei. Acrescenta, também nesse texto, que carregamos traços dos nossos ancestrais, a presença das tradições, das religiões, dos tabus e que podemos notar nesse sentido, um outro tipo de transmissão, a transmissão realizada via cultura, via tradição, também observada no espaço da intersubjetividade. Os traços da pré-história do sujeito, nesse contexto, seriam transmitidos às gerações posteriores.

Magalhães e Féres- Carneiro (2004, p.246) ainda retomando o texto freudiano de *Totem e Tabu* (texto original 1913) destacam o relevante papel da intersubjetividade e do percurso de cada sujeito:

A intersubjetividade origina-se no espaço das trocas familiares, que precedem o sujeito e o constituem (...). Portanto, o espaço das trocas familiares é uma realidade intersubjetiva que, ao mesmo tempo, antecede o sujeito e é alterada por ele. Nesse sentido, a transmissão intersubjetiva é inaugurada no grupo primário, grupo familiar, e tem como objetivo garantir o espaço de intercâmbio(...).

É importante esclarecermos que a pré-história do sujeito se refere à época prévia ao nosso nascimento e àquele tempo que ainda não existíamos. Acontecimentos relacionados aos nossos antepassados, bisavós, avós, pais mostram-se de suma importância na questão da compreensão do tema da transmissão psíquica e como veremos mais adiante, determinam uma parte daquilo que somos e nos constitui enquanto sujeitos, formando as nossas marcas. A pluralidade desses arranjos, a transmissão psíquica entre gerações, que se dá a partir do legado familiar, ocupa um lugar relevante de construção de sentido, de unir gerações diferentes - avós, pais e filhos.

⁸ Comentário de Miriam Debieux Rosa proferido no Seminário sobre as Condições da Escuta, em uma discussão sobre o texto de Antonio Quinet: *As 4 +1 Condições de Análise* realizado pelo Laboratório de Psicanálise e Política por ela coordenado no IPUSP (Instituto de Psicologia da USP) no dia 04 de abril de 2018.

Freud, em momentos diferentes de sua obra (como já mencionado em Totem e Tabu, texto original de 1913 e em uma outra formulação, agora referente à segunda tópica (*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, texto original de 1920), traz questões relevantes relacionadas à Psicologia Social, como já citado anteriormente, além de considerações sobre as relações objetais e a suposição que existe algo fora do sujeito, algo que antecede o sujeito (Introdução ao Narcisismo, texto original de 1914), especialmente os pais. É transmitido ao bebê a tarefa de realizar o sonho dos pais. Freud (1914) destacava a construção narcísica dos genitores e o que eles idealizavam para os filhos e que, nesse sentido, havia um prosseguimento da vida psíquica na história geracional (a transmissão seria via identificação), sendo a criança um depositário do sintoma narcísico dos pais. Porém, a questão da intersubjetividade não foi devidamente aprofundada e definida por ele "na medida que não foi construída como um conceito teórico psicanalítico propriamente dito " como assinala Ruiz Correa (2003, p.40). Kaës (2009) também observa que Freud inaugurou as premissas da categoria que chama de intermediário, formações intermediárias: “o sonho é ao mesmo tempo um intermediário entre dois estados de ego, o ego desperto e o ego onírico(...)” (KAËS, 2009, p.155), que atravessou toda a sua produção (de 1895 a 1939); todavia, não se constituiu em um conceito específico.

2.2. O conceito de alianças inconscientes, os espaços psíquicos, o contrato narcisista: os pressupostos acerca do vincular

Alguns conceitos, utilizados pelos psicanalistas vinculares, devem ser compreendidos dentro de uma concepção mais ampla do espaço psíquico e são “estruturadas segundo a dupla determinação intrapsíquica e interpsíquica, e designam localizações (lugares) intermediárias” (Fernandes, 2021, p.235), na qual se enquadram a noção de *porta-sintoma* (KAËS, 1993, 2001, 2011) e *porta-voz* ou *porta-palavra* (AULAGNIER, 1979) que aqui destacaremos, juntamente com a compreensão dos três espaços psíquicos e as noções de alianças inconscientes. Segundo Fernandes (2021), “são funções simultânea e correlativamente subjetivas, intersubjetivas e grupais” (p.236).

Para Kaës (1993), a criança pode ser o representante do sintoma da dinâmica familiar, ocupando a função de *porta-sintoma*. Esse termo também foi compreendido por outros autores

como *paciente identificado* desde os primórdios de seu uso na concepção sistêmica de família e no estudo de grupos e adoecimento mental, realizados por Pichon-Rivière (1994)⁹. É “utilizado para designar o familiar que é apontado como doente da família, se configurando como o indivíduo que motiva a busca ou o encaminhamento por parte de terceiros pelo atendimento clínico” (SEI, 2021, p.376). Um outro descritivo associado ao termo é a expressão *bode expiatório*, utilizado por Pichón-Riviére (1994) e outros teóricos. Segundo Berenstein (apud SEI, 2021, p.378), devemos considerar os elementos inconscientes contidos neste fenômeno e a ocorrência de uma consequente organização fragmentada e cindida da família, entre sadios e doentes. Todavia, pode ocorrer uma repetição narcísica, que impede a construção da alteridade e, conseqüentemente, o estabelecimento de relações com o outro formadas por conteúdos inconscientes recalçados. Kaës (2001) propõe o conceito de *pacto denegativo*, que seria um tipo de aliança inconsciente defensiva, também responsável pela transmissão psíquica, que mais tarde apresentaremos.

Esse mesmo autor teoriza então três espaços psíquicos: o espaço psíquico do sujeito singular (o intrapsíquico, do sujeito), o espaço psíquico do vínculo intersubjetivo (o interpsíquico, entre cada sujeito) e o espaço do grupo como totalidade, o grupo como objeto de investimento (o transpsíquico, a realidade psíquica através do sujeito, fora dele). Segundo Fernandes (2022, p.23) “Ficam propostos, portanto, nessa articulação, o espaço do grupo familiar, o espaço do vínculo e o espaço do sujeito singular. O modelo com o qual se trabalha é, então, capaz de dar conta da descontinuidade e da relativa heterogeneidade entre esses espaços.” Os vínculos vão modificando as alianças (os mecanismos de defesa e as movimentações narcísicas), e há interferências mútuas entre os espaços psíquicos que vão se entrecruzando.

Aulagnier (1979), também citada e posicionada em um lugar de destaque na obra de René Kaës, e por ele retomada, vai ampliar o estudo sobre o narcisismo de Freud (1914) e a constituição do eu, e trazer o conceito de *contrato narcisista*, que seria a principal modalidade de aliança inconsciente estruturante e presente nos primórdios da relação bebê-pais-fator social. Para a autora, estabelece-se um pacto de participação antecipatória entre esses três agentes: a criança, o casal

⁹ Criador da teoria de grupos operativos (1907-1977). O estudioso demonstra uma preocupação com a práxis e uma concepção de mundo ligado ao materialismo histórico-dialético, segundo a qual o conceito de desejo se transforma a partir da experiência social.

parental e o grupo social a que pertencem. Para Kaës (2001), a autora criou o termo para “sustentar que cada sujeito chega simultaneamente ao mundo da vida psíquica, da sociedade e da sucessão das gerações, sendo portador de uma missão - assegurar a continuidade do conjunto ao qual ele pertence. Em troca, o conjunto deve investir narcisicamente o novo indivíduo”. (p. 203). É um contrato¹⁰ que se instala na constituição psíquica do sujeito e na constituição dele enquanto grupo. Esse intercâmbio com o meio social propicia à criança alimentar-se do investimento narcísico parental (ela que é portadora de desejos não realizados dos pais) e, dessa forma, traz a relação com o social, assegurando um lugar de pertencimento, na sua dimensão histórica, e como voz futura (e nesse sentido de antecipação) do lugar que supostamente ocupará no grupo social.

O investimento narcísico constante dos pais assegura um lugar e constitui-se como estruturante. Seria uma postura global protetora, o lugar que ocupamos antes de nascer na constelação familiar. A mãe, nesse contexto, tem uma função de *porta-voz* ou *porta-palavra*: “que porta a voz ou palavra do conjunto, família, microgrupo, sociedade, que insere o bebê no discurso do meio e lhe traz as leis e as exigências do mesmo.” (TRACHTENBERG e outros autores, 2013, p 170). A Lei reveste o pacto e ela é mantida pelas múltiplas pactuações no grupo. Aulagnier (1979) ressalta que o sujeito precisa primeiramente ter recebido e, após, ter se apropriado de uma série de enunciados decorrentes do discurso das figuras parentais para então encontrar um grupo que represente tais ideais. Dessa forma, a criança demandará esse reconhecimento ao grupo e este, por sua vez, cobrará dela a preservação dos valores e leis que a compõem. Identificamos, portanto, a presença de três espaços, um espaço psíquico, um espaço social e um espaço cultural “no qual o eu pode se constituir e advir” (FERNANDES, p.237, 2021).

Aulagnier (1979) destaca, dessa maneira, o importante papel da aquisição da linguagem na relação mãe-bebê (que também tem uma função identificatória) e da imposição necessária do pensamento da mãe ao bebê, que antecipa a sua voz e que se apresenta, segundo a autora, como uma violência primária, porém fundamental e estruturante para o desenvolvimento do psiquismo

Para Kaës (2009,) a palavra contrato apresenta um caráter de obrigação e significa estar de acordo e, portanto, consentir a favor de um interesse comum. Essa obrigação pode ser estabelecida de uma forma bilateral ou unilateral. Para ele, o contrato narcísico é uma obrigação que visa investir o vínculo e os outros com sua libido narcísica e objetal, e, em troca receber os investimentos necessários, para ser reconhecido como sujeito membro do vínculo.

da criança. O encontro mãe-bebê constitui a primeira violência, essencial e necessária, à qual a psique deve submeter-se e está a serviço da vida. Alerta que o excesso dessa imposição pode provocar a violência secundária, e ter um caráter nocivo para a constituição do sujeito, que poderia se manifestar pelo *pacto narcísico*, onde há perfeita coincidência narcísica. “É patogênico, e, em certos casos, mortífero. Pertence à categoria das alianças alienantes” (KAËS, 2007, p.203). Segundo Kaës (2014), da mesma forma que pode ocorrer uma abertura para o Outro (observado no *contrato narcísico*), há a possibilidade de um fechamento com o outro, agora sem a presença de um terceiro, revelando-se uma dificuldade de pensar em grupo, de aceitar as diferenças. A palavra pacto utilizada por Kaës (2014) em *pacto narcísico* e *pacto denegativo* demonstra carregar, além de se constituir no resultado de um arranjo¹¹, uma conotação de proteção a riscos e ameaças, ao desmoronamento, a conflitos violentos, ao diabo. Todavia, ressaltamos que o pacto narcísico está relacionado a violência destrutiva e é da ordem do patológico e, como exemplo, podemos citar as manifestações perversas e psicóticas. Kaës, na explicação das nomenclaturas utilizadas na sua teoria e especificamente do vocábulo pacto, faz referência ao estudo de Freud *Uma neurose diabólica no século XVII* (texto original de 1922), onde o diabo é a representação do pai perdido. “Freud conclui que o diabo é para o pintor (...) a figura ou representação malvada do pai das origens e a representação do conflito que o opõe em sua ambivalência e no seu mal-estar ao pai amado e desejado” (KAËS, 2014, p.26).

Fernandes (2005) nos alerta sobre os fundamentos e primórdios dessas concepções

“as noções de contratos, pactos e de leis estão no coração da intersubjetividade e da sociabilidade. A lei transcende as alianças e se impõe como garantia da ordem humana, estruturando as relações de desejo e interdição entre os sujeitos. Os teóricos da política, de Aristóteles a Spinoza, pensam o contrato social como fundamento da sociedade” (p. 124).

2.3. As contribuições de Benghozi e Kancyper e o papel da família

De acordo com Benghozi (2010), para compreendermos a transmissão psíquica precisamos,

¹¹ E nesse sentido teria um significado similar à palavra contrato, já aqui exposta: o resultado de um compromisso, uma obrigação (pactuar), que é obtido por transação e concessão mútuas ou por imposição unilateral.

primeiramente, debruçar-nos sobre a concepção de vínculo e a particularidade dessa noção que se apresenta como o suporte da transmissão psíquica consciente e inconsciente. Cada sujeito pertence a uma família e cada família possui uma história genealógica de vida psíquica. O autor propõe pensarmos em dois tipos de vínculos: os de *filiação* (os que estão relacionados à nossa origem, como os ascendentes no nível vertical formados pelos pais, avós, até a figura do ancestral comum; e os descendentes no nível horizontal como os filhos, netos e até mesmo os que ainda não nasceram); e os de *afiliação* (aqueles que vamos formando conforme nossas inserções na sociedade e comunidade a que fazemos parte como a união conjugal, os clubes, os partidos, os vínculos com os diferentes grupos que determinam um pertencimento). No seu livro “*Malhagem, Afiliação e filiação*” (2010) teoriza que o entrecruzamento entre o vínculo de filiação e o vínculo de afiliação formam as *malhas*. Conclui dessa forma que a malha é a disposição dos vínculos e o conjunto dessas malhas constitui a malhagem. O que o autor chama de vínculo psíquico insere-se em uma denominação por ele adotada de *malhagem genealógica*.

“Essa malhagem define um continente psíquico. Ele se caracteriza por sua função continente. Assim se determina uma relação fora – dentro, uma interioridade e uma exterioridade. Isso se traduz no nível psíquico como eco ao trabalho de ligação sobre os continentes-conteúdos por uma função continente suscetível de assegurar um espaço de elaboração e de transformação psíquica. A malhagem situa-se numa perspectiva psicanalítica do vínculo.” (pág. 36).

Compreendemos que a perspectiva psicanalítica do vínculo pressupõe um movimento de constante transformação. O autor propõe discutir então a complexa rede de vínculos, arranjos, amarras e nós nas quais o sujeito está inserido. O psiquismo constitui-se, dessa forma, em camadas que se sobrepõem e se entrecruzam nos diferentes processos que estamos denominando de intrapsíquicos (individuais), intersubjetivos (no relacionamento com a família, com os grupos) e na dimensão transubjetiva (relacionada às outras gerações, à história geracional, aos antepassados). Benghozi (2010) usa os termos *desmalhagem* e *remalhagem* para descrever os processos de ressignificação da malhagem, que, em outras palavras significam desconstruir e reconstruir o vínculo psíquico; nos alerta para a função de suporte e apoio desse emaranhado de arranjos frente aos enfraquecimentos e vulnerabilidades que vamos enfrentando na nossa existência.

O autor ainda nos convida a pensar nessa nova lógica e sugere a denominação de *temporalidades plurais*, que parte da concepção do termo “après-coup” (uma expressão francesa que pode ser traduzida como posteriormente, depois, como já mencionado), também estudada por outros autores como Libermann (2015), e que não iremos desenvolver aqui com maior profundidade. De qualquer forma, parece remeter a algo que vem depois e que é compreendido em outro tempo, e, portanto, refere-se a dois tempos distintos. Entendemos que estamos falando de uma temporalidade que se manifesta mesclada com o antes (passado) e o depois (presente, futuro) e com o fora (exterioridade) e o dentro (interioridade). Segundo esse contexto e de acordo com Benghozi (2010), quando estudamos processos psíquicos grupais familiares, institucionais, sociais e comunitários, não podemos adotar uma mesma definição de temporalidade. Esta já não se apresenta de maneira linear (segundo o tempo cronológico) ou simplesmente circular (que realiza o retorno em sua própria narrativa ou repetição cíclica), mas sim de uma movimentação entre tempos que se entrecruzam e se misturam, utilizando o conceito de *temporalidade mítica* (que são os mitos criados e sustentados pelos membros da família ao longo do tempo e que carregam a possibilidade de um trabalho de reorganização desses conteúdos psíquicos). O *mito familiar* é estudado por vários autores da psicanálise vincular e, definido como “um relato que implica um conjunto de crenças partilhadas por toda a família e, eventualmente, transmitidas há gerações (...)” (LEVY, 2021, p. 347). Dentro desse contexto, esclarecemos que a sustentação dos mitos pode sofrer modificações no decorrer do tempo e das gerações (um dos integrantes poderá questioná-la), devido aos entrelaçamentos de elementos conscientes e inconscientes e dos mecanismos de funcionamento de cada família.

Benghozi (2010) chama de reestruturações posteriores do *acontecimento* a possibilidade de elaboração frente à fatos traumáticos ocorridos no seio familiar, como situações de violência, abusos, conflitos que não se falam. Teoriza que marcas mnêmicas são remodeladas a partir de fatos posteriores que, por sua relação simbólica com os fatos passados, lhes conferirão sentido e eficácia psíquica (conceito já postulado por Freud). Configura-se, então, um processo de ressignificação o qual ele denominou de *resiliência familiar* (2015), que seria a capacidade de reconstruir laços que foram rompidos.

Kancyper (1999), como Benghozi (2010), levanta a questão de uma temporalidade própria observável na confrontação de gerações (tema de seu livro de 1999) e teoriza sobre a importância da historização no jogo do vir a ser do processo identificatório - uma movimentação do sujeito de ir e vir (buscar a liberdade e autonomia e retornar às origens). Dessa forma, acredita que a confrontação de gerações é de suma importância no desenvolvimento de cada pessoa e, nesse processo, percebe que o tempo se manifesta em torção e que o indivíduo experiencia *desidentificações e reordenamentos identitários*:

“O processo de identificação congela o psiquismo em um “para sempre” característico do inconsciente, que se qualifica como atemporal, enquanto o processo de reordenamento libera o “para sempre” de uma outra história que o aliena na regulação narcisista. Constitui-se assim a condição que possibilita liberar o desejo e construir o futuro.” (apud KANCYPER, FAIMBERG, 1985, aspas do autor, p.99).

Teoriza que os laços afetivos vão ocorrendo com determinados objetos e podem possibilitar uma passagem para outros, o qual reabre o acesso à configuração de novas identificações. O autor propõe utilizar o termo identificações *alienantes* (termo empregado por FAIMBERG, 1985) para explicar que essas identificações são relativas a um outro que possui conexão com uma outra história, a saber o narcisismo parental, a qual o sujeito se identifica e permanece prisioneiro. A história, dessa forma, não pertence à geração do sujeito. “O exercício da liberdade e o exercício da confrontação que possibilita uma vida criativa requerem um constante processo de liberação das amarras do inconsciente e dos obstáculos do meio ambiente”. (KANCYPER, 1999, p, 13).

Kancyper (1999) também chama a atenção para os mecanismos observados na separação da mãe e do bebê, como postulados por Klein (1986) que teoriza que a base da ansiedade é a angústia de separação da figura materna (o medo da morte). Ela observa e cria a denominação de *identificações projetivas*, que são compreendidas como fantasias de projeções de aspectos do eu para dentro de um objeto, passando a vivenciá-los como se fossem próprios. Kancyper (1999), discute, que a confrontação de gerações, pode resultar no “complexo mecanismo de identificações projetivas cruzadas” (p.27), ocorrendo manipulação e controle das figuras parentais através desses mecanismos, principalmente na fase da adolescência. O autor ocupou-se, então, em aprofundar o

estudo da complexidade entre pais e filhos, entre irmãos, no casal e na estrutura familiar e apresentou formulações relevantes a respeito do embate geracional. Entende, a luta de gerações, inseridas em três dinâmicas principais e distintas: a primeira, que seria caracterizada pela incapacidade do sujeito de se confrontar com os pais e os irmãos (o predomínio de um conflito narcisista); a segunda, que se apresentaria marcada em uma interminável disputa (de domínio e poder) entre as figuras parentais e os filhos; e a terceira, que se constituiria em uma superação do conflito edípico e do complexo fraterno.

Nesse sentido, apesar de não estar se referindo especificamente à problemática da transmissão psíquica, analisa as questões intrapsíquicas e a importância da existência de um espaço intersubjetivo na troca com as gerações e que tem como pano de fundo as questões sociais e o meio ambiente. Compreendemos, dessa forma, que o processo de confrontação de gerações possibilita a circulação do material psíquico para a transmissão psíquica ocorrer (tema aqui estudado), pois permite a simbolização e representação necessárias no trabalho psíquico de cada sujeito para operar a passagem para outra geração e, portanto, modificar ou não o conteúdo herdado dos pais.

Os dois autores, Kancyper (1999) e Benghozi (2010) parecem também convergir em um outro ponto - a colisão necessária para que se produza vínculo, o embate, a luta, o confronto, a troca. Eles ressaltam a fase da adolescência como intensificadora de conflitos e sujeita a uma vulnerabilidade, desgaste, tensão, devido às constantes mudanças tanto biológicas, como nas trocas com o social e com o grupo familiar. Dentro desse panorama, Benghozi (2010) teoriza: “A transmissão está para o vínculo assim como a comunicação está para a relação”. (p.23). O que isso quer dizer? Compreendemos que a comunicação só pode ocorrer na presença de uma interação (diálogo, duas pessoas) e que, para acontecer a transmissão, há a necessidade da presença do outro, algumas vezes do choque violento com o outro, com a alteridade que se impõe, em uma relação dialética, o que potencializa a formação de um encontro, de um vínculo, que seria um terceiro elemento capaz de mudar os arranjos identificatórios já realizados; ou não, simplesmente repetir e conservar o conteúdo psíquico.

Dando prosseguimento ao pensamento de Kaës (2009), este teoriza que a transmissão psíquica pode ser processada no estabelecimento das alianças inconscientes. As alianças

inconscientes seriam responsáveis pela consistência e organização das relações com as quais entrelaçam diversos sujeitos. Elas participam da estruturação da vida psíquica de cada indivíduo e dessa forma, constituem-se no agente e matéria prima da transmissão psíquica entre gerações e contemporâneos. Alerta o autor sobre a necessidade de ampliar a compreensão da problemática da transmissão psíquica e não se referir somente ao dilema edipiano, à castração, ao desejo, ao recalamento e à culpa. Precisamos levar em consideração os processos que causam perturbações nos espaços intrapsíquicos e conduzem a uma desorganização no contexto familiar e nas relações entre as gerações.

“As alianças inconscientes estão no coração dos processos e das modalidades da transmissão psíquica intergeracional e transgeracional porque elas estão no princípio das passagens e das relações entre os espaços psíquicos. Algumas dessas alianças inconscientes nos precedem. Todos nós viemos ao mundo da vida psíquica na trama das alianças que foram estabelecidas antes de nós e nas quais o nosso lugar é de antemão demarcado. Esse lugar que será constituído por nós, mas também para o conjunto de pessoas com quem vivemos (...) das separações que teremos que experimentar e sustentar em relação a ele. Outras alianças inconscientes serão formadas nas vicissitudes de cada sujeito, nas relações que ele estabelece com os grupos, ou conjuntos aos quais ele pertence: são então, as criações conjunturais.” (ps. 153 e 154).

Dessa forma, segundo Kaës (2014), as alianças inconscientes se formam em dois espaços psíquicos, no inconsciente do sujeito e no inconsciente da relação com o outro ou mais de um outro. As alianças inconscientes podem se moldar de duas formas principais: as estruturantes, estabelecidas nas construções narcísicas, explicados aqui pelo conceito de contrato narcisista, e trariam, portanto, o caráter de continuidade e conservação da vida psíquica. E as alianças inconscientes defensivas, formadas pelo *pacto denegativo* e constituídas na transmissão dos interditos fundamentais, a saber, a recusa, a rejeição, a repressão, o recalque, que implicaria em uma descontinuidade no processo de transmissão psíquica, um defeito na cadeia geracional, uma interrupção. Kaës (2009) descreve um terceiro tipo de alianças inconscientes, as alienantes e patológicas, que não trataremos aqui por não se apresentarem como relevantes à nossa pesquisa.

Em um artigo recente, Azevedo, Féres- Carneiro e Bezerra Lins (2015), nos recordam da

importância do sujeito como ligação ou ruptura no grupo familiar e da ideia desse mesmo sujeito se ancorar em uma história familiar, que já o precede - a questão da transmissão psíquica é central no grupo familiar e nos remete à inscrição do sujeito em uma cadeia geracional da qual ele é um elo. Dessa forma, a transmissão forçada pelo investimento narcísico dos pais pode também adquirir no sujeito a possibilidade de desenvolver a sua própria subjetividade. Eis aqui um ponto primordial para falarmos da importância da estimulação narcísica dos pais e a função estruturante que ela apresenta na constituição de cada sujeito.

Qual a função do grupo familiar? Para Granjon (2000), podemos considerar que há um tipo de necessidade intrínseca à continuidade na transmissão de conteúdos psíquicos de uma geração a outra. Segundo a autora:

O projeto do grupo familiar é transmitir a herança psíquica adquirida e fundadora de cada um e do conjunto, e, perpetuar-se, dando a vida para além dos mortos, conservando sempre sua identidade, sua alma, isso graças e por meio das gerações e das alianças. Isso significa dizer que a questão da transmissão psíquica é central no grupo familiar e diz respeito a cada um e ao conjunto nas relações geracionais e grupais. (Granjon, 2000, p.20).

A questão da precedência do outro e de "alguns outros", como nos lembra Kaës (1998, p. 6), tem um papel muito importante para a compreensão da vida psíquica dentro de um espaço intersubjetivo e "... mais precisamente, no espaço e no tempo da geração, do familiar e do grupal (...) O que é que me vem do outro, que me é transmitido, ou transfiro, a que me submeto, do qual me benefício, ou que me arruína, do qual posso ou não me constituir herdeiro?". Nesse sentido o autor coloca que o sujeito pode ser um "herdeiro forçado", porém também pode se constituir como criador e pensador no processo de transmissão. Alguns autores aqui apresentados também trouxeram essa característica da transmissão psíquica, de transformação e uma forma de libertação daquilo que não reconhece como próprio, como Kancyper (1999), que descreve a luta entre aquilo que liberta o sujeito e aquilo que o aprisiona em relação à sua história e à história geracional. O que foi transmitido forçadamente e o que foi criado? Pensamos ser este um fator primordial para nos debruçarmos como investigadores. Dentro desse contexto, Kaës (1998) também nos coloca a questão da "urgência" em transmitir ou interromper a transmissão. A urgência estaria relacionada

ao jogo narcísico e à questão da continuidade e conservação da vida psíquica, já colocada em outros momentos: o investimento narcísico de desejos irrealizados dos pais nos bebês, a lógica contratualista. Dentro desse mesmo raciocínio e segundo Trachtenberg (2013), a interrupção parece estar associada à negatividade, às falhas e faltas, ao que não foi simbolizado. Mas seria somente o negativo responsável pela interrupção? O que será evitado ou buscado no campo do nosso psiquismo?

3. TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL E A TRANSMISSÃO TRANSGERACIONAL

Qual a relevância das heranças no sentido mais amplo? De acordo com o novo dicionário Aurélio (1988) “herança é aquilo que se transmite por hereditariedade; no sentido jurídico: bem, direito ou obrigação transmitidos por via de sucessão ou por disposição testamentária; no sentido figurativo: aquilo que se recebeu dos pais, das gerações anteriores, da tradição, legado” (p.338). Como, quando e por que herdamos determinadas características ou tradições e não outras? “A necessidade de adquirir o herdado para realmente possuí-lo” (apud THACHTENBERG frase de Goethe citada por Freud em Totem e Tabu, p.33, 2023). Compreendemos que não basta herdar, é preciso reconhecer o que recebemos, nomeá-lo, integrá-lo, apropriar-se do conteúdo herdado. Entendemos que a herança psíquica passa por um longo processo de aceitação e renúncia, construção e desconstrução, recordação e esquecimento, ligação e desligamento e que certamente está conectada às nossas origens, aos nossos antepassados, ao nosso passado que vem bater à nossa porta, às histórias que colocamos para trás, que abandonamos, ao que não queremos enxergar, ou, ao que comumente hoje é expresso na frase “Deixa pra lá”. Façamos referência às patologias da memória, tão comuns hoje nas nossas famílias e pessoas da sociedade contemporânea.

Para nos situarmos na atualidade, há um movimento mundial de olhar para frente, uma preocupação e ansiedade demasiadas e voltadas para o tempo futuro. Dentro desse contexto, compreendemos que a transmissão psíquica está intrinsecamente ligada ao que herdamos não apenas biologicamente, mas ao que processamos psiquicamente como “aceitável”: há a ideia implícita da existência de pactos, alianças, contratos, como estudou Kaës em vários momentos de

sua extensa produção e que Freud já havia esboçado e fundamentado (CASTANHO, 2015)¹². Nesse processo, há aspectos conscientes e inconscientes, e que, inevitavelmente, nos remete ao investimento pulsional que está na base de todo vínculo, a luta constante entre a pulsão de vida e a pulsão de morte e seus desvios; o caminho identitário percorrido por cada sujeito; a elaboração ou não do narcisismo; a formação de sintomas; a renúncia à pulsão de morte e à agressividade necessárias à nossa entrada no mundo da Lei e da cultura, como já observado na proibição do assassinato do pai pelos irmãos, descrito por Freud (1913) em *Totem e Tabu* e que caracteriza a passagem do estado primitivo para a civilização humana, entre outros. Esse último aspecto foi mencionado por vários autores aqui citados, o papel do campo social (KEHL, 2000; KANCYPER, 2004; BENGHOZI e FERES-CARNEIRO, 2001; BENGHOZI, 2010; KAËS, 2011; GOMES, 2011).

Dessa forma, na camada intrapsíquica (que incluiria esses pontos aqui levantados), haveria uma fundação, bases do processo identificatório como a idealização e satisfação pulsional, fornecidas por um adequado “escudo protetor materno” (TRACHTENBERG, 2021, p.34), ou, em outras palavras, o *holding*, descrito por Winnicott (1975). Isso posto, entendemos que é preciso uma consistência psíquica, para dar conta das contrapartidas subjetivas, para sustentá-las. Dito de outra forma, há múltiplas combinações que variam dentro do equipamento de cada um (subjetividade) e da forma como cada indivíduo lida com as experiências (trocas realizadas no campo da interioridade e exterioridade) e que se faz necessária uma sustentação, provavelmente alcançada com as trocas afetivas, o acolhimento. No espaço intersubjetivo, os lugares ocupados nas famílias, suas transformações e os processos de formação de vínculos estariam trazendo modificações (os entrecruzamentos e intercâmbios, os diferentes grupos a que pertencemos) e atingindo as novas gerações (camada transubjetiva). Levando em conta esses fatores os psicanalistas vinculares postulam dois tipos de transmissão: a transmissão intergeracional e a transmissão transgeracional.

¹² Castanho discorre sobre o interesse de Freud sobre a forma com que se opera a ligação entre os seres humanos e a concepção de que é necessário renunciar a algo para que o vínculo seja constituído, base de suas primeiras formulações sobre pulsões. Castanho discute a proximidade entre a lógica contratualista dentro de uma perspectiva intrapsíquica de Freud e o conceito de alianças inconscientes de Kaës (2014).

A primeira se manifesta a serviço dos vínculos (no espaço intersubjetivo, entre sujeitos e entre gerações), traz a presença da elaboração (de uma representação psíquica, de uma simbolização) e a possibilidade de inserir o sujeito em uma história. Esse tipo de transmissão caracteriza-se pelo potencial de transformação e conta com a participação do pensamento, para que recordações, fantasias, tradições, afetos possam ser transmitidos entre indivíduos. É o caso das lendas, mitos, crenças, valores, que irão passar de um indivíduo para outro, de um grupo para outro, de uma geração à outra. Nessa dissertação, abordaremos esse primeiro tipo, e, utilizaremos os relatos dos participantes para demonstrar os conteúdos observados na transmissão psíquica do histórico familiar estudado.

É importante ressaltar que na transmissão intergeracional há uma modificação do conteúdo psíquico herdado e, que, portanto, requer um consentimento realizado pelo consciente ou inconsciente do sujeito a passar para a geração seguinte. Logo, está implícito, um compartilhamento de espaços psíquicos e um conseqüente investimento afetivo. Compreendemos que a transmissão para ser operada, processada e elaborada pelo sujeito necessita de um motor, que está intimamente ligado à afetividade, à nossa capacidade de se vincular, de promover e estabelecer encontros com o outro, em um trabalho de construção de sentido.

Partindo do pressuposto que a subjetividade humana é elaborada a partir de articulações das relações socioculturais com a nossa história individual, nota-se que a transição do moderno para o contemporâneo, procedente de uma nova ordem social vigente, resulta no aparecimento abundante de novas manifestações subjetivas. Podemos, dentro desse contexto, nos perguntar sobre a dificuldade na durabilidade dos vínculos nos tempos atuais. Citamos Bauman (2004), que nos traz a ideia dos relacionamentos fugazes, de uma sensação de insegurança do sujeito atual, de um consumismo exacerbado que parece proteger o pressentimento de um sentimento de vazio que toma conta e acaba por descartar o outro como um objeto que não está sendo mais útil, operando-se uma lógica do mercado. Parece, nesse caso, haver um descompasso entre as mudanças sociais e a constituição da subjetividade. Dessa forma, nem sempre o nosso psiquismo mostra-se capaz de acompanhar essas modificações. Mas qual mesmo a importância dos vínculos afetivos? Todo esse

processo de apropriação do real, parece ter se tornado ainda mais confuso e complexo com a ocorrência da pandemia de COVID-19.

Regressemos à Freud no texto intitulado *Psicanálise e Telepatia* (texto original de 1921), para entender um pouco mais sobre a transmissão. O autor postula a noção de que existe uma transmissão de inconsciente para inconsciente, uma transmissão que seria da ordem do traumático e que, portanto, não é comunicada, não é falada. Essa transmissão, segundo ele, levaria um tempo geracional para se manifestar e surgiria na terceira geração como um sintoma. Freud também nos alerta sobre uma característica dessa transmissão, de estar intrinsecamente conectada a um relacionamento com o outro; por exemplo, a uma lembrança de um acontecimento traumático, morte de familiares, perdas significativas, doenças; porém, essas lembranças ficariam guardadas no inconsciente como segredos.

Freud está esboçando nesse ensaio, o que hoje os psicanalistas vinculares chamam de transmissão transgeracional, que é constituída por conteúdos que não puderam ser ditos e que não foram apropriados pelo sujeito por estarem associadas a um trauma e que, portanto, permanecem em uma cripta fechada (ABRAHAM e TOROK, 1995). Segundo Abraham e Torok (1995), o trauma pode ser entendido como um congelamento do eu que, quando não pode ser falado, se esconde em uma cripta; o indivíduo incorpora algo que o invadiu violentamente. Nesse contexto, os fantasmas são transmitidos do inconsciente dos pais para o inconsciente dos filhos, por exemplo. A transmissão passa para a outra geração inconscientemente, via cripta (chamada de transgeracional). Esse tipo de transmissão atravessa gerações, e é constituída em um espaço transpsíquico (há uma passagem direta através das gerações), e está a serviço do esquecimento (não pode ser contada, recordada), da repetição (não pode ser elaborada) e da impossibilidade de situar o sujeito em uma história e em um tempo e espaço geracionais. A transmissão transgeracional é caracterizada por acontecimentos traumáticos como lutos patológicos, histórico de violência, processos migratórios, segredos; situações que não puderam ser simbolicamente representadas e apreendidas pelos sujeitos. Há uma falha na simbolização e a presença de elementos que não puderam ser transformados e que não foram representados psiquicamente. Ressaltamos, que as experiências traumáticas que não puderam ser integradas ao psiquismo podem provocar o

desenvolvimento de patologias como doenças psicossomáticas, comportamento violento, transtornos mentais depressivos e ansiosos, dificuldade de aprendizagem, inibições, entre outros.

Trachtenberg (2023) analisa, que a conservação dessa matéria bruta (que não foi metabolizada e digerida) e se caracteriza pela ordem do transgeracional, está submetida a um tempo de validade, podendo expirar e, dessa forma, transformar-se em um produto tóxico ou radioativo e, contaminar o restante do psiquismo.

Mesmos tendo como foco dessa pesquisa a transmissão psíquica intergeracional, consideramos importante demonstrar que nada escapa de ser transmitido de uma forma (intergeracional) ou de outra (transgeracional), segundo Granjon (2000). O processo de transmissão não se apresenta como linear e traz continuidades e descontinuidades ou defeitos no complexo caminho percorrido por cada sujeito. Grendene (2003, p. 133) comenta: “(...) sobre as exigências do trabalho psíquico pela sua inscrição no geracional e na intersubjetividade”. Podemos dizer que quando estamos discutindo o tema da transmissão psíquica, esbarramo-nos em uma outra concepção de temporalidade, já aqui mencionada.

Como já constatamos, Kaës irá expandir e aprofundar uma questão fundamental para entendermos a transmissão psíquica, que diz respeito a uma outra realidade psíquica e a uma lógica diferente, a lógica e centralidade da intersubjetividade (as inclusões e exclusões do sujeito na questão do vínculo) e, agora, ampliando a questão do conceito de transferência do espaço singular para a existência de múltiplas transferências, em um espaço grupal e do vínculo intersubjetivo. Para Kaës (2001), a família é o espaço originário da intersubjetividade. O conceito de transmissão intergeracional provém da ideia dele a respeito da transmissão intersubjetiva, entre sujeitos e que se dá em um espaço interpsíquico, onde há bordas e limites. Quando uma história ou um afeto é transmitido de uma pessoa para outra, de uma geração a outra, observa-se uma delimitação de um espaço entre o transmissor e o receptor. A transmissão intergeracional demonstra estar relacionada à apropriação de matérias psíquicas com acesso ao consciente e ao inconsciente do sujeito ou do grupo via recordações, lembranças, histórias contadas, tradição e cultura, funcionando como em elo, uma ligação.

A transmissão transgeracional, já apresentada anteriormente, como situações traumáticas não elaboradas, está relacionada à pulsão de morte e à noção de fantasma e cripta, estudados e mencionados aqui por Abraham e Torok (1995). Vale acrescentar, segundo os autores. que, o sujeito, dentro desse contexto,

“necessitará encontrar um depósito fora dele próprio. O indivíduo expulsa de dentro de si, seu próprio fardo, as partes alienadas de si mesmo, e as coloca em alguém narcisicamente selecionado, da geração seguinte. Essa identificação projetiva (...) liberta o representante dessa geração, enquanto escraviza o representante escolhido da geração seguinte”. (TRACHTENBERG e outros autores, 2013, p.135).

Kaës (2001) reforça que, nesse tipo de transmissão, não há delimitação do espaço psíquico, e o psiquismo é invadido.

Comprendemos, dentro das ideias aqui discutidas, que a transmissão transgeracional em alguns casos, pode ser transformada em transmissão intergeracional (assim como mencionamos o processo de terapia familiar exemplificado por BENGHOZI, 2010), e que a possibilidade da ocorrência de um trauma em nosso psiquismo, está sempre nos rondando, de uma forma real ou fantasiosa e manifestando-se com uma maior ou menor intensidade. Da mesma forma, os segredos também vêm nos assombrar, não só os que guardamos em nós de nossas próprias vivências, mas os que guardamos dos outros em nós (essa última ideia também apontada por BENGHOZI, 2010).

Poderiam os traumas, nas suas diferentes expressões, serem transformados?

Sugerimos fazer um paralelo, nesse momento, com o conceito de Winnicott (1999) de *angústias impensáveis*, que podem ser entendidas como traumas nos estágios iniciais de vida do bebê. Esse conceito estaria no sentido oposto ao tratado no início desse texto, a ideia da mãe suficientemente boa, do mesmo autor. Winnicott (1999) nos chama a atenção para o termo *angústias impensáveis*, nomenclatura utilizada por ele, para descrever o que acontece quando o bebê não obteve os cuidados necessários nos primeiros meses de vida e que, portanto, não encontrou no ambiente, a confiabilidade quando estava em estado de dependência absoluta. As angústias impensáveis podem ser entendidas como quebras na continuidade da existência do indivíduo.

Portanto, as transformações possíveis de situações traumáticas dependem também da forma como lidamos com esses percalços e como recebemos as heranças psíquicas, nossa história pregressa, que participam nossas famílias de origem e antepassados e como atualizamos esses conteúdos nos três espaços psíquicos aqui mencionados (intrapsíquico, interpsíquico e transpsíquico). Nesse sentido, as experiências que vamos adquirindo, desde o nosso primeiro contato com a mãe e como vamos tecendo nossa relação com o outro ou sendo tomados por interrupções, rupturas, surpresas, novos rumos a tomar na nossa trajetória, faz parte da história do nosso psiquismo e vão nos deixando marcas, cicatrizes, ou viabilizando possíveis transformações na constituição do nosso psiquismo.

Dentro desse panorama e retomando o início dessa apresentação sobre os dois tipos de transmissão, podemos dizer que a transmissão psíquica intergeracional deve ser entendida como uma transmissão bem-sucedida, e que carrega uma proteção que corresponderia ao que denominamos uma adequada função materna: (a presença de cuidados, um equilíbrio no investimento afetivo): “a mãe pôde investir adequadamente seu bebê , sem invadir o campo da intersubjetividade com ansiedades ou lutos mal elaborados de sua história ou pré-história” (TRACHTENBERG, 2023 p.34); e, por essa razão, defende o psiquismo de possíveis ameaças. Por outro lado, na transmissão psíquica transgeracional, a mãe acaba se ocupando com outras questões, como vazios, histórias de violência, traumas não simbolizados e, conseqüentemente, não exercendo a sua função de *mãe suficientemente boa* (WINNICOTT, 1975) tão importante para a elaboração de ansiedades primitivas do bebê. Segundo Trachtenberg (2023), esse processo revela uma inversão na história geracional “pois o filho, ao contrário, do que é esperado na primitiva relação mãe-bebê, passa a conter a ansiedade proveniente do irrepresentável e do não elaborado das angústias parentais” (TRACHTENBERG, 2023, p. 35). O bebê portaria, dessa forma, uma angústia que não pertence a ele, mas que, todavia, levaria como herdeiro. Chamaríamos nesse caso de uma transmissão defeituosa ou interrompida.

Podemos afirmar, diante das possíveis reflexões propiciadas aqui, que o elemento transformador da realidade psíquica das relações humanas, é o elemento relacional, a questão afetiva, em qualquer formato ou teoria apresentada.

4. VÍNCULO FRATERO: HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO

4.1. Levantamento histórico e caracterização da família ao longo do tempo

Para iniciarmos a discussão sobre o fraterno, é importante considerarmos alguns pontos já mencionados nessa dissertação, como as novas formas de constituição familiar que foram surgindo ao longo dos anos na passagem da sociedade moderna para a contemporânea, ponto no qual nos concentraremos aqui. Para ilustrarmos essas novas configurações, citaremos alguns acontecimentos que marcaram a nossa História e nossa forma de pensar e nos relacionar.

No início do século XIX, marcado pelas repercussões da Revolução Francesa na Europa, um país dominado pela política, há uma valorização da vida pública, segundo Perrot (1991) e uma indiferenciação entre a esfera pública e a privada. As mulheres, nesse período por exemplo, não eram aceitas por praticamente todos os homens, em aparições abertas à população nas praças. A elas eram destinadas as atividades de jardinagem e uma sociabilidade mais restrita aos castelos. Havia uma dificuldade em perceber a sexualidade e uma representação bastante limitada e secreta da intimidade, culminando em uma concepção de fechamento do indivíduo sobre si mesmo, um sujeito mais solitário. Nessa época houve aumento no número de suicídios. De acordo com Hunt (1991)¹³, a agressão à vida privada e o domínio da vida pública pelos homens, provocou uma dedicação maior das mulheres a família, sendo responsáveis pelos afazeres domésticos. Nesse contexto de pouca exposição dos espaços interiores, as representantes do sexo feminino eram tidas como símbolo de fragilidade e utilizadas como objetos da agressividade masculina. A influência da religião e da moral na Inglaterra contribuiu para essa divisão de papéis sexuais e sociais.

Com a Revolução Industrial, passa a se adotar e estabelecer o sistema capitalista na passagem do século XIX para o XX (início da modernidade). A psicanálise e Freud surgem no final do século XIX, em Viena, dentro desse contexto de mudanças e diante da movimentação de eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914 a 1918). O período entre 1920 e 1940 se caracterizou então pela

¹³ Coleção **História da Vida Privada**, volume 4, São Paulo: Companhia das Letras, 1991

ocupação das famílias nos espaços urbanos e a transição do modelo de *família extensa ou ampliada ou estendida*: avós tios, primos, vizinhos, para o modelo de *família nuclear* (pai, mãe e filhos), acompanhados de uma valorização da intimidade, de acordo com Gomes (2011). De acordo com Perrot (1991) a família é o centro, o núcleo, apresentando-se totalitária na definição de regras e normas em detrimento de outras instituições (prisões, conventos, internatos). Padrões e princípios acompanharam essa transição: uma crise no patriarcalismo (o poder centrado na figura do pai, a submissão ao pai, a hierarquização nos relacionamentos familiares), a ideia de casamento como indissolúvel e monogâmico e de sexo como reprodutivo e heterossexual (valores cristãos ocidentais), uma consequente repressão sexual, a delimitação do espaço público e o espaço privado. Segundo Gomes (2011,2013), as mulheres foram iniciando o processo de reivindicarem mais atenção e cuidado nas suas relações com o parceiro. Todas essas questões foram trazendo novas discussões sobre as formas de se relacionar do casal, da família e dos grupos sociais.

Porém, o início do século XX foi invadido por uma série de catástrofes e guerras (lembramos também da Grande Depressão de 1930) e, definitivamente, trouxe uma completa reviravolta nas relações humanas: foi instalado uma atmosfera de crise e incertezas sem precedentes: recessões econômicas, lutas operárias, um caos social. Foi denominada pelo historiador inglês Hobsbawn (1995) a “Era da catástrofe, que se estendeu de 1914 até depois da Segunda Guerra Mundial” (HOBSBAWN, 1995, p.15”.¹⁴ Simultaneamente, conforme já salientamos na introdução desse trabalho, caracterizou-se como uma época de proliferação de propostas de novos tratamentos psiquiátricos, diferentes dispositivos psicoterapêuticos e psicanalíticos e surgimento de diferentes correntes da psicanálise e de grandes nomes da filosofia e da ciência. Essas contribuições aparecem em contrapartida à corrente positivista lógico-formal e à materialização capitalista, que demonstram serem ineficientes frente à gravidade dos conflitos pós-guerra. Paiva e Garcia (2021) nos lembra que as emergências nos obrigam a experimentar e reinventar práticas anteriores. Devemos ressaltar, no campo filosófico, a importante obra de 1927 de Martin Heidegger intitulada *Ser e tempo* (teórico já mencionado), que segundo Figueiredo

¹⁴ Hobsbawn, E. **A era dos extremos: O breve século XX :1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

(2014), constituiu-se um dos livros mais importantes do século XX.¹⁵ Essa publicação trouxe a relevância da discussão sobre o *ser no mundo*, o *dasein*, que pode ser traduzido literalmente por *ser aí*.

“O *dasein*, (grifo do autor), categoria central da analítica existencial, implica a essencial relação do existente com o seu mundo. Existir é estar inevitavelmente situado no e projetado para o mundo. Como este mundo é composto, entre outras “coisas” (grifo do autor), por outros sujeitos, o *dasein* é igualmente *ser com* (*mitsein*, grifo do autor), estar voltado para outros sujeitos” (FIGUEIREDO, 2014, p.191).

Acreditamos, que a partir dessas concepções, podemos extrair um dos fundamentos da psicanálise vincular, ou seja, a ampliação dos espaços intrassubjetivos para formas e processos demandados e criados na presença de outro ou outros (espaço intersubjetivo). Pensamos, dessa forma, que tal proposta toma emprestado alguns conceitos da Filosofia, reforçando a ideia da interdisciplinaridade entre os diferentes campos de saber, do intercâmbio entre eles.

Após essa fase catastrófica de explosão de conflitos graves e que fugiram do controle humano, seguiram-se, de acordo com Hobsbawn (1995) “A Era de Ouro” (p.15), época caracterizada por um elevado crescimento e prosperidade econômica durante um intenso período (de vinte e cinco a trinta anos) e que mudaram profundamente, de acordo com o autor, a sociedade humana e o engajamento social. A transformação no papel da mulher na sociedade, a entrada no mercado de trabalho, maior liberdade na escolha dos parceiros e a desvinculação entre casamento e família começaram a dar o novo tom da rotina na comunidade familiar. Por outro lado, ocorre uma sobrecarga devido ao acúmulo de funções desempenhados pela mulher. O que parece ter culminado, nos anos 60 e 70, com as reivindicações das igualdades de direitos na revolução sexual e o movimento feminista (GOMES, 2011). Dentro desse contexto, em meados dos anos 70, surgiram as *famílias monoparentais* (quando uma pessoa assume a parentalidade de outra ou outras).

No intervalo seguinte (dos anos 70 aos anos 90), observou-se novamente um cenário de

¹⁵ Figueiredo, L.C. M. **Matrizes do Pensamento Psicológico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

crise e atribulações, com a perspectiva de um futuro desconhecido. Para citar alguns principais: os conflitos na África (os movimentos para a libertação de um colonialismo europeu e contra a imposição de uma língua dominante de origem europeia), o desmantelamento da antiga União Soviética (que começou no final da década de 70), a queda do muro de Berlim (1989). Nesse panorama de dificuldades mundiais, observamos a legalização do divórcio no Brasil (1977)¹⁶ e o aparecimento da questão da filiação psíquica, as *famílias adotivas, e as denominadas reconstituídas*, que compareceram com a não hierarquização nos papéis assumidos por cada membro e uma nova divisão de tarefas domésticas, não mais baseada em gênero. De acordo com Gomes (2009), é importante destacar a questão do “abandono filial” (grifo da autora), oriundo das separações e do processo de luto inerente ao fim do casamento, o que pode fazer surgir um sentimento de orfandade (de desamparo) frente às reestruturações possíveis encontradas nos recasamentos. Esses fenômenos podem gerar consequências graves no desenvolvimento emocional e cognitivo de crianças e adolescentes, como as dificuldades de aprendizagem e outros transtornos. Tais mudanças provocaram alterações na estrutura familiar, na ideia de casal e nas relações fraternas - as famílias atuais podem se compor de uma forma mais ampla.

Grendene (2003, p.133) comenta sobre a importância da reflexão sobre a noção de família: “(...) como criadora de um vínculo, de uma construção que se origina de um trabalho realizado entre dois ou mais sujeitos”. Assim, as relações com o mundo exterior provocam recomposições nos papéis e funções ocupados dentro do grupo familiar, originando novos modos de ser casal e família, novas formas de construir os relacionamentos amorosos. Certamente, o século XX representou uma grande evolução na luta das mulheres por seus direitos, liberdade e emancipação. Mas na realidade, esses embates ainda se fazem bastante presentes e necessários, e, em alguns momentos, ainda se manifestam fragilizados e estruturais, e nos alarmam ao pensarmos nos altos índices de discriminação sexual, violência e abuso contra as mulheres.

Apesar do elemento novo estar presente nas recentes configurações familiares, e de se ampliar o leque de possibilidades para ser e constituir uma família, percebemos um momento de

¹⁶ Uma curiosidade: o divórcio foi primeiramente promulgado na Inglaterra em 1907, ou seja, setenta e sete anos antes da realidade brasileira, o que nos faz pensar sobre o funcionamento próprio de cada circunscrição contextual.

inquietações e ideias paradoxais entre os valores tradicionais (o desejo em estar em uma relação estável e duradoura) e os valores contemporâneos (desfrutar de relacionamentos que podem ser facilmente descartáveis). Há o predomínio, no âmbito psíquico, do excesso da individualização (a dificuldade de se reconhecer como grupo, como parte de uma coletividade) e do narcisismo (energia voltada para si mesmo, o que faz emergir o termo *patologias do narcisismo* ou *narcísicas* (KEGLER, 2016; PELISSON e CAROPRESO. 2022) destacada por alguns autores contemporâneos.

Queremos aqui ressaltar o pensamento de Han (2017)¹⁷, filósofo sul-coreano, que analisa a pressão que o *desempenho* provoca na atualidade. Ele sugere a reflexão sobre a presença constante de um processo de culpabilização, que leva à sensação de fracasso e a uma dinâmica depressiva. Nos lembra o autor que a sociedade de hoje não está mais centrada na proibição, no não, na questão disciplinar, como nos alertou Foucault (1987).¹⁸ A sociedade de hoje está pautada no desempenho, o que levaria a um cansaço, esgotamento, ocorrendo cobranças excessivas sobre si próprio. Por conseguinte, novos elementos vão se revelando e compondo o cenário da vida cotidiana. A movimentação continua.

Consideramos, ainda referente ao processo histórico, que o século XXI demonstra configurar-se como uma época de insegurança e medo, de falta de confiança na sociedade, devido à grande diversidade oferecida de papéis sociais relacionados como exemplo à identidade de gênero, sexual e racial, às escolhas políticas e religiosas, ao poder econômico e suas desigualdades, às distintas combinações de formas familiares: *homoafetiva* e *homoparental* (decorrentes da união de pessoas do mesmo sexo), *anaparental* (que existe sem a presença dos pais, formadas apenas pelos irmãos), *socioafetiva* (reconhecimento jurídico da maternidade ou paternidade pelo afeto), *monoparental por escolha* (um dos pais com seu filho), entre outras. Essa conjuntura parece implicar em uma perda de referências e um certo desamparo psíquico (WEISMANN, 2017). Segundo a autora tornou-se difícil estabelecer papéis e funções e há uma tendência a regredir a ideia da família nuclear, da família burguesa (pai, mãe, filhos) onde os lugares a ocupar já estavam

¹⁷ Han, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

¹⁸ Foucault, M. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

previamente definidos. Deparamo-nos atualmente com a expressão popular “o meu núcleo” com relativa frequência, como algo a ser fortemente defendido e protegido frente tamanha incerteza.

Mas afinal, como podemos definir na atualidade uma “família”? O novo *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2016) propõe: “Núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária”. Essa concepção traz a questão do pluralismo familiar da contemporaneidade e modifica a ideia da família como decorrente de relações somente constituídas por sangue e filiação natural. Há uma intenção dos criadores de discutirem o termo sem preconceitos e de uma forma abrangente.

De acordo com o Dicionário de Psicanálise de Casal e Família (2021), e levando em consideração vários aspectos já aqui mencionados no estudo da teoria das configurações vinculares e as transformações sociais que foram ocorrendo, sugerem uma definição mais ampla e atualizada baseada nos estudos de Blay Levisky e Levisky (apud LEVISKY, DIAS e LEVISKY, p. 201, 2021):

“1- Espaço vincular íntimo construído por sentimentos de compromissos afetivos recíprocos e de cumplicidade de qualquer natureza, amorosos e/ou perversos, que pretende ser de longa duração; 2- Estes vínculos se estabelecem a partir da filiação e afiliação e podem ter várias configurações em sua organização dinâmica, independentemente dos gêneros. Vínculos que variam de acordo com o momento histórico-cultural; 3- A transmissão de heranças. apesar das transformações que ocorrem ao longo da história, garantem a continuidade do espaço familiar; 4- Espaço complexo de trocas afetivas onde ocorrem identificações, alianças conscientes e inconscientes, aquisição de comportamentos, valores culturais, éticos e morais, que interagem no desenvolvimento das personalidades individual e grupal”. (apud LEVISKY, DIAS e LEVISKY, ps. 201-202, 2021).

Ressaltemos novamente as valiosas contribuições de Janine Puget. Para ela (2014)¹⁹, a ideia de família exige, entre outros aspectos, o sentimento de *solidariedade* (grifo nosso, ideia também

¹⁹ Palestra realizada por Janine Puget no dia 03/09/2014 durante o 30 ° Congresso latino-americano de Psicanálise com o título “**Un mundo enigmático: nada es como era entonces**”.

contida no dicionário HOUAISS, 2016) e “algún tipo de incondicionalidad imaginaria”.²⁰ A autora traz uma discussão muito interessante e explica que a palavra solidariedade implica dois eixos que não se harmonizam: solidez e fragilidade; analisa que são conceitos opostos, mas que paradoxalmente são obrigados a conviver. Prossegue aludindo o termo ao vínculo fraterno, que não necessariamente diz respeito aos laços de sangue, e sim a uma relação de compromisso e ética, que *deveria* estar presente nas relações fraternas. Fazemos aqui uma observação acerca do papel fundamental que esse desempenha na articulação ou não da construção psíquica do grupo familiar e na passagem para as gerações seguintes. Como é esse processo em cada família? A questão da busca pelo reconhecimento no irmão, no pequeno outro (denominação que utilizou KEHL, 2000)²¹ como primordial para garantir o sentimento de pertencimento em um contexto mais amplo, do social e da cultura (BENGHOZI, 2010).

4.2. Particularidades acerca do termo vínculo fraterno e sua evolução histórica

Primeiramente, gostaríamos de salientar que apesar da discussão do tema da relação fraterna ter crescido consideravelmente na literatura psicanalítica desde a década de 80, permaneceu tímido até os anos 2000, quando pudemos observar um significativo aumento de estudos (PEREIRA e LOPES, 2013), porém ainda não se configurando como um assunto amplamente investigado. Dessa forma, a adoção da expressão vínculo fraterno é recente e um dos primeiros autores psicanalíticos a desenvolver a especificidade desse vínculo foi Paul- Laurent Assoun na década de 90, segundo Pezo de Pino (2008). A teoria desenvolvida por Freud acerca desse tema foi marcada por diferentes escritos e enfoques: na análise do pequeno Hans (1909), na descrição do mito totêmico (1913) e na formulação do conceito de complexo fraterno (FREUD, 1922), que se relaciona a uma estrutura de funcionamento psíquico, à um conjunto de representações psíquicas e não ao vínculo propriamente dito. Seus seguidores também utilizaram o descritivo complexo fraterno, porém o compreenderam como independente do Complexo de

²⁰ Algum tipo de incondicionalidade imaginária (tradução nossa).

²¹ Kehl nos alerta para a questão do reconhecimento sociocultural de um comportamento marginal, por exemplo, que necessita da aprovação da maioria para se tornar legítimo “a contínua reescritura do pacto civilizatório que só tem vigência e legitimidade enquanto reconhecido pela maioria” (Kehl, 2000. p. 41).

Édipo, diferente de Freud que analisava como uma derivação.

Nesse contexto é relevante esclarecermos algumas questões relacionadas à nomenclatura utilizada e que vínculo fraterno, laço fraterno e relação fraterna podem ter implicações diferentes, dependendo do país ou região de origem onde o teórico se encontra e à semântica da língua nativa e eleita pelo pesquisador para desenvolver seus estudos. Segundo Kaës (2014), os autores de língua espanhola utilizam o vocábulo lazo (do verbo ligar, amarrar) para se referirem ao tipo de relação (por exemplo laço social, laços de amizade, laço fraterno); e a palavra vínculo estaria associada a um compromisso mais forte, à um maior envolvimento nas relações (quando empregam o termo configurações vinculares). O autor propõe e decide usar o verbete vínculo, para evitar controvérsias. Dentro desse contexto, o termo vínculo fraterno (expressão que iremos usar), diz respeito a ser irmão e irmã em uma mesma família, à presença física da figura do irmão, sejam eles consanguíneos, adotivos ou referentes a famílias reconstituídas. Nesse sentido, não define a qualidade da relação fraterna que pode se manifestar de diferentes formas: próxima/distante, conflituosa/amistosa, competitiva/cooperativa, invejosa/admirável. Portanto, o termo “vínculo fraterno” atinge uma outra conotação na língua francesa e se refere ao grupo de irmãos, à uma entidade própria e que remete também à relação parental: “Formado pela composição de dois eixos: o vertical, referente à relação do casal parental com seus filhos, que formam a família, e o horizontal, que se constrói pelas relações com os descendentes...” (Dicionário de Psicanálise de Casal e Família, p.562).

Falar sobre laço ou vínculo fraterno nos remete, inevitavelmente, a apresentarmos alguns trabalhos importantes da obra de Freud e suas contribuições, como já mencionado. Em Análise da fobia em um menino de cinco anos (texto original de 1909)²², conta-nos a história do pequeno Hans que traz a primeira experiência de Freud em atendimento infantil. Na realidade, o analista começa a ter contato com o pai de Hans, e o, tratamento passa ser operado via orientação ao genitor (Freud teve apenas dois contatos com a criança). Não se trata aqui de discutirmos o caso, mas apontarmos apenas os fatos relativos ao nascimento da irmã de Hans. Freud observa a ambivalência afetiva de

²² Obra mencionada com frequência em base de dados nacionais (PEPsic - Periódicos Eletrônicos em Psicologia) e internacionais (PEP- Psychoanalytic Electronic Publishing).

Hans, que passa a sentir uma grande angústia (cólera) dirigida ao pai e a mãe por terem gerado a irmã, manifestados no seu psiquismo de forma inconsciente. Inferimos ter provocado uma situação traumática que fica ainda mais acentuada pelas questões narcísicas presentes no desenvolvimento da criança (a presença do outro) e relatados no texto *A Introdução ao Narcisismo* (texto original de 1914). E podemos considerar a ampliação da compreensão da ferida narcísica, inserida no conceito de contrato narcisista, teorizado por Aulagnier (1979). Segundo Kaës (2011), Freud enfatizou essas duas questões: “a queda narcísica e o impacto traumático que a vinda ao mundo de um irmãozinho ou irmãzinha pode trazer. A criança não é mais o centro do mundo, ela é invadida pela inveja e pelo ódio a este intruso que a expulsa da posição que ela acha que tem no amor dos pais” (KAËS, 2011, p. 25). Freud (1909) acrescenta à discussão a ideia sobre a ocorrência da indagação no relacionamento fraterno, de como surge o irmão na vida familiar, a curiosidade infantil, a necessidade de saber, que é instigada com o aparecimento do semelhante, que permite confrontar a diferença, ponto que discutiremos mais adiante.

Freud também chama a atenção para a questão da proibição do incesto entre irmãos e irmãs e o papel desempenhado pelos vínculos fraternos na formação dos laços sociais em *Totem e Tabu* (texto original de 1913), segundo Kaës (2011). Para Freud (1913), a ligação entre os irmãos permite a passagem da horda primitiva para o mundo civilizatório. O mito freudiano traz a discussão da entrada na cultura (nesse caso dos tabus) e das regras sociais no estabelecimento das relações. Freud (1913) ressalta o ciúme fraterno e a questão do drama edípico destacando a rivalidade como principal sentimento observado na fratria. Nesse sentido, o vínculo fraterno estaria marcado originalmente pela culpa do parricídio (ato de matar seu próprio pai ou pais), pela inveja da onipotência paterna e pela rivalidade. Segundo Freud (1917), esses conteúdos poderiam ser elaborados, mas não completamente. Na *A Interpretação dos Sonhos* (texto original de 1900), o autor pontua a presença da ambivalência de sentimentos (amor e ódio) representada nos sonhos e fantasias em relação à morte do irmão ou da irmã, revelando a importância do espaço interno de cada irmão no confronto com a experiência. Essas ideias propostas por Freud constituem-se como bases (segundo KAËS, 2011) daquilo que ele chama de complexo fraterno, o qual caracteriza-se por ser uma estrutura intrapsíquica inscrita em uma relação triangular (elaborado basicamente como uma derivação do Complexo de Édipo), onde há participação de elementos que se sentem

privilegiados e outros excluídos, caracterizando-se um cenário de rivalidade e competição, como já descrito anteriormente.

Vale destacar que a expressão “irmão imaginário” foi utilizada por Klein (1948) na compreensão e descrição de observações clínicas realizadas, inicialmente em um caso de uma menina que era filha única. Klein sempre se dedicou a explorar o mundo interno das crianças e as fantasias inconscientes presentes nos estágios iniciais de desenvolvimento delas. A autora também contribuiu com o desenvolvimento da ideia de ambição fraterna (manifestação da pulsão de morte e que significaria uma insatisfação pulsional) como uma forma de violência, e como exemplo, podemos citar a morte de Abel por seu irmão Caim²³ (KAËS, 2011). Esse crime marca o primeiro homicídio da existência humana e revela questões fundamentais da rivalidade fraterna como a emergência da ambição (que para Melanie Klein seria anterior à inveja) e que estaria relacionada à preferência dos pais por um dos irmãos, configurando-se em um imaginário coletivo presente na nossa cultura, o lugar privilegiado dos primogênitos.

Mesmo com as contribuições acerca do tema da relação entre irmãos, às dinâmicas psíquicas que seguem ou acompanham seu nascimento e sua morte, esse tema permanece marginal na teoria psicanalítica, daí a importância de nos debruçarmos sobre o assunto. Porém, os trabalhos referentes à problemática do complexo fraterno, teoria desenvolvida por Kaës (1999, 2003, 2005, 2008, 2011) são mais raros - o autor nos desafia com a ideia de que o complexo fraterno organiza o vínculo fraterno. De acordo com Kaës (1999) essa resistência em falar sobre o assunto, deveu-se à três fatores: 1) Axiomático - O caráter fundador e nuclear do Complexo de Édipo ocultou a importância de levar em consideração traços específicos do vínculo fraterno que levariam a uma teorização de uma estrutura particular. A universalidade da relação triangular poderia ser deslocada do pai para o irmão ou da mãe para a irmã? 2) Epistemológico – O pressuposto não seria pensar somente na questão da dinâmica intrapsíquica e sim na forma como os vínculos intersubjetivos se

²³ A nossa cultura está repleta de histórias bíblicas, contos, livros, filmes, outras expressões artísticas como pintura e mais recentemente de séries sobre irmãos que se odeiam e se invejam, mas que também cooperam um com o outro. Podemos citar o drama familiar no livro “Os irmãos Karamázov” de Dostoiévski (1971); o relacionamento próximo e o estímulo do irmão mais novo, Theo, ao pintor Vincent Van Gogh para com a sua obra (desde 1880) e a relação conturbada entre a rainha Elizabeth e a princesa Margareth no seriado The Crown (que teve início em 2016).

constituem; 3) Institucional - Como repensar o movimento psicanalítico e a transmissão de sua teoria? Segundo o autor, a ênfase colocada na figura do pai ocultou a dimensão fraterna.

Kaës (2011) explica que o complexo fraterno teria uma função estruturante e, propõe, que seja entendido dentro de três níveis. A exposição desses três espaços já foi mencionada no item 1.3 (ps. 9 e 10) e no item 2.1 (p. 14): a) o intrapsíquico, composto por “demandas narcísicas e edípicas” (KAËS, 2011) e, como exemplo, a disputa pela mãe; b) a especificidade da questão da intersubjetividade e a ambivalência afetiva, as relações de amor e ódio presentes entre os irmãos, a concorrência e a simpatia ao mesmo tempo e c) o efeito que essa organização psíquica provoca nos grupos sociais.

De acordo com Pezo del Pino (2008) o complexo fraterno, conceito largamente estudado por René Kaës e outros autores, diz respeito a uma conflituosidade (complexo) que traz a marca da ambivalência, o amor e o ódio fraternos e configura-se em uma estrutura autônoma que independe da presença real da figura dos irmãos. Todavia, o vínculo fraterno caracteriza-se pela ligação existente entre os membros da fratria, que compartilham consanguineamente ou não o mesmo pai ou a mesma mãe ou ambos e que são unidos pelos laços de filiação e afiliação²⁴ verticalmente e horizontalmente.

Lacan (1978) propõe uma outra nomenclatura, complexo do intruso, para compreender o complexo fraterno, que repousa no princípio de que o destino do irmão é tornar-se um rival. Segundo Kaës (2011), Lacan e Laplanche resgatam a questão da estrutura triangular do complexo fraterno, porém o diferenciam do complexo de Édipo e lhe dão um caráter específico, que possui “uma consistência e dinâmica próprias” (KAËS, 2011, p. 32). Conforme La Planche e Pontalis (1986), a palavra complexo define-se como

“um conjunto organizado de representações e recordações de forte valor afetivo, parcialmente ou totalmente inconscientes. Um complexo constitui-se a partir das relações interpessoais da história infantil; pode estruturar todos os níveis psicológicos: emoções, atitudes, comportamentos adaptados” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1986, p. 107).

²⁴ Conceitos desenvolvidos por Pierre Benghozi (2010) e que já explicamos com detalhes.

Kancyper (2004) também reconhece a importância de destacar o trabalho estrutural do complexo fraterno na sua experiência clínica com crianças e adolescentes e a especificidade desse processo. Ele não é simpatizante do termo vínculo fraterno pois acredita que a palavra complexo abrange de uma forma mais completa, integrada e organizada, o conjunto de conteúdos que envolve a dinâmica fraterna, que estaria também articulada a uma dinâmica narcísica e edípica das realidades intrassubjetiva, intersubjetiva e transubjetiva. De acordo com o autor, o complexo fraterno representa “a revelação, a elaboração e a eventual superação das ambivalências edípicas e dos paradoxos narcisistas” (KANCYPER, 2004, p.165), pois propicia a circulação das identificações, um reordenamento dos papéis em lugares anteriormente ocupados. Dentro dessa mesma perspectiva, Kehl (2000)²⁵ nos lembra, ao responder à questão sobre a existência ou não da função fraterna, que somente conseguimos refazer o percurso da horda primitiva à coletividade (analisa também as contribuições de FREUD em Totem e Tabu, 1913), com a participação do semelhante (que nos fornece um certo amparo), reforçando a relevância e a potência do compartilhamento de experiências do grupo de pares ocorridos na relação fraterna, e o destino do pacto civilizatório (transformação versus cristalização) operado na fratria: “ (...) o pequeno outro com que cada sujeito forçosamente se depara, tendo ou não irmãos de sangue.” (KEHL, 2000, p.36). Dessa forma, o grupo de irmãos permite uma circulação de identificações (KANCYPER, 2004) e da palavra, dos saberes. (KEHL, 2000).

Porém, a maioria dos teóricos, optou por abandonar o termo complexo fraterno e se debruçarem sobre a questão do vínculo fraterno que teria, de qualquer forma, uma complementação no espaço da constituição subjetiva, já que falar sobre irmão é discorrer sobre um concorrente na mesma linha geracional, e, portanto, no plano da horizontalidade, e não mais da verticalidade, de pais para filhos. A fratria, nesse contexto, não exclui a relação parental, porém inaugura um espaço único, dentro das famílias. Segundo Kaës (2011): “O ponto de vista próprio da psicanálise é considerar que os laços que se tecem entre irmãos e irmãs determinam entre eles uma realidade psíquica própria” (ps. 45 e 46).

Apesar da peculiaridade dessa nova proposta de configuração psíquica (KAËS, 2011),

²⁵ Kehl, M. R. organizadora- **Função fraterna** - Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

outros autores como Eiguer (1998), Benghozi e Féres- Carneiro (2001) nos alertam que o vínculo fraterno é inseparável do vínculo parento-filial. Segundo KAËS (2011), a relevância do complexo de Édipo não “desqualifica” a singularidade do complexo fraterno e que a “hesitação” de Freud é fundamentada e coerente com a construção do arsenal teórico da descoberta da psicanálise. Kaës (2011, p. 14) acrescenta:

“O **complexo fraterno** inscreve-se necessariamente na estrutura do desejo do casal parental, na parte mais secreta do complexo edipiano, mas também no complexo fraterno dos pais. **O complexo fraterno cruza sem cessar o caminho do complexo de Édipo** (grifo nosso). Na tragédia de Sófocles, o complexo fraterno aparece depois que Édipo se perdeu e se feriu no drama do homicídio do pai e do incesto materno. As figuras de Antígona e de seus irmãos, filhos e irmãos de Édipo, ligam indissociavelmente os dois complexos.”

Kehl (2000) também enfatiza a importância de pensarmos sobre a interdependência das identificações horizontais (irmãos) e a identificação vertical fundadora (pais ou substituto) e o exercício da possibilidade de separação das figuras de autoridade. Chama a atenção para o paradoxo e relevância dessa organização contida no grupo de irmãos com a expressão “da semelhança na diferença” (KEHL, 2000, p.44). Discute a função do semelhante como libertadora da palavra da autoridade paterna, da verdade absoluta, e a possibilidade de transmitir saberes (de fazer emergir o pensamento, já estudado também por FREUD, 1909 e KAES, 1993), de transgredir, de contestar, exemplificadas pela autora no grupo de adolescentes, fase já destacada e objeto de estudo de alguns autores que iremos citar (KANCYPER, 2004, BENGHOZI, 2010). Kehl (2000) reforça a liberdade que o grupo de irmãos propicia na movimentação de ir e vir, o desejo de experimentar, agora desprendido da ameaça da proibição, característica das relações verticais. Ressalta o poder que a cumplicidade assume entre os irmãos, a criação de uma linguagem própria e de códigos que irão contrapor uma ordem estabelecida, os irmãos se unem e se articulam, “a cumplicidade entre os irmãos permite em alguns casos *enganar o pai*” (KEHL, 2000, p.41, itálico da autora). O grupo de irmãos apresenta, nesse sentido, um significativo potencial de organização e enfrentamento próprios, da constituição de aliados no confronto com o casal parental.

Assim como a adolescência, Kehl (2000), assinala que a fratria pode ser também uma fase marcada pela passagem (a questão da durabilidade do vínculo fraterno), ou seja, fratrias podem se formar e se desfazer ao longo da vida. Segundo Godsmid e Féres-Carneiro (2011), a relação fraterna é formada e fortalecida durante a infância, apresenta o ápice dos conflitos e das transformações na adolescência e geralmente se reequilibra na idade adulta. Compreendemos, dessa forma, que a adolescência é o período que possibilita o reconhecimento dos traços identificatórios gerados pelo grupo de irmãos originalmente na fase infantil (grupo de iguais, relação horizontal), reativando os processos psíquicos e movimentando as identificações. A fratria, nesse sentido, possui um papel de permitir a troca de experiências, de correr riscos juntamente com os irmãos, de explorar o mundo, operando como um laboratório para o estabelecimento das relações sociais fraternas ou de amizade futuras, de acordo com vários autores. Conforme Kehl (2000) a adolescência é o período “por excelência das grandes formações fraternais” (p.41).

Segundo Benghozi (2010), o grupo de irmãos, será o herdeiro da transmissão psíquica familiar; a fratria, assim, tem uma função organizadora simbólica, já que através dela assegura-se a transmissão da história familiar: “Cada irmão e irmã é portador nos níveis intra, inter e transpsíquico” (p.22). Cada representante do grupo irá trazer a sua história singular, as marcas do relacionamento com o seu semelhante e os efeitos da confrontação com a geração anterior (pais ou substituto), em constante relação com o mundo exterior. O irmão ou irmã poderá assumir, por conseguinte, uma função de mediador entre o grupo familiar e o grupo social, cultural e político. “Os irmãos constituem um subgrupo primário dentro do grupo familiar e, desta forma, têm a oportunidade de aprender a funcionar como membro de grupos sociais, incluindo o aprendizado do manejo de questões relacionadas à liderança, à igualdade, ao respeito mútuo e às diferenças.” (MAGALHÃES, MONTEIRO e DANTAS, p.102, 2019).

Benghozi (2010) reforça que

“a fratria é o grupo herdeiro da transmissão psíquica por *difração* das lealdades genealógicas (...) Pactos, alianças e colisão dão as medidas do interesse do fraternal (...) as lealdades genealógicas referem-se ao ideal do ego familiar, veiculam o mito familiar e asseguram o narcisismo grupal familiar.” (BENGHOZI, 2010, p.22).

O autor faz uma metáfora com o termo proveniente da Física (difração) que é um fenômeno que acontece quando uma onda encontra um obstáculo, permitindo que ela contorne esses obstáculos e se espalhe ao passar por uma abertura. Com isso quer dizer que cada membro da fratria, nessa analogia, cada irmão ou irmã, assim como os específicos comprimentos de onda, carregam a singularidade da herança psíquica e o grupo, porta o todo (quando a onda se espalha), a pluralidade do patrimônio familiar.

Devemos também esclarecer que dentro do contexto atual, experienciamos diferentes possibilidades de sermos irmãos e, a literatura não apresenta nomeações oficiais para essas circunstâncias. Nessa perspectiva, os “irmãos” são aqueles que têm o mesmo sangue e são nascidos dos mesmos pais. A nomenclatura meio-irmão poderá ser usada para designar um irmão que se origina do lado paterno ou do lado materno (unilateral, irmão por parte de pai ou por parte de mãe); a expressão coirmãos, para classificar irmãos que tiveram a união do pai biológico de um com a mãe biológica de outro, são irmãos do recasamento e que passaram a conviver juntos, mas que não possuem laços de sangue; irmãos adotivos que foram incluídos na família de um modo legal e irmãos por afinidade, que apresentam laços afetivos mas que não são ligados por vínculos formais ou consanguinidade (OLIVEIRA, 2005).

Dessa forma, temos a desafiadora função, de compreender a fratria e o vínculo fraterno dentro de um contexto repleto de mudanças significativas oriundas do mundo contemporâneo. Como já relatado anteriormente, as mudanças no panorama social, político, econômico e cultural provocaram alterações significativas nas formas como as famílias se constituem, e uma pluralidade observada em diferentes configurações e arranjos familiares, seguidas de uma infinidade de nomes: recompostas, família mosaico, família arco-íris²⁶, famílias simultâneas²⁷, pluriparentais²⁸, anaparentais, homoafetivas, casais sem filhos, famílias criadas pela ciência, temporárias, entre outras. Essa nova característica da contemporaneidade, impacta diretamente na construção da

²⁶ Nomes diferentes para a mesma configuração: famílias reconstituídas pelo recasamento.

²⁷ Famílias simultâneas ou paralelas são aquelas constituídas por dois núcleos familiares, sendo que um de seus membros é comum a ambos.

²⁸ São formadas de maneiras diversas, pela pluralidade das relações parentais: divórcio, separação, recasamento, famílias não-matrimoniais, desuniões.

subjetividade e na compreensão da formação de vínculos no espaço da intersubjetividade (KAËS, 1993) e, conseqüentemente, no grupo de irmãos. Podemos elencar algumas questões que acompanham a evolução nas formas de constituir o grupo familiar: redução do número de nascimentos, uniões sem casamento, aumento na quantidade de divórcios, crescimento de casamentos homoafetivos (entre pessoas do mesmo sexo), foco na vida pessoal e profissional em detrimento a questões domésticas. Essa forma diferente de pensar acarreta uma diversidade de entrelaçamentos e novas possibilidades de existir.

4.3. Alguns aspectos sobre o nascimento de um irmão: conceituação

A fratria é fundada com a chegada do segundo filho. Kaës (1993) nos lembra que a chegada de um irmão ou de uma irmã traz inúmeros questionamentos para a criança, e o inaugural e primordial, segundo o autor, seria a manutenção ou não do amor de sua mãe. A vinda de um irmão desloca o primogênito do lugar único e privilegiado que este, até então, possuía na relação com os pais. O nascimento do irmão traz à tona a questão da falta, da alteridade, da presença do outro, do diferente, da incerteza; e essa angústia suscitada pelo novo membro, o "intruso" o faz desejar e reconquistar um lugar frente à mãe, um lugar de herói. Segundo o autor, trata-se de um pensamento de Freud descrito em *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (texto original de 1920). Kehl (2000) também ressalta esse ponto - a necessidade de demonstrar um ótimo desempenho em determinada tarefa, de se sobressair ao novo irmão, de ser bem-sucedido, de ser digno de confiança. Kancyper (2013) analisa uma questão parecida e denomina de "exigência heroica" (KANCYPER, p.163, 2013), que seria uma necessidade de cumprir inúmeras tarefas frente, por exemplo, à ocorrência da enfermidade de um irmão, de uma forma competente e extremamente generosa, mas que encobriria a renúncia a seus impulsos agressivos, revelando a ambivalência da relação; essa compulsão atenderia e curaria a ferida narcísica dos pais e se configuraria em um pacto com o casal parental. O autor acrescenta que essa contenção da agressividade em relação ao irmão e à vulnerabilidade dos pais em decorrência dos problemas com o outro filho podem propiciar o sentimento de

ressentimento, que ficaria guardado em segredo.

O sofrimento e a angústia provocados pelo fato de não ser mais o único leva a criança a pensar sobre sua origem e enigmas relacionados às preocupações sobre um princípio e um fim, sobre a distância entre gerações, sobre o desejo de seus pais e de agora pertencer a um novo grupo, um grupo de semelhantes. "Desse modo, a criança se confronta a vivenciar a ferida narcísica dos limites, e a encontrar uma solução através do pensamento" (KAËS, 1993, p.76 - tradução nossa). Podemos inferir que o estrangulamento desse novo encontro (mãe, irmão mais velho e irmão mais novo) propicia uma ponte para a curiosidade, para tentar explicar o desconhecido que se instaura, e que, ao mesmo tempo, é tão familiar, pois compartilham de um mesmo espaço (porém a mãe carrega um estranho no colo, que desperta ciúmes e tensão). Esse despertar forçado (a chegada de um irmão e o caráter obrigatório de viverem juntos por se encontrarem na mesma família e não por escolha individual), quando devidamente administrado pela mãe ou pelos pais (pais suficientemente bons), pode ser a origem ou estímulo de uma gama de possibilidades a conquistar, como por exemplo um significativo trabalho de pensamento. Segundo Bion (1994), a capacidade de pensar estaria ligada à uma possível solução para lidar com situações de frustração e seria algo aprendido nas relações intersubjetivas, e dependeria de constantes dinâmicas de introjeção e projeção das representações mentais em relação à realidade externa ao sujeito. Isso posto, nos parece que a fratria favorece o desenvolvimento da atividade de pensar, pois possibilita o compartilhamento de espaços psíquicos devido à proximidade na convivência com os irmãos e provoca a disputa entre eles. Essa questão já foi aqui descrita por Kehl (2000) focalizando um outro aspecto: sobre a necessidade de uma articulação mais elaborada da linguagem na tentativa de lidar com os conflitos emergentes.

Kaës (2011) teoriza que não devemos partir da ideia de o grupo de irmãos apresentar-se como homogêneo ou paritário, e observa que os pais também mudam no nascimento de cada descendente do núcleo familiar. Nesse sentido os pais, desde o nascimento do filho mais velho até o nascimento do filho mais novo, não são os mesmos pais, e as mães não são as mesmas mães. Ocorrem mudanças nesses acontecimentos e a dinâmica estabelecida entre os irmãos dependerá de vários fatores como por exemplo o tamanho desse grupo, se é numeroso ou não, diferenças de idade

e gênero, a existência de privilégios para as diferentes posições na fratria (primogênito, irmão do meio, caçula), características de personalidade, intervenções parentais, os conflitos já presentes; enfim, a nova realidade psíquica que vai se delineando e intervém para facilitar ou dificultar a relação fraterna.

Assoun (2000) nos aponta que o nascimento de um irmão, assim como Kaës (1993) observou, configura-se em um novo acontecimento que desestabiliza a comodidade doméstica, e que, dessa forma, cria um efeito benéfico de incitar um espírito de investigação, do saber e de uma abertura para o mundo real. O filho maior então compreende que há algo que ignora e que, portanto, o leva a querer saber. Kaës (1993) acrescenta que é nesse novo espaço intersubjetivo, que se dá o desenvolvimento do processo de pensamento, onde o ponto central é a questão do compartilhamento com o outro, do encontro, da troca de experiências e momentos vividos juntos no grupo de iguais e as novas construções/desconstruções que essa convivência impõe, que possibilitaria a emergência de algo novo, e o desenvolvimento do pensamento. Ainda segundo Kaës (1993), há que se renunciar a ser objeto privilegiado da mãe, o que pressupõe a vivência da queda narcísica, requisito fundamental para esse trabalho. Segundo Pezo del Pino (2013)²⁹, é necessário abandonar o estado narcisista para se relacionar com o outro “só na presença sustentadora do outro (âncora falante) que é possível pensar, se incluir como sujeito de uma cadeia geracional e se vincular a outro(s)” (p. 283).

Kaës (1993) utiliza a expressão outro/semelhante para explicar o paradoxo de ter um "irmão", que, significa, ao mesmo tempo, ameaça e fonte de prazer, sentimentos de amor e ódio, o familiar e o diferente, desejo de agredir e ao mesmo tempo compartilhar, a ambivalência dos sentimentos já observada por Freud no estudo dos sonhos (texto original de 1900). Essas questões trazem a possibilidade de pensar o inter para além do intra. É muito interessante o termo que o autor utiliza, “solidão paradóxica” (KAËS, 1993), para explicar como não poder pensar sozinho e não poder mais pensar separadamente, separado do conjunto, do grupo a que agora pertence e do qual faz parte (pensar com).

²⁹ No artigo: **O Vínculo Fraternal como constitutivo do Pensar: a cadeia associativa.**

Eiguer (1998) nos lembra sobre a característica simétrica ou dissimétrica (devido à diferença sexual) do vínculo fraterno e que essa simetria de estar localizado na mesma geração, de ser próximo, facilita as relações e propicia maior liberdade entre seus membros; o que é diferente do vínculo paterno-filial, pois o vínculo não se define pela dominação e hierarquia. Assim como Kehl (2000), Kancyper (2004), Benghozi (2010) e Kaës (2011) apontam a questão da incidência na horizontalidade das relações (de irmão para irmão) e na verticalidade do relacionamento de pais para filhos. A fratria, nesse sentido, organiza-se como um subgrupo específico, que pode ser oposto ao grupo familiar, com um grande potencial de organização e uma realidade psíquica particular. Assoun (2000) questiona: como classificar o poder pertencente à fratria?

De acordo com Féres-Carneiro e Goldsmid (2007) há vários estudos que se dedicam a investigar os sentimentos de rivalidade e competição entre os irmãos. Porém a literatura é limitada quando falamos de cumplicidade, solidariedade, união e boa convivência, tarefa também almejada e que nos propomos a colaborar e propiciar nessa pesquisa.

Segundo alguns autores já aqui citados, como Kaës (1993), Eiguer (1998), Féres-Carneiro (2001), é possível o irmão também ter a função de defensor, daquele que vai funcionar como âncora de novas formas de se relacionar perante o grupo familiar, constituindo-se a fratria um verdadeiro sindicato de reivindicação de direitos, do restabelecimento da justiça frente à percepção de se reconhecerem como iguais e pertencentes ao mesmo grupo.

De acordo com Birman (2000), e baseado nas hipóteses de Freud em Totem e Tabu (1913), a formação do laço fraterno quebra a relação com a onipotência, com o domínio (de não ser mais o único) e traz à tona uma precariedade psíquica, uma condição de fragilidade, despertada pelo relacionamento com o irmão, onde o sujeito se vê e é visto pelo olhar do outro que é semelhante. A necessidade de compartilhar é suscitada por esse estado de desamparo, que remete à uma noção consciente ou inconsciente de dependência, de que algo lhe falta e, nesse sentido, conduz à um desejo de cuidar do outro, de fraternidade. Analisa que essas qualidades estariam relacionadas à feminilidade, que despontaria como algo diferente no mundo contemporâneo, tão fadado à “mesmice” (p.206) e à afirmação de um estado de autossuficiência (aspecto também apontado por LARSCH, 2020). O autor adverte que essa “rede de laços inter-humanos” (p.186), ou seja, os laços

fraternos, assim como Kehl (2000), Benghozi e Feres-Carneiro (2001), podem permanecer, e ter uma duração prolongada, ou desaparecerem e estariam sujeitos ao desejo dos integrantes. “Isso porque a qualquer momento alguém ou um grupo de pessoas pode se acreditar superior aos demais, pretendendo sair dessa rede e ocupar uma posição de absoluta soberania” (BIRMAN, 2000, p.186).

Outro aspecto a ser destacado é a possibilidade de reconciliação entre irmãos como transformação no processo de crescimento, aspecto estudado por Assoun (2000). O autor observa que o vínculo fraterno tem uma relação com o tempo bastante significativa e carrega uma grande possibilidade de transformação “se há uma situação em que o tempo tem a ver com esse assunto, sem dúvida, é o laço que une os membros de uma fratria” (tradução nossa- p.89). Ele sustenta que a reconciliação dos irmãos pode ser uma resposta à reconciliação com o pai. No caso da reconciliação com o pai, o assassinato simbólico é posterior e na reconciliação com os membros da fratria, é uma forma de evitar o assassinato e o ódio decorrentes. O autor nos convida a pensar no desenlace do Complexo de Édipo e nos novos lugares e papéis que podem ser assumidos pelos irmãos e irmãs, trazendo um caráter lúdico para o tema. Ele observa que os irmãos ou irmãs que antes ocupavam o lugar de rival, podem ocupar agora a função de companheiro, “Algo do efeito edípico toca o personagem fraterno e lhe confere, com uma varinha mágica, um novo brilho, assim como um papel renovado” (ASSOUN, 2000, p. 92, tradução nossa). O teórico salienta que o irmão será amado por um “amor inconsciente” (p.92). Ressalta que a presença física do irmão, de estar lá disponível, em detrimento das figuras parentais, que estão ocupadas com outras funções, cria essa possibilidade de assistência ao irmão e de transformação das manifestações de agressividade.

Em um outro momento, Kaës (2011) ao analisar o grupo fraterno e o casal parental, nos adverte sobre as diversas possibilidades que as soluções derivadas da rivalidade na fratria podem alcançar, e a relevância de considerarmos essas variáveis relacionadas às figuras dos pais. Faz alusão a pesquisas realizadas na área de antropologia psicanalítica cultural sobre a relação da mãe e o grupo de irmãos. Cita um estudo de Anna Freud e Sophie Dann de 1951 realizado em um orfanato, onde as crianças observadas pertencentes ao grupo de irmãos e irmãs mostram que “a ausência da mãe suprime a rivalidade fraterna e as relações entre as crianças são marcadas pela benevolência e a amizade” (p.188). Uma apresentação desse estudo foi publicada em 2010 em uma

revista britânica³⁰. Anna Freud e Sophie Dann descrevem seis crianças alemãs, judias e órfãs (eram irmãos) que foram separadas de seus pais durante a segunda grande guerra na idade de seis meses a um ano. Foram enviadas à um campo de concentração temporariamente, onde não havia brinquedos e possuíam pouco espaço para brincar; basicamente conviviam entre si e com os adultos internos. Aproximadamente três anos mais tarde, foram resgatadas pelos russos (na primavera de 1945) e levadas para a Inglaterra onde permaneceram com mais de 300 crianças em uma instituição para crianças órfãs. Seguiu-se um período de reabilitação e notou-se muita dificuldade de relacionamento com os cuidadores, agressividade dos pequenos e reivindicações e conflitos nas atividades diárias como alimentação, passeios. Eles insistiam em ficar juntos e não serem tratados de forma diferente, individualmente. Surpreendentemente, puderam se recuperar das privações sofridas. A partir desses dados, levantam alguns pontos de reflexão, dos quais citaremos alguns: crianças que não estabelecem vínculos de confiança com os adultos podem construir relacionamentos consistentes com os pares; crianças muito jovens podem desenvolver um aguçado senso de justiça; crianças esperam que os adultos respeitem as regras de seu grupo se os adultos forem participar dele. Esses aspectos já foram colocados anteriormente e reforçam o poder de reorganização do grupo fraterno, de se defenderem e encontrarem novas formas de se relacionar e sobreviver.

Retomando a verticalidade implicada na compreensão da relação fraterna, Kancyper (2004), como já mencionado, nos alerta que há uma quebra no sistema narcisista parental com o nascimento de um filho, que privilegia determinado descendente e carrega grandes expectativas já imaginadas e lugares estabelecidos: quem receberá o privilégio nessa nova realidade? Qual será o destino? Ele também observa que o *complexo fraterno* dos pais (denominação usada por KANCYPER, 2004) é reativado pelo complexo fraterno manifesto e latente dos filhos. As histórias não processadas e não resolvidas dos participantes da família encontram um terreno de manifestação diante do novo acontecimento, e se entrelaçam e se sobrepõem. O teórico aponta que as relações fraternas estão condicionadas aos pactos secretos que cada filho estabelece com uma ou com as duas figuras parentais (mencionado aqui com o exemplo do irmão enfermo).

³⁰ The Therapeutic Care Journal

Descreve a possibilidade de existência de fantasias na fratria, chamadas por Kancyper (1999) de *vasos comunicantes*, que estariam associadas à um processo simbiótico e que representariam partes indiscriminadas da personalidade. Kancyper (1999) parte da influência de Bion (1994) e a sua postulação sobre o *gêmeo imaginário*, que seria uma defesa utilizada no confronto com o outro para negar uma realidade diferente de si mesmo, daquilo que é inquietante e que, portanto, é fonte de ansiedade. Kancyper (2004) reflete sobre o paradoxo de ser duplo, daquele que é semelhante, mas também não é igual, nem diferente e a dificuldade na aceitação da diferenciação no grupo de irmãos.

“A aplicação desse funcionamento à fantasia fisiológica da consanguinidade configura a representação dos irmãos como se fossem tubos comunicantes, relacionados entre si por laços de sangue, e unidos ao tubo de comunicação parental, que opera como uma fonte inesgotável que nutre e, ao mesmo tempo, distribui a todos os integrantes do sistema de modo unitário, para que finalmente tudo se mantenha em um perfeito equilíbrio”.

(KANCYPER, p.68, 1999).

Essas fantasias atuam no sentido de nivelar e homogeneizar os relacionamentos e se contrapõem às diferenças, à alteridade. Discute o sentimento de culpa proveniente desse tipo de sistema “e que não se reduzem somente à culpa edípica, mas que também se enlaçam a ela - a culpa fraterna e narcisista” (KANCYPER, p.163, 2013). Nesse contexto, apesar de compreender uma dinâmica própria do complexo fraterno, reconhece as dinâmicas narcísica e edípica como elementos bastante relevantes que compõem a estrutura psíquica, configurando-se esses três conjuntos como interdependentes e fontes principais de seus estudos. O psicanalista parece reforçar a predominância de sentimentos negativos como o remorso e o ressentimento na relação entre irmãos e se dedica ao aprofundamento dessas questões.

Em relação ao fato da aceitação da diferenciação, e retomando Bion (1994), Berenstein e Puget nos lembram sobre a estrutura dos gêmeos, que é a expressão de um investimento narcísico que consiste na impossibilidade de aceitar as diferenças e de reconhecer as semelhanças. É, então, o fracasso da função discriminativa do Eu que se sente atacada pela possibilidade de emergência da ansiedade face ao reconhecimento da diferenciação.

Consideramos relevante ampliar a discussão apresentando as ideias de Kancyper (2013) sobre a diferenciação das relações fraternas e as relações de amizade. Ele também nos alerta sobre os escassos estudos acerca desse tema no cenário psicanalítico. Lejarraga (2010) concorda com essa posição e observa que a falta de atenção de Freud para esse tópico sobre amizade, pode ser atribuída à “ideologia familialista que imperava no seu contexto cultural”. (LEJARRAGA, 2010, p.86). Kancyper (2013) compreende que no relacionamento de amigos, há uma resignificação da pulsão de dominação, todavia há um desapego ao jogo de poder, já que não existe a ideia de ocupar o lugar do filho preferido ou de herdeiro privilegiado. Utiliza a expressão “irmandade escolhida” (KANCYPER, p.167, 2013), para definir o seu ponto de vista acerca do assunto. Diferente do que descreveu na fratria sobre a fantasia dos *vasos comunicantes*, na construção da amizade há o respeito pela diferença, pela alteridade do outro e o desejo inconsciente de nivelar o outro fica desativado

Retomando aos irmãos, podemos considerar que o compartilhamento dos jogos infantis entre o grupo de semelhantes, a capacidade de brincar, a espontaneidade, a convivência experienciada e a troca de novas descobertas entre eles, fortalecem o vínculo e leva os irmãos a ficarem mais próximos, favorecendo a cumplicidade, a amizade, o amor, a solidariedade, a fraternidade, já apontado por vários autores. Winnicott (1975) desenvolveu sua teoria sobre a importância do brincar, da cultura e da diversão nas nossas vidas e nos alertou sobre a capacidade de brincar estar intrinsecamente associada à capacidade de fazer amigos (formula uma concepção positiva da amizade). O autor discute que seria no espaço do brincar, que ele chama de potencial, que se inauguraria a área intermediária, a passagem entre a pura subjetividade para a objetividade e de poder usar um objeto: “A capacidade de usar objetos permite o reconhecimento do objeto ou do outro como diferente, possibilitando a alegria da descoberta do outro” (LEJARRAGA, 2010, p.93). No exercício da intimidade da amizade e do partilhar brincadeiras com o outro surge o confronto com as diferenças, mas, ao mesmo tempo, a possibilidade de integrar as frustrações e a raiva com a consideração e o cuidado com o outro, do desenvolvimento do sentimento de responsabilidade, estabelecendo-se “um círculo benigno de destruir e reparar, de machucar e curar” (LEJARRAGA, 2010, p.96). Como já relatamos, a adolescência desponta como um período marcado pela busca de pares, que vai influenciar os relacionamentos fraternos futuros no sentido

mais amplo e a busca dos parceiros amorosos, fatores fundamentais na constituição do nosso psiquismo.

De acordo com Magalhães, Monteiro e Dantas (2019), o tipo de configuração familiar (estudo desenvolvido pelas autoras como parte mais ampla de uma pesquisa sobre fratria), a saber, monoparental, casada e recasada, assim como a construção e os desdobramentos da relação conjugal interferem no funcionamento da fratria e nas trocas entre os membros da família, todavia, não são determinantes. Como exemplo, em uma das famílias (casada) houve episódios de infidelidade conjugal, que provocou mudanças no relacionamento dos pais com as filhas e afastamento da irmã. Mesmo diante das dificuldades, foi possível resgatar a solidariedade entre as irmãs, através de atendimentos intercalados com o casal e a família. Contudo, concluem, que é necessária a intervenção dos pais no sentido de administrar os problemas suscitados e possibilitar a criação de espaços psíquicos que propiciem a reflexão, o diálogo, a compreensão. A manifestação da rivalidade e solidariedade entre os irmãos depende da intervenção parental, “do manejo parental dos conflitos” (MAGALHÃES, MONTEIRO E DANTAS, p.101, 2019).

As autoras acima citadas observam que a presença da solidariedade pode ocorrer mesmo sob situações de tensão e que o grupo de irmãos é o elemento central da formação de intersubjetividade e, nesse sentido, tem um papel fundamental no estabelecimento da fraternidade (que teria como ponto de partida a fratria) e, seria, de acordo com elas, “valiosa para lidar com a condição de desamparo humano, tornando-se base para a solidariedade e para a amizade, eixos constituintes dos laços sociais” (MAGALHÃES, MONTEIRO E DANTAS, p.103, 2019).

Assim, a intervenção e o gerenciamento das situações conflituosas pelos pais frente ao grupo de irmãos poderão refletir em uma intensificação dos conflitos fraternos e a possibilidade de aparecimento de algumas patologias ou em uma elaboração e transformação dos conflitos em sentimentos de cumplicidade e amor. Dentro desse panorama, acreditamos que o estímulo às condições favoráveis de afastamento das figuras parentais (fornecer espaço para as movimentações psíquicas próprias das relações horizontais, permitindo liberdade) e a proximidade dos mesmos (experienciar junto, compartilhar momentos, o relacionamento parento-filial de amor e acolhimento), efetuado pelos pais ou substitutos, que poderíamos chamar de “pais suficientemente

presentes”, podem produzir muitos benefícios para a fratria. Por exemplo, a manifestação da capacidade de pensar (observado por vários autores), o desenvolvimento da criatividade (comentado por KEHL, 2000), além da construção de sentimentos que edificariam a inserção no social como a solidariedade, a responsabilidade e o comprometimento, já que trata-se de um grupo que desenha o perfil identificatório do sujeito. Concluímos que a qualidade da relação afetiva estabelecida entre a prole e os pais ou responsáveis e a intensidade desse afeto irão influenciar e interferir diretamente na construção das relações fraternas, na distribuição de papéis e funções. E assim sucessivamente, a qualidade do vínculo fraterno estabelecido no âmbito intrafamiliar irá afetar os outros grupos a que irão se associar.

Kancyper (1999) nos chama a atenção para os efeitos nocivos da presença excessiva das figuras parentais “os pais excessivamente disponíveis que tentam encobrir toda sensação de falta” (p.20). Explica o estudioso que os pais provocam um sufocamento dos sentimentos ambivalentes de seus descendentes, através de um “fornecimento asfixiante de Eros” (p.20) e invadem o território do filho, que necessita encontrar seu próprio lugar (geográfico e psíquico). Compreendemos que para existir harmonicamente como grupo há a necessidade da criação de um espaço próprio de comunicação entre seus membros, ou algo que caracterize a liberdade de seus integrantes.

Para finalizar, façamos referência novamente à Puget (2014) que analisa, ao se referir à função parento-filial³¹, que para se efetivarem as trocas entre um casal e uma família deve haver uma sustentação baseada no amor, mas não qualquer amor lembra a autora, mas aquele que é produtor de diferenças, mencionando a análise de Badiou (2009) na qual o sentimento é invenção contínua e que, nessa perspectiva, é capaz de proporcionar o fortalecimento do vínculo.

Consideramos, portanto, que a fratria ocupa um espaço relevante e fundamental de compartilhamento de experiências e acontecimentos familiares, tanto com o grupo de iguais (irmãos), revelando-se uma relação conturbada e afetuosa simultaneamente, como com os pais ou aqueles que exercem a função parental, podendo operar de uma maneira complexa ou facilitadora.

³¹ Puget (2014) nessa ocasião questiona a hegemonia da Psicanálise e a posição privilegiada dos mecanismos de identificações; nos convida a refletir se o lugar destinado ao filho e à posição parental não poderia advir de uma outra forma: uma combinação aleatória que se opera no momento presente e que não possui uma história precedente.

Dentro desse raciocínio, podemos supor que em cada irmão permanecerá uma memória desses eventos ocorridos no espaço familiar, uma memória marcada por uma variedade e complexidade de sentimentos, emoções e sensações, de um relacionamento tão peculiar.

Examinando o exposto anteriormente, é possível observar um duplo trabalho de investigação, analisar as variabilidades e peculiaridades do vínculo fraterno e ao mesmo tempo, por meio da compreensão dos fenômenos presentes nos dados coletados, transportar-se na trajetória das gerações, e dessa forma ativar a comunicação inconsciente de cada relato, de cada história, de cada processo. Histórias a serem talvez descobertas, ressignificadas, reinventadas, costuradas, reconstruídas e integradas. Nesse sentido, a proposta de investigar as memórias despertadas pelas perguntas em relação ao vínculo fraterno e às histórias geracionais configuram-se de extrema importância para a compreensão da transmissão psíquica, para tecer e construir as narrativas, uma possibilidade de conexão, da compreensão de um conjunto e não somente de um indivíduo, da dinâmica das relações ao longo das gerações, da busca de um sentido, um lugar para retornar.

5. ATUALIZAÇÃO TEÓRICA

Há sempre uma indagação que nos acompanha no processo de revisão bibliográfica: os autores e obras contidos aqui foram suficientes para fundamentarmos e embasarmos nossas hipóteses de uma maneira consistente e eficiente? Ao mesmo tempo que precisamos nos lançar em um espaço comunitário que abarque nossas ideias, também devemos estreitar o olhar para nos guiar em uma determinada escolha teórica. Gostaria de compartilhar, desse modo, que acreditamos que a verdadeira pesquisa está em constante ebulição e não se esgota com as formulações aqui apresentadas, pois a próxima pergunta está sempre pronta a surgir. O processo de pesquisa é algo contínuo e inacabado.

A revisão bibliográfica se deu em momentos diferentes: após a realização das disciplinas obrigatórias de metodologia e introdução à pesquisa durante o ano de 2021, nas mudanças

sugeridas para submissão ao comitê de Ética (final de 2021), nas reflexões ocorridas no grupo de orientação (2021, 2022, 2023 e 2024) e nas complementações teóricas recomendadas pela banca examinadora após a qualificação (em maio de 2023). Fez-se necessário, portanto, um novo levantamento sobre a questão da pandemia (que estava ocorrendo simultaneamente à reformulação dos objetivos), do tema da morte dos genitores e por COVID-19 (que foi adicionado) e a atualização dos assuntos já aqui propostos desde o início, ou seja, vínculo fraterno, família, transmissão psíquica e psicanálise.

Consultando a Psychoanalytic Electronic Publishing - PEP (Publicação Eletrônica de Psicanálise - tradução nossa) de uma forma integrada com a biblioteca do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP), curiosamente observamos que, ao pesquisarmos os termos vínculo fraterno (brotherly bond) ou irmãos (brothers) e submetermos juntamente com o vocábulo pandemia (pandemic ou COVID-19), não obtivemos resultado em 2023. Na nova busca, a palavra composta vínculo fraterno (brotherly bond) em conjunto com o tópico família (family) culminou com treze resultados, dos quais mencionaremos os mais importantes e relacionados ao nosso tema. Uma nova pesquisa realizada em 2024 do vocábulo pandemia (pandemic ou COVID-19) e fraternidade (brotherhood) resultou nos achados de nove trabalhos, dos quais citaremos os principais no capítulo sobre a pandemia. E o cruzamento do mesmo termo pandemia (pandemic) e vínculo fraterno (fraternal bond) culminou em um resultado. Percebemos que o descritivo *fraternidade* (a relação fraternal em um sentido mais amplo), é mais estudado e investigado, permanecendo a relação fraterna em poucos achados.

O achado mais atual constitui-se em uma discussão de um artigo escrito por Silvia Resnisky com o tema “Thinking about Siblinghood” (Pensando sobre fraternidade – tradução nossa) publicado em uma revista sobre psicanálise e psicoterapia na China. A psicanalista argentina Vorchheimer (2022) comenta a provocação ao tema e traz a questão da política imposta pelo governo chinês que obriga os casais a terem apenas um filho para controlar o crescimento populacional. Segundo a autora, em 2015, essa política foi modificada para dois filhos e recentemente para três. Analisa os efeitos sociais dessas medidas na vida dessas famílias, de como afeta a vida sexual (mais liberdade), possibilita uma maior equiparação de direitos entre homens e

mulheres e interfere nas tradições, que sempre estiveram marcadas pela relevância dos filhos (sexo masculino), especialmente do mais velho, que seria o portador do nome da família e bens adquiridos; constitui-se dessa forma, conforme a psicanalista, em uma amputação da história genealógica familiar. Discute que grande parte dos pacientes que procuram a clínica são provenientes de famílias com filho único e que esse panorama, agora em transição, propicia pensarmos no termo fraternidade no sentido mais amplo, que estaria além dos laços de sangue e se reportaria aos laços sociais em diferentes estágios da vida, um assunto muito importante no cenário psicanalítico e bastante debatido nos tempos atuais.

Heenen-Wolff (2021) no seu estudo intitulado “Brotherhood and destructivity in sibling relationships” (Fraternidade e destrutividade na relação de irmãos - tradução nossa) inicia a discussão ressaltando o aspecto fraternal das famílias igualitárias contemporâneas, onde filhos e pais estariam na mesma linha relacional. Alerta que o nível da horizontalidade ocupa uma importante posição na emergência das relações sociais nos tempos modernos. A autora também nos lembra que o termo fraternidade está escrito em cada prefeitura da França desde a revolução francesa (1789) e que faz parte dos direitos universais e humanos. Dentro das apresentações dessas duas realidades, convida o leitor a pensar como a fraternidade pode surgir nas relações de irmãos, tão frequentemente caracterizadas por ciúmes e rivalidade? Fala do jogo entre os irmãos mais velhos e principalmente do primogênito (tenta dominar e controlar) e os mais novos (desejam se vingar dos mais velhos). Ressalta que as diferentes características do ambiente exercem um impacto em cada criança e que, na mesma família, podem surgir traços distintos de personalidade e patologias diferentes. Cita o conto de fadas João e Maria, para explicar a luta contra a injustiça e o senso de proteção em relação ao irmão, quando há uma incapacidade de cuidar de um dos pais. Kaës (2011) também levanta essa questão, como já apontado, e explica que a ausência da mãe suprime a rivalidade fraterna. Heenen-Wolff (2021) traz um aspecto importante pouco discutido, no qual o irmão é forçado a desenvolver um senso de comunidade, pois compartilha do mesmo teto e não tem como escapar dessa realidade. Reforça que a relação de irmãos é um laboratório de experiências de relações hierárquicas e horizontais, onde opressão e dominação são vivenciadas e uma sensação de liberdade e senso de justiça são mobilizados, aspecto já analisado por Kehl (2000) e outros autores.

Observou-se uma escassez de trabalhos relacionados no cruzamento dos tópicos irmãos, psicanálise e COVID-19 ou pandemia. Em todas as bases de dados pesquisadas obtivemos apenas um resultado (Google acadêmico). A monografia intitulada “O relacionamento entre irmãos durante a pandemia” (CUNHA, 2021), utilizou como referencial teórico a teoria do apego de Bowlby (1969). Cunha (2021) estudou crianças de 6 a 12 anos que tivessem irmãos e se encontrassem na infância. A pesquisadora observou que a fase inicial se caracterizou por uma grande mudança na rotina diária e provocou uma série de alterações no comportamento das crianças como ansiedade, irritação, falta de liberdade, dificuldade de adaptação às aulas on-line, entre outros. A pesquisadora concluiu que a intensificação no convívio da pandemia trouxe mais questões positivas como a união no relacionamento com os irmãos, tornando-se mais íntimo e profundo, e maior possibilidade de diálogo entre os membros da família.

Ainda em relação à pandemia, e de acordo com a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), citaremos quatro trabalhos. “Luto em decorrência da morte do genitor por COVID-19, estudo com contribuições da Psicologia Analítica” (AMARAL, 2021) buscou compreender a vivência de luto de adultos cujo pai e/ou mãe morreram em decorrência da COVID-19. A autora entrevistou cinco jovens adultos. Na pesquisa, esta chamou a atenção para a característica da sociedade contemporânea em criar uma expectativa de forçar uma rapidez na elaboração do luto e a falta de empatia na compreensão dessa experiência, que exige tempo. Fala da questão da orfandade adulta e a necessidade de assumir novos papéis; “situa o enlutado em uma posição de reconstituição de sua vida, da identidade e do mundo presumido, onde deixa de exercer o papel de filho e se depara com sua condição de adultez” (p.27). A autora também propõe pensarmos o processo de luto sob o ângulo da teoria da Psicologia Analítica, o qual traria uma oscilação entre a introversão (orientação para a perda) e a extroversão (tentativas de restauração).

Em “Narrativas de mães e filhas - vivências familiares na pandemia de COVID-19” Lucas (2022) entrevistou sete mães e onze filhos (um estudo psicanalítico) para compreender a questão familiar acima citada e discutir sobre a instalação de uma situação de crise, a qual possibilita que recursos psíquicos mais elaborados sejam mobilizados e desenvolvidos e que o espaço familiar, como produtor de subjetividades, seja um lugar de possível reconstrução de singularidades.

Acrescenta que, nesse cenário, antigas e novas formas de relacionamento familiar coexistem e com elas, o surgimento de uma possível reorganização. Em contrapartida, destaca a histórica atribuição de responsabilidades das tarefas domésticas e pelo cuidado com os filhos à mulher e que nesse sentido a desigualdade de gênero se manteria no contexto da pandemia. Dessa forma, pôde observar que o contexto pandêmico da COVID-19 trouxe uma oportunidade de construção de laços afetivos entre os membros para algumas famílias, e muitos conflitos, contrariamente, para outras.

Na dissertação “Vidas não passíveis de luto: um diálogo entre Freud e Butler” (SYRIO, 2021), a autora teoriza sobre o lugar que o luto tem ocupado na nossa cultura e na articulação com o campo social e a ideia das relações descartáveis atuais e um querer se desprender das pessoas influenciando o processo de elaboração das perdas - “o indivíduo contemporâneo parece não estar mais disposto a se manter firmemente vinculado ao que quer que seja” (p.13). Fala que em contrapartida, o trabalho de luto nos lança em ‘um tempo de recolhimento e introspecção’, que vai na contramão da perspectiva do apressamento nas relações da contemporaneidade (já apontados anteriormente nesse estudo). Há uma desvalorização de sentimentos de tristeza, de desânimo e inquietação que não encontram um lugar adequado de expressão, ocorrendo um “encurtamento” no tempo de elaboração do luto, que têm um efeito negativo no funcionamento psíquico das pessoas. No diálogo com Butler, procurará refletir que “mais que uma negação da morte, já há previamente uma negação da própria vida” (p.17).

Os autores elencados, Cunha (2021), Amaral (2021), Lucas (2022) e Syrio (2021) destacaram os prejuízos da pandemia de COVID-19 sobre a saúde mental de todos e as consequências psicológicas vivenciadas, de formas e intensidade diferentes, mas que nos aproximou do medo da morte, uma ameaça constante a ser vivida no cotidiano desse contexto de milhares de vidas perdidas. Apontaram também a importância dos rituais de luto no enfrentamento da perda, e que, esses processos foram “encurtados” e algumas vezes suspensos, dificultando ainda mais o apoio psicossocial tão necessário nesse momento delicado. Segundo Souza Junior e Henderson (2021), as expressões ritualizadas da morte foram abreviadas e certas fases do rito foram suprimidas.

Consideramos relevante outro estudo (SCOZ, 2012) acerca da “Orfandade adulta: vivências de luto antecipatório junto a genitor com câncer em progressão”. A pesquisadora discorre sobre a vulnerabilidade emocional gerada pela perda dos pais e a possibilidade de compreensão desse estado em cinco categorias: o filho desamparado (abandono, uma orfandade psíquica, o agente cuidador e protetor não está mais presente), o filho culpado (sentir-se julgado e incompreendido), o filho impotente (a sensação de estar em um lugar estranho e assustador), o filho onipotente (o ataque ao sobrevivente e a idealização do morto, ideias estudadas por Klein, 1996) e o filho criativo (o engajamento em atividades, a urgência em experimentar, produzir e ousar).

Quando falamos de morte e luto é inevitável recorrermos ao escrito clássico de Freud (texto original de 1915) sobre luto e melancolia. Freud descreve o luto como uma reação à perda de um ente querido ou à alguma ideia abstrata que ocupe um lugar dessa proporção de investimento amoroso. Como esse caminho pode ser percorrido e enfrentado pelo psiquismo do sujeito de formas distintas, e, levando-se em consideração o teste de realidade, propõe uma classificação de luto entre normal e patológico. Nas duas categorias, estaríamos nos remetendo ao processamento do mecanismo de identificação de cada indivíduo (o luto como um processo de identificação com o objeto perdido) e a melancolia teria uma relação com um tipo de identificação regressiva, e, portanto, potencialmente patológica. Nesse sentido, o luto poderia ser bem-sucedido (o restabelecimento gradual do cotidiano e das relações afetivas) ou não.

No levantamento bibliográfico associado à morte do genitor no contexto psicanalítico, os achados pelo portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) foram referentes ao luto infantil. Franco e Mazorra (2007), em um artigo sobre estudo de crianças de três a oito anos, trazem a contribuição de Klein (1996) e a sua concepção sobre as fantasias inconscientes despertadas no processo de luto como as de aniquilamento, culpa, desamparo, onipotência, idealização, entre outras. Reforçam a importância da expressão dessas fantasias para a compreensão dos sentimentos e comportamentos manifestados nesse processo e o papel da dinâmica familiar, como um facilitador essencial. Assinalam que “Esse processo não implica o desligamento total do objeto perdido, tendo em vista que a ligação com o objeto interno permanece e é ressignificada durante o

trabalho de luto. É esse trabalho de resignificação, de transformação da relação com o objeto perdido que permite a elaboração” (p.505)³².

Na visão de Fávero e Anton (2011), que realizam uma revisão da Literatura do tema acima mencionado (morte do genitor no contexto psicanalítico) é apresentada uma classificação em dois tipos de morte: a morte repentina, causada por um trauma, e a morte esperada, que permite um ‘luto antecipatório’, uma preparação psicológica gradual, favorecendo a despedida (essas diferenças também foram citadas por AMARAL, 2021, SYRIO, 2021 e SCOZ, 2012). Fávero e Anton (2011) explicam as quatro fases propostas por Bowlby (1989) no enfrentamento do processo de luto e em face desses dois tipos de acontecimentos: a) torpor (um anestesiamiento dos sentimentos, que duraria horas ou semanas); b) saudade (a busca e recuperação da figura e do tempo perdidos); c) desorganização e desespero (a fase do protesto frente à constatação da perda) e d) organização e aceitação da perda.

Ainda na busca de artigos, pela base de dados de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), foi realizada nova investigação em 2024 na intersecção dos vocábulos COVID X irmãos, (não foram encontrados resultados), COVID ou pandemia X vínculo fraterno (novamente sem sucesso) e COVID X família, que culminou em vinte e seis (26) artigos, dos quais apresentaremos e discutiremos a maioria no próximo capítulo.

Mesmo tratando-se de exposições diversas e que trouxeram alguns mecanismos observados em crianças, a compreensão do processo de elaboração do luto abrange todo o grupo familiar nas suas mais diferentes formas e, nos coloca em face da mobilização das nossas fantasias inconscientes ligadas à um quadro de vulnerabilidade, desamparo, ausência de controle, desproteção e impotência (citados por todos os autores). Deparamo-nos também com sentimentos de medo, raiva, culpa, desespero e tristeza que podem ou não serem canalizados de forma adequada. Podemos, dentro desse contexto, dizer que estaríamos lidando, em última instância, com a luta entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, aspectos fundamentais e constituintes do nosso

³² Importante observarmos que estamos tratando nesse caso, da compreensão das relações objetais (conforme Klein, 1986, postulou) fundamentada nos objetos e realidade interna do psiquismo; o que difere da concepção das Configurações Vinculares que já apresentamos, que analisa a constituição da subjetividade na presença do outro, levando em consideração a relação dialética entre interioridade e exterioridade.

psiquismo e lembrados na introdução desse texto, assim como, com a dimensão inconsciente de uma proposta de trabalho psicanalítico, seja de cunho teórico, científico ou clínico.

Dentro do panorama atual e do efeito avassalador da pandemia de COVID-19, a possibilidade de acolher os sobreviventes apresenta-se como mais que necessária, e nos desafia como urgente.

6. PANDEMIA DE COVID-19

As transformações sociais, econômicas, políticas e culturais nas famílias e na sociedade foram sobrepostas pela ocorrência da pandemia de COVID -19 em dezembro de 2019 (primeiro caso registrado) a qual, apresentou uma abrangência mundial, atingindo todas as camadas sociais.

Inicialmente detectado na China na cidade de Wuhan, quando foram observados casos de pneumonia, o vírus propagou-se de uma forma rápida e devastadora pela Europa e Estados Unidos, sendo considerado altamente letal. A pandemia foi declarada oficialmente em 11 de março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS). De acordo com Coutinho, Saggese e Cabral (2021) foi registrado globalmente e segundo o quadro do Coronavírus Resource Center, da Johns Hopkins University, em 27 de agosto de 2020, um total de 214.718.823 pessoas contaminadas pelo COVID-19, totalizando um número de morte de 4.476.525, configurando-se em um contexto caótico e extremamente preocupante.

A Itália foi o primeiro país na Europa a adotar medidas preventivas de distanciamento e considerado um dos países que mais se destacou na adesão de regras mais radicais de confinamento. segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) e de acordo com as psicanalistas Agnello e Giubellini (2021). Conforme as autoras, fez-se necessário mergulhar profundamente na situação presente e decidiram então formar, juntamente com outros membros do CIPA (Centro de Psicologia Analítica de Roma) um grupo de prática reflexiva, que foi se modificando ao longo do tempo. As duas profissionais analisaram a presença de duas grandes correntes de pensamento suscitados pelo

fenômeno coletivo da pandemia - uma destrutiva e a outra construtiva. A destrutiva se caracterizou pelo sentimento de incerteza quanto ao futuro (apontado em vários estudos que consultamos nessa pesquisa). A nova realidade de transmissão do vírus se impôs pela impossibilidade de estabelecer um prognóstico, pela busca ao enfrentamento da doença e das mortes e questionando a nossa ambição, incluindo os vários profissionais envolvidos no projeto, de controlar a natureza por meios tecnológicos, uma falsa ilusão de onipotência, que nos ocupava anteriormente, das certezas que havíamos criado. A outra corrente seria a construção de uma ponte, como tentativa de resgatar atitudes positivas e reformular concepções.

Uma investigação sobre uma população local e uma região específica e litorânea, localizada no norte da Espanha (Bilbao)³³, contribuiu com uma visão da pandemia como punição frente aos nossos possíveis erros na esfera socioeconômica e ambiental. Gonzales-Torres e Fernandez-Rivas (2021), neurocientista e psiquiatra/psicanalista de crianças e adolescentes respectivamente, nos alertam sobre os efeitos da incerteza frente à crise e a possibilidade de manifestações de coragem e heroísmo. Enfatizam a necessidade do enfrentamento de um grupo especial de pessoas, os trabalhadores da Saúde, e a atitude de gratidão desse povoado em especial a esses profissionais, em manifestações de aplausos por alguns minutos provenientes das varandas e entradas das suas casas. É interessante observar a construção social de cada território e a delimitação dos espaços interiores e exteriores, frente à uma ameaça de tal proporção.

No Brasil, a pandemia teve início em março de 2020, e em dezembro desse mesmo ano continuávamos a ocupar o segundo lugar no ranking mundial em relação ao número de óbitos de acordo com o Ministério da Saúde (MOTA e TEIXEIRA, 2020). Em 2021, o ano de um aumento significativo desse mesmo índice, totalizamos 424.133 mil óbitos pelo coronavírus, o maior indicador alcançado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) desde 1974. Segundo especialistas, caracterizou-se como a maior tragédia sanitária brasileira. De acordo com Melo e Cabral (2020), a pandemia de COVID-19 obteve uma repercussão como a crise mundial mais séria desde a Segunda Guerra, e provocou um agravamento da instabilidade em todas as esferas já prejudicadas no Brasil como a política, econômica, educacional, social e de saúde. O

³³ Região que se caracteriza pelo turismo internacional e a presença imponente do famoso Museu Guggenheim.

título de alguns estudos revela tamanho descaso de nossos governantes, insensibilidade e um negacionismo da ciência: “*Crimes Against humanity in Brazil’s Covid-19 response – a lesson to us all*”³⁴ (VENTURA, AITH E REIS, 2021).

Benjamim (2021)³⁵ e um grupo de psicólogos (SILVA, SCHMIDT, LORDELLO, NOAL, CREPALDI E WAGNER, 2020), observaram um cenário de catástrofe manifestado pela desigualdade social e injustiça do “evento” pandemia (BENJAMIM, p.401). Silva, Schmidt, Lordello, Noal, Crepaldi e Wagner (2020) apontam que o desenvolvimento da COVID-19 se diferenciou em relação a questões étnico-raciais, nível socioeconômico e de escolaridade. Enquanto o índice de mortalidade entre pessoas pardas e pretas foi de 54,8% (maio de 2020), o de pessoas brancas apresentou-se em 37,9%. Esse fator também foi percebido em indivíduos com baixa escolaridade: o índice foi de 71% entre sujeitos sem escolaridade e de 22,5% entre pessoas com nível superior. Benjamim (2021) ressalta a supremacia branca nos Estados Unidos e analisa a existência da divisão em duas classes na sociedade neoliberal americana (desde a eleição de Trump em 2016), a dominante, elitizada e privilegiada comunidade branca e a relativa às pessoas de cor, que classifica como precária. Enfatiza a diferença cruel entre essas duas esferas, tanto da disseminação e tratamento da doença como no número de mortes.

Benjamim (2021), psicanalista e colaboradora de ideias contra o neoliberalismo nos Estados Unidos, discute os mecanismos de domínio e submissão nas relações sociais (diferenças de gênero, raciais, políticas) e as desigualdades sociais pré-existentes. Nesse texto mencionado, ela também polemiza a questão do assassinato de George Floyd, em Minnesota (EUA), ocorrido em maio de 2020. A estudiosa ressalta a relevância do *reconhecimento* como condição básica para compreender o próprio eu e conseqüentemente o outro e que este seria um indispensável aspecto na reparação de danos psíquicos. Teoriza que essa capacidade de *reconhecimento* só se opera na relação intersubjetiva, e revela “a shared commitment” (um compromisso compartilhado, tradução nossa).

³⁴ Crimes contra a Humanidade na resposta à COVID-19 no Brasil- uma lição para todos nós” (tradução nossa).

³⁵ “Acknowledgment, Harming and Political Trauma: Reflections after Plague year” (Reconhecimento, danos e trauma político: reflexões após o ano da praga – tradução nossa).

Nesse contexto, esse comprometimento evidencia a existência, segundo ela, de um terceiro elemento: “the moral Third” (BENJAMIM, p .410), o terceiro moral, tradução nossa.

Segundo Coutinho, Saggese e Cabral (2021), as dificuldades do sistema de saúde pública brasileira foram intensificadas pela ocorrência de subfinanciamento de recursos no SUS (Sistema Único de Saúde), principalmente a partir de 2015. De acordo com os autores, houve um direcionamento no congelamento de investimento em saúde por vinte anos e a esse fato somou-se as crises econômicas e políticas, o que se pôde observar pela falta de continuidade aos projetos na área de saúde e a adoção de políticas públicas ineficientes. Theodoro (2020) também observou esse ponto (o impacto da emenda constitucional do governo Temer que congelou os gastos públicos por vinte anos) ocasionando uma interrupção no crescimento econômico brasileiro. Os autores citados (COUTINHO, SAGGESE e CABRAL, 2021) perceberam maior incidência do vírus entre pessoas com maior vulnerabilidade em situações de pobreza, de raça/etnia negra e indígena, mulheres e crianças.

Theodoro (2020)³⁶ nos convida a refletir sobre a desigualdade constitutiva do negro brasileiro desde o período pós-abolição, que é substituído pela mão de obra imigrante (sendo a eles destinados o trabalho informal), caracterizando-se uma política de branqueamento, que permanece enraizada na nossa sociedade até os dias de hoje. A desatenção do poder público a esse segmento pode ser observada nos reflexos pós-pandemia quando a redução da renda e o desemprego são mais presentes na população negra (THEODORO, 2020). Barreto, Guimarães e Caldeira (2020) discutem o genocídio dessa população desde a escravidão e ressaltam os afrodescendentes como o grupo que mais morreu pelo coronavírus, mesmo com os ocultamentos e estatísticas questionáveis, e, especificamente, os homens negros.

A administração da situação pandêmica no Brasil foi marcada (conforme SILVA, SCHMIDT, LORDELLO, NOAL, CREPALDI E WAGNER, 2020), por um conjunto de falhas como a propagação de notícias falsas (*fake news*) pelas mídias sociais, a discordância das instituições nacionais e internacionais, sinais contraditórios do governo à população quanto ao

³⁶ No e-book Janelas da pandemia no eixo Psicanálise, Desamparos e Solidão (2020).

protocolo médico, as diferentes posturas governamentais (a necessidade ou não da quarentena). Esse panorama repercutiu, logo no seu início, em diferentes comportamentos no seio familiar em relação por exemplo ao distanciamento social e uso de máscaras. Enquanto algumas pessoas seguiam as medidas de afastamento social, isolamento e proteção, outras continuavam a frequentar a casa de amigos, familiares, locais de lazer, revelando um desencontro de informações e orientações e uma conseqüente diversidade de atitudes, o que dificultava ainda mais a convivência e um aumento no aparecimento de conflitos e tensão social.

Dentro desse contexto, as dificuldades não se restringiram às questões sanitárias e à relação saúde-doença (sequelas físicas, sociais e psicológicas), mas às “condições de existência (materiais e sociais)”, segundo Coutinho, Saggese e Cabral (p.71, 2021), que exigem a exposição à uma série de mudanças arbitrárias. Foram muitos os impactos e conseqüências da administração pública precária e baseada na fragmentação de notícias e incompetência na tentativa de respostas e soluções aos mais atingidos. Nesse cenário, destacam-se os efeitos traumáticos na saúde mental (percebida especialmente nos jovens e crianças, mas também nos adultos), a necessidade de reorganização das famílias em vários segmentos como a adaptação a novas formas de trabalho (a redução na renda familiar, o trabalho informal, o desemprego), o afastamento escolar e a educação remota como única possibilidade em tempos de confinamento, o aumento de conflitos e violência intrafamiliar (observados principalmente nos mais vulneráveis como crianças, adolescentes, mulheres e negros), o sentimento de solidão, as crescentes manifestações de ansiedade, depressão e stress presente em todas as faixas etárias.

No artigo de Paiva e Garcia (2021), os autores salientam e reforçam a proporção catastrófica da emergência social e sanitária atingidas na realidade brasileira, fazendo um recorte muito interessante de cenas observadas em projetos de prevenção aplicados em jovens em contextos periféricos e escolares na cidade de São Paulo, durante a pandemia de COVID-19. Na caracterização dessa fotografia, trazem como pontos centrais a negligência e ataque aos direitos humanos, a violação de garantias constitucionais de um forma violenta, a disseminação de informações falsas, o negacionismo, configurando-se uma atmosfera de “pânico moral” (PAIVA E GARCIA, 2021, p.1338). Os profissionais propõem o termo *sindemia* (grifo nosso) para definir

uma demanda específica da pandemia de COVID-19 quando a crise é inserida dentro de um espaço que requer ações locais e possui uma dinâmica própria de funcionamento. Esclarece que esse termo poderia ser definido como sofrimentos em sinergia,

“Síndemias, além de também surgirem em condições de maior desigualdade, disseminam-se na interação adversa entre a iniquidade a doenças/condições de saúde de todos os tipos que se somam – diferentes infecções, doenças crônicas, problemas de saúde mental, resultados de exposição tóxica ou desnutrição” (PAIVA E GARCIA, 2021, p. 1334).

Nesse sentido, apontam para uma relevante diferenciação entre *sofrimento psicossocial* e sofrimento mental, tecendo críticas a esse último, que seria derivado de saberes de abordagens clínicas, saberes completamente afastados da realidade em questão. Na experiência com crianças e adolescentes, propiciaram espaços para a discussão da sexualidade e como esses jovens puderam lidar com dúvidas (o reconhecimento da necessidade de uso de máscaras e preservativos, as discriminações sofridas dentro do espaço familiar) somados à ansiedade e à depressão relativos ao aumento da tensão proveniente dos riscos da pandemia, o isolamento, as aulas on-line. Sugerem uma reinvenção do cuidado, um cuidado baseado na possibilidade de integração do autocuidado com sua saúde e no cuidado solidário com os outros. Segundo os estudiosos, o trabalho de prevenção “precisa ser direcionado para, e apropriado por cada pessoa a cada ocasião, para cada cena de exposição ao risco” (PAIVA E GARCIA, 2021, p. 1342).

Os autores teorizam a importante função do reagrupamento, presente nesse processo de *sofrimento psicossocial*, que promove uma possibilidade de nomeação das diferenças e do compartilhamento de experiências no âmbito coletivo, que propicia o acolhimento e alívio da dor psíquica. Podemos traçar um paralelo aqui com as ideias de Benghozi (2010) e a importância da constituição de rede de vínculos, como suporte e apoio a situações traumáticas (ele se dedicou ao atendimento de vítimas de catástrofes de crimes contra a humanidade). Isso posto, ressaltamos a importância de aprofundar a investigação do contexto sociocultural dos acontecimentos envolvidos no desenvolvimento de cada trauma.

No estudo de Coutinho, Saggese e Cabral (2021), os profissionais problematizam a questão da juventude deixada à deriva, especialmente na fase da adolescência, onde os conflitos se

intensificam, já analisada por outros autores. Discutem o agravamento das vulnerabilidades infanto-juvenis durante a pandemia, tornando-os mais vulneráveis ao sofrimento psíquico e à violência e que mesmo assim, ainda são convocados a responder à uma responsabilização que não possui uma sustentação no nível social (realizam uma análise sociopolítica do sofrimento). Criticam a negligência dos serviços de atendimento à saúde mental, que não funcionam de uma forma eficiente no atendimento às essas demandas, tanto quantitativa como qualitativamente. E aos órgãos que deveriam fiscalizar como o Conselho Tutelar. Apontam os altos índices de suicídio nos jovens (entre 15 e 29 anos de idade) já em ascensão nos anos de 2011 a 2018 e uma deterioração da situação com a pandemia (apresentam tédio, ansiedade e depressão), que revela um desacerto na rede de acolhimento à essa população. Os três profissionais (psicóloga, psiquiatra e enfermeira) são atuantes na assistência a crianças e adolescentes na cidade do Rio de Janeiro e mencionam, além da carência na formalização de uma estatística desse período, um silenciar dessas questões. Sugerem a priorização no atendimento psicológico nas escolas e uma busca urgente de iniciativas que realmente possam proteger, cuidar e restaurar o desamparo e abandono de crianças e adolescentes. Ressaltam que a “exposição a riscos na infância e na adolescência varia de acordo com o lugar social que esses sujeitos ocupam” (COUTINHO, SAGGESE e CABRAL, p. 83, 2021). Finalizam dizendo que a criação de um projeto para o futuro, estruturante na perspectiva de cada jovem, foi afetada e prejudicada pela dificuldade de trânsito entre os espaços internos da casa e o mundo externo na ocasião da crise, impactando negativamente no incremento da incerteza e no estabelecimento dos laços sociais, tão importantes para o processo identificatório (o relacionamento com os pares, a interação, o desejo de reconhecimento pelo grupo).

Um outro trabalho realizado em Portugal (Percepção dos adolescentes portugueses na pandemia de COVID-19: diferenças de gênero e relação com sintomas psicopatológicos) por Carreiras, Freitas e Cunha (2022), problematiza o desgaste emocional causado aos adolescentes por estarem próximos às famílias durante a quarentena: a intensificação do sentir-se desconfortável mostrou-se relacionada ao crescente aparecimento de sintomas de depressão, ansiedade e stress (efeitos negativos). As representantes do sexo feminino revelaram-se mais afetadas por essas questões. Cerca de 73% dos adolescentes concordaram que a pandemia impactou as suas vidas e 45% sentiram-se emocionalmente afetados.

Todos nós tivemos nossas vidas atravessadas por um excesso de mudanças repentinas e o sofrimento psíquico tornou-se inevitável. A necessidade intrínseca ao ser humano de se agrupar seja um casal, uma família, uma comunidade foi impactada pela imposição do isolamento social no período de quarentena. As incertezas, até então inúmeras e já sendo experimentadas pela contemporaneidade de diferentes formas, multiplicaram-se. A capacidade de projetar o futuro apresentou-se ainda mais estreitada pelo agravamento da situação social, pela realidade de cada perda, cada morte - as notícias não cessavam de chegar. Havia uma urgência em relação ao cuidado, a atenção deveria ser redobrada e vigiada e a necessidade de improvisação tornou-se uma constante.

O modo de funcionar das grandes cidades começou a sofrer profundas mutações, e com essas transformações, mudanças nos grupos familiares foram sendo adotadas. Em vários casos, a vida se dava *fora* de casa e passou a ocorrer em espaços muito pequenos. Foi necessário criar outras formas de convívio familiar, pois a intensidade da convivência interferiu diretamente na dinâmica de cada organização familiar. A adaptação foi sendo necessária e a flexibilidade e criatividade foram convidadas a agir nesse novo contexto. Escritórios temporários foram sendo instalados nos quintais, nas varandas e nas salas, ocupando os espaços e redefinindo os relacionamentos *dentro* de casa. De acordo com Enriquez (2020), o fato de as pessoas permanecerem constantemente juntas, pode provocar a sensação de se sentirem psicologicamente sufocadas, gerando uma repulsa e uma sensação de não poderem suportar umas às outras. Cavieras-Higuera, Messias e Baldan (2020) contribuem com um estudo onde analisam categorias estereotípicas de família e casal no contexto da pandemia; utilizam como método para essa investigação imagens e vídeos humorísticos retirados das redes sociais. Observam a ocorrência de um tipo de sofrimento mais fundamental na convivência familiar, a saber, a perda da liberdade: “A pandemia em geral limita as possibilidades de escolher o que fazer, como e quando fazer, e isso torna ainda mais difícil no caso de ter um companheiro e basicamente impossível no caso de ter filhos” (CAVIERAS-HIGUERA, MESSIAS e BALDAN p. 191, 2020).

Os autores acima discutem a mudança abrupta na rotina dos casais e das famílias, principalmente em relação às demandas profissionais, escolares e de lazer. O espaço doméstico sofre muitas transformações devido à presença constante de quase todos os membros no interior

do lar e a mudança mais significativa é o confinamento do homem à casa. Analisam que o papel da mulher, já imbuído de uma dedicação maior aos cuidados domésticos, torna-se uma ameaça e ela passa a ser vista como vilã pelos homens, como carcereira, e eles se sentem obrigados a desempenhar as funções de lavar, passar e cozinhar e a vida familiar passa a se constituir em uma prisão. Classificam esse comportamento como aceitar passivamente e que, no outro extremo, podem rebelar-se e ser instalado um processo de naturalização da violência, surgindo tendências de agressão à mulher, presença de insultos (que seriam compreendidos como uma fuga à opressão) e uma repetição da sobrecarga feminina (nas tarefas domésticas e na educação e cuidado com os filhos). Os estudiosos salientam que o aumento da violência doméstica também foi percebido em situações de incêndios, furacões e terremotos, onde o confinamento é uma prática necessária. A preocupação com o emprego e a renda familiar aumentam a tensão e a incerteza nesse quadro. Como já dito, essa situação se agrava com a presença dos filhos, que estão longe do ambiente escolar, e se sentem mais irritados e confusos. Dentro desse panorama, apontam uma regressão no preconceito de gênero, a mulher identificada injustamente em seu habitat (de estar no lugar dela, a casa) e um retorno aos modelos patriarcais, já que os valores mais igualitários estão ainda em construção. A falta ou interrupção do suporte social promovido pela escola e a ausência da família extensa dificultam ainda mais toda a conjuntura.

Cavieras-Higuera, Messias e Baldan (2020), apontam que no Chile (o primeiro autor é chileno), as mulheres dedicam nove horas a mais aos afazeres domésticos que os homens e quatorze horas a mais no cuidado com os filhos. Os teóricos ressaltam que, de acordo com o relatório de desigualdade de gênero, publicado pelo World Economic Forum (Fórum Econômico Mundial, tradução nossa) em 2020, não há perspectiva de atingir níveis de similaridade nos próximos 99 anos. Estamos falando de um século!!!

Almeida (2020)³⁷ contextualiza a questão de gênero e a histórica desigualdade entre as mulheres no Brasil. Salienta que a crise pandêmica “desnuda as desigualdades de condições existenciais e a perversidade mortífera dos sistemas de opressão de raça, gênero, classe e geração” (ALMEIDA, p.39) e problematiza que as tensões econômicas e sociais, bem como as restrições de

³⁷ No e-book *Janelas da Pandemia* (2020), no eixo denominado “Psicanálise, Desamparos e Solidão”.

circulação entre os espaços interno e externo, provocam um aumento da violência contra as mulheres. O autor provoca o leitor com a frase proferida em 1987 pela americana Catherine Mackinnon “Há tempos de paz para as mulheres?” (ALMEIDA, p.40).

Techio, Andrade e Oliveira (2021) realizaram uma pesquisa durante a pandemia para investigar estratégias de como lidar com os conflitos causados na relação trabalho-família, a partir da aplicação de um questionário on-line com 149 trabalhadores, casados e com filhos. Consideraram de natureza primordial a estratégia de conciliação baseada na compreensão e apoio do cônjuge, para então efetuar ajustes necessários ao trabalho de home-office.

Um outro estudo, realizado por Magalhães (2020), que se configurou pelo acompanhamento do atendimento de dois casos pela psicanalista durante a pandemia, concentrou-se na análise dos efeitos da experiência de isolamento social, da interrupção nas movimentações do ir e vir e na convivência intensa que exacerbou os conflitos. Constatou-se a presença de intenso sofrimento e angústia, a vivência da falta de autonomia, e, novamente, o sentimento de incerteza para com o futuro e a sensação de impotência e solidão.

Lipp e Lipp (2020) analisaram uma amostra de 3223 brasileiros para verificar situações de stress e transtornos mentais durante a crise de COVID-19 no Brasil. Eles aplicaram um questionário on-line, durante o terceiro mês de quarentena (entre treze de maio e treze de junho), uma versão adaptada de um estudo já realizado em 2017. Encontraram a prevalência de stress (60%), ansiedade (57,5%), depressão (26%) e pânico (14%), bem como grande incerteza quanto ao futuro. Concluíram que o aspecto estressor mais significativo foi a instabilidade das autoridades para o controle da crise, a constante preocupação com a contaminação de familiares e, conseqüentemente, o surgimento de um quadro de ansiedade em relação aos projetos financeiros a serem traçados. O estudo propôs a necessidade de apoio de ações governamentais direcionadas ao enfrentamento de dificuldades emocionais, que demonstram ocupar um papel marginal nas nossas políticas públicas.

Barreto, Guimarães e Caldeira (2020), ao expor os impasses e sofrimentos encontrados na falta de condições adequadas para experienciar as situações de luto na pandemia, apontam uma sensação de “anestesiamento social” (p.436) diante do número assustador de mortes por COVID-

19. Explicam o quadro de inúmeras perdas desse período, que são de todas as ordens: reais, de entes queridos e simbólicas como da liberdade e das vivências que antes compartilhávamos. Apontam que o trabalho de luto, como o próprio nome indica e baseado na concepção freudiana, demanda a necessidade de um esforço e investimento psíquicos no restabelecimento da vida cotidiana e é fonte de muita dor e angústia.

Nesse sentido, os rituais frente às perdas de vidas são essenciais pois propiciam uma simbolização, uma passagem para um outro estado (a conexão do passado e o futuro) e a elaboração de memórias e afetos relacionados à história da pessoa que partiu. Todavia, o cenário que foi se delineando, apresentava-se de forma cruel: os enterros eram realizados com *sacos pretos*, as covas, em determinadas ocasiões tinham que ser coletivas (principalmente daqueles mais vulneráveis e os corpos então jogados sem identificação), os caixões ficavam lacrados (não era possível ver o rosto do ente querido). Todos esses fatores contribuía para dificultar e, em alguns momentos, impossibilitar a simbolização desse momento tão sofrido de enfrentamento de uma morte repentina.

Segundo Barreto, Guimarães e Caldeira (2020), os afetos não devem se resumir a bons sentimentos, “mas a práticas que conduzam a construção de novas realidades (...) a potência dos afetos se revela nessas estratégias de sobrevivência e de reinvenção coletivas” (p.440). Eles estão se referindo ao projeto Inumeráveis (2020), que consistiu em um texto-tributo, uma homenagem (por meio das memórias digitais) às vítimas do vírus. Os participantes preenchiam um questionário e depois enviavam a um escritor, jornalista ou colaborador da iniciativa. A possibilidade de contar histórias, registrar, testemunhar e não deixar que se transformasse em apenas números emocionava todos os envolvidos.

Podemos considerar que a situação de pandemia intensifica e agrava, de uma maneira perversa, os sofrimentos na área da saúde mental já existentes e as desigualdades tão marcadas na história da sociedade brasileira. Conforme os estudos e relatos aqui apresentados, as mulheres demonstraram trabalhar mais e sofrer de uma forma mais intensa em tempos de confinamento, os mais pobres tiveram suas chances de morrer duplicadas (de acordo com o observatório COVID-19 BR) e o negro sofreu um processo de desumanização, negligenciamento e apagamento. A relação com o trabalho (informal, doméstico) já colocado à margem e desvalorizado correu e corre o risco

de se tornar invisível. A Educação à distância traz uma série de consequências, e não deve ceder à “uniformização digital e colonizada” (segundo PINTO e OBERG, 2020, p.98), assim como na esfera política percebe-se um recuo da democracia³⁸ e a necessidade do restabelecimento do sentimento de confiança. Por fim, há uma banalização da morte (CARRETEIRO, 2020) diante de um número assombroso de vítimas.

Concluimos, diante de tal proporção da crise instalada, que os valores privados não devem se sobrepor aos públicos. O respeito à preservação da vida, ao cuidado, à humanização, ao acolhimento torna-se urgentes e devem nos movimentar para atingir o bem-estar coletivo, de cada um envolvido. A criatividade deve se dirigir à reconstrução da coletividade, e no enfrentamento desse processo, é conveniente respeitar as diferenças do outro, o reconhecimento da alteridade, mas poder considerá-lo como igual, no sentido humano, é crucial. O sentimento de desamparo é vivenciado por cada sujeito (Freud, 1930) e a importância dos vínculos sociais e das relações de amor são constituintes da nossa subjetividade e sua escassez pode acarretar efeitos devastadores sobre nós. Dessa forma, o trabalho de ressignificação dos afetos (no campo individual) e a luta pelos direitos humanos (no campo social) faz-se proeminente e estão conectados à uma responsabilização, na forma como nos relacionamos, na nossa capacidade de nos vincularmos com o outro e com os grupos a que pertencemos e que vamos criando.

A pandemia, apesar de desorganizar e provocar sofrimento e perdas para todos nós, trouxe também um elemento inusitado e, nesse sentido, desconhecido e novo para essa pesquisa, a oportunidade de compreender o vínculo fraterno inserido em um outro contexto, a perda de um dos genitores por COVID-19. Abriu-se um outro universo para aquilo que não havia sido planejado e previsto, que nos surpreendeu e enriqueceu. A minha insistência e desejo em realizar as entrevistas e trabalhar essa demanda mostrou-se instigante e estimulante, mobilizada pela sensação de que algo deveria ser feito. A disponibilidade e a intencionalidade de estarmos juntos nos encontros virtuais e de construirmos um marco nas nossas histórias, apresentaram-se como possibilidades de dar um sentido a algo que ainda não tinha sentido.

³⁸ De acordo com os estudos realizados pelo The Economist,2024 (revista britânica), o Brasil possui uma democracia imperfeita.

7. OBJETIVOS E METODOLOGIA

7.1. Objetivo geral

Analisar as características do vínculo fraterno sob a perspectiva geracional e em face da perda de um dos genitores por COVID-19.

7.1.1. Objetivos específicos

Compreender a contribuição da transmissão psíquica intergeracional na constituição do vínculo fraterno;

Analisar o processo de ressignificação do vínculo fraterno após a perda de um dos genitores por COVID-19.

7.2. Metodologia

Por tratar-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, identificou-se como objeto de estudo o universo da produção humana, como por exemplo valores, expectativas, situações vivenciadas que podem ser compreendidos no mundo das relações, das representações e da intencionalidade, segundo Minayo, (2009). O objetivo principal não se constituiu em obter dados estatísticos, mas sim um estudo aprofundado buscando compreender o processo como um todo, explorando os conteúdos observados presentes nos relatos e estando atento às formações inconscientes e à compreensão das significações e sentidos que cada pessoa fornece aos fenômenos investigados, como lembra Turato (2008), caracterizando-se como uma pesquisa clínico-qualitativa. De acordo com Campos e Turato (2009, s.p.), essa abordagem se fundamenta em três alicerces “na milenar atitude clínica de voltar o olhar a quem porta dor, na secular atitude psicanalítica de inclinar a escuta a quem vivencia conflitos emocionais e na clássica atitude existencialista de reflexão sobre as angústias humanas”.

A análise do material foi feita com base no referencial teórico da psicanálise freudiana e vincular. A psicanálise vincular tem a contribuição da escola argentina de autores como Berenstein e Puget e da escola francesa, que traz nomes como Eiguer e Kaës. Essa construção teórica surge

como ampliação da psicanálise clássica e traz uma nova concepção para além do sujeito; compreender o sujeito não só do ponto de vista intrapsíquico, mas também inserido no espaço da intersubjetividade, dos grupos, do geracional e dos novos fenômenos que afetam a individualidade e as relações sociais, como cita Gomes (2011, 2013).

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas semidirigidas (roteiro em anexo) que se constituíram em um instrumento auxiliar da pesquisa clínico-qualitativa, na qual as questões são abertas e norteadoras, com a possibilidade de ambos os integrantes da relação fornecerem alguma direção no processo, representando ganho para reunir os dados, segundo Turato (2008). As perguntas são vistas como motivação para fazer emergir significações mais profundas e adquirem menos importância que as respostas, segundo Rocha e Deusdará (2005).

Em relação aos participantes, elegemos quatro indivíduos ao acaso, jovens entre 18 e 25 anos de idade que ocupavam diferentes posições na fratria, e que comportavam outras gerações na família. Em todos os casos, cada geração também possuía irmãos e haviam perdido um dos genitores por COVID-19. Foi utilizado um roteiro como sugestão (**Anexo A**), que permitiu coletar as questões a serem investigadas e, ao mesmo tempo, fornecer ao entrevistado um espaço de acolhimento para se expressar.

Embora o número de sujeitos fique subordinado ao nível de saturação do tema (TURATO, 2008), quando há repetição dos conteúdos e, portanto, deixam de contribuir de uma forma significativa para o desenvolvimento do estudo, encontramos obstáculos devido à gravidade e profundidade do tópico eleito. Portanto, devemos levar em consideração outros fatores que demonstraram interferência na definição do número de sujeitos. Podemos inferir que a complexidade e delicadeza do tema despertaram sentimentos de medo e angústia e, conseqüentemente, resistência para entrar em contato com o assunto (perda de um dos genitores por COVID-19). Pensamos que se tratava de algo novo e desconhecido, e que trazia o agravante de estar ocorrendo naquele momento e que, por essa razão, carregava um impacto ainda maior na vida daqueles que haviam sofrido ou estavam sofrendo as perdas.

Dentro desse contexto, uma primeira divulgação realizada em julho de 2021, em vários

canais de comunicação, como redes sociais, contatos pessoais, grupos de Whatsapp, outras universidades e instituições, apresentou-se insuficiente. Após essa ação e de alguns meses sem resposta, houve uma solicitação para ampliação da rede de grupos específicos da comunidade USP. Finalmente, pudemos eleger quatro participantes, que compuseram o número final de sujeitos.

As entrevistas ocorreram no modo on-line, e, utilizou-se o Google Meet como aplicativo para a execução do procedimento. Em um primeiro momento, consideramos realizar as entrevistas de maneira presencial, porém, devido às dificuldades já explicitadas, os quatro voluntários finalmente encontrados e disponíveis, residiam em regiões diferentes do Brasil e distantes da localidade da entrevistadora. Portanto, não foi possível serem realizadas presencialmente. O tempo previsto para a execução da entrevista foi de uma hora e meia. Foi realizado um contato telefônico prévio, por mensagem de voz pelo WhatsApp, para explicação dos objetivos da pesquisa, da necessidade de gravar as entrevistas, esclarecimento de dúvidas e possibilidade de um primeiro rapport, já que se tratava de um tópico bastante delicado envolvendo uma situação de luto e perdas. A palavra rapport tem origem francesa (rapporter) e significa criar uma relação e o aparecimento de condições favoráveis para que não ocorram bloqueios ou paralisações (OCAMPO, 1987). Foram enviados, para todos os candidatos, o termo de esclarecimento livre e esclarecido (Anexo B), e colhidas as assinaturas dos participantes digitalmente (via e-mail) e fisicamente, de próprio punho (via correio). Esses primeiros procedimentos permitiram uma aproximação bastante significativa com os integrantes da pesquisa e, revelaram um comprometimento e envolvimento muito importantes para a condução da etapa posterior: a execução das entrevistas.

7.2.1. Análise dos dados

A organização dos dados ocorreu em dois momentos: transcrição da gravação de áudio das entrevistas e análise de conteúdo tecendo considerações sobre as questões trazidas nos relatos.

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, foi realizada uma coleta exploratória de dados levando em consideração o modelo de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011). A autora problematiza que a análise de conteúdo em entrevistas é uma tarefa bastante complexa e que

necessita de um método de investigação específico para dar conta de explicá-las, já que alguns programas de computadores não o fazem. Bardin (2011, p.9) teoriza que a análise de conteúdo pode ser definida como: “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento que se aplicam a discursos (...) extremamente diversificados.”

Esse método de investigação, de acordo com a pesquisadora, pode ser entendido como uma análise das comunicações e procura conhecer aquilo que está por trás do significado das palavras, um desvendar crítico, e possibilita analisar a intersecção entre os conteúdos, o entrecruzamento entre as categorias.

Para estudo do material, Bardin (2011) propõe três etapas diferentes: a) pré-análise (organização dos dados) que se inicia pela leitura das falas realizadas por meio da transcrição das entrevistas e escuta dos áudios; b) exploração do material coletado (categorização) pela identificação e levantamento de indicadores: classificação, estabelecimento de eixos temáticos; c) tratamento dos resultados (inferência).

É importante acrescentar que foram realizadas repetidas leituras flutuantes do material (procedimento análogo ao conceito psicanalítico de atenção flutuante), segundo Turato (2008). As leituras constituíram-se como flutuantes, pois não buscam o direcionamento de aspectos específicos, e sim, uma “aguda atenção” a todos os elementos (tudo o que se lê e/ou o que se escuta), na tentativa de atingir o latente (inconsciente) do material colhido e contidos nas falas dos entrevistados. É necessário um cuidado especial para não desconsiderar um aspecto em detrimento do outro, de privilegiar o sujeito da pesquisa e não os valores próprios do cientista, e especialmente de possibilitar o exercício da capacidade criativa e intuitiva do pesquisador. Finalmente, a análise do conteúdo deve abranger a contextualização e a caracterização do meio ambiente, de onde se produziram as informações coletadas (CAMPOS e TURATO, 2009).

Enfatizamos que, apesar de identificarmos grandes eixos temáticos (por exemplo, como os entrevistados lidaram com a situação da morte e outros), comuns aos quatro participantes do projeto, a compreensão do tema em questão (não somente relacionada à investigação da dinâmica do vínculo fraterno do ponto de vista geracional, mas à vivência da perda de um ou mais genitores

por COVID-19), partiu da compreensão da singularidade de cada caso, sua história e contextualização e, uma escuta, sempre atenta ao emergente das falas, daquilo que também surgia inconscientemente e não somente pelo conteúdo manifesto (consciente) das entrevistas.

A análise do material à luz da teoria psicanalítica permitiu um olhar mais atento à investigação do sujeito e de sua personalidade, à regulação pelo inconsciente (psicanálise clássica) e, às relações e trocas familiares na presença de elementos inconscientes que norteavam e interferiam nessas dinâmicas (psicanálise vincular). Levando em consideração novamente a profundidade e complexidade do assunto, consideramos os aspectos transferenciais e contratransferenciais fundamentais nesse processo de análise, como parte integrante da metodologia, para compreendermos as angústias despertadas de uma temática tão peculiar e delicada, amparadas por uma atitude constante de acolhimento e sensibilidade.

7.2.2. Aspectos éticos

Por tratar-se de um estudo clínico-qualitativo e da análise de fenômenos das relações humanas, cujo objeto de observação é o ser humano, fez-se necessário o compromisso com aspectos éticos estabelecidos pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa que está na resolução 510/2016.

Para seguirmos com as etapas importantes nesse processo e respeitarmos o direito à autonomia e à dignidade humana, apresentamos esse projeto para aprovação ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).

Para a coleta de dados, os participantes leram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo B), em que constaram as informações pertinentes para o conhecimento da mesma e a compreensão necessária de que a escolha na participação da pesquisa ocorreu de uma forma consciente e autônoma.

8. RESULTADOS E ANÁLISE

Apresentaremos uma tabela contendo os dados sociodemográficos como idade, sexo, estado civil, naturalidade, formação acadêmica, profissão, renda mensal, dados da configuração familiar (número de irmãos, idades, posições na fratria), e, em seguida a representação gráfica do genograma, contendo os dados geracionais e da dinâmica familiar (configuração de cada família, separações, adoções, mortes) obtidos nas entrevistas.³⁹ Nessa tabela, foram inseridas as datas do contato telefônico prévio (para estabelecimento do rapport), as datas das entrevistas (após um ano e meio aproximadamente às perdas), as datas da morte dos genitores (no período crítico e de maior mortalidade do período pandêmico) e informações sobre comorbidades (citados pelos participantes como intensificadoras no processo de internação hospitalar).

³⁹ A idade mostrada no genograma corresponde à data da entrevista e alguns membros da primeira geração não contém a idade, visto que não obtivemos essa informação.

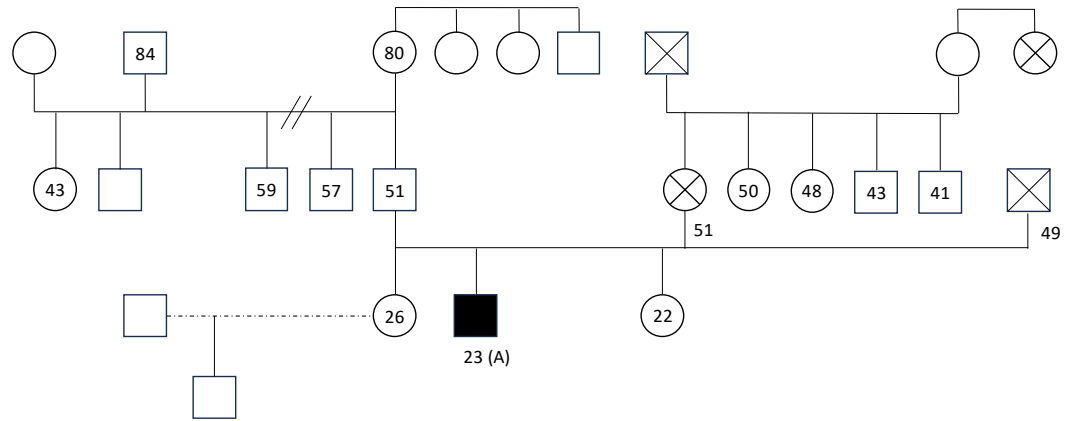
8.1. Tabela (dados sociodemográficos)

PARTIPANTE A	PARTICIPANTE B	PARTICIPANTE C	PARTICIPANTE D
1- Contato telefônico em 12/09/2022 e entrevista em 09/11/2022.	1-Contato telefônico em 20/10/2022 e entrevista em 16/11/2022.	1-Contato telefônico em 21/10/2022 e entrevista em 23/11/2022.	1- Contato telefônico em 22/10/2022 e entrevista em 26/11/2022.
2- 23 anos; DN: 23/11/1998; Sexo masculino; Solteiro	2- 24 anos; DN: 27/10/1998; Sexo masculino; Solteiro	2- 22 anos; DN: 05/10/2000; Sexo feminino; Solteira.	2- 25 anos; DN: 23/11/1997; Sexo feminino; Solteira.
3- Nasceu na capital de outro estado do Nordeste e ainda reside lá, onde mora sozinho.	3- Nasceu no interior paulista e reside na capital de outro estado no Sul, onde divide o apartamento com uma amiga da faculdade.	3- Nasceu na capital de outro estado no centro-oeste e reside no interior desse estado, onde mora sozinha.	3- Nasceu no interior paulista e reside em uma outra cidade próxima, onde mora com o pai e o irmão, que está recém-separado.
4- Fez curso técnico em Jogos Digitais e Dublagem e trabalha como designer de animação (autônomo).	4- Cursa Ciências Econômicas e trabalha como analista financeiro em uma empresa multinacional.	4- Cursa Ciências Contábeis e trabalha em um escritório da família na área contábil na gestão de área rural. Paralelamente estuda para concurso público.	4- Formada em Administração de Empresas e atualmente cursa MBA em Finanças e Controladoria e trabalha como tesoureira em uma empresa local.
5- Renda mensal entre 2000 e 4000 reais.	5- Renda mensal: aprox. 4000 reais.	5- Renda mensal: aprox. 7000 reais.	5- Renda mensal: aprox. 3000 reais, que é complementada com a renda familiar (do pai aprox. 5000 reais).
6- Filho do meio: tem duas irmãs, a mais velha de 26 anos e a caçula de 22 anos.	6- Filho caçula: tem uma irmã mais velha de 29 anos.	6- Filha mais velha: tem uma irmã do meio de 20 anos e um irmão caçula de 16 anos.	6- Filha caçula: tem um irmão adotado de 38 anos.

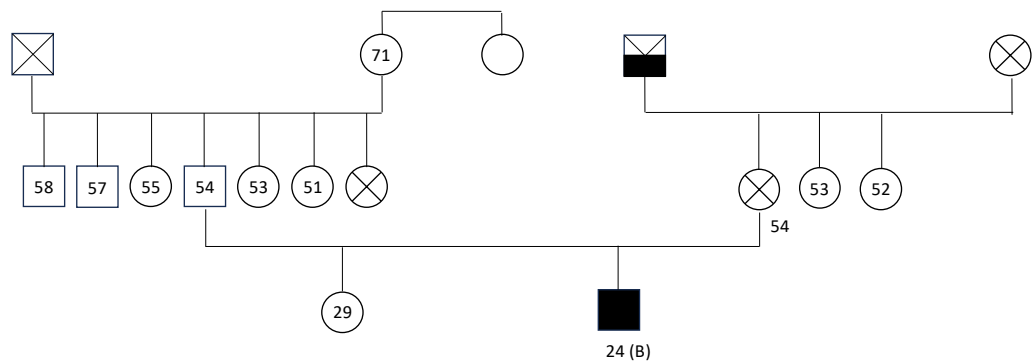
<p>7- Os pais se separaram quando ele tinha 6 anos. A mãe casou-se novamente três anos após a separação. Perdeu o padrasto em 17/04/2021 e a mãe em 20/04/2021. Os dois por COVID-19. A genitora estava com depressão e sofreu dois acidentes vasculares cerebrais (AVCs), o primeiro há sete anos aproximadamente e o outro no ano posterior.</p>	<p>7- Perdeu a mãe em 23/04/2021 por COVID-19. A genitora tinha histórico de depressão na família (ela mesma, a irmã do meio e a mãe).</p>	<p>7- Perdeu o pai em 27/04/2021, o primo em 07/05/2021 e o avô paterno em 22/05/2021. Os três por COVID-19. O pai e o avô apresentavam colesterol alto (hipercolesterolemia).</p>	<p>7- Perdeu a mãe em 27/02/2021 por COVID-19. A genitora apresentava hipertensão e obesidade.</p>
--	--	--	--

8.2. Genograma

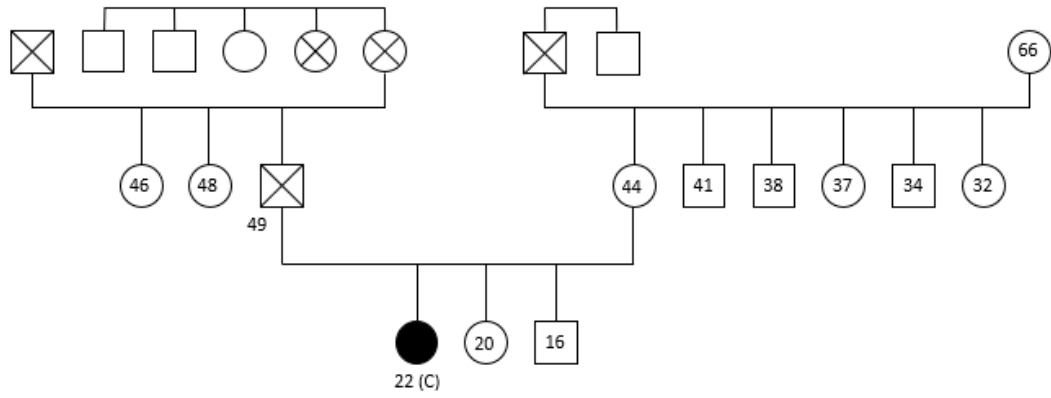
PARTICIPANTE A



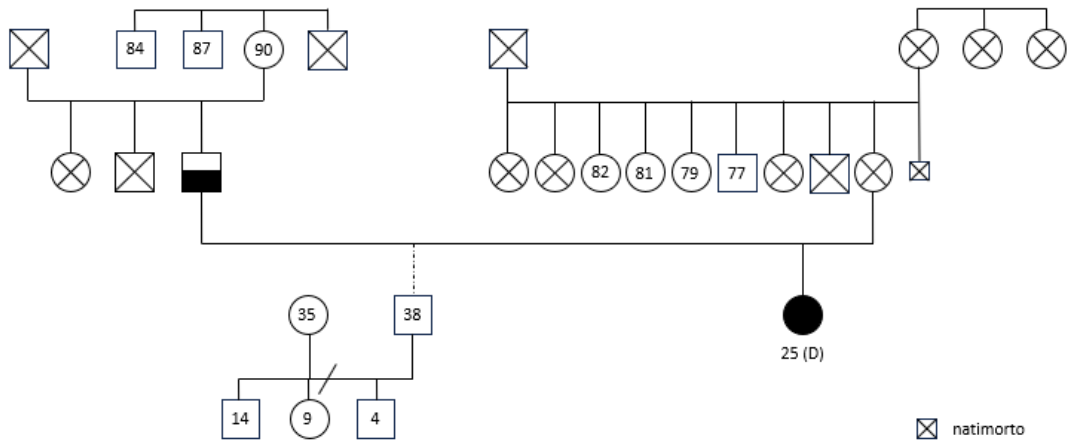
PARTICIPANTE B



PARTICIPANTE C



PARTICIPANTE D



LEGENDA

- - Homem
- - Mulher
- ⊗ - Morte - x
- e ● - Participantes
- - Casamento
- //—○ - Divórcio
- /—○ - Separação conjugal
- - Filhos: ordem de nascimento com o mais velho à esquerda
- - Filho adotivo
- - Abuso de álcool ou drogas

Gostaria de compartilhar algumas informações adicionais à tabela apresentada sobre o histórico de vida pessoal de cada participante e algumas observações.

Como iniciar a entrevista? Como possibilitar o acolhimento de um tema tão novo, difícil e delicado? A ansiedade e o desconhecimento de uma proposta desafiadora intensificaram-se, quando finalmente foi marcado o primeiro encontro. No primeiro contato ao telefone com cada um, a emoção já começava a se apresentar. As explicações sobre o termo de consentimento, a busca das primeiras informações, dos dois lados, revelava uma disponibilidade, um comprometimento e a criação de uma relação de confiança que só cresciam. Percebemos que o recebimento das assinaturas físicas pelo correio marcou um contrato, agora muito mais próximo e legítimo.

É importante ressaltar que em todas as entrevistas, foi esclarecido no começo que não só exerceria a função de entrevistadora, mas também desempenharia uma posição de acolhimento e apoio, levando em consideração a peculiaridade e complexidade do tema. Já havíamos conversado ao telefone anteriormente e explicitado algumas questões relacionadas ao bem-estar psicológico dos entrevistados, o que facilitou bastante o estabelecimento de uma conexão, de uma ligação inicial segura. Uma vez realizada as observações preliminares, é primordial salientar que os encontros foram permeados pela emotividade (das duas partes) e, formular indagações destinadas a questões tão pessoais e profundas, foi progressivamente adquirindo um sentido maior, de estar ali juntamente com eles, de oferecer uma escuta, de recontar uma história. Gradativamente, entrevistadora e entrevistados puderam ir se alinhando.

Nesse contexto, a obtenção de informações pessoais permaneceu em segundo plano e houve uma dificuldade de organizá-los, de colocá-los em ordem. Devemos admitir algumas interrupções nesse sentido e a presença de ansiedade na relação transferencial e contratransferencial. De qualquer forma, podemos dizer que, o resultado, foi muito além das expectativas - as entrevistas fluíram de uma forma muito produtiva e espontânea, porém bastante intensa e viva. Os participantes foram extremamente cooperativos em todas as etapas, e, qualquer forma de agradecimento, não seria suficiente para expressar a coragem e a solicitude de cada contribuição.

Muito mais que uma entrevista, a possibilidade de estar “fotografando” a história de cada um, ou uma parte dela, trazia a sensação da gentileza proporcionada, característica observada em todos os participantes, em poder compartilhar. Compartilhar uma situação de perda, de um luto tão peculiar. Um luto que foi apressado pela pandemia de COVID-19, que foi de alguma forma retirado de um ritual, de um lugar e de um tempo. Poder recolher, com cada um lembranças, comentários, dúvidas, angústias, ensinamentos, lacunas, foi também muito mais do que desenhar uma pesquisa, foi poder aprender um pouco mais, quando realmente nos propomos a encontrar alguém. Poder contar com essas trajetórias tem um preço inestimável e um enorme sentimento de gratidão destinado aos envolvidos.

Enfatizamos que as questões objetivas da entrevista, como dados pessoais e informações relevantes a serem esclarecidas, foram se mesclando às situações de intenso sofrimento por eles relatados. O desafio de administrar os vários fatores foi uma condição constante, assim como adequar o tom de voz utilizado, a forma de elaborar as perguntas realizadas, a garantia de um clima harmonioso. A presença da emoção foi percebida em diferentes tons de voz da entrevistadora e dos sujeitos investigados, nos silêncios, nas pausas.

O primeiro entrevistado (participante A) demonstrou abertura para o contato, afetividade, flexibilidade e muita atenção para com a entrevistadora. Revelou espontaneidade e uso de gírias em alguns momentos, mostrando-se confortável e despojado de formalidades. Respondia às questões com entusiasmo, sensibilidade e prontidão. Mudava o tom de voz nas questões relacionadas às recordações e lembranças de situações familiares (especialmente as relacionadas às irmãs e aos irmãos da figura materna), demonstrando apego e envolvimento aos membros referidos; o que revela a existência de memórias bastante vivas e presentes no seu psiquismo e facilidade para acessá-las. Enfatizou algumas vezes ter uma “*família grande*”, com muitas histórias “*muita doideira*” e que os vários integrantes dela (não somente da nuclear, mas referentes à ampliada ou extensa como primos, tios e avós), residem em locais e estados diferentes do Brasil. Contou que o grupo possui um site e que é composto por antecessores famosos, como um escritor importante, demonstrando orgulho e estima em pertencer à essa instituição familiar, enquanto participante do grupo, um sentimento de pertencimento (PUGET, 2015).

Explicou que realizou vários cursos, mas, primeiramente, fez um de Dublagem (técnico) ainda muito jovem (possuía 18 anos aproximadamente,), após ter concluído o Ensino Médio. Alega que já se interessava bastante por essa área “*eu sempre quis trabalhar com isso*” e já havia feito alguns sobre teatro. Após um período longo, decidiu estudar Jogos Digitais, e concluiu o estudo como técnico nesse campo. Ao ser questionado sobre o trabalho atual, ressalta que não atua diretamente nesses dois setores, todavia a sua atuação profissional abarca os dois assuntos.

Foi possível observar uma proximidade e envolvimento afetivo muito grande em relação ao padrasto, sendo o único dos irmãos a residir com ele e a mãe nos últimos anos “*inclusive meu quarto hoje era o quarto deles*” (ele sofreu a perda do padrasto e da genitora em um espaço de uma semana). Quando questionado sobre o nome do pai, informou os dados referentes ao então companheiro da mãe. Em vários momentos da entrevista menciona a admiração por ele, pela sua capacidade de comunicação e a facilidade de entrosamento com as pessoas, e por se apresentar como um elemento de união na família: “... *ele era professor... ele lidava bem com todas as idades...a gente acabou indo estudar no colégio onde ele trabalhava e tudo mais...*”. Contou que o padrasto era tio de uma amiga de infância da irmã mais velha, e que após terem sido apresentados começaram a se relacionar e permaneceram juntos durante aproximadamente treze anos. Relatou que recorda uma situação muito significativa, quando possuía aproximadamente nove anos de idade “*eu lembro dele, eu pequenininho e ele chegar para mim para pedir a mão da minha mãe, eu lembro disso assim...*” (e sorri).

Demonstra também um apreço à cidade natal, manifestando novamente uma sensibilidade aflorada: “*aqui as pessoas são muito calorosas*”. Descreve que as irmãs residem em outro estado, onde o estilo de vida e costumes são significativamente distintos “... *lá as pessoas são muito fechadas...*”. Comentou sobre planos de se mudar para esse local no ano seguinte, e que já teve essa experiência durante um ano aproximadamente, porém não havia condições favoráveis para permanecer na nova cidade.

Referiu as questões relacionadas à divisão legal do apartamento, onde mora sozinho atualmente e ao inventário. Contou que a tia-bisavó, que foi responsável pela criação da mãe, também residia com ele e os pais, porém veio a falecer em 2020 (antes da pandemia), aos 98 anos,

um ano anterior às mortes da genitora e de seu então atual esposo. Apesar de não ter providenciado a documentação após as perdas, já havia acordado com os pais do padrasto que o imóvel ficaria para ele e as irmãs. Explicou que o fato de ele ter falecido antes da mãe, direcionou a ela o direito de partilhar a metade da propriedade e o restante destinar-se-ia aos pais dele. Devido às circunstâncias repentinas das mortes e às questões emocionais, concordaram que a herança fosse adquirida pelo grupo de irmãos: *“Era a única coisa que a gente tinha de fixo mesmo”*. Compartilhou que gostariam de vender o apartamento assim que possível. Percebemos que a definição do destino do patrimônio herdado à fratria mobilizou positivamente, acarretando um sentimento de certeza, segurança e alívio, em meio à tantas mudanças e rompimentos. Era possível agora ter planos para um futuro a curto prazo com a venda do imóvel.

Como mostramos na tabela, a mãe apresentava um quadro depressivo *“ela não estava bem, estava de cama”*. Referiu uma vida ativa profissional da genitora por alguns anos e que paralelamente ao comércio de roupas, gerenciava um salão de festas, onde organizava e produzia eventos e cerimônias. Comentou sobre as dificuldades financeiras dela há algum tempo, ocasionadas principalmente após ter sofrido um acidente vascular cerebral (AVC) há sete anos, o que provocou algumas sequelas na memória e na fala. Contou que a genitora tentou montar novamente a loja de roupas (atividade que exercia anteriormente), porém não se sentia disposta e apresentava um quadro recorrente de enxaqueca. Explicou que ela sofreu um outro AVC no ano posterior (não se recorda exatamente quando ocorreu), e, que, desde então, começou a se mostrar mais frágil psicicamente e dependente do companheiro. É possível identificar um desinvestimento afetivo da parte dele em relação à mãe e um reinvestimento na figura do padrasto, que passa a ocupar um lugar central na parentalidade e cuidado com a família. Sobre ele, apresenta narrativas espontâneas, tendo que ser questionado a elucidar (presença de lacunas) muitas das informações pessoais a respeito da genitora, como vida profissional, adoecimento. É relevante também apontar uma sobreposição de situações de crise (que já se configura como uma ruptura no equilíbrio e uma intensificação da tensão) ao longo do tempo (os episódios do AVC e o quadro depressivo da mãe, o nascimento do sobrinho, a morte da tia-bisavó e as perdas recentes). Tudo isso dificulta ainda mais o processo de elaboração psíquica, pois novas adaptações devem ser realizadas e incorporadas ao cotidiano, como o redirecionamento financeiro familiar, a distribuição das tarefas domésticas,

as novas demandas que surgem, além da desorganização psíquica que pode ter ocasionado uma certa dificuldade no resgate do histórico da figura materna.

Quando indagado sobre a possibilidade de receber ajuda psicológica nos comentários finais, esclareceu ter pensado sobre essa hipótese, todavia, acabou não tomando providências nesse sentido. Referiu estar com pedra na vesícula há dois anos e que até hoje não foi procurar assistência médica *“eu acabo esquecendo, deixando para depois... é muita coisa, muita coisa na cabeça”*. É possível perceber a sobrecarga de responsabilidades e deveres que lhe foram atribuídos de uma forma muito rápida e a questão dos cuidados com ele mesmo colocada em segundo plano. Algo passa a ser negligenciado, esquecido, face ao turbilhão de acontecimentos que desestabilizam e desorganizam os recursos psíquicos (BENHAIM, 2021; WEISSMANN, 2021). Mesmo levando em consideração o impacto de todas essas questões, identificou-se uma vivacidade no compartilhamento de experiências, uma facilidade para descrever e apontar as frustrações envolvidas e a presença de energia e contentamento em viver. O participante destaca um vínculo próximo com as irmãs, que será mais bem analisado na categoria temática subsequente.

O participante B demonstrou estar bastante emotivo e sensível e manifestou muita transparência e autenticidade ao relatar o quanto a situação da entrevista o mobilizou positivamente (o desejo de falar) e negativamente (medo de entrar em contato), pois tratava-se de um assunto ainda muito recente *“nesses dois anos de luto...eu sei que as pessoas têm medo de perguntar, citar por exemplo a respeito da minha mãe(...)é muito difícil falar sobre isso, é um tema que ainda mexe muito comigo”*. Confessou ter encontrado resistência primeiramente, e que a participação nesse estudo representaria uma realidade que lhe foi imposta, uma dura realidade *“de ser enquadrado na sua pesquisa”*. Percebi que de alguma forma estava demandando que eu falasse algo ou reagisse, mas acabei não comentando. Refletiu finalmente sobre a importância de abrir portas e contribuir com a ciência *“é uma forma de colocar um pouco desse sentimento para fora”*. Identificou-se a presença de habilidades intelectuais na articulação e associação de ideias, demonstrando um pensamento crítico e reflexivo. Por outro lado, em alguns momentos, notou-se uma certa confusão na exposição do conteúdo, provavelmente causada pelo forte apelo emocional do tema: certos trechos foram difíceis de compreender. Nesses momentos, percebemos um excesso de informações

(muita coisa para falar), algumas frases sem concluir, acontecimentos e sentimentos negativos entrelaçados aos positivos, troca de datas e de palavras, provavelmente indicando a presença de atos falhos (uma manifestação inconsciente de equívocos na fala).

Relatou que se mudou para outro estado situado no Sudeste em 2017 “*era uma cidade muito longe, quase quinze horas de viagem*”, quando ingressou em uma universidade federal. Apesar de ter sido carinhosamente acolhido por colegas e pessoas locais, percebeu que a cidade não oferecia muitas opções para inserção no mercado de trabalho e tomou a decisão de tentar um novo vestibular em um lugar com mais oportunidades, “*melhor qualidade de vida e acesso à cultura*”. No ano seguinte foi aprovado em uma nova instituição acadêmica federal, segundo ele, “*mais renomada e maior*”, localizada no sul do país. Disse ter tentado a Universidade de São Paulo (USP), a única escolhida por ele no seu estado originário, contudo, não obteve êxito. Comentou sobre ter despertado uma certa insegurança devido ao problema da violência urbana por tratar-se de uma cidade muito grande (reflete que esse sentimento deve estar relacionado à atitude protetora dos pais), mas que atualmente, sente-se mais aberto ao enfrentamento. Está cursando o último ano de Ciências Econômicas e tem se dedicado bastante ao trabalho de final de curso intitulado “Cenário de pobreza na América Latina com o agravamento da COVID-19”. Fala sobre a importância de realizar pesquisas relacionadas à situação pandêmica e que na sua área de estudos, as contribuições ainda são bastante limitadas. Menciona ter planos de morar em outra capital, em um estado diferente, no ano seguinte à sua formatura. Comentou, em alguns momentos da entrevista, sobre uma grande decepção em relação ao local atual de sua residência e faculdade “*as pessoas não eram como eu imaginava e a cidade não era como imaginava*” que se mostrou aquém das suas expectativas iniciais. Explicitou ter retornado a terra natal e ter residido novamente com o pai e a irmã em 2021, após a perda sofrida, o que parece indicar a necessidade de reaproximação ao núcleo familiar, de retomar a convivência. Em 2022, passou a dividir um apartamento com uma amiga que também reside em sua cidade de origem e que frequenta o mesmo curso na universidade referida.

Relatou se sentir diferente agora “*a minha condição mudou*” e mais maduro em relação à algumas questões. Na medida que a entrevista avançava, apontou a possibilidade de comemorar seu aniversário, algo que não ocorria, a vontade de residir na capital paulista e outros pontos que

foi compreendendo de uma outra forma, como as expectativas da genitora em relação a ele e a irmã, que explicaremos mais adiante. Atribui essa mudança ao fato de ter saído da casa dos pais há cinco anos, o que proporcionou um enriquecimento de vivências e a possibilidade de se libertar de “*um lar muito protetor*”. Conta o desejo dos pais de fazer com que permanecessem na mesma residência, sempre próximos e ao alcance deles “*mas minha irmã se rendeu às vontades do meu pai e da minha mãe, eles queriam que ela fizesse faculdade por lá mesmo(...) ela não optou por sair*”. Podemos citar a referência de Kancyper (1999) e a ideia da presença excessiva dos pais, que não permitem os filhos entrarem em contato com a falta, com as frustrações, e, nesse sentido, não abrem espaço para o exercício da liberdade e do fazer criativo, típicos da adolescência (KANCYPER, 1999, KEHL, 2000; HEENEN-WOLF, 2021). Essa atitude das figuras parentais também dificulta a busca de identidade dos filhos, que se sentem inseguros e intimidados a arriscar e procurar seus próprios interesses. Ele literalmente comenta: “*E isso faz com que a gente perca um pouco da nossa identidade, porque aquela pessoa fica presa ali*”. No caso deles, a irmã acabou tomando decisões que respeitava o desejo dos pais, um lugar conhecido e que não se caracterizava como um confronto de gerações (KANCYPER,1999) ou um conflito de aspirações pretendidas. Observamos que o participante e a irmã foram designados, pelos pais, para seguirem as projeções narcísicas desses últimos sobre eles.

Descreveu um histórico de depressão da mãe e das tias maternas, ocorrência de internações e a necessidade de controle medicamentoso. Considera que essas questões marcaram as relações entre a mãe e as irmãs (muitas brigas e discussões), entre ele e as mesmas (testemunhou uma dificuldade na comunicação e na interação com elas) e que, finalmente, refletiram na forma de lidar com os conflitos: a preocupação demasiada e cuidado da mãe em relação às irmãs, que provavelmente gerou uma sobrecarga. Aos poucos, e com o decorrer da entrevista, o participante B vai construindo uma tentativa de compreensão da personalidade e atitudes da genitora.

Identificou-se uma dificuldade na comunicação também do lado paterno, quando referiu conflitos no relacionamento com os tios “*eles não se falam*” e pouca convivência, ocorrendo a reunião familiar apenas em datas muito significativas, como no Natal. Observou-se também uma dificuldade de acessar as memórias, tanto as relacionadas com a irmã quanto com os irmãos dos

tios e avós; mostrava-se reticente e reconhecia a dificuldade de relatar, de recordar e a existência de lacunas.

Contou que fez terapia durante três anos, e, que, interrompeu recentemente para poder “descansar” um pouco e, mais adiante, refere que gostaria de retomar o acompanhamento psicoterápico em uma abordagem diferente da anterior: “*eu estou tirando férias da terapia (...) eu preciso processar esses três anos...*”. Demonstra consciência da sobrecarga de acontecimentos, perdas e mudanças ocasionadas na sua vida. Considerou primordial o processo terapêutico para buscar uma compreensão mais afinada da dinâmica familiar, que sempre se apresentou conflituosa e do autoconhecimento que adquiriu. No final da entrevista desabafa: “*Eu não quero mais mudanças*”. Nesse momento, agora mais relaxado e aliviado, se emociona e começa a chorar. Contratransferencialmente, tento acolher sua manifestação emotiva, e um sentimento de impotência me inunda: como auxiliá-lo nesse processo? E após repetidas escutas dos áudios, a mesma intensidade fez-se presente. Nesse contexto, podemos citar Puget (2000) e sua discussão sobre a função de *testemunha* do terapeuta, de apenas estar presente e escutar, sem inferir ou interpretar o conteúdo evocado.

É relevante observar que a participante C sofreu perdas múltiplas em um curto espaço de tempo (vinte dias) e as três pessoas faziam parte do seu convívio diário tanto física como emocionalmente. Eles residiam na mesma cidade e pertenciam ao lado paterno da família: o primo, de 41 anos, com quem trabalhava junto, o avô paterno (com o qual mantinha uma relação muito próxima e possuía 80 anos) e o pai de 49 anos, que demonstrava significar a sua referência principal na constituição de sua subjetividade. Isso posto, podemos imaginar o impacto de uma dor tão profunda e de tal magnitude.

C. utiliza um tom baixo de voz, demonstrando discrição e uma atitude mais reservada e, por conseguinte, uma suavidade e tranquilidade ao falar. No decorrer da entrevista, tornou-se mais descontraída e manifestou senso de humor e vivacidade em vários momentos, mostrando jovialidade e disposição. Relata que cursa o quarto semestre de Ciências Contábeis e que, anteriormente, ingressou na faculdade de Engenharia Civil, mas interrompeu. Conversamos sobre os planos para o futuro e admitiu não ter muito interesse na faculdade “*eu empurro com a barriga*

(...) *o meu objetivo mesmo é acabar a faculdade e prestar concurso*". Comenta, com frequência, a grande afinidade com o pai e o interesse prematuro em trabalhar, começou aos quatorze anos de idade (em 2015), em um escritório de contabilidade que pertence à tia paterna *"eu comecei aqui bem novinha(...) já estou bem familiarizada com a área"*. Diz atuar mais na área rural da firma, e, também, gostar de aprender diferentes atribuições e tarefas e que sempre foi muito focada e responsável ao desempenhar suas funções profissionais. Explicou que o primo que faleceu, era sócio da tia paterna *"éramos bem próximos"*.

Apesar de ser ainda muito jovem (vinte e dois anos) demonstra paciência, disponibilidade e tolerância no enfrentamento de problemas e brinca: *"é bom pegar o problema dos outros e resolver assim, para eles seria tão difícil(...) às vezes uns dão mais trabalho, mas tudo se resolve"* (risos). Menciona sentir-se mais madura que as pessoas da sua idade e que possui amigos mais velhos, com quem mantém relações bastante agradáveis e produtivas, nas quais aprende bastante: *"eu faço questão de ter pessoas melhores que eu por perto(...) que vai me ajudar em algo"*. Demonstra bom humor e objetividade na busca de soluções, provavelmente também alcançada pelos seus estudos em ciências exatas e a experiência acumulada de sete anos na atuação profissional. Mostra iniciativa e autonomia para conduzir a própria vida.

Relata que mora sozinha desde abril de 2022, na mesma casa onde todos habitavam, em uma cidade pequena no interior de outro estado, quando então a mãe e os irmãos mudaram para os Estados Unidos, na tentativa de reorganizar a vida financeira; ela permanece sozinha aqui. Explica a situação: *"meu pai era funcionário público e a pensão da minha mãe não dá 15, 20% do salário dele(...), mas ela sempre teve vontade de ir, ela foi e levou os meninos"*. Quando indagada a respeito da separação da família, respondeu que necessita terminar a faculdade *"meu lugar é aqui"*. Disse ter sido bem difícil no início, mas que já está adaptada à nova rotina: *"só a casa que fica bem vazia(...) é muito grande"*. Conta que gosta muito da cidade e que possui vários familiares (especialmente do lado paterno) que são moradores locais ou próximos do município onde reside, na mesma região *"é tudo bem acessível"*. Refere que a família da mãe é originalmente de outro estado e, que, há poucos integrantes que residem hoje lá. Associa esse fato ao estabelecimento de uma ligação afetiva mais forte com os membros familiares nativos e moradores do mesmo lugar,

inclusive com a avó materna, com quem mantém uma relação bastante afetuosa. Percebemos um apego da participante C às raízes formadas na atual localidade, e um apreço aos valores e costumes apreendidos como reuniões e visitas frequentes ao círculo de amigos, churrasco com os familiares, participação em comemorações diversas. Supomos que estar e conviver com essas tradições lhe proporciona alegria e prazer e um sentimento de pertencimento (PUGET, 2015 e outros autores), um lugar seguro para retornar, no meio de tantas variantes ocasionadas pelas mortes repentinas dos três familiares, e que compreendeu três gerações distintas. (avô, pai e primo).

Menciona a atuação profissional do genitor na prefeitura, em momentos diferentes da entrevista, e que ele exerceu essa atividade por mais de trinta anos, demonstrando admiração e orgulho. Contou entusiasticamente uma viagem que realizou em 2019 na companhia da figura paterna (somente os dois) para os Estados Unidos, onde permaneceram durante seis meses, revelando intimidade e cumplicidade com o pai. Refere o grande desejo de ingressar em um órgão público, da mesma forma que ele o fez, e, que tem se dedicado aos estudos preparatórios para esse objetivo maior. Percebemos uma grande identificação da entrevistada com a figura paterna e um desejo (consciente e talvez inconsciente) de dar continuidade ao legado iniciado, à história geracional familiar, (KAËS, 2001), constituindo-se como um elo na cadeia geracional (GRANJON, 2000) e permitindo a ocorrência de uma transmissão intergeracional da cultura, tradições e costumes (FREUD, 1913; KAËS, 2001; THACHTENBERG, 2023). Percebemos um grande contentamento da participante C ao se referir ao irmão caçula e que o acesso às recordações se dava quando ele participava do fato lembrado.

É importante ressaltar que o último encontro foi o mais longo (duas horas e meia) e que a conexão da internet se mostrou bastante oscilante (provavelmente a rede utilizada pela entrevistada), o que também interferiu na duração, pois foi preciso repetir frases e palavras inaudíveis. A participante D falou bastante e vigorosamente, expressando-se com rapidez e prontidão e em um tom firme, grave e animado. Notou-se a escassez de pausas e silêncios, constituindo-se em um discurso marcado pela determinação em falar, contribuir.

A quarta entrevistada completou vinte e cinco anos recentemente e iniciou falando da sua formação e seu grande interesse por números e ciências exatas: “*gosto bastante, me encontrei no*

meio dos números (...) achei meu lugar(...) risos, é ainda um ambiente muito masculino, eu ainda tenho muita dificuldade, mas devagarzinho a gente vai se impondo, vai ganhando espaço, vai aprendendo". É formada em Administração de Empresas desde 2020 (a colação de grau ocorreu uma semana antes do fechamento oficial do início da pandemia) e está cursando MBA (Master in Business Administration) em finanças e controladoria, em uma universidade pública estadual. Ao ser questionada sobre a afinidade com esse campo, atribui ao relacionamento com professoras excelentes no ensino médio, que lhe despertaram a possibilidade de realmente aprender e compreender matemática, e, a estimularam a confiar na sua capacidade intelectual *"para mim os números falam, igual pessoas falam(...) esse mundo de finanças, e controladoria trouxe estabilidade, linha reta"*. Essa aptidão a levou a optar pela faculdade de Administração e finalmente atuar no setor de finanças, ocupação presente (tesoureira em uma empresa de colchões da região): *"você conseguiu misturar pessoas e números"*.

Comentou sobre um período difícil no qual não pôde estar ativa profissionalmente devido à pandemia; havia concluído um estágio (em dezembro de 2019) e o decreto oficial ocorreu em março de 2020 *"fiquei parada quase dois anos. eu surtei, eu engordei, fiquei depressiva"*. Embora sintasse ambiciosa e comprometida no sentido de atingir seus objetivos, ressalta preferir ter pouco contato com o público *"sou extremamente tímida, falar com pessoas para mim é muito difícil"*; considera-se uma pessoa reservada e *"fechada"*. Confessou ter *"pavor"* de bicho, qualquer bicho, *"cachorro, gato, periquito, papagaio"* e não gostar da vida do campo, identificando-se com o estilo urbano de viver. Citou que a mãe também não gostava de cachorro devido à alguns incidentes com o irmão, que não cuidava adequadamente (teve três ou quatro). Ele confabulava que esse medo devia ter passado para a irmã: *"Ele fala que a mãe não gostava de cachorro, e ele acha que isso passou para mim na gestação, porque ele judiou muito dela com os cachorros(...) porque ela tinha que limpar, ele não limpava. Os cachorros ficaram muito doentes, então ela teve que gastar muito com veterinário, com essas coisas. Então acho que deu uma traumatizada nela"*. Refere ser uma pessoa muito medrosa, e possuir outros receios bastante curiosos, como medo de vela. Descreveu um episódio no seu aniversário de dois anos, lembra como se fosse hoje, de ter se escondido embaixo da mesa no momento de cantar os parabéns e ter chorado muito devido à reação repreensiva da genitora. Recordar-se que apareceu chorando em todas as fotos e não ter

compreendido a atitude da mãe. Considera-se bastante sensível e admiti não lidar bem com censuras, exigências ou indagações sobre seu comportamento.

Referiu ter feito terapia dos treze aos dezoito anos, e que retomou o processo com a mesma profissional, em agosto de 2021, após o falecimento da mãe. Contou ter procurado o acompanhamento inicialmente, quando adolescente, devido à ansiedade e “autocobranças” e para um direcionamento da carreira (orientação vocacional) e, decidiu dar prosseguimento ao processo de autoconhecimento. Em outro momento acrescenta: *“Eu brinco com ela (com a terapeuta) que a nuvem negra saiu de cima da minha cabeça depois que(...)que eu voltei a fazer terapia “.*

Demonstra ter pressa e bastante preocupação com o futuro (reconhece que é ansiosa). *“É que eu sou muito ligada no 450, não é nem no 220, então eu tenho preocupação com tudo”.* Mencionou essa característica em momentos diferentes da conversa e, associa essa condição, ao fato de a mãe ter engravidado aos 43 anos de idade e que sempre trazia as questões sobre as limitações que o tempo nos impõe. Conta que a mãe enfatizava que elas não tinham muito tempo e que deveriam extrair o máximo dele. Lembra que se sentia incomodada com essa conversa, mas a genitora insistia nesse “lema”. *“Só que ela era muito clara e transparente com isso. ‘Filha, por você ter vindo...eu tenho mais idade, então o tempo que a gente tem junto é mais escasso. Então eu preciso te preparar para você saber lidar sem mim. O tempo que eu tive com seu irmão foi muito maior, com você vai ser menor. E não é porque eu quero, é a lei da vida.’* Podemos pensar que se trata da construção de um mito familiar (BENGHOZI, 2010; LEVY, 2022), que pode ter sido constituído como tentativa de fornecer um significado para uma gravidez tão desejada e quase impossível. Uma forma de agradecer seria experienciar a vida intensamente, e sem tempo a perder, criou-se então essa equação inconsciente.

Explicou que residem os três juntos, o pai de 66 anos (possui a mesma idade que a mãe na ocasião da morte), o irmão de 38 anos, que é adotado (detalharemos em seguida) e ela. Referiu que o pai é aposentado (mecânico de ônibus e caminhão), mas que continua atendendo clientes particulares e recebe a pensão da esposa falecida. Informou que o genitor integra um clube de pesca com os amigos, que dispõe de um ônibus que é dividido em uma sociedade: viajam para diferentes destinos para a prática do esporte, e o genitor é o condutor responsável e encarregado da

manutenção do veículo. Esclareceu que o pai sempre foi muito ciumento e extremamente protetor em relação a ela, precavendo-se de todos os cuidados quando por exemplo, havia um show na capital, insistia para levá-la de carro e receber notícias até o retorno a casa. Disse que ele permanece assim e acredita ser uma preocupação saudável, um tratamento respeitoso e carinhoso entre os dois. Embora descreva o genitor bastante presente e atento, enfatiza sempre ter tido espaço para exercer suas escolhas e manejo da própria vida com liberdade, característica também demonstrada pela figura materna. Recordar-se que um círculo de amigas mais próximo sentia prazer em poder dialogar com a genitora sobre namoro, sexo e outros temas mais delicados.

Contou que o irmão trabalha como controlador de acesso (integrante de uma equipe de segurança) que presta serviços para condomínios residenciais e, que, decidiu se separar (em 2022) da segunda esposa, após a morte da mãe. Possui três filhos: o mais velho, de 14 anos, que ele acolheu e adotou após o abandono do pai biológico da ex-mulher e mais dois de outra companheira, um de 9 e outro de 4 anos. Podemos pensar em uma escolha de parentalidade (a adoção) que se repete e que passa a ser transmitida entre as gerações (KAËS, 2001; TRACHTENBERG, 2023). Explicou que a segunda ex-cunhada residiu com a família durante oito anos e, que discutia com frequência com a genitora que, segundo a entrevistada, não se sentia confortável com a presença dela. Percebe, que durante a pandemia, a obrigação de estarem todos juntos e impedidos de comparecerem aos respectivos locais de trabalho, tensionou ainda mais a situação (ENRIQUEZ, 2020). A mãe, nesse panorama, como dona de casa, encontrava-se dividindo o mesmo espaço o tempo inteiro com os “novos” moradores, configurando-se um cenário de perda de liberdade para cada integrante (CAVIERAS-HIGUERI, MESSIAS e BALDAS, 2020). Ademais, conclui que a morte em si, a falta da mãe, culminou em um vazio e uma desvitalização da relação amorosa, que demonstrava se alimentar dessas desavenças (FREUD, 1915).

Relatou que também terminou um relacionamento de um ano e meio, devido às frequentes queixas do companheiro (estar bastante insatisfeito com as novas funções domésticas assumidas por ela – AMARAL, 2021; CUNHA, 2022) e que partiu dele a iniciativa do rompimento (BAUMAN, 2004), logo após a perda da mãe. Ademais, havia recebido na época a notícia da aprovação do seu MBA pela empresa onde atuava, que pareceu representar um fator determinante

para o final do namoro: *“no momento eu sofri, me vi meio sozinha. Falei “poxa, perdi minha mãe, estou perdendo meu namorado, e agora? O que eu faço?”*. A questão da sobreposição de perdas faz surgir uma sensação de não ter para onde ir, de desamparo (FREUD, 1915; CARRETERO, 2020). Devemos lembrar nesse contexto, que o sentimento de ambivalência nas relações amorosas se manifesta face a perda de um ente querido, intensificando os conflitos. (FREUD, 1915). É possível observar um cenário repleto de rupturas e sofrimento agravados pela morte da genitora por um lado, e de fortalecimento da união familiar por outro. A morte inesperada leva a um sentimento de angústia e confusão (FÁVERO e ANTON, 2011; CARRETERO, 2020) e uma redistribuição dos papéis familiares (FREUD, 1915; BENGHOZI, 2010; GOMES, 2013; BARRETO, GUIMARÃES e CALDEIRA, 2020; AMARAL, 2021) e nova canalização da afetividade, especialmente quando diz respeito à ausência da figura materna (KAËS, 2011; HEELLEN- WOLF, 2021).

Explicou a grande dificuldade da genitora em engravidar, a ocorrência de seis abortos e que o caso dela sempre foi alvo de estudo da universidade local por possuir uma anatomia bastante atípica: *“ela teve um problema no DNA, tinha dois úteros, quatro ovários, duas vaginas e não sei quantas trompas, além disso ela tinha mioma e os úteros eram retrovertidos”*. Disse admirar a coragem da mãe em permitir ser examinada e investigada. Inferimos que a permissão para fazer parte de uma pesquisa, repetiu-se na situação atual da nossa entrevista, ocorrendo uma transmissão intergeracional, um desejo de dar continuidade ao legado já iniciado pela genitora. Nesse sentido, percebemos um componente consciente (manifesto) da importância de contribuir com o projeto nesse tema em questão, da coragem de se expor e, inconsciente (latente), que poderia estar relacionada a um desejo, a algo que produzirá frutos imprescindíveis, ou até impossíveis de se realizar. Salientou o grande desejo da mãe em exercer a função materna e que a decisão pela adoção foi algo planejado: *“Como ela não poderia ter filhos, ela teve (...) acho que ela estava na quarta perda, alguma coisa assim. O médico constatou que ela não poderia ter filho pelas vias naturais, então ela resolveu adotar”*. Ressaltou que esse fator ocupou prioridade na vida dela, que abandonou o trabalho como gerente em um supermercado⁴⁰ para se dedicar exclusivamente a esse

⁴⁰ Informou que iniciou como empacotadora e foi recebendo promoções até a posição de gerência.

novo papel. Devemos observar que essa dicotomia (maternidade x carreira profissional) ainda permanece como fonte de conflito na contemporaneidade, remanescente dos valores da família nuclear (GOMES, 2011, 2013). Acrescentou que a gravidez inesperada da genitora pode ser considerado um “*milagre*”, e algo surpreendente na vida da família: “*mas aí o destino, o acaso, eu chamo de Deus, colocou eu lá e deu certo(...) foi uma gravidez muito tranquila, ela não teve pressão alta, não teve nada*”. Compartilhou que a mãe deixou para a última hora (durante o nono mês), a preparação do enxoval e outras providências devido à insegurança e risco de um novo aborto. Comentou que só teve conhecimento desse fato, dos abortos e algumas informações sobre a adoção do irmão, após a morte da mãe. O nascimento da participante foi, portanto, um motivo de muita alegria. dentro desse contexto. Ela (o novo bebê) demonstra portar uma expectativa muito grande relacionada ao narcisismo da figura materna e/ou paterna, de finalmente poder ter um filho biológico para realizar os sonhos que eles não puderam concretizar (FREUD,1914) e, de ser merecedora dessa posição, do próprio desejo inconsciente da entrevistada como filha, de realizar algo incrível em retribuição ao esforço da mãe. Identificamos, portanto, o estabelecimento de um *contrato narcísico* entre pais e filha (AULAGNIER,1979) que são alianças inconscientes onde os dois se beneficiam para dar continuidade ao histórico geracional.

Descreveu a grande afinidade com a religião católica e, que atualmente desempenha a função de ministra da Eucaristia na mesma paróquia que frequentava com a mãe. Admite que a prática do catolicismo a conforta e a fortalece no enfrentamento de adversidades e surpresas que foram e vão surgindo no decorrer da sua vida, especialmente após a perda sofrida. Comenta sobre a intensidade da fé em Deus da genitora e da opção consciente de escolha dessa crença, muito significativa e fundamental também para a entrevistada. Consideramos que houve uma transmissão intergeracional dos valores e costumes religiosos (EIGUER, 1998; KAËS, 2001; THACHTENBERG, 2023).

A participante D revelou um histórico complicado na adoção do irmão mais velho, “*bastante dolorido*” e que foi marcada por várias questões relacionadas à mãe biológica, como adição a drogas e maus-tratos, “*ele tinha marcas de cigarro no corpo*”, o que acarretou problemas de desnutrição e respiratórios (ele tem bronquite) e outros tocantes ao comportamento, como

hiperatividade e dificuldade de aprendizagem “*ele se formou com muito custo no Ensino Médio*”. Contou que o irmão fez acompanhamento nutricional e psicológico quando criança. Explica que os pais sofreram bastante para encontrar e administrar a alimentação adequada frente às deficiências dele: “*Ele nasceu viciado, teve três paradas cardíacas quando nasceu(...) tinha anemia*”. Disse que a mãe dispendia grande energia na preparação cuidadosa das refeições do irmão, que deveria seguir uma dieta especial e que, muitas vezes, o superprotegia. Comenta que pôde compreender todas essas questões apenas mais tarde, e que elas tiveram grande influência na relação estabelecida com o irmão. Referiu que após seis ou sete meses (ele foi adotado com quinze dias de existência) a mãe biológica entrou em contato para solicitar o bebê de volta. Esse fato provocou grande sofrimento à genitora, e seguiu-se um período de muito desgaste dos pais para comprovar a falta de condições físicas e psicológicas da mãe originária e finalmente definir o processo, que foi bem-sucedido para os pais adotivos.⁴¹ Observamos a importância do papel da figura materna no exercício das suas funções e as diferenças no tratamento de um filho para outro, a ideia de que os pais vão sofrendo transformações com o nascimento de outro filho (KAËS, 2011), especialmente nesse caso, que além da adoção, havia uma complexidade de vivências específicas. Destacamos, por conseguinte, a relevância do manejo das figuras parentais na condução dos conflitos advindos do vínculo fraterno (KANCYPER, 1999; KAËS, 2011) e a criação de um espaço de acolhimento e diálogo para ampará-los na tentativa de resolução das dificuldades enfrentadas (MAGALHÃES, MONTEIRO e DANTAS, 2019).

8.3. Categorias interpretativas, eixos temáticos e análise

A partir das repetidas leituras do conteúdo das gravações das entrevistas (já explicado na metodologia), e da escuta dos áudios, elegemos quatro temas principais: 1-a fratria e a dinâmica familiar; 2–a ressignificação da relação fraterna e dos vínculos familiares após o falecimento de um dos genitores; 3- a especificidade da perda por COVID-19 e as circunstâncias da morte; 4-

⁴¹ Ela desabafa: “o processo de adoção no Brasil é dolorido, você fica naquela incerteza se o filho vai ser seu mesmo, se não vai. Você tem que provar se é seu filho mesmo...Minha mãe não adotou um segundo filho justamente por causa disso.”

narrativas relacionadas a intergeracionalidade dos vínculos fraternos, dos pais e avós. Passaremos a descrever os eixos temáticos e a análise do conteúdo.

8.3.1. A fratria e a dinâmica familiar

O participante A diz ter um relacionamento muito próximo com as irmãs: *“A gente se fala todo dia (...) A gente tem um grupo só nosso(...) A gente conversa de tudo(...) A gente literalmente fala de tudo um para o outro (...) a gente sempre foi, sempre foi muito unido, sabe?”*. Fala com orgulho, alegria e afeição em relação a elas.

Descreve duas fases na relação com a irmã mais velha: a) quando morou com ela em uma capital em outro estado (ela permanece nesse local) e conta que havia muita discussão: *“a gente dividia a cama e acabava brigando (...) Ela ia para a sala dormir no sofá e eu pegava o cobertor e ia dormir no chão...era sempre isso”*; b) após o nascimento do filho dela há quatro anos conversam bastante e as brigas diminuíram. A presença de uma terceira pessoa, agora de outra geração (o filho) demonstra exercer a função de um anteparo, proteção e ao mesmo tempo de estímulo afetivo para ligar algo que estava desconectado e que sozinhos não seriam capazes de fazê-lo. Com a irmã mais velha negociava horas no computador, trocas de favores, alternância de jogos, configurando-se uma situação de disputa e tentativas de acordo. Podemos considerar a ligação com ela, um relacionamento mais controlado, talvez mais racionalizado e defendido e menos espontâneo *“Ela tinha isso, de ser a irmã mais velha ... Eu não vou brincar com vocês”*. Percebe-se um certo ressentimento e mágoa da parte dele, um desejo de que poderia ter sido diferente e uma cisão na fratria, a impossibilidade de ocuparem o mesmo nível. As tentativas de se aproximarem fisicamente, conforme por ele relatado, resultava em conflitos. A irmã mais velha parece mostrar resistência na aproximação com o irmão, em compartilhar a intimidade. Parece preferir manter um distanciamento (atitude defensiva). Ele refere algumas vezes essa divisão clara no grupo da fratria *“ela era a irmã mais velha, sabe?”*. Podemos novamente inferir a necessidade dela se manter em uma posição diferenciada, privilegiada e não querer fazer parte do mesmo grupo. Ocupar o lugar do primogênito, um lugar de destaque, de um fictício poder, o que dificultava a

capacidade de brincar com os irmãos (KEHL, 2000; KANCYPER, 1999; HEENEN-WOLF, 2021). Conta com admiração que ela é artista plástica (embora não tenha concluído a faculdade) e que está expondo em uma galeria nesse momento; faz menção ao nome da exposição e explica alguns detalhes. Acrescenta, referindo-se a ela, as semelhanças em realizar cursos diferentes “*nós fizemos vários*”. Podemos inferir que a decisão de residir junto com a irmã, em outra cidade e estado, pode ter ocorrido como uma tentativa de aproximação, de eliminar a disputa vivenciada em épocas passadas, uma tentativa de reconciliação (ASSOUN, 2000).

Refere-se ao relacionamento com a irmã caçula “*muito, muito próximo... Reuníamos com os mesmos amigos e sempre brincamos muito*”. No que diz respeito às recordações, tem muitas lembranças de “*quando era guri*”. Demonstra uma certa nostalgia a esse tempo, de lembrar algo muito significativo: “*eu fiquei com isso na cabeça, de quando eu era guri*”. Resgatar o passado parece provocar um certo conforto, um lugar conhecido no contexto de tantas mudanças, um porto seguro. Cita exemplos de algumas brincadeiras e muito contato físico com a irmã mais nova. Contou alguns episódios onde acabou machucando a irmã “*eu era muito maior*”, devido à intensidade e envolvimento que ambos manifestavam nos jogos que inventavam. É possível perceber um compartilhamento de emoções e um componente lúdico e criativo muito significativos. Esse experienciar juntos, como apontado por Kehl (2000), Kancyper (2004), Heenen-Wolf (2021) e outros autores, propiciam um fortalecimento do vínculo fraterno e um sentimento de cumplicidade e amor, aspectos observados no relacionamento entre os dois. O envolvimento afetivo intenso parece revelar a existência de uma relação simbiótica, em alguns momentos, com a irmã mais nova. “*Era como se eu e ela...a diferença de idade é muito pouca...a gente fica mais ou menos aí alguns meses, quase tendo a mesma idade...então com ela eu sempre fui mais próximo mesmo, até hoje em dia...*”. O compartilhar, dessa forma, aparece também na questão física, corporal, de se confundir corporalmente com a própria irmã e é revelador de intimidade. Relatou uma ocasião na qual o dente dela ficou preso no joelho do entrevistado e foi necessário a colocação de uma prótese dentária. Podemos inferir a existência de uma identificação muito intensa do participante A com ela e a ausência de fronteiras entre o ego e o sentimento de pertencimento à condição incondicional de consanguinidade. Essa característica pode estar relacionada à uma “*configuração fantasmática dos vasos comunicantes*”, conforme descrito por

Kancyper (1999, p. 67). A questão do duplo também parece se manifestar no relacionamento dos dois. Para o entrevistado há um desejo de diferenciar-se, buscar a alteridade (devido aos interesses distintos, tamanho, diferença de gênero) e ao mesmo tempo de estar muito próximo, de ser semelhante, uma reciprocidade muito acentuada; o que acaba resultando em um embate físico (eles se esbarram e se machucam). Todavia, a alegria, o prazer e a espontaneidade de estarem juntos parece prevalecer. Relatou que a irmã caçula iria se formar no ano seguinte em Psicologia, em um outro estado e em uma cidade próxima onde a primogênita reside.

Podemos considerar que a posição do participante A ocupada na fratria (filho do meio e pertencente ao gênero masculino), pode ter trazido uma facilidade no intercâmbio de trocas psíquicas, tanto com os componentes do grupo de irmãs, como com o casal parental. Demonstra uma certa maturidade e uma disponibilidade de estar com o outro, o que indica um trabalho de elaboração na condição narcísica original, apresentada por todos nós nas fases iniciais de desenvolvimento de nosso psiquismo. Ele se mostra mais acessível em aceitar as diferenças e vincular-se ao outro e estar mais aberto a desenvolver a capacidade de amar e cuidar. Parece se colocar (em alguns momentos inconscientemente e outros conscientemente) no lugar de organizador do grupo familiar, estando muito próximo fisicamente dos pais (o único que permaneceu na terra natal e que solucionou por exemplo a questão da herança), o que lhe confere mais chances de propiciar entrelaçamentos entre os subgrupos, promovendo acordos e aproximações. Nesse sentido, podemos perceber uma movimentação entre os espaços psíquicos intra e inter (KAËS, 2001), e manifestações de flexibilidade e abertura para o novo, que parece estar mais associado ao fato de ser o único representante do sexo masculino e, dessa forma, ocupar um lugar diferenciado na fratria.

Em uma outra perspectiva, parece “aceitar” ser o depositário das frustrações do grupo de irmãs; a irmã mais velha tem dificuldade de admitir seu nascimento e existência e perder a posição de privilégio (FREUD, 1909, KANCYPER, 1999, KAËS, 2011) e a irmã mais nova luta ansiosamente por sua atenção e parceria, para se sentir reconhecida (KEHL, 2000, BENGHOZI, 2010), o árduo esforço psíquico do trabalho vincular (PUGET, 2000). Em relação às irmãs, em

alguns momentos, parece ocupar a posição de protetor e amparo às fragilidades de cada uma, talvez por ser o único irmão homem, reproduzindo o modelo da figura paterna.

No final da entrevista, ao ser questionado sobre o que considerava mais importante no relacionamento de irmãos, respondeu que infere ser a capacidade de ouvir: “*é você poder falar e saber ouvir também...teve uma época, minha irmã mais velha falava, falava, falava e quando eu ia falar...ela saía...era insuportável...e isso foi um dos motivos que me fez distanciar dela...porque só ouvia, ouvia, ouvia...era bem horrível, chato demais*”. Salienta que só adquiriram essa reciprocidade após o nascimento do sobrinho, já relatado aqui: “*o que me fez voltar a falar com ela foi o filho dela...ela veio me pedir desculpas pelo que tinha feito...depois que ele nasceu ela começou a ver o mundo com outros olhos.*” Compreendemos dessa forma, a ressignificação do vínculo fraterno com a primogênita em dois momentos bastante característicos do ciclo vital, o nascimento do sobrinho e a morte da mãe e do padrasto, o que gerou a redefinição dos papéis e funções a desempenhar no âmbito familiar e mais especificamente na fratria (BENGHOZI, 2010; KAËS, 2011).

O participante B inicialmente, descreve o vínculo fraterno associado a uma influência muito grande que a irmã mais velha sempre exerceu na sua vida “*ela é cinco anos mais velha*”. Em seguida, menciona as grandes expectativas dos pais em relação aos dois: “*eu sempre senti isso...que os pontos que ela não se destacava, teve a pressão em cima de mim para que eu me destacasse*”. Quando questionado acerca da origem dessa formulação sempre presente em diferentes fases do seu desenvolvimento, responde novamente que atribui essas preconcepções às formas de pensar das figuras parentais, imposta por eles, principalmente as provenientes da mãe em relação a irmã: “*desde a gestação, ela idealizava muito a minha irmã, que ela seria uma pessoa que faria justiça, porque minha mãe sofreu algumas coisas no trabalho dela*” (a irmã é formada em Direito). Acrescentou que durante muito tempo eles (os irmãos) se empenharam “*para ser exatamente aquilo que eles queriam que a gente fosse mesmo (...)*; notava que existia a competição na fratria, mas não era acentuada e dominante. Percebia muitas cobranças relacionadas à feminilidade em relação à irmã, ao corpo dela, à forma como se vestia “*ela não era esse tipo de menina extremamente vaidosa (...)* minha mãe sempre queria que a gente fosse mais do que a gente era”.

E do lado dele, as questões relacionadas à sexualidade (a escolha pela homossexualidade). Comentou que sempre concordaram (os dois irmãos) e compartilharam da percepção e consciência que todo esse preconceito e convicção dos pais se tornou uma grande fonte de sofrimento e pressão para eles e que ficavam imaginando como teria sido se tivessem demonstrado uma atitude de enfrentamento ao casal parental. Acrescenta que se sente apreensivo em reproduzir essa condição para com futuros filhos por exemplo, e, que, procura meios de evitar essa repetição, esforçando-se para desenvolver uma mente aberta e que propicie liberdade de escolha para os futuros descendentes. Podemos, nesse contexto, observar a ocorrência de uma *projeção narcísica* (FREUD, 1914) de cada integrante do casal parental, onde observamos haver coincidência entre o desejo narcísico de um e de outro em relação às expectativas sobre o comportamento dos filhos, o que eles projetavam como ideal para a existência deles. Dessa forma, é possível identificar que cada representante da figura parental já parecia apresentar dificuldades no reconhecimento da alteridade da história individual e singular regressa de cada um (FREUD, 1913), o que afetava a formação dos vínculos afetivos e o espaço da intersubjetividade (KAËS, 2001). Havia falhas de comunicação com as famílias de origem tanto do lado materno como do paterno, o que provavelmente dificultou a elaboração das feridas narcísicas. Foi também mencionada a existência de rupturas, acontecimentos traumáticos na história geracional materna e paterna. O entrevistado relatou que a genitora descobriu ser filha de um pai diferente das tias maternas aos quarenta anos de idade: “*o pai biológico dela fugiu(...) foi uma revolta muito grande com a minha avó*”; referiu que a bisavó materna revelou a informação. Um outro aspecto dizia respeito aos papéis e funções parentais bastante divididos e rígidos, uma divisão conservadora baseada no gênero, a mulher desempenhava as funções domésticas e cuidado com os filhos (a mãe interrompeu a atividade profissional quando ele nasceu em 1998) e o homem, o de provedor “*financeiramente ele nunca deixou faltar nada para gente...*”. (GOMES, 2011). O participante B atribui essa atitude do pai ao fato de possuir uma família muito humilde e que já havia descrito momentos de bastante dificuldade e carência financeira no grupo familiar de origem, condição que lutava fortemente para evitar e se defender, o que demonstrava um mecanismo de defesa (negação) de sua história pregressa, pois pouco falava e se relacionava com os irmãos e outros familiares.

Ressalta que o relacionamento com o pai começou a melhorar após ter saído de casa em 2017, e que, infelizmente, não tinham uma boa relação - *“por muito tempo a gente não foi muito amigo”*. Atribui essa melhora ao fato dele ser muito parecido com a irmã *“deixam a razão dominar”* e ele com a mãe; nesse sentido, sempre compreendia mais o lado da genitora (cita o exemplo de discussões entre o casal) quando ainda estava residindo na cidade natal e, portanto, identificava-se com a figura materna, e partilhava do mesmo sentimento que ela. Todavia, nesse outro momento, pôde entender melhor as qualidades do pai e ampliar a compreensão das diferenças envolvidas. Ao mesmo tempo que se aproximou do genitor, notou um distanciamento na relação com a figura materna: *“a minha relação com ela já era outra, o cenário já muda”*, após ter trocado de residência e ter sofrido um impacto traumático das circunstâncias da descoberta da sua homossexualidade: *“Eu não gosto de lembrar desse tempo(...)esse anos de 2017 e 2018(...) eu não gosto nem de ver foto.”* É possível perceber uma ambivalência de sentimentos direcionados a mãe pois, apesar de todas as diferenças apontadas, menciona as várias semelhanças entre os dois *“eu sentia as coisas como ela sentia, nós somos pessoas mais emotivas”*. Talvez pudéssemos supor uma relação primeiramente simbiótica, onde seus conteúdos psíquicos se misturavam aos da genitora e a ocorrência do mecanismo de *identificação projetiva*, onde há identificação dele com partes do eu da figura materna, que não demonstrava estar ocupada com as fragilidades do filho, e, sim, com as próprias ansiedades (TRACHTENBERG, 2023). Todas essas questões podem ter levado a falhas no processo de transmissão psíquica geracional que analisaremos mais tarde.

Disse que sofreu muita influência da irmã, como já relatado, e que lembra, quando questionado a respeito das recordações da infância, que não tinham o hábito de brincarem juntos e que percebia que possuíam um distanciamento em relação à idade muito grande *“a gente tem essa diferença de cinco anos (...) parecia um mundo (...) quando eu era criança, ela já estava se tornando uma adolescente”* e, que atualmente a diferença na faixa etária não parece ser significativa. Relata que gostava de ficar junto com a irmã e as amigas dela, quando iam visitar a casa dos pais e que tinha preferência por brincadeiras mais femininas, *“de estar no meio das meninas”* e a irmã, por outro lado, gostava de jogar futebol. Enfatizou o carinho que a irmã possuía por ele - *“ela sempre foi muito carinhosa”* e que o defendia das brincadeiras com outras crianças *“eu já tinha trejeitos e tudo e rolava umas brincadeiras dos amigos dela comigo e ela me*

defendia(...) e é legal hoje em dia lembrar que ela me defendia". Recorda, tinha aproximadamente cinco anos, que queria escrever um diário assim como a irmã e brincar com a casa de boneca da Barbie dela, mas que a mãe o criticava bastante e o desencorajava: *"por muito tempo eu tentei fazer o que a minha irmã fazia, quase que no meu primeiro ano do ensino médio eu pensei em fazer direito(...).eu sempre tive muita admiração por ela."* Associa essa admiração pela irmã a uma tentativa *"não sei direito"* de aproximação com o pai por serem muito parecidos (o genitor e a irmã). Podemos perceber uma idealização (mecanismo de defesa) em relação a irmã e a manifestação de uma situação conflituosa e geradora de ansiedade: ao mesmo tempo que não queria abandonar a identificação com ela, sentia-se angustiado por não corresponder às expectativas da mãe. Simultaneamente à essa idealização, refere a falta de confiança entre ele e a irmã: *"Eu nunca sentia que eu podia ser sincero com ela, sabe? Tudo que ela soube de mim, ela sempre contou para os meus pais...ela sempre foi esse tipo de irmã que dedura(...). Teve uma vez que eu era menor de idade e eu coloquei um piercing e ela contou para os meus pais que eu tinha colocado escondido, eu nunca tive confiança nela (...). A gente sempre foi amigos, a gente nunca foi o tipo de irmão que fica brigando ou, que saía nos tapas e nada (sorri), mas a gente nunca confiou um no outro(...).por exemplo namoradinhos dela, no caso ela nunca me contava... eu só sabia aquilo que ela compartilhava comigo, com meu pai e com minha mãe. A gente não tinha segredos de irmãos(...). A gente não tinha confiança um no outro"*. O relacionamento entre os irmãos demonstrava ser muito marcado pela mediação especialmente com a figuras materna (KANCYPER,1999), que parecia exercer um obstáculo, o que dificultava a convivência e a cumplicidade em vários momentos. Podemos inferir que a fratria não possuía uma identidade própria, um funcionamento independente, característica apontada por vários estudiosos do vínculo fraterno e, nesse contexto, havia um enfraquecimento e desvitalização na tentativa de constituição de um grupo, que necessita do investimento afetivo e da criação de um espaço comum de compartilhamento, característico das relações horizontais dos pares/semelhantes (KANCYPER,1999; KEHL,2000; KAËS.2011). É notória a ambivalência de sentimentos (amor e ódio) em reação à irmã em vários momentos (FREUD,1909; ASSOUN, 2000).

Menciona a imposição religiosa da mãe e a falta de flexibilidade dela e as repercussões dessas questões nele próprio, na irmã e no vínculo fraterno, principalmente em relação à questão da

aceitação da sua homossexualidade: *“essa questão da homossexualidade foi um ponto crucial com a minha mãe...quando eu saí de casa em 2017, eu comecei a me distanciar dela (da mãe) ...eu me senti sozinho mesmo...a minha irmã também não me apoiou”*. Relatou que nesse período tomou a decisão de sair de casa, o que dificultou ainda mais a comunicação e o relacionamento entre eles. Contou que, ao descobrirem a sua identidade sexual foi violentamente criticado e seguiu-se um tempo de muita angústia e dor *“ela teve vergonha, ela não queria que eu contasse para ninguém(...)ela precisou ouvir de muita gente(...) quando minhas tias e meus primos começaram a descobrir, minhas tias queriam me abraçar...”*. Contudo, a mãe sempre manteve uma rigidez e uma atitude de não aceitação *“ela era irredutível nesse ponto, de não me aceitar(...)a aceitação dela era o que eu mais buscava”*.

Ao ser questionado sobre suas crenças religiosas, responde com o verbo no passado *“a minha família era católica”*. Contou que mantinha contato e participava nas missas e em grupos de oração previamente ao episódio da descoberta da sua homossexualidade e à mudança de residência. Referiu ter cortado abruptamente o convívio com o catolicismo e seus ritos: *“eu nunca mais fui porque caiu a ficha para mim, de que eu já não pertencia àquele lugar”*. Pensamos que o participante B, nesse contexto, sofreu um ataque violento à sustentação afetiva necessária ao *reordenamento identifi catório* (KANCYPER,1999) e que a mãe demonstrou não ter desempenhado a função materna como *suficientemente boa* (WINNICOTT,1975), não oferecendo continência necessária às manifestações de ansiedade em fases de crise normais do desenvolvimento. Nessa época, ainda com 17 anos e, portanto, vivenciando a época da adolescência (momento crítico de retomada das identificações infantis), teve que lidar com a falta de compreensão e apoio da genitora e da irmã ao mesmo tempo. Talvez ele precisasse que a mãe exercesse a função de porta-voz, a voz maternal que o acalentasse (*contrato narcísico*), como postulou Aulagnier (1979). E que fizesse a intermediação entre as diferentes demandas vindas do individual, do social e do cultural (FERNANDES, 2021). Dessa forma, a palavra da genitora funcionaria como uma proteção e teria um caráter estruturante no psiquismo do entrevistado.

Todavia, não foi isso que ocorreu. Podemos inferir que a mãe do entrevistado não pôde aceitar a diferença trazida à tona pela opção sexual do filho, que provavelmente despertou acesso

à conteúdos de seu próprio processo de construção de identidade (suas escolhas e renúncias), seu histórico de vida geracional, trazendo ameaça para o vínculo entre eles. Kancyper (1999) refere que o nascimento dos filhos propicia aos pais reviverem seus complexos, culpas e o embate narcísico. A genitora parece ter falhado em estabelecer uma ligação com o filho real e revelou-se impossibilitada de superar a ferida narcísica (daquilo que imaginou que os descendentes poderiam ser e realizar). A dificuldade de manejo dessa questão pelas figuras materna (com mais ênfase) e paterna demonstra ter afetado profundamente o relacionamento dos irmãos, uma cisão de valores e da própria fratria. A irmã parece emergir em um lugar de representação do narcisismo parental e de defesa da moral da família e ele de exclusão, da falta de respeito às tradições e costumes religiosos e uma conseqüente ameaça na continuidade do legado mais conservador. Podemos também deduzir a possibilidade de constituição de uma defesa frente ao impacto da notícia da homossexualidade, de negação da diferença, da impossibilidade de entrar em contato com a alteridade, pois carrega um conteúdo que a desestabiliza assustadoramente. Supomos que o sentimento de vergonha, mencionado pelo entrevistado, venha do *contrato narcísico* (AULAGNIER, 1979), já que o filho fere o que ela deposita nele. Ele reforça esse ponto em vários momentos e no final da entrevista, ou seja, a irredutibilidade da figura materna em relação a aceitação da sua escolha sexual.

Quando questionado a respeito da falta de apoio da irmã em relação à questão específica da homossexualidade, explica que ela já tinha conhecimento: *“ela sabia desde antes dos meus pais descobrirem, mas ela não tinha comentado com eles que ela sabia, nem comigo e ela não ficou do meu lado nesse momento, eu me senti sozinho mesmo (...) a gente só foi falar disso, desse sentimento depois que minha mãe morreu”*. É possível perceber a ocorrência não só de um *acontecimento*, mas de um *acontecimento traumático*, do estabelecimento de uma *“marca”* (que ele mesmo verbaliza e admite) e que desencadeia rupturas e um sentimento de desamparo psíquico tanto no relacionamento na linha da verticalidade (com as figuras parentais) quanto no nível horizontal (com a fratria, a presença de uma cisão). Somado a esse aspecto, temos a dimensão do susto, do inesperado do fato traumático, que desorganiza o aparato psíquico. (FREUD, 1926). Conforme discutimos previamente, a presença de um acontecimento somente vai adquirir um sentido, em um momento posterior, quando há possibilidade de surgimento de novos

entrecruzamentos vinculares e, nessa conjuntura, modificações e acomodações psíquicas, supomos, puderam ir se delineando (BENHAIM, 2021; WEISSMANN, 2021).

Devemos chamar a atenção para um predomínio da função paterna (KEHL, 2000), tanto da parte da figura materna como do genitor, uma excessiva presença de NÃOS, de uma repressão sexual, do domínio, do autoritarismo e do rigor de valores, que não podiam ser questionados, configurando-se uma relação de poder muito insistente e persistente. Apesar do entrevistado referir o papel da mãe à “pessoa das regras” e a figura paterna “como o pai legalzão”, percebemos a falta de um contraponto na intervenção dos pais, que demonstravam um fechamento em relação ao novo, ao diferente, estimulando o estabelecimento de uma fratria conflituosa e ambivalente, o que revelava uma dificuldade no manejo parental (KANCYPER, 1999; MAGALHÃES, MONTEIRO e DANTAS, 2019).

Finalmente quando indagado sobre uma lembrança marcante do relacionamento com a irmã, permanece em silêncio e faz uma pausa *“Ai...nossa difícil... risos... assim, eu acho que a própria morte da minha mãe é uma situação em que marcou a minha relação com a minha irmã, por que eu que precisei dar a notícia para ela sabe? Fui eu que dei a notícia para ela por telefone e...”*. Conta que a partir daí o vínculo dos dois mudou completamente. Destacamos aqui a observação de Kaës (2011) sobre a ausência da mãe suprimir a rivalidade fraterna e instaurar sentimentos de amizade e cuidado. Em um momento posterior: *“Então, eu não tenho, eu não consigo pensar agora uma situação de criança que tenha marcado muito com ela(...), mas definitivamente perder a minha mãe foi algo que transformou nosso relacionamento positivamente...”* Nesse sentido, podemos confirmar a hipótese que a figura materna se constituía como figura central na rede de estabelecimento dos vínculos familiares, dificultando a proximidade fraterna.

Em relação à participante C, quando pergunto do relacionamento fraterno, começa a falar do irmão caçula *“nós dois somos muito parecidos, muito parecidos, quando ele estava aqui tudo que ia fazer, a gente fazia junto... agora a N (irmã do meio) é muito diferente de mim, a gente acaba brigando”*. Relatou que ela era considerada a *“ovelha negra”* pois apresentava um comportamento rebelde: *“ela tratava meu pai muito mal(...) de responder, de gritar, de falar(...)*

ela desrespeitava”. Fala das semelhanças entre a irmã do meio e a genitora “*ela é muito igual a minha mãe, mais estourada, tudo resolve gritando(...) ela é barraqueira*”.

Discorre sobre as semelhanças dela com o caçula: “*a paciência, a calma para resolver as coisas, evita de discutir também, acaba deixando para lá(...) eu tenho preguiça de discutir à toa(...), mas a N não perde tempo não*” (começa a rir); e as similaridades dos dois com a figura paterna: “*eu e ele muito igual ao meu pai(...) a gente era muito apegado*”. Demonstra admiração em relação ao irmão mais novo e o lugar que ele ocupa na família: o primeiro neto homem dos dois lados. Manifesta afinidade com a figura masculina “*eles são mais animados, conversam mais*” e com pessoas mais velhas “*gosto de pessoas que sabem o que quer* “. Menciona duas recordações com os irmãos: em 2019, quando retornou dos Estados Unidos com o pai: “*quando nós voltamos, estava todo mundo esperando, chorando(...) aqui em casa mesmo(...)esses encontros é que marcam(...) mas fora isso(...)*” Recorda do nascimento do irmão com entusiasmo: “*eu lembro quando meu irmão nasceu, foi bem legal(...) eu lembro da minha mãe grávida(...)eu não conseguia ver o que era no ultrassom(...)eu lembro quando eles falaram: nasceu!(...) eu e a N começamos a pular no sofá(...)*. Afirma que possuía sete anos quando o irmão mais novo nasceu. Podemos pensar em uma organização da fratria em função das relações parentais (KANCYPER,2004; KAËS,2011), onde a verticalidade incide de uma forma dominante. A participante D parece assumir uma função parental e, há uma distribuição de papéis no meio familiar de uma forma hierárquica, de obediência à determinados valores (que pode ter se intensificado pela diferença de idade entre ela, a mais velha, e o caçula) e, conseqüentemente, uma dificuldade de se estabelecerem como um grupo de iguais (KAËS,1993; EIGUER, 1998; BENGHOZI e FÉRES-CARNEIRO, 2001).

Quando questionada sobre outras recordações e alguma específica em relação à irmã do meio, fica em silêncio e sorri: “*com ela não(...) agora a gente para pensar(...) eu não lembro de nada que marcou*”; faz silêncio novamente. Nesse momento, demonstrou uma atitude reflexiva e admitiu não ter pensado nessas questões previamente. De qualquer forma, as memórias somente são acessadas quando os dois irmãos estavam presentes.

Podemos perceber uma divisão na fratria: as características positivas (tranquilidade, tolerância) são atribuídas ao caçula e as negativas (agitação, agressividade) à do meio

(KANCYPER, 1999). Nesse sentido, supomos que o fato de ser a primogênita a transporta para uma função de destaque no grupo fraterno (KANCYPER,1999; KAËS, 2011) e uma dificuldade de aceitar um relacionamento como semelhante, igual, na mesma posição onde se encontra a irmã do meio, que parece ameaçá-la pela manifestação de uma personalidade bastante diversa da sua (como lidar com essas diferenças?). Nesse contexto, a irmã do meio surge como uma rival, que agride a figura paterna (objeto de sua idealização) e passa a ocupar um lugar de competição no mesmo espaço, ocasionando tumultos e, portanto, parece estar associada à função de *porta-sintoma* na dinâmica familiar (KAËS,1993). Outro fator, como já apontamos anteriormente, é a responsabilização que assume por transmitir a tradição do grupo familiar (GRANJON, 2000; KAËS, 2001) e a presença da irmã apresentar um risco de modificação nessa condição. Talvez possamos pensar em um conflito de valores da ordem da moral e novamente uma fragmentação de conteúdos psíquicos, aquele que obedece seria um bom filho e o que contesta, uma criança ruim; os paradoxos encontrados no confronto das gerações, na sua horizontalidade e verticalidade (KANCYPER, 1999). Percebemos uma resistência desta entrevistada a entrar em contato com conteúdos mais primitivos e desorganizados, e a ausência de atitudes presentes na adolescência como o questionamento de valores e as tentativas de transgressões daquilo que é imposto pelo social, que no caso dela, parecem ter sido suprimidas; uma etapa de transição e desenvolvimento que indica não ter sido vivenciada como tal - da infância saltou para a idade adulta e assumiu uma ocupação (aos 14 anos) e responsabilidades típicas da fase seguinte. Supomos que o processo de desidealização e desconstrução da onipotência da figura paterna e de discriminação na resignificação identificatória, que geralmente acontecem na adolescência, parecem não ter se manifestado. (KANCYPER, 1999).

Identificou-se pouca relevância no papel desempenhado pela figura materna e algumas particularidades que passamos a descrever. É possível observar uma valorização na atuação profissional do pai (cargo de confiança como secretário de administração do município), que parecia carregar um status social de privilégios e benefícios, e uma certa desconsideração na função ocupacional da mãe (confeiteira). Foi necessário questioná-la a respeito dessas informações, que espontaneamente, não haviam sido explicitadas (ao contrário das associadas livremente ao pai). Percebemos também uma convivência muito intensa com a figura paterna, em detrimento da

materna, que ela própria reconhece: *“eu sempre fui muito mais próxima dele do que com a minha mãe(...) eu saía do trabalho e passava na prefeitura(...) antes dele morrer, toda segunda feira lá em casa, a gente fazia churrasco, minha mãe queria morrer, mas a gente não dava moral para ela”*. Comenta outros momentos de socialização na companhia do pai e a genitora separadamente, com o grupo de amigos dela. Podemos mencionar a viagem internacional durante seis meses sem a presença da mãe e, ao se referir aos almoços de domingo na casa do avô paterno ressaltando que *“inclusive minha mãe ia junto”*.

Todos esses aspectos devem ter interferido na parentalidade e na administração de conflitos em relação ao vínculo fraterno, que se mostra dividido e fragmentado, provavelmente derivado de uma intervenção parental pouco atuante no sentido de auxiliar na resolução de conflitos (KANCYPER, 1999; KAËS.2011; MAGALHÃES, MONTEIRO e DANTAS, 2019). Podemos dizer que os membros da fratria estavam voltados e ocupados em desenvolver parcerias com a figuras parentais, negligenciando o compartilhamento de espaços em comum: as memórias de brincadeiras por exemplo não são citadas (KEHL,2000; KANCYPER, 2004).

A participante D considera ter um bom relacionamento com o irmão, há muito respeito entre os dois e como já dissemos, ele foi adotado e é quatorze anos mais velho. Porém, menciona que sempre tiveram discussões e explica: *“a gente sempre se deu muito bem... As brigas que a gente sempre teve foi por causa das minhas ex-cunhadas(...) quando elas descobriam que ele não era filho biológico e eu era(...) ele sempre foi muito namorador”*. Refere que as namoradas do irmão sempre tiveram muito ciúmes dela e assumiam que ela era a filha privilegiada, presumindo então uma superproteção da mãe em relação a descendente. Menciona que as duas ex-cunhadas ficavam inventando histórias para o irmão em relação à genitora, em assuntos corriqueiros, como quando a mãe necessitava do carro para buscar a participante D em algum lugar e ele também precisava do veículo para sair e, dessa forma, ela tinha prioridade de ser atendida em primeiro lugar, o que não era verdade *“elas ficavam colocando veneninho na cabeça dele”*. Sempre percebeu que esses equívocos não partiam dele. Elenca as qualidades do irmão: uma pessoa bondosa, amável e compreensivo. Conta também sobre as diferenças na personalidade e compara: *“eu sou muito certinha, metódica e ele muito paz e amor”*. Diz perceber-se com uma idade *“mental”* mais

avançada da real (“*de trinta e cinco anos*”) e que sempre se cobrou muito, em apresentar resultados, em produzir e, por essa razão, mostram-se muito diversos em vários aspectos, estilo de vida, personalidade, responsabilidades, planos para o futuro: “*E eu sempre tive essa impressão de que eu sempre vivi a imagem de não fazer os meus pais passarem pelos sofrimentos(...)pelo desgaste que meu irmão fazia, fez eles passarem. Então eu sempre quis ser a filha prodígio, a filha que faz tudo sozinha, a filha que quer ser perfeita, a filha que só dá orgulho, entendeu? E é uma cobrança que não foi imposta para mim, foi uma coisa que eu criei e achava que tinha que ser assim*”. Considera o irmão bastante compreensivo no sentido de reconhecer determinadas qualidades nela como o perfeccionismo e, por essa razão, relevar e não entrar em atrito: “*meu irmão é muito bonzinho, então ele sempre vai ver as coisas de um lado muito positivo. Eu sou a nuvem negra, eu vejo com o pé no chão. Ele é o arco-íris e butterflies*”. Apesar da fratria se apresentar fragmentada entre o que é positivo e o que é negativo e ser marcada pela diversidade de opiniões e atitudes, a entrevistada demonstra bastante carinho e gratidão ao descrever a relação fraterna, mostrando o predomínio da solidariedade, parceria e iniciativa de cada um na tentativa de resolução de conflitos (KEHL, 2000; MAGALHÃES, MONTEIRO e DANTAS, 2019).

Menciona ter tido alguns episódios de ciúmes pelo irmão em criança, quando por exemplo ele mexia na sua maquiagem, mas a interferência da mãe permitia uma compreensão diferente da situação. Como já explicado no início dessa exposição, a relação dos dois irmãos, desde o princípio, trazia aspectos de um contexto (uma adoção difícil), que abarcava um cuidado e atenção permanentes da mãe, que também foi sendo por ela administrados aos poucos. Dessa forma, percebia as diferenças também na forma como ele era tratado: “*mas é que meu irmão sempre demandou mais atenção dos meus pais do que eu, porque ele sempre fez mais “burradas” na vida dele(...) eu sempre fui muito mais independente, então ninguém pegava na minha mãozinha e vamos, lá, vamos fazer lição?*”. No ambiente escolar, por exemplo, observa que ela sempre foi muito dedicada e esforçada e ele bastante distraído e desatento, características opostas. Nesse contexto, a participante D pôde gradualmente, ir identificando, um senso de justiça e extrema dedicação da figura materna na demonstração de carinho com os dois filhos, apesar das dificuldades em entender como tal, especialmente quando era criança e mais jovem “*era infantil da minha parte*”. Percebemos uma cobrança excessiva com ela mesma e uma certa culpa

(KLEIN,1996; HAN, 2017) por não ter compreendido nessa época essas ocorrências. Contudo, inferimos que a interferência da genitora ocorria de uma forma assertiva, e propiciava elementos para a entrevistada poder refletir e rever algumas ações, contribuindo para uma oxigenação no vínculo fraterno, que mesmo com os conflitos, apresentava-se amigável e próximo (KANCYPER,1999; KAËS, 2011; MAGALHÃES, MONTEIRO e DANTAS, 2019).

Fala da diferença de quatorze anos entre os dois e de um período que dividiam o mesmo quarto (durante três anos aproximadamente) e as recordações das provocações dele na tentativa de amedrontá-la: *“ele falava que tinha um rato morto embaixo da minha cama e que passava uma barata na minha boca enquanto eu estava dormindo”*. É possível perceber o caráter lúdico, o desejo de compartilhamento de espaços, uma linguagem própria, as invenções de brincadeiras, o que denota um aspecto bastante positivo da relação fraterna, da intenção e da construção de uma cumplicidade (KEHL. 2000; FÉRES-CARNEIRO e BENGHOZI, 2001; KAËS,2011; HEENEN-WOLF, 2021).

Lembra-se de algumas situações que envolvia o irmão e a necessidade de solucionar os problemas que ele não conseguia resolver. Nesse sentido, salienta ter uma grande preocupação por ele, que esteve presente durante toda a sua vida. Descreveu uma situação, na qual o irmão saía com um amigo e não tinha dinheiro para colocar combustível no carro do pai. Essa falta de planejamento trouxe muitos problemas que daí decorreram:

“Um contando que o outro tinha dinheiro, mas nenhum dos dois tinha. Aí para voltar eles queriam fazer o caminho para não pegar pedágio, só que o carro estava sem combustível. Mandaram abastecer, um achou que o outro tinha dinheiro, mas não tinha. Abasteceram o carro, como que vai sair dali? Deixou o estepe do carro, saiu do posto e não tinha mais como desviar do pedágio, tinha que passar. Passou no pedágio, assinou a promissória, deixou documento. Foi indo mais para frente ainda, para chegar em casa e o que eles colocaram de combustível no carro não dava para chegar em casa ainda. Deixou as calotas do carro (...)”

Conta ter chorado muito nesse dia e ter ido junto com os pais no dia seguinte para tentar ajudar na busca de soluções: “*mas eu lembro de, no outro dia, ele ir trabalhar e eu, minha mãe e meu pai refizemos o caminho dele, pagando as contas dele e pegando as coisas de volta*”. Usa a palavra “*inconsequente*” para descrever a forma como o irmão lida com as dificuldades. Quando questionada sobre a sua idade na ocasião, comenta acreditar possuir oito anos aproximadamente. Podemos pensar que esse excesso de preocupação com o irmão, pode ser analisado levando-se em consideração a manifestação de mecanismos mais primitivos de funcionamento do psiquismo, que parece coincidir estar ocorrendo nas duas gerações e, dessa forma, consideraremos dois fatores. O primeiro, a presença de grande ansiedade e um fenômeno de atuação desse estado (*acting out*), como postulado por Freud (1915) e Klein (1986) tanto da participante D, como dos pais, quando decidiram refazer a trajetória percorrida pelo filho/irmão nesse dia. Observamos, a partir dessa narrativa (corrigir os erros dele)⁴². que o irmão fere o *contrato narcísico* (AULAGNIER, 1979), a idealização dos pais, e a reputação do núcleo enquanto grupo. Em vista disso, estaria ocorrendo uma transmissão psíquica intergeracional desses valores a preservar e, ao mesmo tempo, de impedimento da manifestação daquilo que é negativo, daquilo que não é reconhecido como tradição familiar, como diferente. (KAËS, 2001; TRACHTENBERG, 2023). Pensamos que isso ocorre porque esse irmão traz em si o símbolo do ruim, do negativo, a partir de sua história pregressa.

Em outro momento, comenta sobre a grande afinidade com a figura paterna, que sempre foi independente, bastante responsável e começou a trabalhar muito cedo, demonstrando esforço e dedicação para investir na educação dos filhos e estar sempre atento às necessidades e desejos de cada um: “*meu pai sempre teve essa preocupação(...) o que dar para um dar para o outro*”. Essa percepção de um tratamento igualitário entre os dois (citou alguns exemplos), sempre foi por ela observado e uma característica marcante do genitor. Identificamos um cuidado no manejo do vínculo fraterno (KANCYPER, 1999, 2004; KAËS, 2011; MAGALHÃES, MONTEIRO e DANTAS. 2019).

⁴² Comentou em outros trechos da entrevista, a percepção de um “fantasma” que a perseguia; ela estava se referindo às ideias fixas que habitavam seu psiquismo, de poder corrigir o que o irmão fazia de errado.

Indagada a respeito de lembranças em relação ao irmão, responde *“eu acho que vem a imagem de hoje; não é um irmão que eu posso contar 100%, mas é um irmão que traz a alegria para casa(...) se eu ligar para ele às 4 horas da manhã e pedir para ele me fazer dar risada, ele vai me fazer dar risada(...) ele não ajuda porque ele não tem a maturidade para isso.”*. Observamos novamente o sentimento de cumplicidade (KEHL, 2000).

Quando questionamos acerca de outras recordações do relacionamento com o irmão, lembra de um episódio marcante, já na idade adulta (possuía 19 ou 20 anos e cursava o segundo ano de faculdade). A ex-cunhada, com quem o irmão teve os dois filhos, agrediu a genitora fisicamente (um tapa no rosto) enquanto a participante estava trabalhando em outra parte da residência. Ela mencionou ter ouvido um barulho e logo após corrido até a sala onde se encontravam e visto a vermelhidão na face da mãe; admitiu ter agido impulsivamente: *“eu dei um pulo e fui para cima dela. Uma atitude que eu jamais esperaria de mim, porque eu sou totalmente contra a violência (...). Se a pessoa grita comigo, eu choro, não rebato...hoje eu não sou mais assim. Então eu fui para cima dela. Bateu na minha mãe, eu fui para cima dela”*. Alega ter sido uma briga muito *“ridícula”* e que o irmão tentava segurar a ex-cunhada, todavia ele fez um comentário que a deixou perplexa e assustada: *“Mas por que você foi para cima dela?”* (...) *‘mas você está errada’*. *E essa fala me marcou muito; eu acho que uma briga que a gente teve assim, que a gente ficou meio estremecido”*. Observamos uma grande identificação da participante D com a genitora e uma tentativa de protegê-la a todo custo, e, nesse momento específico, parece ter acarretado uma reação impulsiva, de explosão, de algo que estava sendo contido, provavelmente devido a uma preocupação de manter a lealdade familiar. Percebemos a relação mãe e filha permeada de lacunas (não ditos) na história de vida da genitora, da gestação inesperada e milagrosa, da adoção complicada (aspectos já ressaltados), o que provocava o surgimento de fantasias inconscientes. Isso posto, acreditamos que a fala do irmão, a atingiu violentamente pois não se dirigia somente a ela (que apresentava dificuldades em lidar com críticas e julgamentos), mas incidia também na genitora (com quem estava identificada).

Podemos finalizar ressaltando o caráter dissimétrico do grupo de irmãos e das diferenças de idade, sexo, origem, personalidade (EIGUER, 1998; KAËS, 2011), o que dificultava em algumas

circunstâncias a compreensão e a reciprocidade, fazendo-se presente comparações e discussões. Parece ocorrer, em alguns momentos, um afastamento (mecanismo de defesa) da entrevistada em relação ao irmão no sentido de negar (talvez inconscientemente) identificar-se como igual, possuírem o mesmo nível (serem semelhantes). Ela ocupa a posição de ser a filha biológica tão desejada e perfeita. Talvez seja isso que não podia ser explicitado no vínculo fraterno. De alguma forma, os dois pareciam competir inconscientemente (ele foi o único filho por vários anos e ela a primeira, biologicamente falando), o que gera uma grande diferença que talvez os pais negassem, e permanecia encoberto. Por outro lado, observamos o papel assumido por ela, em algumas situações, de defensora e protetora do irmão e de responsabilização pela condução do grupo fraterno (EIGUER, 1998; KEHL, 2000; KAËS, 2011). Embora identifiquemos a dissimetria do vínculo, concluímos existir um esforço de ambas as partes, o que contribuiu para um crescente fortalecimento da relação fraterna.

8.3.2. A resignificação da relação fraterna e dos vínculos familiares após o falecimento de um dos genitores ou mais membros da família

O participante A menciona mudança no relacionamento com as irmãs e aumento na comunicação escrita e verbal: *“Hoje em dia, acho que, depois da morte dos meus pais⁴³, a gente acabou se aproximando ainda mais...eu não acreditaria que teria acontecido; obviamente as pessoas se aproximam, na minha opinião a morte aproxima as pessoas, mas a gente sempre foi muito próximo, então hoje em dia, do nada eu estou aqui, aí uma delas me liga para perguntar, só para conversar assim...assim do nada uma me liga, quase todo dia...eu gosto bastante porque eu gosto muito delas...eu ficava assim um mês sem falar com elas...”* O sentimento de ressentimento em relação a irmã mais velha, anteriormente mencionado, é transformado e resignificado após a morte dos pais. Demonstra muito contentamento por estabelecer uma comunicação quase diária com elas e um sentimento de reconhecimento do seu papel como irmão e pertencimento ao grupo, que parece lhe trazer tranquilidade e segurança, apontado por alguns autores na discussão teórica

⁴³ O participante A refere-se ao padrasto e a mãe. A entrevista foi realizada um ano e cinco meses após as perdas.

(KAËS, PUGET, KEHL, 2000, BENGHOZI, 2010) e que é estruturante nessa nova constituição subjetiva e na reconstrução de sua história familiar.

Cita também mudança no relacionamento com outros membros da família e a frequente comunicação com o pai: *“hoje em dia, eu não fico uma semana sem falar com o meu pai, é impossível assim (...)ontem por exemplo ele passou aqui... ajeitou um negócio no meu fone(...) às vezes eu vou para a casa dele e tudo mais....com as minhas tias também e com a minha madrasta, com todo mundo assim, acabou aproximando ... principalmente comigo, porque eu morava com eles aqui e acabei morando só no caso, então eu acho que teve isso, pesou um pouco na consciência deles, sabe?”*. Esse é um exemplo do processo de *resiliência familiar* e/ou *malhagem* dos vínculos, tal qual pontua Benghozi e Marques (2005), que se modificaram após as perdas, dando espaço para novos entrelaçamentos e disposições. A ocorrência da morte também provoca um redirecionamento dos afetos (vivência do luto, FREUD, 1915) para outras pessoas da convivência cotidiana, como a família ampliada (madrasta, tias, primas), o que demonstra uma reorganização psíquica e uma indicação de um trabalho de luto em um caminho normal e construtivo.

Da mesma forma que mencionou a aproximação com alguns integrantes do grupo familiar, relatou ter decidido interromper o contato (parar de conversar) com um dos tios paternos, que é seu padrinho. Associa que as perdas sofridas acabaram por definir essa situação, que já se apresentava problemática. Além de diferenças ideológicas e políticas que ocasionaram brigas e desavenças, tanto com o padrinho como com a esposa dele e filhos, relatou uma discussão do tio paterno com a avó paterna há algum tempo e, que, desde então, os dois não mantêm mais relacionamento. Disse não conhecer o motivo desse desentendimento e que não se interessa em investigar, não quer se envolver e prefere manter um distanciamento dele: *“eu não quero mais conversar com ele, nem com a minha madrinha, nem com as minhas primas, que são as filhas dele, porque não faz sentido nenhum(...) eu não quero perto...fala o que quiser, mas não quero ver, nem que fique perto de mim...não tem como mudar a opinião deles...”* Poderíamos inferir a constituição de um segredo familiar (ABRAHAM e TOROK, 1995) que teve início com o conflito entre o padrinho e a avó paterna (terceira geração), de algo que não pôde ser dito, esclarecido, evidenciado. Esse segredo (o não dito) atravessou as gerações tanto do pai (segunda) como a atual (primeira), dificultando o

fluxo da comunicação, que passa a apresentar rompimentos e quebras, ocasionando provavelmente uma interrupção ou falhas na transmissão psíquica da dinâmica da relação fraterna: o participante A não consegue lembrar as recordações do relacionamento do genitor com a fratria, ponto que retornaremos mais adiante. Podemos também inferir a ocorrência de uma transmissão transgeracional, contendo sinais de algo que não pode ser falado, representado, manifestando-se nas três gerações.

O participante B comenta sobre uma grande mudança no relacionamento com a irmã: *“o meu relacionamento com a minha irmã mudou muito, para melhor depois que a gente perdeu a minha mãe...”*. O fato de perderem a mesma figura materna *“fez com que a gente se aproximasse e pensasse e repensasse(...) eu não queria mais ter brigas com o meu pai e com a minha irmã(...) a gente tem um relacionamento hoje que eu não imaginaria(...) a gente tem um relacionamento hoje muito diferente, eu confio nela e ela é minha amiga(...) ela também confia em mim para falar da vida pessoal dela.”*. Explica que considera que a irmã teve a questão da autoestima muito abalada *“devido a forma como a minha mãe lidava com a gente(...) a minha mãe deixou alguma coisa nela”*. Descreve o desejo da mãe que ela fosse bailarina, o que não ia de encontro ao aumento de peso na puberdade da irmã, ao apreço pelo futebol e vontade de fazer tatuagem (só realizou aos vinte e cinco anos). Explicou que, atualmente, a irmã não apresenta motivação, por exemplo, para praticar atividade física e que, segundo ele, é consequência da grande pressão materna. Observa que a mãe também o desencorajava constantemente *“quando eu era mais novo, eu peguei uma época que a moda era usar calças coloridas, um óculos diferente, eu gostava muito, mas a minha mãe repreendia muito também”*. Quando conversou com a irmã e o pai sobre a questão da homossexualidade, após a morte da mãe, ela confessou de não ter a dimensão de quanto aquilo o havia afetado, de não ter consciência da gravidade, tanto ela como o pai.

Refere um aumento significativo na qualidade e frequência da comunicação verbal: *“hoje a gente se liga quase todos os dias(...) chamada de vídeo(...) alguma coisa que poderia facilmente ser digitada “*. Conta da troca de confidências, do interesse dela pela sua vida pessoal *“ela gosta de saber como está sendo meus dias aqui (...) ontem mesmo ela me ligou e perguntou como foi meu fim de semana”*. Quando questionado sobre alguma lembrança específica da irmã anteriormente,

ficou em silêncio e citou a perda repentina da genitora, todavia, nesse momento posterior, descreve várias recordações do cotidiano com esta espontaneamente: *“ela me contou do feriado dela também, então a gente desenvolveu essa relação(...)ela é muito atenciosa comigo”*. Enfatiza o carinho com o pai também: *“Aquela pessoa de cuidar muito mais de mim, cuidar muito mais do meu pai(...)ela assumiu o papel da mulher da casa(...)como a gente estava se sentindo e como tinha sido nosso dia(...)”*. Explica uma reciprocidade nesse tratamento: *“eu procuro ser assim com ela também sabe, de ser muito mais só do que irmão de sangue mesmo, mas irmãos mais companheiros também, eu procuro saber como ela está, como ela é muito insegura também de algumas coisas e eu dou dicas para ela, do que às vezes eu acho que ela deve fazer e vice-versa a gente criou um novo relacionamento mesmo...”*. Contou sobre as várias conversas que tiveram após a perda da genitora e a relevância desse diálogo para o restabelecimento do sentimento de confiança. Refere ter consciência da transformação que a morte da figura materna causou na vida deles: *“se a minha mãe tivesse viva, a situação seria muito diferente”*. Podemos observar um aumento na espontaneidade e um decréscimo na obrigatoriedade da consanguinidade, uma interação mais íntima e o despertar de uma cumplicidade e solidariedade. (MAGALHÃES, MONTEIRO e DANTAS, 2019). Já no final da entrevista, confessa que ainda estão em processo de construção do relacionamento e que compreende que é algo contínuo: *“a gente ainda está construindo, pouco a pouco, a gente quebra ainda ali um gelo, alguma coisa(...)”*, demonstrando descontração e alegria.

Descreve o relacionamento atual com o pai mais próximo e afetuoso, mas que, por muito tempo não foi assim. Confessou estar surpreso positivamente com as atitudes da figura paterna. Contou de uma situação específica de aproximação física do genitor e que se emocionou com o gesto carinhoso dele: *“meu pai está também podendo dar um carinho, ele quer ser essa pessoa mais próxima”*. Referiu a compreensão do pai em relação ao seu companheiro atual (estão juntos há dois anos) e o acolhimento e respeito que demonstrou diante dessa realidade. Relatou que anteriormente, ele não se interessava e percebia que o pai também conferia uma invisibilidade à essa questão, algo que não podia ser visto, falado ou exposto. Explicou que o genitor está aposentado e presta consultoria para uma empresa de aviação; acrescentou que ele iniciou um relacionamento com outra parceira. Ao ser questionado, discorreu sobre o inventário e que o genitor fez questão de organizar toda a questão burocrática e divisão de bens após a morte da mãe,

providenciando toda a documentação. Disse sempre ter tido um entendimento muito transparente e aberto a respeito da questão financeira com ele, e que, mesmo estando independente na atualidade, ainda recebe apoio monetário quando ocorrem emergências (exemplificou uma recente). Percebemos que a dinâmica familiar sofreu movimentações e os papéis, funções e afetividade foram reorganizados (GOMES, 2013; WEISSMANN, 2017), possibilitando a apropriação de funções de cuidado pela irmã, o desenvolvimento da solidariedade na fratria (LUCAS, 2022) e uma mobilização dos afetos, que passaram a ser integrados às cenas cotidianas familiares. Podemos supor a ocorrência de um trabalho de vivência e elaboração do luto (FREUD, 1915), no qual as perdas estão podendo ser simbolizadas e ressignificadas.

O participante B revela a importância de estar refletindo sobre essas questões, enunciadas pela entrevista, e, principalmente, a percepção da relevância dos relacionamentos na vida de cada um de nós *“a vida é feita(...) também da forma como você se relaciona”* e o sentimento de medo que sempre o acompanhou e o levou a um certo isolamento, tanto no campo amoroso quanto no círculo de amigos. Ressalta a descoberta do prazer em compartilhar e atribui essa nova conquista à parceria com a irmã, de estar podendo contar com o suporte e carinho dela *“é uma pessoa que demonstra que está ali por mim, que quer o meu bem, talvez eu possa ter um resultado muito diferente daquilo que eu só recebo quando eu escuto a minha voz interior(...) a morte da minha mãe me ensinou muitas coisas(...) não tem outro amor que vai substituir nem nada disso, e é injusto(...) mas assim já foi, e agora eu tenho que me acostumar com essa nova versão”*. É possível identificar que a morte da mãe representou um marco na vida familiar do entrevistado, não somente ocasionando a ressignificação do vínculo fraterno, mas a instauração de uma nova dinâmica intra e intersubjetiva.

Confessou ter ficado com muito medo de ser o próximo a ter uma crise depressiva (histórico da avó, tia materna e da própria genitora) após a morte da mãe. Podemos supor que a vivência diante de uma situação tão impactante e desconhecida, mobilizou o surgimento de sentimentos de incerteza e receio quanto ao futuro de sua vida psíquica, de desamparo (FREUD, 1926; KLEIN, 1996; CARRETERO, 2020), intensificado pelas rupturas na história geracional e na sua própria história, e que, possivelmente, fazia emergir comparações entre as circunstâncias de adoecimento

psíquico do lado materno e possíveis ocorrências que interferissem na sua sanidade mental. Nesse contexto de perdas e incertezas, o surgimento do medo é inevitável.

A terceira entrevistada alega que a frequência na comunicação com o grupo fraterno ainda é bastante discrepante, mesmo após a morte do pai: *“com ele (irmão caçula) a gente conversa o dia inteiro e com ela, uma vez por semana”*. De um modo geral, não percebe grandes mudanças no relacionamento com os irmãos: *“achei que mudaria, mas manteve”*; porém, observa que o ambiente está mais tranquilo, especialmente em relação às discussões com a irmã do meio *“agora fiquei lá um mês e a gente não brigou; antes, a gente brigava todo dia, toda hora”*. Menciona que antes da perda do genitor, evitava manter um diálogo com ela, pois sempre havia uma resposta agressiva e áspera vinda desta última e, no que tange a isso, percebe que agora estão se comunicando com mais regularidade e tranquilidade.

Contudo, considera que ocorreu uma mudança significativa na personalidade da irmã *“depois de tudo o que aconteceu, ela mudou bastante(...), mas teve que acontecer para ela poder mudar(...) aconteceu muita coisa, aconteceu tudo muito rápido”*. Apesar das alterações significativas na rotina, após ser indagada novamente sobre o estado atual da fratria, afirma que não nota modificações na relação dela própria com a irmã, mesmo agora que estão longe e enfatiza: *“nós não temos muito contato(...)no ambiente familiar minha mãe fala que ela melhorou bem”*. De qualquer forma, é possível observar uma posição de julgamento e moral implícita em algumas falas, e partindo de um lugar de destaque (filha mais velha), conforme observou Kancyper (1999). Podemos pensar, nesse sentido, em uma posição assumida de autossuficiência, independente do grupo de irmãos e o não reconhecimento como iguais (BIRMAN, 2000).

Dessa forma, o vínculo fraterno não demonstra ter sofrido grandes transformações e uma ressignificação significativa até o momento atual. Inferimos que possibilidades futuras de novos entrecruzamentos vinculares (o irmão caçula ainda está na adolescência, possui 16 anos) possa modificar o estado presente do grupo de irmãos. Ademais, todos os integrantes ainda são bastante jovens e o tempo demonstra desempenhar um papel importante na transformação das relações fraternas e possíveis reconciliações. (ASSOUN, 2000).

Como descrito previamente, a participante C esteve em visita a família recentemente, tendo permanecido nos Estados Unidos por um mês. Relatou sua disponibilidade e desejo para promover encontros e, que puderam se reunir e aproveitar a ocasião para rever os tios maternos, residentes no país americano, graças à sua intervenção e presença naquele momento, o que não havia acontecido anteriormente. Demonstra alegria e prazer ao relatar as reuniões entre os membros do grupo, indicando uma posição como responsável pela manutenção dos vínculos intra e extrafamiliares (EIGUER, 1998; BENGHOZI, 2010; KAËS, 2011).

Podemos inferir que mesmo diante de um panorama tão grave e de perdas múltiplas, a morte do genitor parece não ter impactado diretamente na desconstrução das relações familiares (BENGHOZI, 2010), pois a entrevistada parece ter ocupado e substituído o lugar da função paterna, aquela que protege, organiza, coloca ordem. Compreendemos que para haver uma reorganização é necessária uma desorganização emocional, o que não indica ter ocorrido. E lembremos que a presença da mãe afeta de uma forma mais devastadora a sustentação afetiva (WINNICOTT, 1975; BOWLBY, 1989). Ao mesmo tempo, observamos a sobrecarga emocional decorrente das mortes e acontecimentos traumáticos, e supomos um estado de negação (BOWLBY, 1989), mecanismo de defesa provavelmente desenvolvido face ao desamparo psíquico do profundo sofrimento despertado (FREUD, 1926; KLEIN, 1996; CARRETERO, 2020), o que pode ter colaborado para uma movimentação de conservação da dinâmica anterior.

A quarta participante conta da intensidade do seu relacionamento com a mãe e que amadureceu muito após a morte dela: *“Porque eu vivia em um castelinho de cristal ali, eu vivia em um castelinho de cristal de verdade. Minha mãe fazia tudo: eu tinha roupa lavada, ela me levava para faculdade, me levava no trabalho, voltava, fazia a comida que eu gostava, ia no médico junto comigo. Era a princesinha da mamãe, literalmente”*. Comenta que teve que assumir muitas responsabilidades e que essa nova condição a fortaleceu bastante *“eu tinha uma família para segurar”*. Como já mencionamos anteriormente, a perda de um ente familiar, especialmente da figura materna traz um impacto muito grande na reorganização dos papéis familiares (BENGHOZI, 2010; KANCYPER, 1999; KAËS, 2011). Identificou-se a presença de um possível sentimento de culpa (KLEIN, 1996) em relação a sobrecarga que ocasionava à genitora. A situação de luto

fragiliza o sujeito e o deixa mais suscetível a fantasiar, a imaginar o que pode ter causado a morte, devido a um cenário de incerteza.

Percebe que tem uma missão a cumprir após a morte da mãe, e essa função indica estar relacionada a uma forte crença religiosa no catolicismo, de que é responsável por algo, como uma missão divina. *“Eu acho que desde que minha mãe faleceu eu estabeleci isso como meta para mim. Tudo aquilo que eu falava que não era capaz, que eu não ia fazer, eu falei eu vou fazer, eu vou enfrentar meus medos, eu tenho que crescer, não só profissionalmente, como pessoalmente”*. Conforme já apresentado, a transmissão psíquica intergeracional (GRANJON, 2000; KAËS, 2001; TRACHTENBERG, 2023) representando uma narrativa acerca das crenças religiosas da família, parece ter sido mais uma vez estimulada, e agora ampliada para um sentido maior - da criação de um suporte, de construção de um propósito face à perda da mãe. O que se mostra como um fator estruturante na reorganização do psiquismo. Por outro lado, podemos pensar que a religião protege o sujeito das angústias, e, nesse sentido, o afasta da sua própria subjetividade, operando como uma aliança inconsciente defensiva (KAËS, 2014).

Descreve a percepção de uma grande mudança na relação com o irmão e dele ter se tornado mais maduro: *“E quando a minha mãe faleceu, descobri um outro lado dele que fiquei impressionada(...) falei ‘poxa, meu irmão não é mais aquele menino que a gente tinha que ficar conduzindo para não fazer coisa errada’, a gente descobriu que era parceiro (...) A parte boa da minha mãe ter falecido, não que ela ter falecido foi uma coisa boa, mas foi redescobrir essas nuances de relações com meu pai, com ele, em que um começou a ajudar o outro, sabe?(...) Eu acho que se ele não estivesse na minha vida, o caminho ia ser muito mais tortuoso, principalmente sem meus sobrinhos”*. Refere uma atitude de cuidado e atenção do irmão em relação a ela: *“ele tem uma preocupação em me convidar para sair já que não estou namorando”*. Disse que vivia com uma espécie de *“fantasma”* dentro dela e que julgava ter que suprir de alguma forma o que o irmão não fazia.

Menciona que pôde compreender melhor as próprias características, através de comentários do irmão, e do reconhecimento dele em relação ao esforço que vinha fazendo para manter a família unida após a morte da mãe (AMARAL, 2021). Percebe a relação com ele como um incentivo para

o enfrentamento da nova rotina e do novo papel que teve que assumir na administração da casa, das inúmeras tarefas domésticas e outras atribuições. Identificamos que houve uma ressignificação na relação fraterna (BENGHOZI, 2010; MAGALHÃES, MONTEIRO e DANTAS, 2019) que se tornou mais fortalecida e próxima, indicando uma diminuição, uma diluição das diferenças, que se mostravam muito marcadas por características opostas, extremas. A fratria agora demonstra ter uma identidade como um grupo de semelhantes, (KEHL, 2000) onde um pode apoiar o outro, onde o companheirismo e a solidariedade predominam (PUGET, 2014).

Comenta sobre a questão do alcoolismo do pai e que se agravou após a perda da mãe: *“todo dia ele vai ao bar”* e a preocupação devido à outras questões relacionadas à saúde dele: quadro de diabetes, tabagismo e edema macular diabético (realiza acompanhamento médico e faz aplicações de quimioterapia nos olhos mensalmente). Reconhece ter dificuldade para lidar com esses problemas e que tenta intervir de uma maneira indireta, para que a figura paterna não perceba sua interferência. Percebe que o pai é muito sensível e ao mesmo tempo *“bruto(...), mas não comigo”*, e que se esforça para não ser rude com ela e não aumentar o tom de voz nas conversas em comum. Explica que ele sempre foi muito dependente da esposa, o que acumulou uma série de tarefas a serem executadas e algumas supervisionadas por ela, como a utilização do cartão de crédito (está ensinando), compras para uso pessoal, pagamento de contas. Comenta que o genitor tem sido compreensivo em relação à alimentação, pois não possui habilidades culinárias e não tem interesse em aprender. Disse que estão administrando de uma forma relativamente tranquila e contando com serviços de entrega e auxílio da comida caseira da avó paterna. Há uma identificação e substituição da filha pelo lugar da mãe, talvez como defesa frente à falta, executando os afazeres básicos da rotina da casa e dos integrantes do grupo, o gerenciamento da situação financeira, o que parece buscar a repetição da rotina antiga, sem a possibilidade de se criar uma distribuição de papéis e funções no grupo familiar.

Confessa ter ficado surpresa com as atitudes da avó paterna e da proximidade que conquistaram durante esse período, desde a morte da mãe. Esclareceu que previamente, o relacionamento com a avó não se apresentava espontâneo e soava como uma imposição do pai: *‘Ai, vai lá ver sua avó’. Era uma coisa meio forçada, não era uma coisa que a gente queria”*. A

convivência agora tornou-se mais frequente (comentou que ela compareceu no seu último aniversário). Muitas histórias foram por ela reveladas, incluindo uma fase de separação dos pais, que a entrevistada não tinha conhecimento. De alguma forma, a figura materna não se sentia confortável em estar compartilhando informações relevantes, por exemplo, em relação ao filho adotivo “*ela não gostava que comentasse*” ou sobre a sua vida pessoal e conjugalidade. Talvez devido a um fechamento, rigidez de valores provenientes da religião? Observamos novamente a existência de segredos e não ditos, que confirmam um histórico familiar marcado por omissões e faltas significativas referentes ao histórico dos acontecimentos, o que afetou os vínculos tanto do próprio núcleo, como extrafamiliares (tios, avós, primos), conforme observou Benghozi (2010), Kaës (2001) e Trachtenberg (2023).

Comentou que o afastamento da avó paterna foi ocasionado por intermediação da mãe, que notava que ela prestava e concedia mais atenção aos outros netos (filhos da outra tia). Essa questão causou um impasse entre os pais, pois o pai desejava estar próximo dos irmãos: “*mas eu sinto que a voz que sempre dominou aqui em casa foi a da minha mãe*”. Segundo a participante, esses “*predilectismos*” realmente ocorriam e ocasionavam muitas desavenças no núcleo familiar. A avó prometia algo e não cumpria. Recordou-se de uma situação em que foram juntas ao supermercado para comprar ovos de Páscoa e que havia pedido um específico; contudo a avó comprou um mais simples para ela (e sem brincado) e o prometido para a outra prima. Na época, ela questionou a ascendente (deveria ter 6 anos), mas não obteve resposta. Cita outro episódio: “*eu falava ‘ai, vó, hoje eu aprendi a letra Q na escola’, ‘ah, mas o (outro neto) já está na W’, por exemplo, entendeu? Então eu lembro que essas coisas iam me marcando muito. Era uma coisa que minha mãe me afastava, mas eu também me afastava*”. Lembra do mal-estar que esse comportamento causava ao irmão: “*Meu irmão, não. Meu irmão ficava doente; tinha febre, tinha essas coisas*”. Associou de novo a compreensão da situação a um excesso de maturidade e que tem consciência da cobrança demasiada que sempre a assolou: “*eu tenho que lembrar que eu tenho 25 anos e que tem coisas que não adianta eu me cobrar como se eu tivesse 40*”. Podemos pensar na culpabilização do sujeito contemporâneo e a ênfase na produtividade (HAN, 2017). Considera que o relacionamento com os primos também foi afetado por essas questões “*nós nunca fomos próximos*”. Explica que o pai finalmente também notou esse cenário de constrangimentos dirigidos a ela e ao irmão e sentiu-se

bastante magoado. Ele reagiu de uma forma mais explosiva e ocorreram muitas discussões, o que culminou com o distanciamento: *“eles se afastaram por bastante tempo”*. Inferimos haver uma dificuldade de comunicação e entendimento que foi transmitida para a próxima geração (desavenças e discussões da genitora e do marido com a avó paterna) e falta de atenção em relação aos netos. O que também atingiu a família ampliada, o distanciamento no relacionamento com os tios e primos, causado por uma valorização de uma determinada linhagem geracional; a avó paterna preferindo determinados netos (filhos da filha) em detrimento dos outros netos (filhos do filho). Algo que poderia se ligar a algum conteúdo sendo transmitido pela ordem do não-dito desde as gerações anteriores (referências).

8.3.3. A especificidade da perda por Covid-19 e as circunstâncias da morte

O primeiro entrevistado mencionou uma dificuldade em administrar as questões relativas ao aparecimento dos primeiros sintomas da doença e a internação da mãe e do padrasto (todos foram infectados, inclusive ele): *“eu tive que levar os dois para o hospital no dia 04 de abril, ele, o padrasto, estava 100%, mas teve falência renal no dia 09 e eu fui para o hospital também no dia 09 porque estava muito mal, mas não queria ficar internado e se eu ficasse internado não teria ninguém para cuidar dos gatos”*. Podemos notar que as questões práticas se misturam às de muito sofrimento. Trata-se de uma situação muito grave e que instaura uma sensação de incerteza, insegurança e desamparo frente ao adoecimento de todos os integrantes da família, pois ocorre uma rápida evolução do vírus e uma dificuldade natural do participante A no enfrentamento de algo totalmente desconhecido; quais recursos acessar, o que fazer primeiro? (CARRETERO, 2020). Conta que o padrasto teve que ficar entubado e que conseguiu vê-lo uma vez; porém não pôde visitar a mãe, que veio a falecer três dias após o companheiro. Percebemos o desencontro de informações e procedimentos utilizados (COUTINHO, SAGGESE e CABRAL, 2021).

Refere que o fato de ele ser professor o obrigava a ir ao colégio uma vez por mês e que, provavelmente, deve ter sido infectado em uma dessas saídas. A mãe, devido ao quadro de

depressão que já se arrastava por alguns anos, encontrava-se em total isolamento domiciliar. Podemos perceber novamente uma indefinição de variáveis, a impossibilidade de saber quem transmitiu o vírus e a necessidade do afastamento da genitora, pois não pôde visitá-la e acompanhá-la na internação. Essas questões provavelmente dificultaram sua construção do processo de luto e a capacidade de nomear os sentimentos suscitados pelo impacto de uma situação traumática. Ele fala pouco dos sentimentos e sensações em relação à mãe, demonstrando um mecanismo defensivo frente provavelmente à angústia de entrar em contato com todas as perdas associadas a ela. Citou, com entusiasmo, que foi feita uma sala em homenagem ao padrasto, no colégio onde trabalhava, sendo reconhecida a sua dedicação aos alunos e à educação. Relatou, também com vibração, que a irmã mais velha, que trabalha como artista plástica produziu um quadro para os pais: *“que tem uma história assim, tudo mais, tem as datas dos meus pais, tem o nome deles, ele é gigantesco...esse quadro tem uma menção a eles... é de cinco metros por um metro e sessenta de largura... são cinco metros... está em exposição nesse momento...”*. Podemos considerar que esses tributos à memória da mãe e do padrasto desempenharam um relevante papel na construção de simbolizações possíveis e reais ao processo de perda, propiciando alívio e reparação à ausência de ritualização do luto ocorrido pelas mortes inesperadas (BARRETOS, GUIMARÃES e CALDEIRA, 2020).

Comentou sobre muitas mudanças na rotina após o falecimento da mãe e do padrasto, e a necessidade de assumir sozinho o apartamento onde residiam juntos. A divisão e partilha dos bens foi uma das questões a serem solucionadas, assim como uma carga muito maior de trabalho para garantir sua subsistência e autonomia.

O participante B mencionou uma particularidade na circunstância da morte da mãe. Havia decidido passar um tempo na casa dos pais, no interior paulista, devido à questão do isolamento e ao aumento no número de casos de covid-19 e, com o objetivo de ter uma conversa com a genitora *“para acertar”*. Disse que já estava trabalhando, no seu processo terapêutico, a importância de um diálogo com a mãe, ideia recorrente que o acompanhava e que agora havia decidido colocar em prática. Como informado, apresentava uma relação conflituosa com esta, que se agravou no início de 2017, quando veio à tona a questão de sua homossexualidade. Contou o cenário traumático em que ocorreu esse fato; o pai descobriu lendo as mensagens no celular dele, de uma forma invasiva

e arbitrária: *“ele me viu digitando a senha”*. Contou da quebra de confiança e de uma sensação de invasão de privacidade, de sua intimidade; *“eu perdi isso deles(...)houve uma quebra de confiança muito grande deles comigo e eu com eles (...) na época eu fiquei de castigo e fiquei sem meu celular (...) eu estava prestando vestibulares(...) e eles falaram que eu não iria para faculdade direto do meu terceiro ano, que eu iria fazer cursinho(...) eles não apoiavam o fato de eu querer fazer jornalismo(...)na minha posição de filho era insustentável continuar morando com eles, em especial com a minha mãe, porque ela foi muito dura comigo”*. Mesmo após algumas tentativas de esclarecimento acerca do assunto com a mãe, reconhece não ter alcançado um nível de compreensão mútua e essa sensação de insatisfação, falta de entendimento e necessidade da aprovação materna em relação à sua escolha sexual o perseguiram *“eu queria que ela me aceitasse”*. Sentia que era preciso elucidar vários pontos *“coisas que ficaram presas na minha cabeça por muitos anos”* e que ocasionaram um distanciamento recíproco os quais intensificavam seu sofrimento psíquico. Comentou, algumas vezes, que a religião católica exercia uma grande influência na personalidade da mãe, e que, percebia essa crença como uma imposição de valores na sua vida, desde criança. Disse não ter muita afinidade com o catolicismo e considerava essa questão da obrigatoriedade em relação à prática, uma das responsáveis pela piora no relacionamento. Na medida que ia crescendo e ficando mais independente, as diferenças iam se pronunciando. Observou-se que a contestação da sua sexualidade pela genitora surgiu em vários momentos da entrevista e, que isso, caracteriza o caráter repetitivo do trauma (FREUD, 1914, 1920; BERNARD, 2001).

Retornando às circunstâncias da morte da mãe, havia planejado ter uma conversa com a figura materna assim que chegasse à cidade natal. Entretanto se deparou com um contexto bastante adverso. A genitora havia adoecido, alguns dias após a sua chegada, em início de abril de 2021 e, logo em seguida, todos da família, inclusive ele mesmo, foram infectados pelo coronavírus. Explicou que pediu afastamento do trabalho para permanecer junto aos familiares. Informou que a mãe teve uma piora progressiva em um espaço curto de uma semana *“ela ficou muito mal, muito pior que todos nós”*; foi internada em uma unidade de terapia intensiva, porém não se recuperou e veio a falecer, pois também contraiu pneumonia. *“A causa da morte foi pneumonia em decorrência do COVID-19”*. Conta que conseguiu ter um tempo sozinho com ela antes e depois do falecimento,

“*eu consegui falar algumas coisas quando ela estava desacordada*”; mesmo ela não estando consciente, disse ter tido a possibilidade de dizer coisas importantes que pensava e que sentiu muito não ter tido essa oportunidade quando a mãe estava viva. Porém, referiu esse fato, como muito marcante e reconfortante no processo de luto (BARRETO, GUIMARÃES e CALDEIRA, 2020).

O entrevistado ressaltou a relevância da presença do companheiro durante todo o período que abarcou a morte da mãe “*ele foi fundamental(...) ele não saiu de perto de mim*”. Esclareceu que esse fato parece ter sensibilizado o pai que pôde observar o suporte emocional e qualidades do seu parceiro, que antes não lhe despertava a atenção ou talvez se esquivasse de uma aproximação. Podemos observar o papel fundamental da rede de apoio psicossocial estabelecida (BENGHOZI, 2010; PAIVA e GARCIA, 2021).

Como o primeiro entrevistado, devemos chamar a atenção em relação à participante C para a ocorrência das três mortes consecutivas no grupo familiar e a potencialização do sentimento de perda e do sofrimento psíquico. Ela relatou grande dificuldade na busca por vagas nas unidades de terapia intensiva (UTI) “*era uma época crítica aqui*” e que os três familiares (o pai, o avô paterno e o primo, também do lado paterno) tiveram que permanecer em lugares distintos, o avô em um hospital do interior do estado e o pai e o primo em instituições hospitalares diferentes da capital. Essa distância também provocou muito estresse na logística de visitação e busca de informações sobre os familiares, que foram internados quase que simultaneamente. Todavia, os três acima mencionados apresentaram agravamento no estado de saúde, vindo a falecer. Na ocasião da morte do pai, que ocorreu primeiro, decidiram não contar para o avô paterno o acontecimento, pois a comoção da notícia prejudicaria ainda mais o quadro de saúde dele “*meu avô ficava brigando com as enfermeiras pata ter notícias do meu pai*”. Referiu que o avô já havia tomado as duas doses da vacina e, que, desconfia que ele já havia sido contaminado quando recebeu a segunda carga viral, data na qual, coincidentemente, estava completando 80 anos de idade “*ele passou mal e em menos de uma semana teve que ir para a UTI*”. Lamenta não poder tê-lo visto na ocasião do cortejo - “*a gente sabe que era ele, porque o dono da funerária conhece todo mundo aqui*”; identificamos dessa forma o caráter impessoal e a falta de rituais adequados para o episódio (SYRIO, 2021). O

avô paterno foi o último a falecer e, segundo a entrevistada, foi sepultado no mesmo dia da sua morte.

Enfatizou que o primo permaneceu quarenta e dois dias intubado e que contraiu COVID-19 antes do pai “*era o primo mais próximo, muito próximo*”. Recorda-se que, na época, todos que trabalhavam no escritório, onde também exercia suas atividades profissionais (ele era sócio e atuavam conjuntamente), foram contaminados, salvo ela. Devido ao afastamento obrigatório decretado, a entrevistada encontrava-se na casa de uma das tias paternas. Ela alega que é muito difícil afirmar como se deu o contágio, e, chegou a pensar em algumas hipóteses: o avô pode ter transmitido para o pai ou vice-versa ou até mesmo ela (o pai e o avô conviviam diariamente): “*a data dos testes dos dois é muito próxima*”, mas não há evidências do que realmente ocorreu.

Eram inúmeras as contingências a serem administradas. Ressalta que, na ocasião da internação do pai, todos os membros da sua família nuclear (mãe e irmãos) também já haviam contraído o coronavírus e se encontravam isolados, em quarentena, exceto ela “*eu nunca testei positivo(...) já fiz uns 50 testes*”. Detalhou o processo de início da enfermidade do genitor e que abrangeu um total de quinze dias, até o falecimento. Comentou que ele compareceu a um centro de tratamento para COVID-19 local para realizar uma tomografia, e começou um acompanhamento medicamentoso: “*o kit-COVID(...), ele também tomava uma injeção no pulmão todos os dias*”. Disse que ela própria percebeu uma piora acentuada no estado de saúde do pai, ao observar uma grande dificuldade no caminhar dele (após alguns dias); na ocasião chamou uma enfermeira para medir a oxigenação dele, que já estava baixa e, a partir de então, houve uma evolução muito rápida para um quadro grave de comprometimento dos pulmões. Diante desse cenário, fez-se necessária a transferência para uma unidade de terapia intensiva (UTI), que foi dificultada pela limitação de leitos disponíveis, o que provocou ainda mais tensão; nota-se as dificuldades no sistema de saúde, de acordo com Coutinho, Saggese e Cabral (2021). Seguiu-se um período de monitoramento à distância da internação dele, que era intermediada pela atuação de uma psicóloga, que enviava músicas e vídeos vindos dos familiares para o genitor. Ela relatou que, enquanto estava dirigindo para visitar o pai, acompanhada de uma amiga, fez uma parada em uma cidade conhecida e verificou que havia dezessete (17) ligações perdidas vindas da psicóloga da instituição hospitalar

onde o pai se encontrava; retornou o contato e foi solicitada a presença de um representante da família o mais rápido possível. Ela entrou em contato com uma prima, que compareceu ao hospital; logo após, foi comunicada da morte dele. Nesse momento, teria que percorrer mais trezentos quilômetros até a chegada ao destino. Mencionou ter realizado o reconhecimento do corpo do pai sozinha, e que pôde permanecer em uma sala grande por quarenta minutos, sendo esse seu último contato com ele: *“tive que colocar uma roupa de plástico, foi bem triste(...)às vezes a gente não acredita(...) a gente tem que ver(...) senti um cheiro de Qboa, ele estava em um saco preto, estava rasgado e eu vi o pé dele(...)*. Enfatiza que teve que entrar sem acompanhante em uma ala do hospital, já que não era permitida a entrada de mais indivíduos, e foi a única da família e a última pessoa a visitar e ver o pai, pois, em seguida, realizaram o lacre do caixão. É notório o desgaste acentuado causado pelo deslocamento entre as cidades (mais um fator estressante), a chegada tumultuada com a notícia já promulgada da morte, as circunstâncias traumáticas de identificação do corpo (envolto em um saco preto e em um lugar desconhecido) e a deliberação para a certidão de óbito, tudo ao mesmo tempo *“tinha uma fila muito grande para a certidão”*. Ela nota que a mãe e os irmãos estavam saindo do isolamento exatamente no dia em que foi realizado o velório do pai, e que felizmente, puderam comparecer ao funeral. Nos deparamos com uma situação de completo desamparo (CARRETERO, 2020) e a supressão de certas fases do luto (SOUZA, JUNIOR e HENDERSON, 2021).

Qualquer interpretação e tentativa de análise desse momento tão peculiar, foge ao alcance das teorias aqui apresentadas. Pensamos ser importante ressaltar que o arcabouço teórico deve estar intrinsecamente implicado na prática e não, o contrário, no sentido de não forçarmos a adequação de uma à outra. Isso posto, percebemos que o caráter abrupto e desordenado da situação nos comove e nos incita a pensar em algo novo. Consideramos, nesse sentido, que a participante C teve um enfrentamento muito solitário frente ao acontecimento da perda e vivenciou uma sequência de rompimentos (FREUD, 1926) e urgências que podem ter provocado uma espécie de *imunidade psíquica* (façamos alusão a seu comentário sobre não ter contraído COVID-19), o que pode ter a anestesiado (BOWLBY, 1989; FAVERO E ANTON, 2011) frente a reações mais emotivas. Ela não menciona choro ou outras manifestações catárticas em todo esse período de vivência do luto, e repete em diferentes momentos da entrevista a expressão *“é vida que segue”*, característica que

perdura até os dias atuais, o que nos faz questionar se houve uma simbolização e representação das mortes. Inferimos, por conseguinte, um cenário de anestesiamento social (BARRETO, GUIMARÃES e CALDEIRA, 2020).

Ademais, salientamos seu engajamento profissional e a sua ocupação com outras atividades a uma tentativa de não entrar em contato com o sofrimento, ou seja, mantendo a vida sob controle. Por outro lado, há um esforço bem-sucedido de transformação da dor em energia produtiva, como analisado por Scoz (2012). Compreendemos que há um aspecto facilitador na distribuição e reinvestimento psíquicos próprio do luto (FREUD, 1915), propiciado pelo suporte afetivo que a presença dos familiares e amigos da cidade natal lhe proporcionaram e proporcionam. Relata com entusiasmo que deram prosseguimento aos almoços realizados anteriormente na residência do avô paterno, que agora está alugada. E que hoje, organizam os encontros na casa das tias paternas, sempre aos domingos. Inferimos que essas reuniões parecem ocupar uma função de representação simbólica da vivência das perdas, uma tentativa de elaboração, de manter o grupo unido, ainda em construção (BARRETO, GUIMARÃES e CALDEIRA, 2020). Todavia, houve um apressamento do luto (SYRIO, 2021), de três entes queridos e pertencentes a três gerações diferentes, o que nos faz pensar sobre a necessidade de uma continuidade na elaboração psíquica para uma canalização mais adequada de emoções e sentimentos que não puderam ser liberados e expressados na ocasião das perdas.

Destacou também que a morte repentina do pai (FÁVERO e ANTON, 2011), provocou uma queda muito acentuada na renda familiar, atingindo bruscamente o estilo de vida do grupo, o que impulsionou a mãe e tomar a decisão de mudar para outro país, na companhia dos dois filhos menores, em busca de melhores oportunidades de trabalho e novas perspectivas (AMARAL, 2021). A mãe possui dois irmãos que residem nesse mesmo país há vários anos, o que facilitou o processo “*ela comentava que estava com saudade*”. Nesse contexto, podemos inferir a busca por uma tentativa de reconstruir laços familiares, estabelecendo novos entrelaçamentos (*remalhagem*), ou em outras palavras, a capacidade de resiliência do grupo familiar (BENGHOZI e MARQUES, 2005). Simultaneamente, por outro lado, há um distanciamento ou possíveis rompimentos da

genitora com o local de origem e os vínculos pertencentes ao passado geracional, configurando-se uma *desmalhagem* (BENGHOZI e MARQUES, 2005).

A quarta entrevistada relatou que contraiu Covid devido à visita de um parente (afilhada da genitora) à sua casa, onde estavam presentes ela, o pai e a mãe. Veio a saber posteriormente que uma pessoa da mesma família da visitante (a filha mais velha) havia sido infectada através de um grupo de WhatsApp que possuíam em comum, porém não foi informada pela afilhada. Decidiu então fazer um teste de farmácia após quatro ou cinco dias, mesmo sem estar apresentando sintomas, por precaução e descobriu estar com o vírus. Explica: *“Meu então namorado também fez, e o dele deu positivo. Eu liguei para o meu pai e para minha mãe e pedi para eles irem para o hospital. Fiquei desesperada, porque eles eram mais velhos, eram grupo de risco”*. Após alguns dias, a mãe também começou a apresentar uma sintomatologia suspeita e após investigação e exames, também foi constatado a infecção pelo vírus. Novamente podemos notar a dificuldade de saber quem transmitiu o vírus e um possível sentimento de culpa em relação a esse fato. Na primeira vez que compareceu ao hospital, já foi realizada uma tomografia e constatado 50% de comprometimento do pulmão da figura materna. A preocupação tomou conta de todos da família, e o fato de possuírem comorbidades como hipertensão e obesidade (a mãe), asma e bronquite (ela mesma), diabetes (o pai) e bronquite (o irmão), aumentou ainda mais a tensão.

Descreveu que ficou em isolamento no próprio quarto para proteger o casal parental. Refere que o pai estava passando bem com prescrição de antibiótico devido à presença de tosse e a mãe, após ter retornado à casa e ter seguido algumas orientações médicas como inalação e tratamento medicamentoso (antialérgico e corticoide), começou a piorar. Enfatizou a rapidez com que ocorreu a evolução da doença e que teve que insistir para que ela retornasse à instituição hospitalar após alguns dias: a mãe também era alérgica e evitava esse ambiente. *“Minha mãe nunca teve medo de nada, mas se perguntasse do que ela tinha medo, era de ser intubada. Minha mãe dormia(...) com três travesseiros, porque ela tinha pânico de ter falta de ar”*. Explica que a genitora também apresentava rinite e dormia com um frasco de solução de cloreto de sódio embaixo do travesseiro. Detalhou como se deu a chegada no setor de emergência do hospital: a figura materna recebeu máscara de oxigênio e foi realizada nova tomografia, sendo constatado 75% de comprometimento

do pulmão; em seguida, verificou-se a necessidade da internação (foi constatada a baixa saturação no nível de oxigênio e a oscilação da pressão arterial) e a transferência para a unidade de terapia intensiva (as três etapas ocorreram no mesmo dia, de uma forma rápida e foram por ela autorizadas). Percebeu que o caso já havia sido agravado e que não possuíam vagas disponíveis na UTI naquele momento, tendo que instalá-la em um quarto de enfermaria comum (COUTINHO, SAGGESE e CABRAL, 2021). Comentou o reconhecimento da genitora de estar podendo contar com a companhia dela naquele momento tão difícil. Reforçou que insistiu bastante em acompanhar a mãe até a área de isolamento destinada aos pacientes de COVID-19, mas não foi permitida a sua entrada. Mesmo contra a recomendação da enfermeira que a estava assistindo, teve a oportunidade de dar um abraço na genitora, no elevador, antes da separação, que seria definitiva, infelizmente. *“Eu disse: ‘mãe, por favor, se cuida, fica bem, que eu preciso de você aqui, já pensou o que vai ser de mim sozinha?’ , aí ela começou a chorar, e eu comecei a chorar também”*. Ela veio a falecer no dia seguinte à tarde, após três paradas cardíacas, já na seção de cuidados intensivos. Recordase ter providenciado a entrega de objetos de uso pessoal, incluindo seu equipamento favorito, no mesmo dia do falecimento e que ainda se comunicaram por mensagem. Menciona que a genitora adorava acessar o Facebook *“ela se encontrou na vida com o i-pad”*, presente da filha para a mãe. Recebeu um telefonema do hospital para comparecer com urgência, quando deram a notícia.

Relatou a sobreposição de acontecimentos e o estado fragilizado, tanto físico como emocionalmente, em que ela mesma se encontrava (FREUD, 1926; LAPLANCHE e PONTALIS, 1986), visto que estava infectada pelo vírus e apresentava falta de ar durante todo o processo de acompanhamento da genitora; além da preocupação com o seu próprio quadro de comorbidades: *“para mim, eu enxergo como um milagre, ou ela teve uma conversa com Deus, tipo ‘eu vou, mas a minha filha fica’, porque não tem explicação. Eu tinha tudo para estar com Covid da morte, mas eu não tive, graças a Deus. Tive muitas sequelas, passei muito mal...cheguei a tomar oxigênio depois, mas não fiquei internada nem nada”*. Referiu a preocupação da figura materna na emergência do hospital com a filha, já que sabia da sua condição: *“Filha, o que eu vou fazer com você?”*, o que aumentava a angústia e apreensão (CARRETERO, 2020).

Ela foi responsável sozinha por providenciar cada fase desse processo e em comunicar, ao irmão e ao pai, o falecimento da mãe *“tive que segurar o choro”*. Entrou em contato com o irmão, enquanto ainda estava na instituição hospitalar, e pediu a presença dos dois (o irmão era o único que não apresentava a doença). Esclareceu que não teve coragem de subir para ver o corpo da mãe, e que somente o pai o fez. Mencionou que pôde realizar uma cerimônia de despedida e obteve autorização do pároco da igreja a que pertence para que ela própria executasse. Surpreendeu-se bastante com a gentileza do padre, que facilitou o processo para que transcorresse da melhor forma e enviou um áudio muito bonito: *“foi muito reconfortante”*. Contou ter ficado muito ansiosa pois dispunha de apenas dez minutos para ler o escrito da cerimônia e, que também fez a leitura de um outro texto, que havia preparado em homenagem a mãe. Estavam presentes no funeral, o agora ex-namorado, o pai, o irmão e os ex-sogros, que assistiram do carro. Desabafa: *“E tudo foi muito bruto (...) você tem que parar de chorar para fazer a cerimônia de exéquias, você tem o seu pai para cuidar, você tem o seu irmão, os seus sobrinhos, você, você tem todo mundo”*. Novamente identificamos o caráter repentino da morte (FÁVERO e ANTON, 2011), o apressamento do luto (SYRIO, 2021), a ocorrência de acontecimentos (PUGET, 2014; BERHAIM, 2021; WEISSMANN, 2021).

Comentou ter recebido muitas mensagens após o falecimento da genitora *“de pessoas que eu nunca vi na minha vida”* e que isso foi muito gratificante - poder conhecer por outras pessoas a influência positiva e a importância da mãe na vida delas. Contou ter o hábito de escrever cartas para a mãe, desde a perda sofrida, e ter publicado algumas nas redes sociais. Refere que essa ação a tranquiliza e a faz recordar de ocasiões muito especiais, as quais compartilharam experiências: *“em uma delas, eu finalizei falando que eu continuo dando voz àquilo que me emudece. E meu pai não gosta de falar, por exemplo, da minha mãe. Meu irmão também não, mas eu gosto. Não sobre a dor, sobre o momento, mas sobre momentos que a gente viveu, e tudo aquilo que ela me ensinou, que eu aprendi com ela”*. Podemos observar a presença da construção de uma simbolização frente a um cenário de desamparo (BARRETO, GUIMARÃES e CALDEIRA, 2020).

Afirma ser praticante assídua da religião católica e informou ter assumido, desde o ano passado, a posição de vice coordenadora dos ministros e mencionou que a mãe atuou como

coordenadora durante dez anos. Considera o engajamento do genitor, motivo de grande contentamento e conforto pois ele continua a frequentar e está ainda mais envolvido; também ocupa atualmente a função de ministro da eucaristia. Associa a igreja e a comunidade em que está inserida a um local que traz muitas memórias afetivas da sua infância, da presença da mãe, da pessoa querida que ela representava e, da sua participação ativa na paróquia, inclusive na ajuda de angariamento de fundos para a construção da nova edificação. Avalia como fundamental essa prática: *“a religião é importante para te embasar, para te dar um suporte”*. Conforme já identificado, observamos a transmissão psíquica intergeracional dos valores e costumes religiosos (KAËS, 2001; TRACHTENBERG, 2023).

8.3.4. Narrativas relacionadas à intergeracionalidade dos vínculos fraternos, dos pais e avós

O primeiro entrevistado relatou a proximidade do genitor e seus irmãos durante um tempo, mas à medida que o pai foi crescendo, a relação entre eles foi se modificando e passaram a ter menos contato. Ele possui três irmãos e uma irmã, mas são descendentes de pais diferentes. Analisa o atual distanciamento na relação do pai com a fratria devido a divergências de opinião, principalmente políticas: *“eles tinham um bom relacionamento, mas foram se afastando... Lembro que meu pai se afastou do meu padrinho por causa de uma discussão com a minha avó”* (há cinco anos aproximadamente). Quando indagado a respeito das recordações desse relacionamento, comenta não lembrar *“é o que eu menos sei, de quando ele era criança (...)o que eu mais sei de histórias, é da família da minha mãe”*. Importante destacar que o participante A também interrompeu o contato com o tio paterno recentemente, conforme já descrito. Questionei a respeito do motivo da ocorrência da desavença e ele referiu uma rigidez muito acentuada do tio paterno e portador de ideias totalmente contrárias às suas crenças e valores. Nesse momento atribui essa mudança de visão a outras questões e não às perdas sofridas *“o fato de eu começar a ver as coisas diferentes, sabe?”*. Demonstra dificuldade na organização das memórias do lado paterno talvez

devido à falta de interesse e envolvimento afetivo. Ao mesmo tempo, diferente da primeira versão, indica realizar um trabalho de reflexão sobre o assunto, propiciado provavelmente pela entrevista. Além disso, quando indagado a respeito do avô paterno, que ainda é vivo e se casou pela segunda vez, referiu não manter contato com ele “*com ele eu não falo...*”. (não obtivemos informações sobre esse aspecto). E novamente, quando inquerido sobre as memórias da relação do avô paterno com os irmãos, relata não ter nenhum conhecimento ou lembranças.

Podemos perceber uma repetição na história familiar (quebra no relacionamento nos três segmentos geracionais) e um atravessamento, uma passagem direta de possíveis conteúdos traumáticos e recalcados dos ascendentes aos descendentes, sem questionamento. A contar dessa característica, poderemos pensar em um componente inconsciente da transmissão psíquica e da ordem do *transgeracional*: algo que não pode ser revelado e que provoca uma falha, um bloqueio na movimentação psíquica dos membros familiares envolvidos - a avó paterna não conversa com o filho, o pai não fala com o irmão e o entrevistado cortou relações com a mesma pessoa, o padrinho. Poderíamos inferir uma atitude protetora dos envolvidos em relação a ela? Proteção de que? Esse elemento inconsciente do trauma em questão e que permanece desconhecido demonstra acarretar uma toxidade na cadeia geracional, tendo que permanecer encapsulado e guardado em conserva (TRACHTENBERG, 2023). Segundo a autora, o silêncio e o segredo são destinos do traumático. Seria possível reverter essa condição nessa família?

Sobre a relação da mãe com os irmãos, menciona que sempre foram muito próximos e possuíam uma relação muito boa - ela tinha dois irmãos e duas irmãs e todos ainda residem no mesmo estado. A genitora era a filha mais velha: “... *minha avó teve minha mãe muito nova... Minha avó ia jogar minha mãe no rio (foi a bisavó que contou), mas minha tia-bisavó não deixou, e ela foi criada por ela e tinha manias diferentes...ela viveu muito diferente dos meus tios...minha tia começou a trabalhar com treze anos e até hoje trabalha muito... Os irmãos faziam brincadeiras entre eles... Eles diziam que a minha mãe foi criada em berço de ouro...minha tia-bisavó tinha mais dinheiro...minha mãe foi mais mimada*”. Comenta: “*Eu sei histórias deles mais velhos ... eles não cresceram juntos...Meu tio se metia em muita encrenca, parecia coisa de filme ele tinha um ferro velho ... dele pegar e comprar um caminhão de cobre e ser preso...ele era doido...*”. Contou

que o referido tio é o caçula da fratria e que iria se casar no próximo mês (havia uma diferença de idade de 12 anos em relação a mãe). O participante A narra com entusiasmo as histórias dos tios e apesar de considerar como malucas as experiências do tio materno mais novo, revela uma identificação com ele, uma mutualidade, que parece evocar o relacionamento do entrevistado com a irmã mais nova, repleto de aventura. Nessas recordações, demonstra prazer e alegria em poder compartilhar tais vivências. Por outro lado, mostra seriedade quando estabelece comparações entre a mãe e a tia materna em relação ao trabalho por exemplo, talvez na tentativa de buscar respostas e uma compreensão do comportamento da genitora, que parece representar um enigma para ele (o histórico da depressão, suas reações, a ocorrência dos acidentes vasculares cerebrais, AVCs, a conjuntura da sua morte, a impossibilidade de vê-la).

Conta da proximidade do padrasto com todos os quatro irmãos da genitora: *“quando a minha mãe era casada com o meu pai, ela não era muito próxima dos irmãos, mas aí meu padrasto ele ficou muito amigo deles, muito mesmo (...) depois que ele entrou na nossa família mesmo, que ele começou a virar amigo deles, aí a minha mãe se aproximou, a gente se aproximou, eu me aproximei...”* É possível inferir novamente a questão da entrada de um novo integrante na família, assim como o nascimento do sobrinho, já apontado anteriormente, como motor de um redirecionamento, uma reorganização da afetividade, que previamente apresentava uma história distinta, e agora propicia uma movimentação nos vínculos familiares na sua horizontalidade e verticalidade, possibilitando uma *remalhagem* dos laços (BENGHOZI, 2010).

Relata que a avó paterna, com quem mantém um relacionamento diário, *“eu falo com ela todo, todo dia”*, tem duas irmãs e um irmão e que é uma relação muito próxima; visitam-se com frequência e ela tem uma irmã que reside na mesma cidade, com quem mantém uma relação de união e parceria. Comenta que a ajuda com pequenas tarefas do dia a dia, revelando-se prestativo, preocupado e bastante conectado a ela. Informa que a avó materna tem apenas uma irmã, com quem mantém uma relação amigável e carinhosa e que reside no interior do mesmo estado. Contou que o avô materno faleceu quando ele possuía três anos e que não tem lembranças da presença dele ou memórias.

Dessa forma, percebemos que embora demonstre entrosamento, proximidade, familiaridade e regularidade no contato com as figuras femininas, principalmente com as irmãs e avós, mencionando ainda primas, tias e madrasta, manifesta necessidade do comparecimento da figura masculina afetiva na sua vida. Isso pôde ser observado no recasamento da genitora e no intenso relacionamento estabelecido com o padrasto, possivelmente estimulado pela ausência paterna ocasionada devido à separação precoce dos pais (ele tinha aproximadamente seis anos), a perda de um dos avôs e falta de contato com o outro, o rompimento com o padrinho. Essa condição também foi notada em relação à forte identificação com o tio materno aventureiro e nas novas possibilidades e descobertas no convívio com o sobrinho. Mesmo diante da ocorrência de segredos, é possível notar diferentes entrelaçamentos entre os membros, os quais propiciaram sustentação afetiva para o participante A e indicam constituir o ingrediente adequado para se operacionalizar uma *transmissão intergeracional do cuidado*, da atenção, inscrita nas quatro gerações aqui estudadas e analisadas. Concomitantemente, a heterogeneidade presente no grupo familiar, tanto na quantidade (numerosa) como na qualidade (diversidade de locais de origem, ocupações, convivência com outras culturas e valores distintos), enriqueceram a vincularidade dos integrantes da família (KAËS, 2001).

O participante B conta que o relacionamento do pai com os irmãos se caracteriza por um distanciamento e desunião: *“a família do meu pai, na verdade, é uma família muito estranha porque eles sós se reúnem no Natal...não tem nenhuma outra época do ano que se encontram(...) a impressão que eu tenho é que está todo mundo ali por uma obrigação com a minha avó que ainda é viva (...) todos moram na mesma cidade, mas ninguém conversa (...) não tem muita união assim entre eles(...) não tem um relacionamento de intimidade”*. Conta tratar-se de uma família grande e que o pai possui seis irmãos, dois homens e o resto da família são todas mulheres, uma delas foi adotada e outra faleceu durante a infância. Sobre a adoção, explica que uma das irmãs da avó paterna faleceu muito cedo e então, a avó se responsabilizou pela guarda.

Percebe uma dificuldade na comunicação entre os membros do grupo familiar, um distanciamento afetivo e pouco ou nenhum contato em relação aos primos. Descreveu uma situação de um rompimento no relacionamento de um tio e uma tia devido a um desentendimento

envolvendo os filhos, na época adolescentes, ocasionada por um conflito com uma namorada “*o outro deu em cima, alguma coisa bem assim*”. Explicou que os tios, mais velhos que o pai, não se falam desde então e não frequentam os mesmos lugares; esse episódio ocorreu há vários anos e, na realidade, encobre um conflito anterior entre os dois sobre uma questão financeira “*algo que envolvia um dinheiro que se emprestou e não se pagou*”. Acrescenta que eles não conviveram mais “*não estão nunca no mesmo lugar(...)eles são muito magoados um com o outro.*”. Associa o impasse financeiro à possíveis carências enfrentadas “*a família do meu pai é muito humilde e ele passou por muita dificuldade*”. Podemos inferir uma restrição na circulação da palavra e dos afetos, que parecem estar engessados em uma dinâmica que não se modifica. O entrevistado não faz referência a outras situações de encontros familiares, comemorações ou eventos, limitando bastante o contato entre eles e desvitalizando as relações. Nesse contexto, como pensarmos a transmissão psíquica? Podemos inferir que a ruptura no vínculo fraterno, entre os dois tios, ocasionou uma grande tensão na relação dos filhos (primos), ocorrendo uma transmissão de uma dinâmica fraterna ambivalente, de algo que não pode ser dito, e do predomínio da pulsão direcionada a agressividade e, portanto, uma dificuldade de reconhecer e diferenciar a peculiaridade de cada geração, e conseqüentemente, uma transmissão com sinais de uma transgeracionalidade, de conteúdos negativos conscientes e inconscientes não resolvidos, não elaborados, não representados (ABRAHAM e TOROK, 1995; TRACHTENBERG, 2023).

Relata que a mãe tem duas irmãs e que é a mais velha. Conta sobre a descoberta da mãe, na idade adulta, de ser filha de outro pai (o pai biológico fugiu) e a avó passar a se relacionar com um primo de primeiro grau que assumiu a paternidade da genitora e se uniu a avó como esposo. Eles tiveram mais duas filhas e permaneceram juntos. Relatou que a bisavó revelou à mãe esse segredo, quando ela possuía 40 anos aproximadamente, e que se constituiu em um grande choque e reviravolta na sua vida, desencadeando sentimento de revolta e rejeição (não houve tentativa de aproximação ou notícias do pai biológico). Desse momento em diante, o relacionamento dela com a avó materna tornou-se bastante abalado e frágil. Podemos pensar que a revelação da adoção da mãe ocorreu na época de adolescência do entrevistado (doze anos atrás) que, segundo ele, foi bastante tumultuada, demonstrando afetar e interferir no relacionamento entre os dois. Nesse sentido, a descoberta da sua homossexualidade pela mãe parece ter se configurado em uma

repetição da situação traumática anterior, da sua própria história, e que, podemos supor, ainda não havia sido elaborada e conseqüentemente integrada ao seu psiquismo. Percebemos o sentimento de vergonha (já citado) como uma manifestação dessa dificuldade de elaboração psíquica, de conteúdos indesejados que ameaçavam a sua própria pessoa e imagem, dos quais ela queria escapar: *“a minha tia mais nova sentia que a minha mãe tinha vergonha da minha avó...”*. E que percebia esse mesmo sentimento da sua própria mãe em relação a ele e que estaria relacionado a questão da homossexualidade por ele assumida e não aceita por ela *“eu não duvido que ela tenha sentido isso”*.

Ressalta uma proximidade muito grande com a família da mãe *“é uma família mais unida, a gente fala que é uma bagunça, mas a gente tem muito afeto”* e uma relação muito especial com a tia mais nova: *“é como se fosse minha segunda mãe(...)ela tem muita consideração por mim e eu por ela”*. Descreveu que a tia mais nova era responsável pelos zelos com a avó, pois não havia se casado e não possuía filhos, dedicando-se então à tais tarefas como cuidadora. Comentou novamente que as tias maternas o abraçaram quando descobriram e uma delas, a irmã do meio, apoiou o filho quando este assumiu a homossexualidade, e que manifestava carinho por ele; refere sentir falta dessa mesma atitude por parte da mãe. Explicou que o relacionamento entre as irmãs sempre foi bom, todavia começou a se apresentar conflituoso quando se tornaram mais velhas.

Como já mencionado, relatou um histórico de depressão familiar: da mãe, da avó e da tia (mais grave, e que havia sido internada em hospital psiquiátrico). Discorreu com alguns detalhes um quadro de instabilidade na vida da irmã do meio da genitora, a ocorrência de um divórcio tumultuado e o retorno para a residência da avó materna após o descasamento, que desencadeou um quadro grave de depressão, e a necessidade de internação. Enfatizou que a morte inesperada da avó materna em 2016 *“estava no melhor momento da vida dela”*, após um período de muito sofrimento que iremos explicar adiante, acentuou o adoecimento psíquico *“a minha tia se perdeu ali”* e provocou também uma crise depressiva na figura materna *“foi um momento muito delicado para a minha mãe”*, que fez uso de medicação por um tempo, mas pôde interromper após acompanhamento médico adequado. Podemos inferir um sentimento de culpa da mãe em relação à avó, provavelmente gerado por um sentimento de desprezo dela em relação à figura materna, que

deve ter perdurado por um bom tempo, devido à revelação do abandono de seu pai biológico. O participante B relata as frequentes observações da tia mais nova em relação a um suposto sentimento de vergonha da genitora pela avó e que evitava levá-la em lugares públicos: “*ela falava que minha mãe tinha muita vergonha da minha avó*”. Contudo, acrescentou que a tia (a irmã do meio) se manteve bastante debilitada e começou a apresentar uma série de complicações e frequentes desentendimentos com a genitora. A repetição de um outro acontecimento traumático, a perda repentina da avó materna, demonstra ter ocasionado nova desorganização no grupo de irmãs. Essas questões parecem ter intensificado uma divisão na fratria e o predomínio da rivalidade no vínculo fraterno, especialmente das tias em relação a sua mãe, que demonstra estar identificada como aquela que não é bem-vinda, que é estranha ao grupo, ocupando a função de porta-sintoma (KAËS,1993).

Explica que a genitora possuía a curatela da avó, devido ao fato de as tias não terem renda, e demonstravam dependência nesse sentido, de terem que contar com o apoio e iniciativa da irmã mais velha para essas questões. Se houvesse necessidade de obter uma documentação ou algo parecido, a mãe que se encarregava: “*minha mãe que ia atrás de um documento ... minha mãe que cuidava(...)*ah tem que levar minha avó ao médico, era minha mãe que levava”. Quando questionei essa condição, associou ao fato de a mãe ser mais organizada e dotada de mais iniciativa e autonomia “*ela era mais desenvolta*”. Ressaltou que as tias se negavam a executar determinadas tarefas e atribuíam essas funções à irmã mais velha.

Contou de uma discussão muito séria entre elas que envolveu agressão física: a tia do meio jogou uma cadeira na tia mais nova, a mãe tentou separar e seguiu-se uma série de insultos direcionados à mãe “*ela começou a falar que a minha mãe era uma bastarda, que ela não tinha que estar ali(...)* ela falou muitas vezes que ela era a filha bastarda(...) que minha mãe tinha vergonha da minha avó”. Percebeu que esse episódio trouxe muita mágoa e ressentimento para a genitora: “*ela se machucou muito com as minhas tias...*”.

Percebemos um contexto de muita instabilidade como adoecimento físico e psíquico da avó materna, revelação sobre o verdadeiro pai da genitora, divórcio e depressão da tia materna, dificuldade e dependência financeira das duas irmãs da mãe, quadro depressivo da genitora.

Compreendemos, nesse contexto, a existência de uma fragmentação nos papéis a serem desempenhados na fratria e uma dinâmica do grupo fraterno de identificar a genitora como aquela que tumultuava e provocava os problemas, ocasionando uma sobrecarga emocional para a mãe. Ela parecia se constituir em uma ameaça, que despertava ciúmes ou inveja nas irmãs, talvez pela habilidade em resolver problemas, e que acabava ocupando a função de porta-sintoma do grupo (KAËS, 1993). Pensamos que a condição diferenciada e ao mesmo tempo fragilizada, de possuir uma origem distinta das semelhantes, pode ter facilitado essa dinâmica, de ser a depositária desses conteúdos.

O entrevistado alegou não ter conhecimento sobre o relacionamento da avó materna com os irmãos, todavia referiu que ela possui uma irmã mais velha. Revela que a avó materna, após o falecimento do marido em 1998 (de cirrose, ele era alcóolatra), não conseguia verbalizar palavras e não respondia a estímulos: “...*ela não falava, só ficava quieta...a minha vó não reagia, ela deixou de lado os amigos dela, os cuidados com ela(...) ela parecia uma estátua, ela não interagia com ninguém(...)ela ficou muda(...) ela ficou muitos anos sem falar nada*”. Relatou que a avó materna também já permaneceu internada em instituição psiquiátrica e que ela era “*laudada*”, porém não tem conhecimento do tipo de transtorno ou outras informações; há algo desconhecido, oculto. É possível observar a existência de lacunas, uma fragmentação na composição da história de vida da terceira geração (avós), provavelmente ocasionada pelas perdas (tanto físicas como psicológicas), e que provoca uma produção reduzida de memórias e recordações. Podemos supor, dessa forma, um processo de transmissão psíquica que traz determinadas falhas e da ordem do transgeracional, onde há uma dificuldade de simbolização e representação (a dificuldade da avó materna de contar a história verdadeira para a genitora e o estado de mutismo despertado pelo luto do esposo). Embora tenha ocorrido rupturas, o participante B parece exercer uma posição importante nesse processo, de ser um protagonista na história geracional, de procurar e insistir no caminho do diálogo, do esclarecimento, da comunicação. Mesmo não realizando concretamente a conversa com a genitora, tenta se conectar à mãe de várias formas, inclusive quando ela já estava debilitada no leito do hospital. A insistência no estabelecimento de conversas esclarecedoras com a irmã e a resignificação do relacionamento com ela o mobilizou a compreender melhor os outros vínculos familiares, assim como o relacionamento com a tia mais nova o inspirou a investir na continuidade

da história geracional, estabelecendo-se uma transmissão intergeracional da dinâmica da relação fraterna de cumplicidade, proximidade, solidariedade e entendimento mútuo.

Compreendemos que há uma dificuldade de comunicação, de diálogo tanto do lado materno quanto do lado paterno, que demonstra se apresentar mais acentuada. Por conseguinte, percebemos a existência de um bloqueio na narrativa de lembranças relacionadas ao grupo fraterno da terceira geração. Quando questionado sobre as recordações, responde “*não, não lembro, porque eu não conheci nenhum tio avô meu*”, o que pode indicar sinais de uma interrupção na transmissão e que pode ser temporária. Como reativá-las?

A participante C conta que o pai era o mais velho e tinha duas irmãs e que sempre foram muito unidos: “*meu pai e minhas tias nunca tiveram discussão, desavença(...)quando meu pai era vivo a gente almoçava na casa do meu avô todo domingo, todo mundo junto, inclusive minha mãe, e agora manteve, a gente almoça na casa das minhas tias*”; *meu pai falava ‘para quem vocês puxaram (quando eu e a minha irmã brigávamos), eu e minhas irmãs nunca brigamos’ (...) falou que o relacionamento deles sempre foi bom desde criança*. Relata que o pai sempre foi muito tranquilo e que as tias também são parecidas nesse sentido, calmas e serenas: “*eu tenho uma tia que mora na esquina de casa*”. Comenta sobre elas: “*As minhas duas tias nunca puderam ter filhos, elas têm problemas nos ovários, no útero. As duas têm filhos adotados, duas filhas, uma delas conseguiu adotar faz três anos*”. Explicou que as duas são casadas e que essas questões biológicas foram ocasionadas pelo casamento dos avós, que eram primos de primeiro grau. Menciona a preocupação e curiosidade das tias que indagam com frequência sobre sua vida pessoal e, que se importam bastante com o seu futuro e bem-estar. Citou um comentário da tia com quem trabalha: “*Filha, termina logo a faculdade para eu passar o escritório para você*”. Confessa se sentir dividida diante dessa manifestação já que possui um projeto de ingressar em um emprego público; todavia, demonstra considerar reconfortante a afetividade e confiança nela depositadas.

No que diz respeito às memórias do grupo fraterno dos avós paternos, recorda-se bastante do relacionamento da avó paterna com as tias avós “*a gente se reunia, sempre foi assim, a família sempre foi muito unida, eram em vários irmãos, é uma família grande, eu confundo*” (começa a rir). Demonstra descontração, alegria e espontaneidade ao narrar as memórias. Conta que a bisavó

paterna era viva até pouco tempo e compara os dois grupos familiares “*eu não conheço minha bisavó materna*”, o que parece indicar um desejo de conhecê-la, de estar junto. Menciona, com orgulho, que os bisavôs estavam entre os primeiros habitantes da cidade.

Informa que a mãe faz parte de um grupo de seis irmãos: três homens e três mulheres, sendo a mãe a mais velha dos irmãos. Contou que possui dois tios que moram na mesma cidade, assim como a avó materna: “*tenho uma tia mais nova que mora com minha avó(...) a gente discute muito(...) ela nunca deu certo com as irmãs(...) ela fazia a minha avó sofrer muito, sabe? ela saiu, sumiu no mundo(...) todos os irmãos nunca deram certo com ela, são situações que acabam criando revolta entre eles (...) ela é de criar situações de discussão, eu não gosto de ficar vendo essas coisas(...) meu relacionamento com ela não é muito bom(...) agora ela melhorou bastante*”. Explica, como já citado, que a mãe tem dois irmãos que residem nos Estados Unidos, e que um deles está lá há vinte e um anos: “*minha mãe falava que tinha saudade e que queria ir visitar.*” (...) Falou com alegria dos planos de visitar uma tia (a terceira mais nova da genitora) e do nascimento da prima (há treze dias), em uma cidade localizada na mesma região, no final de semana seguinte. Sobre as recordações do relacionamento da mãe com os irmãos, fica em silêncio, faz uma pausa e começa a lembrar: “*Ela contava de quando era criança, que moravam no sítio, tomavam banho de rio, faziam bagunça(...)ela contava que eles saíam cedo de cavalo, eles moravam num sítio, e que uma vez estavam com um facão, enxadão e que cortaram a cabeça um do outro, quase se mataram (dá risada) essas histórias assim de bagunça(...)*”.

Menciona que o avô materno faleceu em agosto de 2020 (sofreu um infarto) e que havia muito desentendimento na convivência entre ele e a tia mais nova, que possui dois filhos, que continuam morando com a avó atualmente “*meu avô brigava muito*”. Esclareceu que a avó materna foi responsável pelos cuidados do primeiro filho da irmã caçula da mãe (“*ele deve ter 17, 18 anos*”), que sempre foi muito instável e explosiva: “*essa minha tia criava uma situação chata, de bate boca*”. E que, recentemente, a tia teve outro bebê (uma menina), que ela própria está criando. Demonstra bastante carinho e afeição pela avó e indica uma atitude de proteção voltada a ela. Descreve que moram muito próximas uma da outra: “*é um minuto andando, na mesma quadra*”. Comenta que os irmãos da genitora eram muito indignados com o avô, porque ele estava sempre

disposto a ajudar todos, e lembra o quanto isso suscitava sentimentos de raiva entre os tios: “*ficavam bravos(...)ele queria emprestar dinheiro para todo mundo, eu também discutia com ele, ele foi de ajudar muito os outros e se prejudicar*”. Contou que o avô possuía terras, mas que infelizmente, foi perdendo, segundo ela, devido à essa dificuldade de administrar as adversidades que iam surgindo.

Em relação às memórias dos irmãos dos avós maternos, refere não se recordar e que apenas lembra de um irmão do avô materno “*acho que já vi um irmão dele, não sei se era primo*” (sorri).

Confessa que se sente muito mais ligada à família do pai, pela proximidade geográfica e convivência intensa, contudo, mostra-se bastante motivada a manter os vínculos com o lado materno “*eu faço questão, eu me esforço para estar em vários lugares(...) a gente sempre tá junto, na Páscoa, no Natal, no meio do ano(...) é uma primaiada*”. Apesar da presença de discussões e da contestação das diferenças, percebemos, como já analisado no início, a existência de uma conexão entre as gerações, de memórias ativas, da possibilidade de diálogo, como por exemplo o convívio cotidiano, as reuniões comemorativas, as visitas, a abertura para o acolhimento de possíveis fragilidades, a disponibilidade para os encontros (AULAGNIER, 1975). Nesse contexto, observamos a ocorrência de uma *transmissão psíquica intergeracional* dos costumes, da cultura, da tradição nas três gerações envolvidas (FREUD, 1913; KAËS, 2001). Identificou-se também uma transmissão intergeracional da dinâmica do vínculo fraterno, que mesmo apresentando-se heterogêneo e algumas vezes dividido, mostra-se fortalecido pela rede que se forma com o grupo familiar estendido (avós, tios) e o papel relevante desempenhado pelo grupo de semelhantes (primos), que são mencionados nas três gerações analisadas, sobressaindo um sentimento de fraternidade e compartilhamento (KEHL, 2000 e MAGALHÃES, MOREIRA e DANTAS, 2019).

A quarta entrevistada, relata que o relacionamento da mãe com os irmãos sempre foi bastante intenso e estimulado pela genitora, que se esforçava bastante para reunir o grupo fraterno, que somavam dez integrantes, incluindo a mãe, que era a caçula. Conta que as tias tinham uma diferença grande de idade em relação à mãe, que sempre oferecia a própria casa para fazer as reuniões, em todas as comemorações, incluindo o Natal. “*A minha mãe era a cola da família*”. Explica que a mãe era responsável pela preparação das refeições, cuidava de todos os detalhes e

seguia um horário rígido de início (mesmo no Natal, almoço sempre ao meio-dia). Comenta que as tias gostavam bastante de comer e que era possível perceber uma relação de ciúmes entre elas, mas que não envolvia a genitora: “*A minha mãe ia conversar e tentar acalmar*”. Menciona que atualmente possui apenas quatro tios vivos, três mulheres e um homem. Fala da proximidade com duas tias, que vieram a se tornar suas madrinhas, uma de crisma e a outra de batismo, e o falecimento de uma delas, que lhe ocasionou muito sofrimento. Lembra de como ela a ajudou, em vários momentos, no apoio financeiro para a faculdade e quando completou quinze anos, quando a presenteou com uma festa: “*Ela era uma mãezona*”. A madrinha de batismo, ainda permanece viva e menciona o fato de as duas terem se tornado freiras em momentos diferentes da vida delas. Possuía um outro tio, que faleceu de câncer no pulmão e que parecia ser excluído da família, devido ao tabagismo praticado em excesso; acrescenta o fato dele quase ter se tornado padre. Percebemos novamente a existência de sedimentados valores religiosos também observados na família ampliada ou estendida, reforçando a transmissão psíquica intergeracional (KAËS, 2001, TRACHTENBERG, 2023).

Contou que o pai, o caçula, possuía dois irmãos, que já faleceram. O tio paterno (em 2015), que teve câncer no pulmão pois fumava muito e a tia paterna (em fevereiro de 2018), também com câncer, porém no cérebro; reforça que o pai sempre foi mais próximo da tia. Esses acontecimentos (as duas mortes) impactaram emocionalmente a avó, que demonstrava uma ligação muito forte com os dois e uma predileção, que era percebida pelo pai. Explica: “*a minha tia era a filha favorita*”. Lembra que foi um relacionamento bastante marcado pelos ciúmes do genitor em relação aos irmãos e que pôde notar essas manifestações, também no relacionamento com os netos. Relatou lembrar de muitas discussões do pai com a avó relacionados à maneira de preparar as refeições em família (especificamente o feijão), e que ela sempre usava um ingrediente que o genitor não apreciava, contudo agradava a tia. O pai percebia a dedicação e atenção diferenciada direcionada aos seus irmãos. Observamos uma dificuldade de manejo parental em relação ao grupo fraterno, uma posição de privilégio dos mais velhos e o predomínio da rivalidade na fratria do lado paterno (FREUD, 1909; KANCYPER, 1999, 2004; KAËS, 2011; MAGALHÃES, MONTEIRO e DANTAS, 2019).

É importante mencionarmos a ocasião da Páscoa e que, nesse período, percebeu uma diferença explícita no tratamento prestado a ela e aos primos e, um desprezo da ascendente com os pedidos que havia feito para o presente (tinha por volta de seis anos de idade). A avó acabou comprando ovos mais elaborados para os seus primos. Dessa forma, a ideia da predileção acompanhava as gerações. Acrescenta que a neta predileta da avó (filha da tia paterna) é a prima que reside em outro estado e que sua expressão se altera, é possível perceber um sorriso no rosto dela quando a presença da prima é anunciada. Lembra também das comparações que a avó paterna fazia entre ela e a prima por exemplo, em relação a algo que estavam aprendendo na escola, e uma valorização de uma em detrimento da outra e, conseqüentemente uma dificuldade na demonstração de carinho para com ela. Estabelece uma associação dessa característica e ao fato de terem uma relação mais distante, quando a genitora ainda estava viva; parecia ser uma forma da mãe protegê-la dessas questões. Reforça que o irmão também compartilha desse pensamento, e que o pai sempre carregou uma mágoa muito grande da mãe, devido às diferenças acima ressaltadas. Verificamos a existência de um sentimento de ressentimento da figura paterna em relação a relação fraterna (KANCYPER, 1999, 2004). Notamos que essas questões provocaram muitas marcas e um distanciamento acentuado na relação do pai com os irmãos, assim como dela com os tios e a avó, que só pôde ser mais bem explorada nos tempos atuais. É possível identificar que essa predileção e os desentendimentos do grupo fraterno foram transmitidos psiquicamente para a geração seguinte (GRANJON, 2000; KAËS, 2001; BENGHOZI, 2010; THACHTENBERG, 2023). Todavia, percebe-se a ocorrência de uma transmissão da ordem do transgeracional, do não dito (TRACHTENBERG, 2023) que parece não ter sido modificada pelo relacionamento distante com o filho caçula e os netos e, portanto, repetida como um atravessamento, sem questionamento, de um conteúdo que não foi esclarecido, simbolizado, de um rompimento nos vínculos familiares (as desavenças e a falta de diálogo entre os irmãos, o que provocou o afastamento, a ruptura). Essa construção só pôde ser desfeita após a morte da genitora e pelas revelações da avó paterna em relação a vários assuntos, que eram guardados em segredo. Esse processo de desconstrução/reconstrução dos laços familiares pôde ser observado atualmente, o que Benghozi e Marques (2013) denominam de *malhagem*, uma reorganização dos vínculos intra e extrafamiliares perante

uma perda traumática, um acontecimento impactante e demonstram uma capacidade de resiliência familiar (BENGHOZI e MARQUES, 2013).

É importante ressaltarmos um aspecto bastante peculiar no entrelaçamento das histórias intergeracionais. A entrevistada compreende que o ciúme manifestado pelo pai no relacionamento com os irmãos dele frente às preferências da mãe (avó), mostrava-se parecido ao sentimento que ela apresentava face à atitude da genitora em relação ao irmão (filho). Ela associa a uma superproteção das duas figuras maternas, e à percepção de uma necessidade real de ajuda, devido a uma maior fragilização tanto da tia paterna (foi abandonada pelo esposo, juntamente com os dois filhos) como do irmão adotivo (que exibia carências e privações desde o nascimento). Isso posto, nota que o comportamento do pai, de ter sido financeiramente independente desde jovem e comprometido com os deveres na esfera pessoal e profissional, fazia com que refletisse sobre a coincidência com a sua própria história, de assumir responsabilidades desde criança, tanto na vida escolar (muito dedicada) como na convivência com os familiares e círculo de amigos (bastante solícita e cooperativa). Podemos pensar que essa reflexão pode ter surgido diante da dor ocasionada pela morte da mãe, e a uma possível tentativa de reorganização psíquica dos eventos familiares. Contudo, de qualquer forma, identificamos a ocorrência de uma transmissão psíquica intergeracional que pode conter elementos conscientes e/ou inconscientes da dinâmica fraterna, nesse caso das duas gerações, compreendida na sua relação com as figuras parentais e, nesse sentido marcada pela incidência da verticalidade e não da horizontalidade, e uma presença excessiva da mãe (KANCYPER, 1999, 2004; Kaës, 2011). Conseqüentemente, uma fratria (do pai com os irmãos) que não se desenvolveu enquanto um grupo independente, com características próprias.

Salienta uma diferença muito grande entre a família do lado materno, na qual as reuniões eram centradas na questão da comida e o lado paterno, no qual havia muita bebida e cigarro. Relata que a mãe também evitava um contato muito próximo, devido a esse motivo, que já implicava em valores e costumes distintos. Inferimos a presença de uma rigidez bastante acentuada da genitora em relação às diferenças de hábitos e valores morais, o que parecia provocar uma cisão na convivência das duas famílias (BENGHOZI, 2010; WEISSMANN, 2017).

Menciona que possui atualmente apenas uma avó viva (a paterna), que reside em uma cidade do interior e tem 90 anos, e com a qual, após a morte da genitora, passou a ter bastante contato. Ela tem mais dois irmãos vivos, sendo que a irmã caçula (que deve ter 85 anos) é muito próxima e considerada “*alma gêmea*”: elas residem na mesma rua e participam muito da rotina uma da outra. Conta que aparenta ser uma relação de mãe e filha e que percebe uma superproteção da avó, que envolve muito cuidado e atenção. Relata que possui também um outro irmão que mora em outra cidade do interior (que deve possuir cerca de 88 anos). O terceiro do grupo faleceu há vários anos de tuberculose. Percebemos haver uma posição de destaque da primogênita (avó paterna) que demonstra dominar a relação fraterna (KANCYPER, 1999, 2004; KAËS, 2011), que demonstra não se caracterizar como uma relação de iguais (KEHL, 2000) pois há o predomínio de um cuidado basicamente maternal e marcado por um certo domínio.

Comentou que teve um respaldo muito grande da família do lado paterno, o que não aconteceu com o lado materno, contrariando suas expectativas “*depois que minha mãe faleceu, essa família dissolveu, tanto que nem vejo minhas tias mais, nada, nada, nada(...)*”.

Informou que não conheceu a avó materna e que ela faleceu de infarto em 1996 (um ano antes do seu nascimento). Contou que possuía duas irmãs e era a mais velha; na época, elas se casaram com outros três irmãos e o casamento dela com o avô foi “*arranjado*”. Refere não ter muitas lembranças sobre o relacionamento fraterno deles, mas que se recorda de uma preocupação da avó com a irmã mais nova, que se casou bastante jovem, com catorze anos de idade. Contou que o avô materno faleceu quando ela era ainda pequena (deveria ter por volta de oito anos). Disse não ter conhecimento do relacionamento dele com os irmãos.

9. DISCUSSÃO E COMENTÁRIOS

Pensamos que um cenário de incerteza, de extrema vulnerabilidade frente às circunstâncias desconhecidas da pandemia, contendo um caráter perturbador e sinistro da morte em si e do

desamparo psíquico criado frente ao impacto das perdas, marcou as quatro histórias aqui compartilhadas. Um acontecimento traumático, imprevisível, inesperado, apressado.

Qual o desfecho frente a uma situação traumática? Qual o destino que irá sobrevir acrescido de um desamparo que se tornou multiplicado?

Aprendemos que a vulnerabilidade, seja ela de qualquer natureza, psicológica, social, física, econômica ou política nos atinge como sujeitos da história e nos assombra de uma forma ou de outra, especialmente aqueles que estão mais expostos e à margem da sociedade como crianças, adolescentes, negros e mulheres. Podemos alterar esse curso da História? No decorrer do levantamento histórico realizado, verificamos que as mudanças sociais nos interpelam. Somos inseridos no social e nos inserimos nele dialeticamente.

Ademais, a vulnerabilidade pode nos alcançar totalmente desprevenidos e de uma maneira cruel em alguns casos, como ocorreu na pandemia de COVID-19, descrita com mais detalhes nesse estudo. Esse quadro de vulnerabilidade conduz, como demonstramos, à um perigoso caminho de fragilização no processo de constituição da nossa subjetividade, do nosso psiquismo, que se torna impossibilitado de lançar mão de recursos, que parecem permanecer temporariamente inacessíveis e desprovidos de potência. Como trazê-los de volta? Quais as consequências para a constituição da subjetividade? Acreditamos apresentar-se como uma solução imprescindível, a presença do vínculo com o outro, da solidariedade, da ligação das nossas próprias fragilidades às alheias, em uma reciprocidade, de construção de pontes. Identificamos em vários momentos de agonia dos relatos, o alívio dessa presença, especialmente quando estavam se reportando ao vínculo fraterno. Nesse sentido, a análise do tema em uma perspectiva vincular e levando em consideração os três espaços psíquicos (o intrapsíquico, o interpssíquico e o transpsíquico) nos pareceu essencial.

Os quatro participantes, ainda muito jovens, foram atravessados por uma indefinição que se impunha e uma dificuldade, pelo menos a curto prazo, de projetar um futuro, de construir uma carreira, que foi afetada pelas mudanças sobrepostas e acentuada carga emocional. Não tinham como escapar. Nesse contexto, o processo de amadurecimento sofreu um adiantamento, uma etapa foi transposta e uma condição de *adulthood* (AMARAL, 2021) foi instalada. Um sentimento de orfandade adulta (AMARAL,2021) apresentou-se (deixar de exercer o papel de filho) face à

realidade e necessidade de assumir papéis distintos e novas responsabilidades, as quais precisavam ser confrontadas e experienciadas imediatamente. Não havia tempo. Para Bowlby (1989), o luto do adulto sofre o mesmo processo que a criança na ausência materna. Isso posto, concluímos que a busca de figuras de referência, de estar próximo a outro ser humano apresentou-se como essencial nesse panorama, assim como a presença de uma rede de apoio, que amparasse o contato inevitável com a angústia da perda, da separação abrupta.

De formas e intensidades variáveis, notamos em cada um, a existência dessa proteção, tanto proveniente dos núcleos familiares, como da família extensa ou ampliada, círculo de amigos e relações amorosas. Observou-se a capacidade de reconstruir laços familiares, pelo reconhecimento da importância desses vínculos, que haviam sido rompidos ou afastados e o exercício da resiliência familiar (BENGHOZI e MARQUES, 2005), aspecto pouco explicitado e observado na dinâmica familiar da terceira participante, marcada por um predomínio de conservação do estado anterior e existência de novas rupturas (a mudança da genitora e dos irmãos para outro país). Embora não manifestasse abertamente a dor diante do luto e a necessidade de buscar uma ajuda específica dos familiares, descrevia com entusiasmo o contentamento nos encontros com os conhecidos e a família ampliada. Identificou-se nos outros grupos, uma reaproximação ao núcleo, que mostrou comportar um revigoramento nos vínculos e mais união entre os membros.

No histórico da primeira entrevista, pareceu bastante significativo o regaste no relacionamento com o pai, como uma ligação essencial na retomada da vida cotidiana, de prestar socorro à pequenas emergências e resoluções práticas como o inventário, e na demonstração de carinho e gratidão ao narrar tais ações. O segundo entrevistado, na ocasião da morte, reforçou a companhia e apoio do companheiro, assim como a ressignificação da relação com a figura paterna e o fortalecimento da relação com a tia materna, expressando uma reciprocidade e um sentimento de ternura por ela. Quanto a terceira participante, não detectamos uma figura de referência em destaque, mas é possível constatar a manifestação de uma afetividade muito especial direcionada a avó materna, sentimentos de reconhecimento, agradecimento e profundo respeito, surgindo como um suporte, um lugar de apoio geracional bastante relevante. Verificamos, no que diz respeito à quarta história, uma sensação de alívio muito grande em dois momentos; ao relatar a participação

do pároco na autorização da cerimônia de despedida da mãe, uma atitude extremamente doce e humanizada, no meio de uma sequência de notícias duras e ríspidas; e ao explicar a revelação da avó paterna sobre omissões e segredos da história dos abortos da genitora, da separação dos pais, e outras lacunas que haviam sido ocultadas. Pudemos verificar, dessa forma, a possibilidade de exercermos a compreensão de processos psíquicos inconscientes, tarefa sugerida nessa pesquisa, e de colocarmos em ação a escuta e a sensibilidade, características essenciais da psicanálise.

Destacamos que três, das quatro histórias aqui descritas, foram surpreendidas pela morte da figura materna, exceto a terceira participante, que sofreu outras perdas, incluindo o genitor. Consideramos essa diferença fundamental para pensarmos as consequências nos mecanismos de funcionamento das famílias e da influência na transmissão do legado geracional, quando a mãe não faz mais parte da cena. Mesmo com os novos arranjos familiares contemporâneos, identificamos três formas de constituição nas funções das figuras parentais observadas nos relatos, ainda bastante entrelaçadas ao formato conservador. Na primeira formulação, observamos o modelo tradicional ainda muito presente, e a figura materna e os papéis femininos até então centralizando os cuidados com os filhos, o companheiro, os afazeres domésticos e a organização da casa. Contudo, inferimos uma forma modificada da transmissão intergeracional, provavelmente da primeira para a segunda geração, uma posição mais ativa da figura feminina e que abrangia inclusive o controle financeiro e a responsabilização pelas regras da casa (segundo e quarto relatos). É importante levarmos em consideração, nas quatro histórias apresentadas, que a mãe possuía uma carreira bem-sucedida, entretanto foi abandonada (na segunda e quarta exposição), para total dedicação à maternidade e, na primeira, devido ao adoecimento físico e mental. Verificamos, dessa forma, em uma segunda constatação, um acúmulo das funções materna e paterna onde atribuições da função paterna como controle, domínio e interdição, se somam à materna, emergindo o pai como uma figura focada no provimento financeiro e desautorizado de outras funções, em consonância com a transmissão desses papéis tradicionais.

E por último, notamos, que o rompimento das atividades profissionais, parece ter provocado mecanismos mais primitivos de identificação na confrontação de gerações: a percepção de um aumento da ansiedade das figuras maternas, a existência de identificações projetivas e alianças

inconscientes estruturantes como o contrato narcísico. Novamente, ressaltamos que a terceira exposição aparece de uma maneira peculiar, e a única genitora a manter o exercício laboral.

Consideramos que as perdas, por se apresentarem ainda muito recentes (completariam um ano e meio aproximadamente na ocasião das entrevistas), podem ter afetado as memórias e recordações, devido à rapidez e a intensidade dos acontecimentos em um curto espaço de tempo. Nesse contexto, as vivências de morte provavelmente mobilizaram conteúdos mais primevos e, conseqüentemente, as fragilidades e os limites tornaram-se mais visíveis no discurso apresentado. Importante lembrarmos que o enfrentamento do luto é um processo longo e doloroso, e provoca reações e necessidades diferentes em cada sujeito e uso de recursos psíquicos variados.

Reconhecemos que, face à diversidade de regiões onde se encontravam os entrevistados, diferenças quanto aos procedimentos médicos adotados foram encontradas. Por exemplo, a administração do kit-COVID, aplicação de injeções de um lado e prescrição de antibióticos, antialérgico, de outro. E como já apontado por vários autores, uma discrepância de informações a respeito da doença, somados a uma falta de transparência dos distintos órgãos governamentais e, conseqüentemente, uma desorganização no sistema de saúde, como falta de vagas na unidade de cuidados intensivos, flexibilização nas medidas protetivas e, outros. Inferimos uma conjuntura de má-gestão do governo brasileiro em diferentes aspectos e, a necessidade desse apoio como primordial em uma situação emergencial para integrar ações no âmbito individual e coletivo, tão díspares e dissociados no nosso panorama nacional. Consideramos que todas essas questões incidiram sobre o psiquismo dos participantes, agravando ainda mais o quadro de incertezas e instabilidade, já bastante comprometido.

Dessa forma, concluímos que um *acontecimento*, como já caracterizado em uma concepção vincular, e de tal magnitude como a pandemia de COVID-19, interferiu e interfere na constituição da subjetividade de cada implicado, ocasionando modificações no estabelecimento dos vínculos em uma relação dialética da exterioridade e a interioridade dos espaços psíquicos. A perda de um ou mais genitores remete ao desamparo, que foi intensificado por esse *acontecimento*. No que tange ao caráter de absorção e atualização (*après-coup*) dos efeitos dessa novidade ao aparato mental, supomos que outros desdobramentos virão, e o tempo, especialmente no tocante ao luto, deverá ser

respeitado e, especialmente incorporado, como uma salvaguarda na acomodação diante de tantos fatores estranhos e desconhecidos.

Seguimos com os comentários e palavras finais sobre os aspetos transferenciais e contratransferenciais que acompanharam as entrevistas.

O primeiro entrevistado revelou-se muito transparente desde o início, bastante direto, gentil, humilde e atencioso. Ele comentou ter identificado uma sensação de abertura para falar e uma possibilidade de troca: *“é muito bom poder falar, poder conversar... Gostei muito mesmo”*. Comentou ter experienciado algo novo, uma oportunidade para a reflexão: *“são perguntas que eu nunca tinha ouvido... Assim do meu relacionamento com as minhas irmãs, do relacionamento da minha mãe com os irmãos dela...”*.

O participante B apresentou-se bastante mobilizado emotivamente em vários momentos do procedimento, e referiu uma superação do sentimento de medo inicial, de dúvida: *“infelizmente foi uma realidade que me foi imposta(...) e eu pensei assim mesmo, é (...) que às vezes é tão difícil de falar sobre o tema”*. A presença de sentimentos misturados e ambivalentes recordados ao relatar o relacionamento com a mãe, as circunstâncias da perda, impunham-se nas suas narrativas no início da entrevista e foram constituindo-se em uma possibilidade de transformação e abertura no final. Demonstrou o reconhecimento da relevância do assunto: *“mas então eu fiquei muito feliz de poder contribuir, acho importante falar(...) ele é parte e é importante a gente produzir a respeito disso(...) e vai abrindo portas para algo que a gente não pensou.”* Conseguiu expressar o reconhecimento da dificuldade de discorrer sobre o tema e menciona ter sentido algo novo, uma possibilidade para refletir, como o participante A: *“e eu pensei se eu estava pronto para falar disso e agora que eu falei, eu pensei, ainda bem que eu aceitei...porque abre mesmo uma janela, uma porta, uma reflexão nova (...) Eu nunca pensei no relacionamento com a minha irmã, não da forma como foi proposto agora.”* Demonstrou consciência da intensidade, da gravidade da perda e situação vivida e do forte impacto de todas essas mudanças.

A terceira entrevistada reconheceu sua participação também como uma catarse, colocar para fora a angústia, discorrer sobre os inúmeros fatos ocorridos e com isso poder ocupar espaços na memória aos quais ainda não havia tido a chance de falar. Comenta uma outra função, como um

preenchimento de lacunas, para não ter contato com a falta: *“acho que eu falei de tudo... que eu não deixei nada em branco.”* De qualquer forma, pareceu uma reconstrução, uma forma de integração de vários pedaços que estavam desconectados, e, por essa razão, algo muito positivo. Ela reforçou, como os outros envolvidos, ter vivenciado algo novo, uma oportunidade para refletir: *“algumas perguntas que você me fez e eu não tinha resposta, me fez pensar(...) sim(...) parar para pensar(...)”*.

A entrevista como uma possibilidade de introspecção, de se voltarem para eles próprios, como se, pudessem agora, retroagir, dar uma pausa, no tempo e no espaço, já que não haviam tido essa oportunidade anteriormente. Todos e cada um, foram lançados em uma série de providências e obrigações (o apressamento do trabalho de luto e as exigências da sobrevivência). A consciência da ocorrência de mudanças e incertezas foi percebida e vivenciada por todos e indicou uma sobreposição de lutos e crises: para mudarmos precisamos elaborar a perda da situação anterior, mas como fazer se surge outro impasse mais urgente e não há tempo suficiente? Acreditamos que tenham encontrado no espaço da entrevista uma forma de resgatar nuances, afetos, recordações que não puderam ser verbalizadas e expressadas devido à falta de tempo forçada; um lugar de representação simbólica, de busca de referências, de reorganização interna.

A presença da intensidade do tema da morte e das circunstâncias enfrentadas, demonstra a existência de mecanismos de defesa da terceira participante, que repete, em vários momentos da nossa conversação a frase: *“é vida que segue...”*. Gostaria de observar que é a mais jovem dos quatro e a sobrecarga emocional das perdas múltiplas (perdeu o pai, o avô e o primo em um período de vinte dias) parece incitar a necessidade de a experiência ser diluída de algum jeito, para ter uma sustentação no seu psiquismo. Por outro lado, é possível sentir uma atitude de gratidão, delicadeza no tom de voz utilizado, gentileza e paciência ao compartilhar detalhes. Uma notória simplicidade que foi delineando um clima de leveza, apesar da complexidade do assunto. Nos comentários finais, a dificuldade de segurar o choro, a diferença na entonação da minha voz frente à emoção despertada. Imediatamente, o que me ocorria, era poder acolher da melhor forma tudo aquilo que me foi dito e o momento de despedida era sempre um motivo de indagação: será que cumprimos nosso objetivo de acolhimento e de apreensão de aspectos que não foram ditos?

A quarta entrevistada relatou sobre a superação de dificuldades no início da entrevista, do enfrentamento da timidez, das metas estabelecidas e do desafio de abandonar a zona de conforto desde a morte da mãe: *“eu sou extremamente tímida, extremamente...desde que minha mãe faleceu, eu estabeleci isso como meta para mim, tudo aquilo que eu falava que eu não ia fazer, eu vou fazer, eu vou enfrentar meus medos, eu vou crescer, eu cresci muito, porque eu vivia num castelinho de cristal, eu era a princesinha da mamãe(...)*”. Referiu a importância de entrar em contato com a morte, com as perdas: *“a relação da morte foi mais difícil(...) porque não tem como você voltar e fazer um velório, não tem como voltar e despedir da pessoa, acabou, tem que seguir a vida(...) meu aniversário foi um dia que eu chorei muito(...) Eu era muito mimada por ela(...) fica a esperança do reencontro”*. Reconhece a importância de dialogar sobre o assunto, apesar da consciência da dificuldade (final da entrevista), e, menciona uma disponibilidade para expor seus escritos sobre a mãe nas redes sociais (já publicou alguns): *“eu sou a favor, eu faço muita carta para ela, e em uma delas eu falo: eu continuo dando voz àquilo que me emudece (....) eu gosto de falar”*.

A participante D comentou sobre uma preocupação com o tempo dedicado à entrevista e expectativas em relação à pesquisa: *“espero não ter te atrasado...acho que eu bati seu recorde (após eu ter comentado que passamos do tempo; foi a entrevista mais longa); “acho que essa pesquisa vai ficar sensacional”*. Essa preocupação parece ser algo muito presente na personalidade dela e observada em vários momentos. Desde o início, mostrou-se muito empenhada e solícita em enviar o termo pelo correio, marcar a data da entrevista, dedicar seu tempo às demandas propostas.

Um outro aspecto importante a destacar é a ambivalência de sentimentos, despertada pela profundidade do assunto. Essa característica de ter essas duas polaridades presentes ao mesmo tempo no relato das conversações, e na reação de cada um (alívio e culpa, perda e reparação, raiva e gratidão) foi acompanhando o antes, o durante e o após as entrevistas. Aspectos positivos e negativos da perda foram citados por todos em diferentes instantes. A entrevista parece ter possibilitado a expressão desses sentimentos e desempenhado uma função de continência para esses conteúdos psíquicos. Avaliamos e aprendemos, por conseguinte, que no espaço da intersubjetividade e das relações que vamos estabelecendo com o outro, apresenta-se como

saudável transitar por esses dois polos (em última instância pelo impulso de vida e o impulso de morte) e, não nos fixarmos em um extremo ou outro.

De qualquer forma, em todos os procedimentos, para realizar esse registro, tive a oportunidade de ler e ouvir repetidas vezes cada conversa e, ao ouvir a voz de cada um novamente, a percepção de fazer parte de algo que me capturava em cada palavra, e que, como cada um descreveu, assim como ao entrevistado, me fazia pensar. Identificamos esse ponto de contato como primordial para o estabelecimento do vínculo, um entendimento mútuo, um pensar juntos, de ser por eles afetada e de finalmente poder cuidar de alguma forma.

Nesse sentido, formatou-se um pensar diferente, recheado de emoções e de novas sensações. Uma situação de ruptura até então inédito, não só pelo rompimento dos laços familiares de forma violenta, mas com a própria vida, que teve que ser reconstruída, reinventada, recontada.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormos analisar as características do vínculo fraterno sob a perspectiva geracional, e frente à perda de um dos genitores por COVID-19, abriu-se uma oportunidade extraordinária de investigarmos e nos familiarizarmos com as famílias de origem de cada participante, que de uma maneira particular, foram tecendo sua trajetória geracional. As lacunas, esquecimentos, foram se somando às recordações e memórias afetivas e vice-versa, pois, como já ressaltamos não há uma ordem cronológica e linear na história das heranças geracionais. Cada um escreveu e escreve a sua, de uma forma única e essas inscrições foram e irão se incorporando ao subjetivar-se de cada indivíduo. Reforçamos que na compreensão da transmissão psíquica, segundo Kaës (2001), adotamos uma lógica diferente, a lógica da intersubjetividade e, a partir dela, as inclusões e as exclusões do sujeito na questão do vínculo.

Compreendemos que a possibilidade de acessar as memórias relativas ao vínculo fraterno das gerações anteriores, apresentou-se significativamente positiva e possibilitou uma

reorganização de conteúdos tanto da história central familiar, como da extensa ou ampliada, que os mobilizaram a refletir e criar pontes, que pareciam rompidas. Essa reorganização, verificamos, parece ter sido reforçada pela ausência da mãe (nos três casos já apontados), que parece ter propiciado a dissolução de alguns mecanismos mais primitivos, como as alianças inconscientes e acionados outros conteúdos de ligação, de representação simbólica, especialmente relativos à ressignificação do relacionamento fraterno e atuantes na transmissão psíquica entre gerações.

Afinal, o que dizer sobre a transmissão? Sabemos que toda família comporta seus segredos, interditos, conteúdos recalcados e, outros. Dentro dessa perspectiva, pudemos identificar uma transmissão contendo sinais de uma transgeracionalidade em cada uma delas. Segredos sustentados entre três gerações e mantidos em conserva (primeiro relato), ocultamentos e dificuldade de comunicação repetidas nos grupos geracionais envolvidos (segunda exposição); mecanismos de defesa mais resistentes (terceiro histórico), questões ocultas como a indissolubilidade do casamento frente à valores cristãos mais rígidos e fatores confusos associados à adoção (quarto histórico). Nesse contexto, observamos a ocorrência de alianças inconscientes estruturantes (contratos narcísicos), que são responsáveis pelo trânsito desses conteúdos entre as gerações e, a ocorrência de não ditos, que influenciam a transmissão e o legado geracional nas narrativas das quatro entrevistas.

Qual a influência dos papéis masculinos e dos papéis femininos na contemporaneidade? Embora esse não seja nosso foco de análise, sabemos que os modelos tradicionais e contemporâneos, como já apresentado, de novas formas de se relacionar, se mesclam aos antigos e que interferem na transmissão. Todavia, nas observações aqui realizadas, averiguamos ser de fundamental relevância, não somente esse aspecto, mas a investigação da ocorrência dos contratos e acordos conscientes e inconscientes provenientes da família de origem e que incidiram na transmissão psíquica operante, conforme já mencionados. Observamos o fenômeno da transmissão intergeracional de formas distintas, e uma terceira geração ainda bastante impactada pelos valores e costumes das gerações anteriores. A cultura local de cada região, o estilo de vida, o modo de se relacionar, a proximidade física dos familiares (tanto pertencentes ao núcleo como do grupo familiar ampliado) que habitam cidades relativamente pequenas, a prática da religiosidade,

parecem ter influenciado substancialmente o terceiro grupo geracional, que permaneceu residindo no mesmo local de origem, com exceção do segundo entrevistado. Esses conteúdos podem ter sofrido transformações, na maneira como cada um adquiriu e digeriu a transmissão herdada, e ainda podem vir a se modificarem, visto que ainda são bastante jovens, mas permanecem como ponto de união entre as gerações. O primeiro participante, embora evidencie planos de residir em outro estado, em uma cidade muito maior que a atual, demonstra estar bastante conectado à terra natal. E o segundo entrevistado, mesmo tendo optado por habitar em outro local desde os 18 anos, mostrou possuir figuras de referência primordiais provenientes do lugar onde nasceu e cresceu. Todos parecem ter se aproximado ainda mais da cultura e costumes familiares, manifestando um sentimento de reconhecimento e construção de um pertencimento, talvez em função da perda de um genitor.

Respondendo à pergunta formulada no início do tópico anterior, acreditamos que foi possível fornecer um formato, um destino para o componente traumático, para aquilo que não estava sendo dito, aquilo que estava guardado, tendo provavelmente ocorrido uma experiência terapêutica na situação da entrevista, uma possibilidade de reparação. Nesse sentido, concluímos que os traumas podem ser transformados e elaborados, e, nas exposições aqui apresentadas, angústias impensáveis (WINNICOTT, 1975), identificações alienantes (FAIMBERG, 1985), rasgos (BENGHOZI, 2010) ou substâncias radioativas (TRACHTENBERG, 2023) responsáveis por contaminar ou interromper a transmissão geracional, não foram observadas. Como já apresentado, demonstramos a ocorrência da transmissão intergeracional, tarefa aqui proposta, e alguns aspectos que poderiam estar relacionadas ao processo de uma transmissão transgeracional.

Compreendemos e verificamos que a relação fraterna realmente ocupa um lugar de pertencimento dentro de um cenário atual repleto de incertezas, incertezas que se sobrepuseram frente à pandemia, configurando-se em um local seguro para retornar. Percebemos também que o tempo é um forte aliado do vínculo fraterno, pois o compartilhamento de espaços durante grande parte da infância e adolescência é fortalecido por uma temporalidade viva e presente de lembranças, e marcado por vivências que carregam um relaxamento pulsional e invenção de espaços e brincadeiras, estimulando o lúdico, a diversão, o prazer. Revela-se como um grupo que permite

uma circulação de afetos bastante ativa e vibrante; uma circulação que parece ocorrer de uma forma mais livre de amarras, se devidamente administrados pelas figuras parentais, provavelmente por ser protagonizado por um grupo de iguais e estar protegido por eles. Pensamos que a proteção emerge como uma das funções principais desse vínculo tão fundamental.

E, finalmente, após a perda de um ou mais genitores, pudemos notar a **ressignificação do vínculo fraterno** de uma forma surpreendente, que dentro dessa faixa etária específica de jovens adultos (18 a 25 anos), surgiu como um papel primordial, de reconstrução de fortes laços afetivos, de restabelecimento do sentimento de segurança, da criação de um espaço onde pudessem pensar juntos, refletirem, trocarem. Ressaltamos a relevância alcançada dessa categoria acima grifada nesse trabalho. Destacamos e consideramos que a pandemia enquanto acontecimento provocou a sobreposição de perdas, uma situação de desamparo amplificado na dinâmica psíquica de cada participante. A rede fratria pôde se fortalecer diante dessa fratura traumática operando como um tecido e base de sustentação para a vida familiar e incidindo sob a transmissão geracional. Verificamos, em vários momentos, a alegria demonstrada na relação conquistada com as irmãs e os irmãos, um lugar para repousar. “A confrontação de gerações e fraterna resguarda a estrutura de alteridade e reciprocidade, possibilita o desenvolvimento e o advento da vida subjetiva e preserva o sujeito de eventuais alienações” (KANCYPER, 1999, p.29). Ademais, podemos considerar um nível de horizontalidade que a ressignificação do vínculo fraterno pôde trazer na reorganização das famílias após as perdas dos genitores, onde pais e filhos passaram a ocupar a mesma linha relacional.

Como já apontado, notamos uma diferença do terceiro relato que demonstrou não ter ainda se apropriado de um trabalho de ressignificação da relação fraterna, porém o processo parece ter se iniciado; no entanto, o relacionamento com o irmão caçula demonstra apresentar-se cada vez mais fortalecido. Será possível uma reconciliação com a irmã do meio? É importante relembrar que a participante C sofreu perdas relacionadas a três gerações distintas, o que deve ter impactado na simbolização e organização de conteúdos psíquicos internos (operando-se de uma forma mais lentificada) e repercutido no seu relacionamento com o grupo fraterno. Verificamos também, que as variações associadas ao tamanho da fratria (dois componentes ou três), podem ter interferido na

intensidade e na distribuição dos afetos. Na segunda e quarta exposições, a cumplicidade manifesta-se mais acentuada (dois integrantes) e a dinâmica de um trio indica sofrer mais possibilidades de arranjos vinculares e diferentes cruzamentos, ocasionando a disputa. Outro fator que também parece ter provocado distanciamento é a incidência do mesmo gênero das duas irmãs (terceira entrevistada) e, como já destacado em vários momentos, a posição de privilégio da irmã mais velha, que não abdica da sua soberania em todas as suas implicações.

Dentro desse contexto, concluímos que o estabelecimento de um espaço próprio, tanto físico como afetivo, e com um funcionamento que permita uma autonomia para a circulação da curiosidade, da investigação, da descoberta e da administração de uma variedade de sentimentos seja imprescindível para a manutenção de um grupo fraterno saudável. Esse feito, como mostramos, somente pode ocorrer, na intermediação de figuras parentais que sustentem uma flexibilidade, uma abertura para o diálogo, a possibilidade de confrontação da onipotência e ferida narcísica dos envolvidos no processo. Isso posto, afirmamos, que o embate é inevitável e a luta deve ser travada. Contudo, a busca por esse espaço, necessita ser idealizada, projetada e executada pelos integrantes da fratria, constantemente e insistentemente, marcando o trabalho acerca do vincular, um processo contínuo de investimentos, reinvestimentos e contrainvestimentos.

De qualquer forma, concluímos que o vínculo fraterno ocupa um papel fundamental na transmissão geracional, possibilitando a ligação e a integração dos subgrupos, onde participam avós, tios e primos, unindo seus integrantes, proporcionando entrelaçamentos e formas criativas do ser família, construindo um sentido na pluralidade de arranjos possíveis.

Finalizo, revelando, que, surpreendentemente, as possibilidades surgem das impossibilidades, e com elas os encontros e partilhas, continuamente desprovidos de uma ordem estabelecida e sempre atemporais.

11. REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, Nicolas & Torok, Maria **A casca e o núcleo**. São Paulo: Escuta, 1995.
- AMARAL, Natália Dantas do. **Luto em decorrência da morte do genitor pela COVID-19: estudo com contribuições da Psicologia Analítica**. Dissertação (Tese de Mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-29032022-154141/pt-br.php>. Acesso em 19 mar. 2023.
- ANTON, Márcia Camaratta; FAVERO, Eveline. Morte repentina de genitores e luto infantil: uma revisão da literatura em periódicos científicos brasileiros. **Interação em Psicologia** (Curitiba), v. 15, n. 1, out. 2011. ISSN 1981-8076. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/16992>. Acesso em 19 mar. 2023.
- ARIÉS, Philippe; DULBY, Georges (org.). **História da Vida Privada. Da revolução francesa à Primeira Guerra**. Volume 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ARIÉS, Philippe; DULBY, Georges (org.). **História da Vida Privada. Da primeira guerra a nossos dias**. Volume 5. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- ASSOUN, Paul-Laurent. **Lecciones Psicoanalíticas sobre Hermanos Y Hermanas**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 2000.
- AULAGNIER, Piera. Nota Preliminar. In: **A Violência da Interpretação** – do pictograma ao enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- AULAGNIER, Piera. O espaço no qual o eu pode constituir-se. In: **A Violência da Interpretação** – do pictograma ao enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- AZEVEDO, Luciana Jaramillo Caruso de; FÉRES-CARNEIRO. Terezinha e BEZERRA LINS, Samuel Lincoln. A família e a transmissão psíquica. **Revista Psicanálise & Barroco**, v. 13 n 1, p. 57-71, jul. 2015. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/109788/2/238870.pdf>. Acesso em 19 mar. 2023.
- AZEVEDO, Luciana Jaramillo Caruso de; FÉRES-CARNEIRO. Terezinha e BEZERRA LINS, Samuel Lincoln. O conceito de transmissão psíquica na obra de Freud: A perspectiva de René kaës. **Revista Pensando Famílias** (Porto Alegre), v. 20, n 2, dez. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/314766464_O_Conceito_de_Transmissao_Psiquica_na_Obra_de_Freud_A_Perspectiva_de_Rene_Kaes. Acesso em 19/03/2023.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70 Brasil, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços contemporâneos**. 1ª. Edição Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BENGHOZI, Paul; FÉRES CARNEIRO, Terezinha. Laço fraterno e continente fraterno como sustentação do laço genealógico. In: **Casamento e Família: do social à Clínica**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001.

BENGHOZI, Paul. **Malhagem, Filiação e Afiliação**. Psicanálise dos Vínculos: casal, família, grupo, instituição e campo social. São Paulo: Vetor Editora, 2010.

BENGHOZI, Paul; MARQUES, Sandra Teixeira. Resiliência Familiar e Conjugal numa perspectiva psicanalítica dos laços. **Psicologia Clínica** (Rio de Janeiro), v.17, n. 2, p. 101-109, set. 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pc/a/RfVgsHKCfTWQt3GGQm95rns/>. Acesso em 13 maio 2024.

BENJAMIN, Jessica. Acknowledgment, harming, and political trauma: reflections after the plague year. Reconhecimento, prejuízos e trauma político: reflexões após a pandemia. **Psychoanalytic Perspectives**. Nova Iorque, v.18, p.401-412, 2021. Disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1551806X.2021.1941637>. Acesso em 13 maio 2024.

BERHAIM, David. De Piera Aulagnier a Nathalie Zaltman. **Revista Psicoanálisis & Intersubjetividad** (Buenos Aires), n.3, 2022. Disponível em <https://www.intersubjetividad.com.ar/historia-y-kulturarbeit-de-piera-aulagnier-a-nathalie-zaltman/>. Acesso em 13 maio 2024.

BOWLBY, John. **Formação e Rompimento dos Laços Afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

CAMPOS, Claudinei José Gomes; TURATO, Egberto Ribeiro. Análise de conteúdo em pesquisas que utilizam metodologia clínico-qualitativa: aplicação e perspectivas. **Revista latino-americana de Enfermagem** (Ribeirão Preto), v.17, n.2, abr. 2009. Versão on-line ISSN: 1518-8345. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rlae/a/ncc5MZ9hYGGhQXDgXW7sVnb/abstract/?lang=pt>. Acesso em 13 maio 2024.

CASTANHO, Pablo. O conceito de alianças inconscientes como fundamento para o trabalho vincular em psicanálise. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia** (Londrina), v. 6, n. 2, p. 92-112, dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2236-64072015000200007&script=sci_abstract&tlng. Acesso em 19 mar. 2023.

CAVIERA-HIGUERAS, Hector; MESSIAS, João Carlos Caselli; BALDAN, Laura. Imagens estereotípicas de família e casal no contexto da pandemia da COVID-19. **Revista Psicologia e Saúde** (Campinas), v.13, n.1, p. 181-195, jun. 2021. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2021000200014. Acesso em 13 maio 2024.

COUTINHO, Luciana Gageiro; SAGGESE, Edson Guimarães; CABRAL, Ivone Evangelista. Agravamento das vulnerabilidades infanto-juvenis: uma análise sociopolítica do sofrimento

psíquico durante a pandemia de COVID-19. **Desidades** (Rio de Janeiro), n.31, dez. 2021. Disponível em https://desidades.ufrj.br/featured_topic/agravamento-das-vulnerabilidades-infanto-juvenis-uma-analise-sociopolitica-do-sofrimento-psi-quico-durante-a-pandemia-de-covid-19/. Acesso em 13 maio 2024.

CUNHA, Alessandra Franco da. **O relacionamento entre os irmãos durante a pandemia**. Monografia (Especialização) - Departamento de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade de Taubaté, Taubaté, 2021. Disponível em: <http://repositorio.unitau.br/jspui/handle/20.500.11874/4892>. Acesso em 19 mar. 2023.

D ‘AGORD, Maria Regina de Leão; LANG, Charles Elias; TRISKA, Vitor Hugo Couto. A psicopatologia da pandemia: literatura, ciência, política. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental** (São Paulo), v. 23, n. 3, p. 597–619, set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/pKhNND7FtYvjT7CbD9wGVw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 19 mar. 2023.

DIDIER, Anzieu. **Psicanalisar**. São Paulo: Editora Ideias & Letras, 2006.

EIGUER, Alberto. **A transmissão do psiquismo entre gerações: Enfoque em Terapia Familiar Psicanalítica**. São Paulo: Unimarco Editora, 1998.

FRANCO, Maria Helena Pereira.; MAZORRA, Luciana. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 24, n. 4, p. 503–511, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yhbQfWtKqLhF7g5m8pyjP4G/abstract/?lang=pt>. Acesso em 19 mar. 2023.

FERNANDES, Maria Inês Assumpção. O trabalho psíquico da intersubjetividade. **Psicologia USP** (São Paulo), v.14, n.3, p. 47-55, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/TmgQXhJmfP67PHn9qrtFSJF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 19 mar. 2023.

FERNANDES, Maria Inês Assumpção. **Negatividade e Vínculo: A mestiçagem como ideologia**. 1ª Edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. **As diversas faces do cuidar**. 2ª Edição. São Paulo: Escuta, 2012.

FREUD, Sigmund. A hereditariedade e a etiologia da neurose. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud vol. III** (texto original de 1896). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. A Interpretação dos Sonhos. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud vols. IV e V** (texto original de 1900-1901). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud vol. X** (texto original de 1909). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de**

Freud vol. XIII (texto original de 1913). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund Introdução ao Narcisismo. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud vol. XIV** (texto original de 1914). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. **Edição standard Brasileira das Obras Completas de Freud vol. XIV** (texto original de 1915). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Além do Princípio de Prazer. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud vol. XVIII** (texto original de 1920). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund A Psicologia de grupo e a análise do ego. (texto original de 1921). **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud vol. XVIII**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Psicanálise e Telepatia. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud vol. XVIII** (texto original de 1921). Rio de Janeiro: Imago.,1976.

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud vol. XIX** (texto original de 1923). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Inibições, Sintomas e Angústia. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud. Vol. XX** (texto original de 1926). Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GOMES, Isabel Cristina; ZANETTI, Sandra Aparecida S. Transmissão Psíquica Transgeracional e Construção de Subjetividade: Relato de uma Psicoterapia Psicanalítica Vincular. **Revista Psicologia USP** (São Paulo), v. 20 n. 1, p. 93-108, mar. 2009. Disponível em <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v20n1/v20n1a06.pdf> . Acesso em 27 ago. 2024.

GOMES, Isabel Cristina (org). **Clínica Psicanalítica de Casal e Família** – A Interface com os Estudos Psicossociais. 1ª Edição. São Paulo: Editora Santos, 2009.

GOMES, Isabel Cristina. **O sintoma da criança e a Dinâmica do Casal**. 2ª Edição. São Paulo: Zagodoni Editora, 2011.

GOLDSMID, Rebeca – **Complexo Fraterno: Constituição do Sujeito e Formação do Laço Social** – Dissertação (Tese de Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/31441/31441_1.PDF. Acesso em 19 mar. 2023.

GOLDSMID, Rebeca; FÉRES – CARNEIRO, Terezinha. Relação Fraternal: Constituição do Sujeito e Formação do Laço Social. **Revista Psicologia USP** v. 22 n. 4, p. 771-787, São Paulo, nov. 2011. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3051/305123742006.pdf> . Acesso em 13 maio 2024.

GOLDSMID, Rebeca; FÉRES – CARNEIRO, Terezinha. A Função Fraternal e as Vicissitudes de ter e ser um Irmão. **Psicologia em Revista** (Belo Horizonte), v. 13, n. 2, p. 293-298, dez. 2007.

Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682007000200006 . Acesso em 13 maio 2024.

GONZALEZ-TORRES, Miguel Angel; FERNADEZ-RIVAS, Aranzazu. Experiences of space and time in the COVID-19 pandemic: letter from Bilbao. Experiências de espaço e tempo na pandemia de COVID-19: carta de Bilbao. **The American Journal of Psychoanalysis**, n.81, p.480-495, 2021. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34716406/> . Acesso em 13 maio 2024.

GRANJON, Evelyn. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica In Ruiz Correa, Olga (org.). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. 1ª Edição. São Paulo: Escuta, 2000.

GRENDENE, Fernanda. **Transgeracionalidade, Perdas e Lugares de Subjetivações**. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Psicoterapia Psicanalítica) - Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade de Porto Alegre, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo56.pdf>. Acesso em 19 mar. 2023.

GUIMARAES, Ludmila de Vasconcelos M., CARRETEIRO, Tereza Cristina, NASCIUTTI, Jacyara Rochael (org.) – Janelas da Pandemia. E-book. Belo Horizonte: Editora Instituto DH, 2020. Disponível em: <https://institudh.org/wp-content/uploads/2020/08/Janelas-da-Pandemia.pdf>. Acesso em 19 mar. 2023.

HEENEN- WOLF, Susan. Brotherhood and destructivity in sibling relationships (Fraternidade e destrutividade na relação de irmãos). **Romanian Journal of Psychoanalysis**, Bucareste, v.14, n.1, p. 27-42, 2021. DOI 10.2478/rjp-2021-0003. Disponível em: <https://sciendo.com/pdf/10.2478/rjp-2021-0003>. Acesso em 19 mar. 2023.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

KAËS, René. **As alianças inconscientes**. São Paulo: Ideias e Letras, 2014.

KAËS, René. **Um singular plural**. São Paulo: Edições Loyola SP, 2011.

KAËS, René. **O complexo fraterno**. Aparecida, SP: Editora Ideias & Letras, 2011.

KAËS, René. **A transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

KAËS, René. Considerações sobre o Complexo Fraterno In Ramos, Magdalena (org). **Casal e Família como Paciente**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

KAËS, René. Introdução: Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In Eiguer, Alberto (org), **A transmissão do psiquismo entre gerações – Enfoque na Terapia Familiar Psicanalítica**. São Paulo: Unimarco Editora, 1998.

KAËS, René. **La invención psicoanalítica del grupo**. Buenos Aires: Aporte Edito, 1993.

KANCYPER, Luis; BERLINER, Claudia. As transferências na psicanálise com crianças e adolescentes: narcisista, edípica, fraterna e a amizade de transferência. **Revista Brasileira de Psicanálise** (São Paulo). v..47, n.1, p. 159-173, mar. 2013.

KANCYPER, Luis. **El complejo fraterno: estudio psicoanalítico**. 1ª Edição. Buenos Aires: Lumen, 2004. ISBN 987-00-0447-4.

KANCYPER, Luis. **Confrontação de Gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

KEHL, Maria Rita (2000). **Função Fraterna**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

KLEIN, Melanie. **Contributions to psycho-analysis**. London: Hogart Press, 1948.

KLEIN, Melanie; HEIMANN, Paula; ISAACS, Susan; RIVIERE, Joan. **Os progressos da Psicanálise**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

KLEIN, Melanie. O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos. In **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, Melanie. O desmame. In **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, Jacques. **A família**. Lisboa: Assírio e Alvim Pelas Bandas da Psicanálise, 1978.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEJARRAGA, Ana Lila. A noção de amizade em Freud e Winnicott. **Natureza Humana** (São Paulo), v.12, n.1, p. .085-104, jan.-jun. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v12n1/v12n1a03.pdf> . Acesso em 13 maio 2024.

LEVISKY, Ruth Blay; DIAS, Maria Luiza; LEVISKY, David Léo. **Dicionário de Psicanálise de Casal e Família**. São Paulo: Blucher, 2021

LIBERMANN, Zelig. Après – coup: la dimensión traumática. **Revista Brasileira de Psicanálise** (online), v. 49, n. 4, p. 118-132, 2015. ISSN 0486-641X. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v49n4/v49n4a10.pdf> . Acesso em 26 ago. 2024.

LUCAS, Raquel Alves. **Narrativas de mães e filhos: vivências familiares na pandemia de Covid-19**. Dissertação (Tese de Mestrado) – Centro de Ciências da Vida - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/16512>. Acesso em 19 mar. 2023.

MAGALHÃES, Andrea Seixas; MONTEIRO, Mayla Cosmo; e DANTAS, Cristina Ribeiro. Rivalidade e Solidariedade entre irmãos na clínica com famílias. **Estudos Interdisciplinares em**

Psicologia (Londrina) v.10, n.3. versão on-line ISSN 2236-6407. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000400007 . Acesso em 13 maio 2024.

MAGALHÃES, Andrea Seixas e FÉRES – CARNEIRO, Terezinha. Transmissão psíquico-geracional na contemporaneidade. **Psicologia em Revista** (Belo Horizonte), v. 10, n. 16, p.243-255, dez. 2004. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/211>. Acesso em 19 mar. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MORETTO, Maria Livia Tourinho. **Abordagem psicanalítica do sofrimento nas instituições de saúde**. São Paulo: Zagodoni, 2019.

MOTA, Eduardo; TEIXEIRA, Maria Claudia. Vigilância Epidemiológica e a pandemia da Covid-19 no Brasil: elementos para entender a resposta brasileira e a explosão de casos e mortes. **Saúde em Debate** (Rio de Janeiro), v. 44, n. especial, p. 130–145, dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/pwjbkJ4kStLFHzXy8kkFDjS/?lang=pt>. Acesso em 19 mar. 2023.

OLIVEIRA, A. L. **Irmãos ao longo da vida: Construindo uma memória compartilhada – compartilhando uma memória construída**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15796>. Acesso em 19 mar. 2023.

OLIVEIRA, A. L. **Irmãos, meio-irmãos e co-irmãos: A Dinâmica das Relações Fraternas no Recasamento**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15661>. Acesso em 19 mar. 2023.

PAIVA, Vera Silvia Facciolla, GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Sofrimento Psicossocial e Sexualidade em Tempos de COVID-19 e de Ataque aos Direitos Humanos. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.22, n.spe, p. 1329-1346, dez. 2022. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/71641/44244> . Acesso em 19 mar 2023.

PENNACHI, Rosa; THORSTENSEN, Sonia (orgs). **Psicanálise de Casal e Família**, uma introdução. São Paulo: Editora Edgar Blücher Ltda, 2022.

PEZO DEL PINO, Maria Antonieta. O vínculo fraterno como constitutivo do pensar: a cadeia associativa. **Psicanálise** (Porto Alegre), v.15, n.2, p. 277-284, jul. 2013. Disponível em <https://revista.sbpdepa.org.br/revista/index> . Acesso em 13 maio 2024.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. 5ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

PUGET, Janine. **Subjetivación Discontinua Y Psicoanálisis - Incertidumbre Y Certezas**.

Buenos Aires: Lugar Editorial, 2015.

PUGET, Janine. Un mundo enigmático: nada es como era entonces. *In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE PSICOANÁLISIS*, 30, 2014, Buenos Aires.

RAMOS, Magdalena (org). **Casal e Família como Paciente**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

RUIZ CORREA, Olga (org). **Os Avatares da Transmissão Psíquica Geracional**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Escuta, 2000.

RUIZ CORREA, Olga. Transmissão Psíquica entre as Gerações. **Revista Psicologia USP** (São Paulo), v. 14, n. 3, p. 35-45, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/H75VPQqNGChsyHwFM5xXqBQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 19 mar. 2023.

SAFRA, Gilberto. Investigação em Psicanálise na Universidade. **Revista Psicologia USP** (São Paulo), v. 12, n. 2, p. 171-175, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/Fm5r7RHvbqTvWzY4LgVfzzN/?lang=pt>. Acesso em 19 mar. 2023.

SALINAS, Gustavo Rodrigues. **A Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações: os aspectos determinantes do fazer-se herdeiro da violência sexual**. Dissertação (Tese de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) – Campus de Araraquara, Araraquara, SP, 2015. Disponível em : https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_sexual/3743.pdf. Acesso em 19 mar. 2023.

SCOZ, Maria Carolina P. **Orfandade adulta: vivências de luto antecipatório junto a genitor com câncer em progressão**. Dissertação (Tese de Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em : <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-14022013-110711/pt-br.php>. Acesso em 19 mar. 2023.

SILVA, Isabela machado; SCHMIDT, Beatriz, Lordello, Silvia Renata; Noal, Débora da Silva; Crealdi, maria Aparecida; Wagner, Adriana. As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações. **Pensando Famílias** (Porto Alegre), v. 24, n.1, p. 12-28, jul. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100003#: Acesso em 13 maio 2024.

SYRIO, Lilian Landim. **Vidas não passíveis de luto: um diálogo entre Freud e Butler**. Dissertação (Tese de Mestrado em Teoria Psicanalítica) - Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://teopsic.psychologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/06/Dissertacao-Lilian-Landim-pdf-1.pdf>. Acesso em 19 mar. 2023.

TECHIO, Gabriela; DE ANDRADE, Alessandro Luiz; ZIEBELLI DE OLIVEIRA, Manoela. Conflito Trabalho - Família e COVID-19: Estratégias, Qualidade de Vida e Conjugalidade. **Revista Psicologia Organizações & Trabalho- rPOT** (Porto Alegre), p.1672-1680, nov.2021. ISSN 1984-6657. Disponível em:

https://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/25251/2/Conflito_TrabalhoFamília_e_COVID19_Estratégias_Qualidade_de_Vida_e_Conjugalidade.pdf . Acesso em 26 ago. 2024.

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait; KOPITTKKE, Cynara Cezar; PEREIRA, Denise Zimpek T. CHEM, Vera Dolores Mainieri; PEREIRA DE MELLO, Vera Maria Homrich. **Transgeracionalidade, de escravo a herdeiro: um destino entre gerações**. 2ª Edição. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait. **Transgeracionalidade, Intergeracionalidade: holocausto e dores sociais**. São Paulo: Blucher, 2023.

TURATO, E.R. **Tratado de Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: construção teórica-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde humana**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

VENTURA, Deisy; AITH, Fernando e REIS, Rossana- Crimes against humanity in Brazil's COVID-19 response – a lesson to us all. **BMJ**- v. 375, n. 2625, out. 2021. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/bmj/375/bmj.n2625.full.pdf> . Acesso em 27 ago. 2024.

VORCHHEIMER, Monica. Discussion: Thinking about Siblinghood by Silvia Resnisky. **Psychoanalysis and Psychotherapy in China** (London), v.5, p,120-124, 2022. Disponível em: <https://pep-web.org/search?preview=PPC.005.0120A&q=Thinking%20about%20Siblinghood%20> .Acesso em 28 ago. 2024.

WEISSMANN, Lisette. Psicanálise das Configurações Vinculares. **Jornal digital dos membros, alunos e ex-aluno do Sedes Sapientae**. Notícias do campo psicanalítico. Boletim 18, set. 2011. Disponível em: https://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apg=b_visor&pub=18&ordem=16 . Acesso em 26 ago. 2024.

WEISSMANN, Lisette. Composições familiares e filiação na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Psicanálise** (São Paulo), v. 51, n.4, p. 159-172, out./dez.2017. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v51n4/v51n4a10.pdf> . Acesso em 26 ago. 2024.

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald Woods. **Conversando com os pais**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LINHA DE PESQUISA: Psicanálise, intersubjetividade e configurações vinculares

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Gomes

12. ANEXOS

Anexo A

SUGESTÃO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA

Instrução geral: Iremos conversar sobre relacionamento de irmãos.

1- Gostaria que contasse sobre o relacionamento com seu irmão(s), irmã(s).

2- Você tem lembranças/recordações de situações que marcaram essa relação?

3- O que se lembra da história familiar em relação ao relacionamento dos seus pais com os irmãos?

E dos seus avós com os irmãos?

4- Como a pandemia impactou o vínculo fraterno? Principalmente frente a perda de um dos genitores?

5- Gostaria de comentar algo ou acrescentar mais alguma informação?

Anexo B**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

A pesquisa intitulada “Um estudo psicanalítico acerca do vínculo fraterno sob a perspectiva geracional”, que está sendo proposta por mim, psicóloga, responsável pela pesquisa e mestranda do programa de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob a orientação da professora titular Isabel Cristina Gomes, tem como objetivo geral analisar as características do vínculo fraterno sob a perspectiva geracional em diferentes configurações da fratria e a contribuição da transmissão psíquica na constituição desse vínculo. Para tanto, venho convidar você a participar da pesquisa. Serão realizadas entrevistas semidirigidas com indivíduos que possuam irmãos, que ocupem diferentes posições na fratria e que tenham outras gerações na família. Durante a realização da entrevista, será utilizado um roteiro como sugestão. A entrevista será por mim conduzida, com duração aproximada de uma hora e meia, realizada em local escolhido previamente pelo(s) entrevistado(s) e será gravada em áudio se houver o consentimento. Quanto ao ambiente, deve haver silêncio, instalações confortáveis, iluminação adequada e a ausência de terceiros na sala de exame.

Como pesquisadora, não me interessará julgar o que os entrevistados pensam, fazem ou não fazem; você(s) não precisará(ão) se preocupar em responder de acordo com o que é esperado socialmente ou com o que seria adequado e deveria pensar. Responda de acordo com o que você acredita.

Caso você(s) tenha(m) cansaço durante a entrevista, esta poderá ser interrompida a qualquer momento ou você poderá se manter em silêncio ou mudar o tema da entrevista, sem nenhum prejuízo. Durante a participação nessa pesquisa, não existem riscos graves previstos. A participação nesse estudo envolve riscos mínimos previsíveis. Caso alguma questão que conversarmos cause desconforto psicológico para você e seus familiares, poderá haver encaminhamento para acompanhamento psicológico especializado. Conforme as leis brasileiras, caso ocorra dano decorrente de participação em pesquisa, o participante tem direito à indenização.

Você terá garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem qualquer emprego de penalidade.

A pesquisa não envolve qualquer gasto por sua participação e nem oferece nenhum tipo de pagamento.

Gostaríamos de ressaltar que o consentimento para participação nessa pesquisa fornecerá informações importantes para o avanço no campo das ciências em Psicologia. Declaramos ainda o nosso compromisso com o Código de Ética em pesquisa com Humanos. As informações dessa pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas sem a identificação dos participantes, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Durante todo o período da pesquisa você terá a liberdade e o direito de esclarecer dúvidas com relação à pesquisa e/ou em relação a questões éticas decorrentes. Para tanto, disponibilizo abaixo os respectivos endereços.

Dados da pesquisadora: Alyne Muniz Silva Melo

R. Bernardino de Campos, 70 apto 62 - Campo Belo, São Paulo – SP – CEP: 04620-000

alyne.melo@usp.br - (11) 9 9976-7556

Dados do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP:

Av. Professor Mello Moraes, 1721, Bloco G, 2º andar, sala 27

Cidade Universitária, São Paulo – SP – CEP: 05508-030

ceph.ip@usp.br - (11) 3091-4182.

Este Termo foi elaborado em duas vias, devendo constar em todas as folhas a rubrica e na última a assinatura da pesquisadora responsável e do participante, sendo que uma via ficará com a pesquisadora e a outra com o participante.

Eu, _____, após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da

garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

Data: ____/____/____

Assinatura do participante

Alyne Muniz Silva Melo (Pesquisadora responsável)